



LIVRARIA  
**BRASIL**  
RUA BENJAMIN  
CONSTANT, 17  
PHONE 2-21-13  
S. PAULO

EXECUTAMOS  
QUALQUER  
TYPO DE  
**ENCADERNAÇÃO**  
TEMOS ESTUFA  
ELECTRICA PARA  
DESINFECÇÃO DE  
LIVROS USADOS



LI  
RUA  
CO  
PH  
S.

*Prime*

# RIMES ESPANTOSOS

**RELAÇÃO HISTORICA**

DOS

**ACONTECIMENTOS OS MAIS TRAGICOS**

**ATENTADOS, MORTES,  
ASSASSINATOS, PARRICIDIOS, INFANTICIDIOS,  
UPROS, INCESTOS, ENVENENAMENTOS, MATANÇAS,  
FALSIFICAÇÕES, ROUBOS E OUTROS  
DELICTOS**

CONTENDO

**Fragments oratorios os mais salientes da accusação  
de feza, e seguido de algumas circumstancias que acom-  
panharão a execução dos Condemnados.**

TRADUCÇÃO DO

DEZ<sup>or</sup> HENRIQUE VELLOSO D'OLIVEIRA

**Tomo Primeiro**

COM OS RETRATOS DE ELIÇABIDE E LAFARGE

*Leone Schizato*

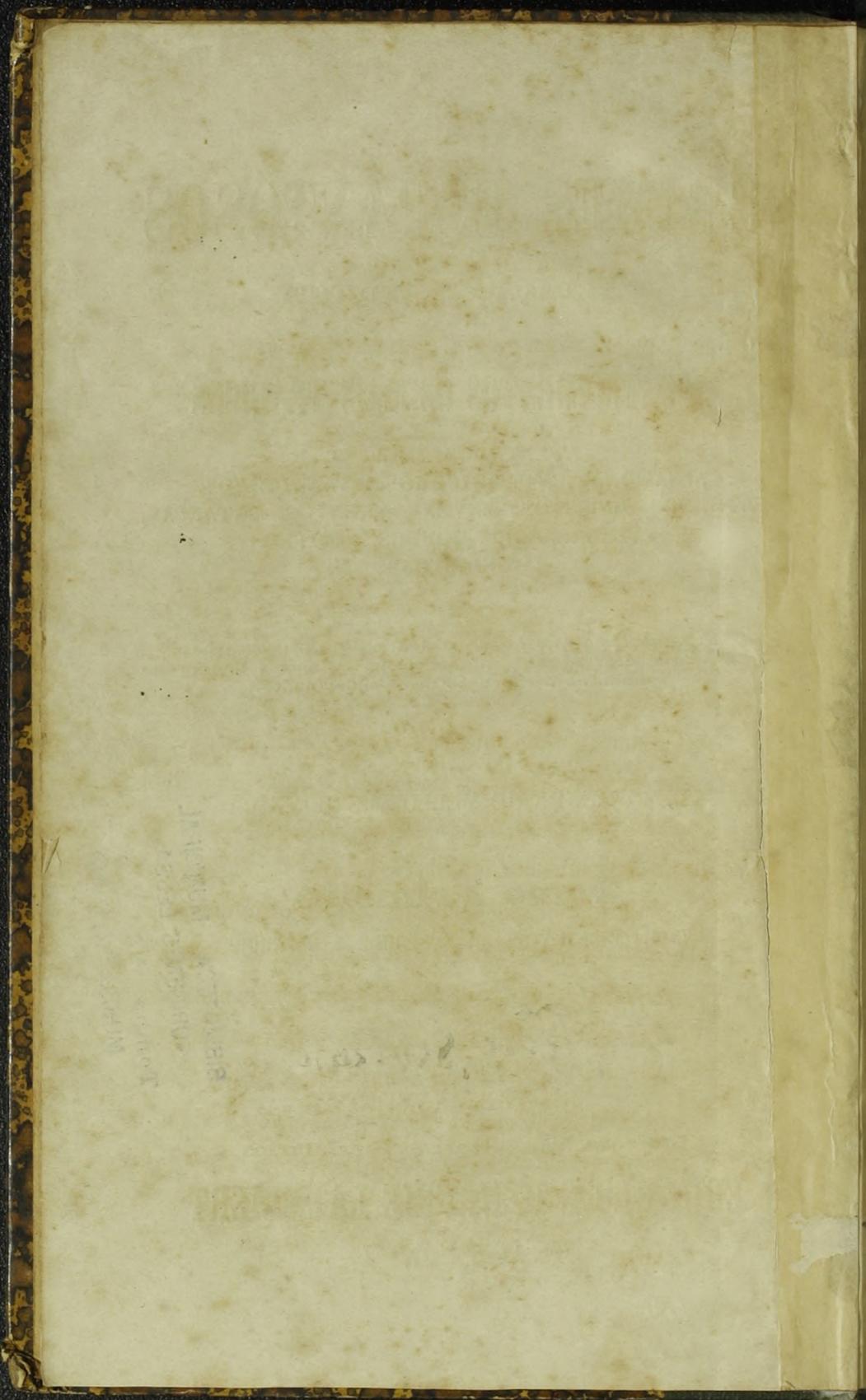
RIO DE JANEIRO

Em casa dos Editores-Proprietarios

**DUARDO E HENRIQUE LAEMMERT**

Rua da Quitanda, N<sup>o</sup> 77.

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENS LESSA"  
Tomo N<sup>o</sup>  
MUSEU LITERARIO



## ADVERTENCIA.

---

Esta obra que se lembrarão de fazer traduzir e imprimir, tem uma grande utilidade, porque apresentando em scena os maiores desvios a que o homem pode chegar, ao mesmo tempo mostra o castigo, como consequencia infallivel d'elles, de modo que, só a maior irreflexão e cegueira é que póde fazer, com que ainda haja um diminuto numero de criminosos que todos os annos diminue, porque o homem recalcitrante é obrigado a curvar-se diante da sociedade, a parte a ceder ao todo, e o egoismo insaciavel a recorrer a meios menos brutaes e incivis, e a cohibir-se em presença dos fiscaes da lei, que sabem cumprir o seu dever e não commettem o crime imperdoavel

e subversivo de toda a ordem e moral, de ceder ignominiosamente a contemplações absurdas e vergonhosas, e porque o povo todo chegou a convencer-se na sua totalidade que favorecer e dissimular o crime é ser inimigo de si mesmo, menoscabar as instituições sociaes e solapar o edificio da civilisação, fazendo decahir, senão a humanidade inteira, ao menos os povos em que essas desordens prevalecerem.

O primeiro direito do homem parece-nos que é evidentemente o direito de viver, e o primeiro dever a caridade, porque Deos é um, e a humanidade tambem deve ser uma pela caridade, para se aproximar de Deos, sem o que, nada póde medrar, nem progredir, e a discordia perde todos os povos aonde se insinua : « Todo o reino discorde ameaça ruina » diz o Evangelho « *Omne regnum in se divisum desolabitur !* »

Descendo a alguns particulares sobre o objecto de que nos occupamos, duas cousas deverão notar os leitores : 1<sup>o</sup>. Que nem o povo nem as testemunhas procurão deixar, por uma especie de complicitade com os criminosos, ou por uma cobardice indigna e vergonhosa, subtrahi-los á acção salutar humanitaria, benevola e indispensavel das leis, nem os juizes ins-

tractores e o ministerio publico, fraqueião nunca nem tergiversão, em presença de considerações ou contemp-lações deploraveis e ruinosas, no exercicio dos seus deveres, sendo notavel a diligencia illustrada e incan-savel com que procedem para a verificação do crime : a direcção das balas, o seu calibre, o minucioso exa-me das localidades, a comparação das armas com as feridas, dos vestigios com os sapatos, com os pés e mãos dos criminosos, e outras circumstancias cujo re-latorio se encontra espalhado pela obra, e não é nem o menos util nem o menos curioso de quanto nella se tem a observar, occorrendo-nos aqui uma reflexão, e vem a ser, que nenhuma especie de juizes de facto ou de direito, prefere ou exige exclusivamente para convicção dos criminosos a prova testemunhal di-recta, que, alem de ser em si mesma sujeita a muitos descontos e inferior a outras provas, suppo-ria nos criminosos uma simplesa, se fosse possivel, e uma imprudencia e falta de cautela que só se en-contra, e mesmo assim só ás vezes, nos crimes even-tuaes e sem premeditação, isto é, n'aquelles que são mais desculpaveis e em que o interesse social e o respeito ás leis se achão menos interessados.

A 2ª observação a que nos referimos é mais par-

ticular, porem foi mesmo positivamente explicita no decurso da obra, e vem a ser que os jurados, para se decidirem sobre a existencia das provas e merecimento da causa, olhão muito para o deve e ha-de-haver do criminoso, isto é para os seus habitos de ordem e de trabalho, porque com effeito, um homem ocioso, desordenado e carregado de dividas, está fóra das condições sociaes, e sem deixar de ser já por algum modo culpado, está em marcha para todos os crimes e maleficios, sendo d'essa classe que sahem quasi todos os criminosos, e mesmo os mais incorrigiveis e os peiores de todos elles.

O trabalho não só é uma expiação necessaria, mas uma condição indispensavel de progresso e d'existencia : Um homem ou um povo sem trabalho, tornão-se insignificantes, despreziveis e morrem.

Costuma-se dizer que uma vez que se não infrinjão as leis, que se não commettão crimes, cada um pode mandriar e viver como quizer. Tal modo de discorrer é falso e o homem que d'esse indulto se aproveitar com conhecimento deve considerar-se como um mentiroso e um hypócrita. A sociedade auxilia, protege e efficazmente sustenta esse homem, e elle como verdadeiro sevandija tólo e sanguexuga só serve para lhe

chupar o sangue. Depois d'isso, mesmo á parte de uma ociosidade total e parasitica, os deveres do homem não se limitão á ordem negativa ; queremos dizer, que não satisfaz, deixando simplesmente de fazer o mal, quando tem medo, porque essa virtude possuem todos os ladrões e principalmente os mais velhacos e preguiçosos : — O HOMEM É OBRIGADO A FAZER TODO O BEM QUE PUDER E É ALTAMENTE RESPONSÁVEL E LHE HADE SER TOMADA UMA RIGOROSA CONTA POR TODO AQUELLE QUE DEIXAR DE FAZER. Esta sociedade mesmo tem direito de lhe pedir essas contas e se nos disserem que a sociedade seria tyrannica para esse homem, nós respondemos que esse homem é que já actualmente o é para si mesmo, a quem deixa de aperfeiçoar, e para a sociedade a quem deixa de servir, assim como para a patria, de quem promove a decadencia, e para Deos, deixando ociosos e inuteis os instrumentos de actividade industrial e de trabalho que elle lhe confia, e faltando á confiança e cumprimento da commissão que lhe foi confiada e de concorrer para o aperfeiçoamento da obra da Creação. O pescador que achou peixe, com que pode viver uma semana e abandona por esse tempo a barca, priva-se a si do beneficio do trabalho, mostra-se ingrato, e

desconhece o impulso e o convite da Providencia, defrauda os seus freguezes do producto da sua industria, e a todos d'um exemplo proveitoso : cõrta o bem pela raiz e o interrompe, em lugar de o promover, e no mesmo caso ou ainda peor se achão os que não cultivão a terra e outros muitos !

O TRADUCTOR.

---

# CRIMES ESPANTOSOS

---

## O PARRICIDA JACQUART.

CIRCUMSTANCIAS ATROZES. — O CADAVER DA VICTIMA ARRAS-  
TADO POR UM CAVALLO E LANÇADO PELO ASSASSINO EM UM  
PRECIPICIO.

---

A mais grave, a mais terrivel das accusações, a de ter *assassinado voluntariamente a seu pai*, levou a 18 de Maio de 1831 Nicoláo Casimiro Jacquart, de 22 annos d'idade, perante o tribunal dos jurados de Rheims. Desde pela manhã, uma consideravel multidão tinha enchido as immediações e patio da sala do tribunal, para assistir ao julgamento d'um homem ainda tão novo e suspeito do mais revoltante dos attentados, desse attentado que os legisladores da antiguidade não tinham querido prever; tão impossivel lhes parecia que pudesse apparecer um filho assaz desalmado para podê-lo commetter!

Jacquart, proprietario e chefe municipal (maire) do termo (commune) de Saint-Souplet, districto de Beine, depois de ter tido sete filhos d'um primeiro matrimonio, passára a contrahir segundo, sem que isso lhe alterasse por fórma

alguma a ternura pela sua antiga família; porque seis de seus filhos tinham continuado a morar e a viver em casa d'elle e a mais perfeita união reinava entre elles e a madrasta. Jacquart tinha-se applicado a dar-lhes uma educação moral e religiosa. Elle tinha posto o terceiro por muitos annos a educar em casa d'um ecclesiastico da visinhança e mantinha na sua familia a pratica dos exercicios religiosos por leituras habituaes de livros de santidade. Durante o tempo da educação se tinham desenvolvido em Casimiro um juizo mui sisudo e uma concepção, cuja rapidez se manifestava por sahidas atiladas e promptas, mas ao mesmo tempo um character caprichoso e dissimulado. Sempre pensativo e distrahido, este jovem não tomava o menor interesse pelos divertimentos proprios da sua idade, e sem ter tido positivamente questões com os seus camaradas, nenhuma intimidade tinha com qualquer delles contrahido. Voltando á casa paterna, o seu character e habitos continuárão os mesmos, e seu pai teve ainda a deplorar nelle uma preguiça e uma glotonia, que o tornavão inteiramente imprprio para os trabalhos agricolas, a que era destinado. Elle oppunha a força d'inercia a todas as advertencias e correções paternaes, e algumas vezes lhe accrescentava a desobediencia. Assim tres annos antes, não só foi a uma festa a que seu pai lhe tinha prohibido que fosse, mas persistia em demorar-se nella, apesar das ordens delle; e a sua linguagem, recusando obedecer, se tornou tão ameaçadora, que

um amigo de Jacquart, presente a esse acto, julgou deve-lo advertir que tivesse cuidado com seu filho, e predisse a este, reprehendendo-lhe o seu proceder, que *um dia teria de subir ao cada falso*. Em outra occasião, Casimiro disse a seu pai ao receber uma leve reprehensão : *se eu tivesse sómente dois annos mais...* Porém á excepção destes casos mui raros, tem se concordado em dizer que o filho, receando a força e agilidade do pai, ousava apenas levantar os olhos, quando elle o reprehendia.

As testemunhas que vivião no interior d'esta familia, todas tem feito justiça ao interesse e á indulgencia de Jacquart por seu filho, e disso mesmo se citou um exemplo recente. Achando o dinheiro que seu pai lhe dava, insufficiente para satisfazer seus vicios, começou por subtrahir da casa paterna grão e gallinhas, que vendia barato a um dos homens mais pobres do termo, e no mez d'Outubro ultimo furtou gallinhas a uma vizinha de seu pai. Logo que este facto foi descoberto e chegou ao conhecimento de Jacquart, elle se apressou, pagando os objectos furtados, a abafar um negocio que podia deshorrar o seu filho. O seu primeiro movimento foi o d'uma justa severidade; elle o queria expellir de casa, mas deixando-se logo applacar, o recebeu a braços abertos.

Tres mezes depois deste acontecimento, Casimiro disse cousa, que bem mostrava achar-se já obsesso de pensamentos sinistros. Soffreu uma repulsa da parte d'aquelle a quem

tinha vendido as gallinhas e o grão furtado e a quem pedia uma insignificante quantia de dous soldos para ir á taberna. Este homem acompanhou a sua repulsa d'algumas observações e fez-lhe ver que seu pai tinha mais que motivos para o punir, e prohibir-lhe de ir á taberna. Casimiro, em lugar de levar a mal estas observações, lh'as agradeceu, dizendo que não queria por mil francos deixar de as ter ouvido.

Jacquart possuia uma lavra de tres cavallos; d'esta lavra dependia um campo situado no lugar chamado : Côte-Malo, territorio de Dontrieu, cousa de meia legua da aldeia de Saint-Souplet e ao longo d'um bosque conhecido com o nome de la Bauve. Este bosque é separado por alguns campos d'outro bosque, pertencente á viuva Thomin, e para ir d'este ultimo a uma pedreira abandonada passados dez annos, é preciso, seguindo o valle, percorrer um espaço de tres quartos de legua, pouco mais ou menos.

No sabbado 13 de Janeiro de 1831, Jacquart levava estrume na sua carroça, de Saint-Souplet para o seu campo de Côte-Malo, e o seu filho Casimiro estava encarregado de o espalhar sobre a terra. Os dois instrumentos de que elles se servião para esta operação erão um croque de ferro com dous dentes, encabado em um pau de sete pés de comprido e uma foinha ou forquilha de ferro em fórmula de tridente, igualmente encabada n'um pau de quatro pés de comprido. No correr do dia, Casimiro deixou duas vezes o seu

trabalho para ir ver dous matteiros que trabalhavão no bosque de la Bauve; a primeira vez d'uma a duas horas, a segunda de tres e meia a quatro. Esta ultima vez um dos matteiros lhe reprehendeu o furto das gallinhas, mas o companheiro lhe impoz silencio, observando-lhe que elle não podia prever o que faria na sua vida. « Tens razão, disse então Casimiro, e mostras mais juizo que elle; elle não ha de nunca fazer tanto como eu. »

Casimiro acabou por ajustar que voltaria com elles quando tivesse espalhado a ultima carroça d'estrume que seu pai ia trazer. Neste momento, isto é, pelas quatro horas e um quarto, Jacquart fez estalar o chicôte e seu filho foi ter com elle. Um quarto d'hora depois, um guarda que o tinha deixado com os lenhadores e que, fazendo o seu giro por aquelles lugares, dominava d'uma altura visinha o campo de la Côte-Malo, notou nelle a carroça descarregada só em dous terços, mas não viu junto d'ella nem Jacquart, nem seu filho. Os lenhadores, passando pelas seis horas perto do campo, não vendo mais a carroça, concluirão que Casimiro se tinha retirado, e souberão com effeito em Saint-Souplet, que Casimiro tinha trazido a carroça, mas que seu pai não tinha voltado com elle. A perguntas que se lhe dirigirão sobre os motivos da sua ausencia, Casimiro respondeu que seu pai, tendo avistado uma lebre, se puzera a persegui-la; mas a volta do cão de Jacquart com Casimiro parecia protestar contra as suas respostas. Pelas sete

horas da tarde, inquietação se apoderou de toda a aldeia, cujos habitantes partirão em procura de Jacquart. Foi, por assim dizer, necessario arrastar Casimiro na direcção em que se suppunha poder encontrar seu pai. As indicações por elle dadas tendião a desviar as investigações da parte do bosque de la Bauve que avisinava o campo de la Côte-Malo; elle chegou mesmo a separar se, pelas dez horas, das pessoas com quem fazia a busca, e voltando á aldeia, ceiou e retirou-se para a estribaria, onde dormia ordinariamente: mas á meia noite obrigárão-no a pôr-se de novo em marcha, e durante estas novas pesquisas, prolongadas até ás tres horas da manhã, todos ficárão admirados da sua indifferença, pelo acerto e da sua insistencia para voltar a Saint-Souplet.

No domingo 16 de Janeiro, antes d'amanhecer, começou-se de novo a procurar pelos arredores. Casimiro foi conduzido ao campo de la Côte-Malo, onde s'encontrou o croque e a forquilha, que elle dizia ter deixado no lugar, porque não tinha acabado o trabalho. A noite não deixava perceber as marcas de sangue que, com o dia, se descobrirão no croque, na terra e no bosque de la Bauve. Desde esse momento os circumstantes não dissimulárão mais as suspeitas que Casimiro tinha inspirado. Um delles exclamou: Desgraçado! tu mataste teu pai!... — « Isso são cousas que se digão? » respondeu Casimiro: mas ao pronunciar essas palavras, elle mudou de côr. Tinhão-se-lhe levantado as

duas camisolas de que estava cuberto e visto nódoas de sangue. Alguns moradores de Saint-Souplet, procurando no valle, tinham seguido um rasto de sangue até á pedreira de que acima se fallou e no fundo da qual tinham encontrado o cadaver de Jacquart. Voltando sobre o mesmo traço, elles chegarão ao bosque da viuva Thomin, d'ahi ao bosque de la Bauve e vinhão participar essa horrivel descoberta. Prenderão immediatamente a Casimiro que, ouvindo da boca d'uma das testemunhas estas palavras : « Miseravel ! tu estás cuberto de sangue ! Foste tu portanto quem matou teu pai ? » replicou : « Poisbem ! sim, elle quiz me ferir na barriga com a forquilha e eu em minha defeza dei-lhe com o croque. »

O accusado confessou que quando se affastou da companhia das outras pessoas, tinha ido arrastar o cadaver do bosque de la Bauve ao bosque Thomin, e que pelas tres horas da manhã, o ligára com umas cordas a um cavallo e levava de rojo, do bosque Thomin á pedreira. Essa caverna, donde o cadaver foi extrahido apresenta uma profundeza de sessenta pés pouco mais ou menos, e no fundo por baixo da abertura um montão d'entulho, terminando em pontas. Os sapatos, as calças e barrete de Jacquart estavam espalhados, aqui e acolá, pela pedreira.

Por participação recebida, o Sñr. Gaillot, juiz de paz do districto de Beine, se dirigiu aos lugares indicados, para fazer corpo de delicto e interrogar a Casimiro. Este,

acrescentando novos pormenores ao que já tinha dito, contou que seu pai, depois de lhe ter armado uma bulha por elle não ter espalhado bem o estrume o tinha ameaçado fâzer-lhe um ferimento de forquilha na barriga; que, para escapar, tinha fugido, mas que, tendo voltado e achando seu pai nas mesmas disposições, havia lançado mão do croque e lhe tinha dado na cabeça junto á orelha direita uma pancada com que o tinha derribado. Confessou ter-lhe dado logo depois um pontapé no corpo, te-lo arrastado até o bosque de la Bauve, e visto, antes de deixar o campo, procurar levantar-se, apoiando-se nos cotevelos e joelhos. Os rastos de sangue confirmarão as suas declarações, com respeito ao lugar em que tinha cahido seu pai, oquelle em que o tinha pásto no bosque de la Bauve e á direcção em que a victima procurára levantar-se. Perto desses dois ultimos lugares forão achados um ramo de vidoeiro e duas lascas desse ramo, ainda que elle protestasse não se ter servido d'elle para dar em seu pai. Apanhou-se no bosque de Thomin um pedaço de suspenso-rio, a faca de Jacquart e um cordel, e a alguma distancia mais uma mouta de cabelo. Depois encontrou-se no bosque de la Bauve uma garrafa vasia, e mais duas na cama de Casimiro. Os seus vestidos, a corda com que tinha arrastado o cadaver e todos os demais objectos tintos de sangue, forão igualmente apprehendidos.

Em seguida, perante os juizes da culpa os meios de defeza de Casimiro consistião em que seu pai o odiava, que o seu

odio se manifestava por lhe negar constantemente dinheiro, por maus tratamentos, em consequencia dos quaes, uma vez, estivera coxo por tres mezes, e que outra lhe tinha deslocado um braço. A dar-lhe credito, em 15 de Janeiro, as novas ameaças de seu pai o tinham primeiro obrigado a fugir, mas que voltára, dizendo-lhe: *Dai!* Depois, como o visse disposto a dar, tornára a fugir, e temendo ser apá-nhado, lançára mão do croque e déra uma pancada em seu pai, que nessa occasião se achava meio voltado. Acrescentou que, depois de o ter assim derribado lhe déra um pontapé na cara para o livrar de continuar a soffrer, e n'outro interrogatorio disse que tinha sido para ver se inda vivia; que ouvindo-o proferir ainda ameaças, o tinha arrastado pelos pés ao bosque de la Bauve, mas que tendo-se resolvido a abandoná-lo, tinha ido descarregar a carroça d'estrume, que bem o tinha visto de longe procurar levantar-se, que em lugar de o socorrer, o tinha impellido para a valla e tinha marcado com a sua faca um ramo de vidoeiro ensanguentado, para depois o cortar. Explicou em seguida que voltando ao bosque de la Bauve, pelas dez horas da noute, tinha cortado esse ramo e dado no cadaver com a haste da forquilha para se certificar da certeza da morte. Referiu ainda estes espantosos pormenores, que chegando ao bosque Thomin a cavallo, tinha saltado na escuridade sobre a cabeça do cadaver; que tinha esvasiado duas garrafas de vinho, uma em Saint-Souplet, e a outra no bosque Thomin, para ga-

nhar o animo de o conduzir desse bosque á pedreira e que tinha apanhado nesse trajecto o barrete, os sapatos e as calças de seu pai, para deitar tudo, depois d'elle, na pedreira.

Conduzido ao theatro do attentado, elle variou nas declarações que se lhe pedirão a respeito do lugar em que seu pai se achava no momento em que o tinha ferido. Elle foi obrigado a reconhecer que, segundo mesmo a sua ultima especificação, se teria achado a seis passos da victima, quando lhe déra a pancada com o croque, cujo cabo tem sete pés de cumprido, e que tinha tido, desde o primeiro momento, a presença e socego d'espírito necessarios para subtrahir a sua victima a todas as vistas e a todas as pesquisas. Longe de repetir, como varias vezes o tinha feito, que pelas dez horas, voltando ao campo de la Bauve, tinha ficado assustado, de não encontrar seu pai no mesmo lugar, mas a uma vintena de passos no campo visinho, onde o terreno pisado e o rasto de sangue mostram que elle tinha ido morrer, o accusado buscou desviar a attenção dessa circumstancia. Elle não pôde produzir testemunho algum em prova dos dois factos de violencias graves por elle articuladas contra seu pai.

No decurso do processo elle não mostrou senão uma vez emoção, e nenhuma pareceu soffrer em presença mesmo do cadaver; o sentimento que o excitava ao examina-lo era quasi de simples curiosidade; e parecia ligar, sobre tudo, importancia á explicação que darião os medicos sobre a

fractura de nove costellas do lado direito e oito do esquerdo.

A inchação dos beiços da victima dava traços d'uma violenta contusão. As numerosas esfoladuras na parte anterior do peito, os desmanchos verificados nessa cavidade, a fractura do esternon, do coração e de desasete costellas, atestavam que uma forte pressão tinha sido operada sobre essas partes, e a falta d'injecção sanguinea nos tecidos que as cobrião provava que essa pressão tinha sido exercida depois da morte. O accusado fez observar que essa pressão devia ter sido occasionada pela queda do cadaver na pedreira; mas os medicos não admittirão essa explicação, e com horror se virão obrigados a designar-lhe outra causa. Emfim o estado horrivel das costas do cadaver não deixava a menor duvida sobre o ter sido arrastado sobre o dorso.

Perante o jury procedeu-se a interrogar o accusado. Jacquart respondeu que confirmava as suas ultimas declarações; accrescentou que nunca tinha faltado ao respeito a seu pai; confessa que tinha subtrahido as gallinhas e o grão, porque se lhe tinha sempre negado dinheiro; pretende, alem disso, que seu pai o não amava, que o odiava, que lhe dizia de continuo que elle tinha um ar imbecil; que o detestava de morte e o enforcaria de boa vontade, e repete que a 15 de Janeiro, vendo-se a ponto de ser espancado, se tinha defendido; que não estava mais em si; que tinha só posto o pé sobre a cabeça de seu pai, para se certificar se elle respira-

va ainda ; que seu pai nesse momento estava em delirio, mas que pronunciava palavras de vingança contra elle segundo o seu costume. Persiste em sustentar que seu pai o provocou, avançando sobre elle armado da forquilha ; que elle, Jacquart, lhe disse : *Não avanceis, eu vo-lo prohibo* ; que seu pai, não tendo feito o menor caso dessa advertencia, elle se tinha visto obrigado, para evitar o golpe que o ameaçava, a dar-lhe com o croque de que se servia para descarregar o estrume.

O accusado falla com uma voz tão fraca, que difficilmente se ouve. A sua pessoa excita vivos movimentos de curiosidade. Procura-se discernir no seu póрте, seus gestos, suas feições e palavras o que se passa no foro interior desse jovem, cujo physico está longe de contrastar com o crime que lhe é imputado. A sua postura é a d'um grande criminoso, levanta raras vezes os olhos, tem a cabeça constantemente inclinada, surprende os auditores pelo emprego que faz alternativamente d'expressões, já correctas e já triviaes.

Faz-se a chamada das testemunhos. *Fleury (mulher do povo)*: Vendo chegar Casimiro e o cão do Sñr. Jacquart, eu logo receei, e não se tardou em dar o rebate. Todo o mundo se poz a caminho, e eu não notei em Casimiro nenhuma das apprehensões que cada um de nós sentia. *O accusado* : Dizei o que se passou no dia da commemoração dos mortos, no dia immediato ao de todos os santos.

*A testemunha* : Não sei o que tu queres dizer.

*O accusado*, com vivacidade : Esperai que eu entre nos pormenores : Meu pai não me disse que havia de ser preciso que elle me acorrentasse ? não me segurou pelos cabellos e não me derribou ?

*A testemunha* : Casimiro, eu não me lembro disso. Eu somente sei que teu pai te dizia muitas vezes : *grande relaxado ! grande preguiçoso ! grande glotão !* e tinha razão, porque tu frequentemente o desgostavas.

*O accusado* : E' uma conspiração em que esta mulher entrou contra mim. Com tudo, o que eu digo nem por isso é tão antigo. (*A testemunha*): Vejamos, não me dissestes vós, que vós ereis a causa desse acto que acabava d'acontecer ?

*A testemunha* : Eu t'asseguro, Casimiro, que disso me não lembro e é de *tal modo* fóra da minha lembrança, que nada ahi posso entender.

*O accusado* : Um dia meu pai não me deu pontapés nas pernas e não me fez escorrer em sangue ?

*A testemunha* . E' falso ! teu pai só te advertia, quando tu o merecias.

O marido da precedente testemunha faz uma deposição do mesmo genero e o accusado lhe oppõe denegações não menos violentas.

*A testemunha* : Olha, Casimiro, eu fui mais prompta ; antes mesmo de s'encontrar teu pobre pai, já desde logo te suspeitava.

*O accusado* : Ah! e porque me tinheis vós desde logo suspeitado? que tinha eu feito?

*A testemunha* : Porque? tu tinhas a palavra muito alta com teu papá! O desgraçado derramou lagrimas, quando soube que tu tinhas subtrahido gallinhas e grão para vender. Teu pai era um homem honrado, elle fazia bem a muita gente. Se tu es forte, elle o era tambem e mesmo elle era mais agil que tu.

*O accusado* : Mais agil? E porque não poude elle alcançar-me, quando correu atraz de mim para me dar?

*O Promotor publico* : Jacquart, e porque não continuastes a correr, pois que, segundo o que dizeis, vosso pai vos perseguia.

*O accusado* : Como elle estava quasi a alcançar-me por isso é que eu fiz frente.

*O Sñr. Gautelet*, outra testemunha, diz que o accusado era sombrio; elle se conservava sempre na estribaria. Eu muitas vezes lhe disse: *Que fazes tu ahi feito anachoreta? Seria melhor que andasses com os outros para te distrahir.*

Masson diz que no corpo de guarda Casimiro comia, bebia, ria e dormia, sem mostrar a menor emoção ou remorso.

*O accusado*, vivamente: Pelo contrario, en chorei e não dormi nem um só minuto. Quando me deitei sobre a palha eu pensava antes no meu negocio de dôr.

*O Sñr. Néville*, cura de Saint-Souplet.

O Sñr. Jacquart era homem honrado, mas um pouco se-

vero, e eu julgo que, com alguma brandura mais, a desgraça que succedeu se teria podido evitar.

*O Sr. Gillet*, serventuario de Saint-Etienne, em Arne : Casimiro esteve a educar-se em minha casa : Jacquart pai era um homem respeitavel, que gosava d'uma boa reputação, tinham natural atilado e conhecimentos. Seu filho, quando estava na minha classe, era submisso, mas não se applicava sufficientemente e tornou-se preguiçoso : com tudo, possuia boas disposições. Os seus camaradas gracejavão com elle ás vezes, sem que se agastasse. Estudava pouco e entregava-se a divertimentos abaixo da sua idade. Havia originalidade no seu character.

O defensor de Casimiro, tendo-se cingido a estabelecer que o accusado, quando feriu seu pai, se achava em caso de legitima defesa, e que por tanto o homicidio por elle commettido era isento de criminalidade... o presidente lhe fez observar que nos termos da lei nunca o parricidio era *escusavel!* Mas o advogado fez por seu turno observar ao presidente, que elle não invoca *uma escusa*, mas que excepciona d'um factio que, segundo a lei, exclue toda a ideia de crime ou delicto. « Repellir a força pela força, diz o advogado, é um direito natural consagrado pelas leis humanas, e este principio é sem *limitação*; assim que um filho veja a sua existencia ameaçada por seu pai, e que em sua defesa o fira, convirá sem duvida lamentar essa terrivel necessidade, mas a lei fechará os olhos, porque de todos os sentimentos que

penetrão o coração humano nenhum ha mais irresistivel que o da nossa conservação : sem duvida, como o disse um profundo jurisconsulto (O Sñr. Carnot), seria bello para os filhos, querer antes receber a morte da mão de seu pai, do que buscar subtrahir-se a ella, dando-lha elles mesmos, porém essa dedicação das grandes almas não póde ser exigida do commum dos homens, e não foi para entes privilegiados que as leis se fizerão. »

O advogado esforça-se depois por estabelecer que, em todo o caso, não teria havido da parte do accusado *livre vontade*, e para justificar esta proposição, desenvolve uma these, já lembrada em muitos casos memoraveis, e apoiada pela autoridade de varios medicos legistas, isto é, que em certas paixões subitas e violentas, a liberdade e a vontade são dominadas, ao ponto de deixar obrar quasi irresistivelmente a mão homicida. Elle termina, recommendando o accusado á commiseração dos seus juizes.

Os jurados, tendo-se retirado á salla das deliberações, no fim d'alguns minutos voltárão á audiencia, e á pergunta do presidente, o chefe dos jurados pronunciou com voz firme, e no meio do mais profundo silencio, estas terriveis palavras : *Sim Casimiro Jacquart é culpado de ter voluntariamente commettido um homicidio na pessoa de seu pai legitimo.*

Em consequencia o accusado é condemnado á pena dos parricidas.

(veja adiante)

de fazer-se preceder por seu filho, promettendo-lhe encarregar-se da educação dessa criança.

Para determinar Maria Anizat a vir participar da sua sorte, Eliçabide punha em pratica tudo o que podia influir mais no coração dessa mulher, elle lhe fallava do seu amor, do futuro de seu filho e da felicidade de voltarem um dia juntos ao paiz natal, para ahi viverem na abastança e no descanso.

« E' preciso que Maria me prove que ella me ama, lhe escrevia elle a 16 de Janeiro, e preciso que ella venha a Paris.

» En desejaría que, primeiro me mandasseis José. Em quanto o meu estabelecimento se não achar fundado, eu lhe farei frequentar excellentes escolas, eu serei o seu guarda e o seu repetidor. Elle dormirá comigo, eu m'encarregarei delle.

» Uma vez José aqui, eu vos acharei mil soberbas razões para vos estabelecer em Paris, e vós ahi sereis recebida nos nossos braços, vós sereis a minha metade, o meu conselho, o meu soccorro, e eu espero, que nos dias da nossa velhice, nós poderemos conversar, sem inquietação, do tempo passado, junto de um bom fogo, em uma pequena casa de campo, entre Moncayolle e Gottein. »

Mais para o diante e a 29 de Fevereiro, depois de lhe ter annuciado que o seu projecto de fundar um collegio estava quasi realisado e que elle s'estabelecia em um dos mais ricos bairros da cidade, acrescentava :

« Oh ! que eu teria precisão de vós aqui ! Mas vós quereis que eu tenha paciencia. Pois bem ! paciencia quanto a vós, cruel, mas que José venha depressa, elle poderá ser-me tão util, como eu a elle. »

Solicitações tão urgentes triumpharão da repugnancia que Maria Anizat sentia por separar-se de seu filho. Ella ajuntou todos os objectos que lhe podião ser necessarios; depois de ter obtido alguns fundos das pessoas que lhe procuravão habitualmente trabalho, e depois de ter mettido uma somma de cem francos em uma maleta, que elle levava, o confiou a uma senhora Lenoir que ia por um mez a Paris e o mandou a Eliçabide, como ao protector o mais benevolo, ao guia o mais seguro e amigo o mais generoso que pudesse esperar a sua infancia.

Partindo de Pau a 11 de Março José Anizat chegou a Paris a 14 do mesmo mez pelas tres ou quatro horas da tarde. A 10 tinha ainda Eliçabide escripto á mãe, para que não hesitasse em fazer seguir esse menino e para lhe apres-sar a partida.

Informado par Maria Anizat, segundo a recommendação que lhe tinha feito, do dia em que tinha de chegar a Paris, elle tinha vindo recebe-lo ao patio das messagerias (carroagens de pósta) ; á sua vista, Eliçabide testemunhou uma satisfação extrema, tomou-o nos braços e o encheu de caricias. Algumas horas depois, a criança, singéla e desapercibida, que essas ternas demonstraões transportavão

d'alegria, ia morrer ás mãos d'aquelle que lhas prodigalisava !

Em lugar de conduzir o jovem Anizat á sua morada, elle lhe fez percorrer varios bairros de Paris, deixando-o cuidar que o levara á sua casa, depois entrou em uma casa de pasto, onde jantárão ambos. Acabada a comida ; elle sahiu só, dizendo ao jovem Anizat que o esperasse por alguns instantes, foi á casa deixar a mala que este tinha trazido, muniu-se d'um martello e voltou a buscar o menino.

Antes de sahir com elle da casa de pasto, Eliçabide tinha escripto a Maria Anizat uma carta em que se explicava assim:

« Acabo de receber José nos meus braços depois de ter corrido d'um apeadeiro a outro, não sabendo aquelle a que devia chegar.

» Veio de muito boa saúde e vós deveis confiar em mim para tornar a residencia de Paris agradavel a José. Porque não vindes depressa vós mesmo, maligna que sois? Nós precisamos de vós como de nossos olhos : vejamos se sabeis apressar-vos. Sêde tão apressada, como indiscreta, vós que olhais para as minhas cartas sem a minha permissão. Eu espero que chegueis aqui, para vos punir d'essas malignidades. Adeos, Maria, minha bem amada, vosso para sempre. »

Eliçabide fez traçar em seguida desta carta, pelo jovem Anizat, uma apostilla d'algumas linhas.

« Minha querida mamã, escrevia o jovem Anizat, segundo as suas proprias inspirações, ou talvez ao dictado d'Eliçabide, cheguei a Paris ás quatro horas da tarde; O Sñr. Eliçabide tinha vindo esperar-me; elle me abraçava e eu o não reconhecia por causa da barba que lhe desce por baixo do queixo. Paris é bem bonito, minha querida mamã, e eu cuido que heide gostar muito de estar aqui. Já vi o Palais-Royal e muitas ruas bonitas, no caminho para casa do Sñr. Eliçabide.

» Adeos, minha querida mamã, eu te abraço ternamente, assim como a minha boa irmã Mathilde.

« Teu filho José. »

Era o ultimo testemunho de ternura, que a mãe e a irmã deste desgraçado menino tinham de receber d'elle, o adeos que elle lhe endereçava era um eterno adeos.

Eliçabide deitou a carta no correio, divagou ainda sem rumo certo, com o jovem Anizat, depois dirigiu-se para a porta Saint-Martin, onde tomárão um omnibus que os transportou á Villette.

Pelas oito horas e meia ou nove, chegão fóra das barreiras e achão-se a pouca distancia em um lugar inteiramente afastado e solitario. O jovem Anizat é obrigado a parar; Eliçabide lança immediatamente mão do martello

Casimiro ouve com sangue frio esta sentença e os pormenores da sua horrivel execução. Reconduzem-o á prisão, e a multidão segue seus passos. Em quanto se lhe poem os ferros, ouvem-no dizer : « Estou satisfeito com o meu defensor : elle disse boas cousas ; um advogado de Paris não teria dito melhores, mas eu não m'illudia, e estava certo que não aproveitarião. »

---

## ELIÇABIDE

### ANTIGO SEMINARISTA

CONVENCIDO DE TER ASSASSINADO NA VILLETTE E EM BORDEOS MARIA ANIZAT E SEUS DOIS FILHOS. — MEMORIAS CURIOSAS DO ASSASSINO.

JURY DE BORDEOS. — ANNO DE 1840. — Maria Tresarieux, nascida em Moncayolle circulo (arrondissement) de Mauleon, departamento dos Baixos-Perineus, casou aos vinte annos de idade com Pedro Anizat. Depois de ter viajado alguns annos na Hespanha, para ver se obtinha alguma fortuna, por uma vida activa e laboriosa, elles passárão á Algeria e se fixárão em Oran, onde estabelecerão uma hos-

pedaria. A 4 d'Agosto de 1833, Anizat foi morto, em Mostaganem, combatendo contra os Arabes, em uma sortida operada para repellir os seus ataques. Privada do seu unico apoio, Maria Anizat deixou a Africa, para voltar ao departamento dos Baixos-Perineus e foi residir em Pau. Seu marido lhe tinha deixado dois filhos : José Anizat, nascido a 16 d'Abril de 1829 e Mathilde Anizat, nascida a 18 de Junho de 1831. Ella não tinha para prover á sua subsistencia e educa-los mais que o producto do trabalho de suas mãos, mas trabalhou com tanto ardor e habilidade, e assignalou-se por tanta ordem e economia, que não tardou a pô-los ao abrigo da necessidade.

A terna sollicitude com que os criava, a pureza de seus costumes e a sua doce piedade, lhe tinham desde muito tempo conciliado a estima e afeição de todas as pessoas que a conhecião, e ella vivia feliz e tranquilla, quando teve a desgraça de ligar conhecimento com Pedro Vicente Eliçabide.

Natural do mesmo paiz que Maria Anizat, Eliçabide tinha successivamente estudado nos seminarios d'Oleron, de Bétharram e de Bayonna, para tomar ordens sacras. Dominado por um orgulho excessivo, apaixonado pelas ideias systematicas, considerando-se como homem d'uma superioridade notavel e chamado a destinos mais brilhantes que os que lhe permittia o estado ecclesiastico, tinha finalmente renunciado a uma carreira pela qual nunca tivera mais que uma vocação duvidosa.

Depois de ter passado varios annos em diversas casas de Bordeos, na qualidade de preceptor particular, Eliçabide tinha apesar disso consentido, pelos ultimos mezes de 1827 em vir tomar a direcção d'uma escola primaria, que um dos seus antigos professores tinha fundado em Lestelle, municipio situado a algumas leguas de Pau.

Pouco satisfeito da sua posição, Eliçabide se mostrava inquieto e desassocegado. D'uma severidade excessiva para os alumnos que lhe tinhão sido confiados, elle parecia comprazer-se em os maltratar, e estabelecia em principio que, para dar uma boa educação ás crianças era preciso proceder com um excessivo rigor.

As funcções d'instituidor primario lhe asseguravão uma decente subsistencia, mas parecião-lhe demasiado modestas, para se resignar por muito tempo a exerce-las. Pelo meado d'Outubro ultimo elle as abandonou de repente para vir a Paris e tentar os lances da fortuna. Elle partiu com a presumçosa convicção de que elles lhe não deixarião de corresponder e de que veria realisar-se todas as suas illusões.

Chegando a Paris, Eliçabide foi tomar morada em um hotel regido por um Sñr. Guignes, rua do Petit-Pont, onde residia um Sñr. Beslay, jovem estudante, que elle tinha conhecido em Bétharram. Mais para o diante e nos primeiros dias do mez de Março, deixou este hotel e foi residir na rua de Richelieu, em companhia desse jovem. Elle

trouxe para esse aposento um leito e alguns moveis, que lhe forão emprestados pelo Sñr. Guignes, cujo filho recebia delle algumas lições elementares.

Eliçabide se tinha associado o Sñr. Beslay para ensinar a lingua franceza e o latim, mas tinhão sido baldados os seus esforços para achar discipulos, os seus recursos se tinhão promptamente dissipado e elle se achava no maior aperto. Elle tinha, na verdade, composto uma obra intitulada : *Historia da religião contada aos meninos*, e a publicação dessa obra podia procurar-lhe algum interesse, mas não achava editor. Em vão tinha procurado interessar algumas pessoas na sua posição, mas sem obter soccorro algum, ou ellas lh'os não tinhão concedido, senão demasiado pequenos, para o tirar do desgraçado estado, em que a sua presumpção o tinha feito cahir. Ora, elle nada tinha a esperar dos seus parentes; elles estavão pouco mais ou menos na indigencia, e antes esperavão tudo d'elle.

Depois da sua partida de Pau, Eliçabide entretinha uma correspondencia activa com Maria Anizat e lhe fazia entrever que tinha a intenção de a desposar. Longe de lhe confessar que não tinha encontrado em Paris mais que a obscuridade e a miseria, elle lhe tinha escripto ao contrario que tudo correspondia aos seus votos, e que estava a ponto de fundar para o ensino publico um estabelecimento importante. Elle lhe pintava a sua situação debaixo das côres as mais seductoras, e a induzia a vir para companhia delle e

A 8, depois de ter fallado com a irmã, que lh'entregou uma somma de cem francos, producto das suas economias, elle se deu pressa em ir alojar-se em casa do Sñr. Meunier; e o dia pareceu passar-se para Maria Anizat e para elle em intimos colloquios.

Na manhã de dia 9, elles se dirigirão juntos a uma chamada Anna Mormayon, que Maria Anizat tinha conhecido em Pau, e quizera visitar, e separarão-se depois em todo o resto do dia.

A instancias d'Eliçabide, Maria Anizat tinha consentido em ir dormir a Ivrai em casa da irmã delle e a tomar no dia immediato a diligencia (carroagem) de Paris, que passa perto d'esse lugar.

De conformidade, pelos oito horas ou oito e meia, um carro d'aluguel que Eliçabide tinha tomado, veio recebê-los no seu hotel e os levou ao lugar chamado os Quatro Pavilhões.

Poucos instantes anteriormente á sua partida, uma chamada Justina Casauran d'antiga amizade de Maria Anizat, e que ella por acaso encontrára na estrada, tinha vindo visita-la. Esta encontrou-a á mesa com sua filha e Eliçabide e tinha assistido ao jantar. Eliçabide tinha mostrado a physionomia a mais franca, e a mais agradavel e tinha alegrado a comida contando historias as mais divertidas. — As mostras da mais viva satisfação não tinham cessado de mostrar-se nas feições de Maria Anizat. Ella ti-

nha mostrado a Justina, com o orgulho d'uma terna mãe os termos da apostilla, que seu filho tinha escripto por baixo da carta que Eliçabide lhe tinha dirigido na occasião em que elle acabára de chegar á sua companhia; ella tinha testemunhado a este ultimo grande pena de que elle tivesse deixado saber a José que ella vinha a Paris, privando-a assim do prazer de lhe causar uma doce surpresa, e havia estremecido d'alegria com a lembrança de o tornar a ver e abraçar. Destinada á morte com a filha que lhe restava, ella em pouco tinlia de se reunir com elle na tumba.

Antes de chegar ao districto d'Ivrai, e no territorio pertencente ao d'Artigeus, existe ao lado da estrada e a um quarto de legua de marcha dos *Quatro-Pavilhões*, um caminho tortuoso, dominado d'ambas as bandas por cabeços elevados; depois de ter nelle penetrado por uns cem ou cento e cincoenta metros, encontra-se um bosque denso que o borda do lado esquerdo em uma grande extensão. Atraz deste bosque, e a trinta ou quarenta metros de caminho, está um regato que desce ate á estrada, a atravessa e corre parallelamente.

Depois de se ter apeado nos *Quatro-Pavilhões*, Eliçabide fez seguir a estrada a Maria Anizat e á sua filha, até ao caminho de que fallamos. Lá elle lhes disse que era preciso seguir esse caminho para chegar á casa de sua irmãa, e por baixo de um céu obscuro e carregado de nuvens, ellas ambas ahi entrarão em companhia delle; Eliçabide tinha na mão

um saco de tapete, unica bagagem que trouxera de Paris. Chegado á altura do bosque situado á beira do caminho, pára um instante, abre o saco, tira delle um martello, alcança Maria Anizat, que se tinhao adiantado delle alguns passos, bate alternadamente na cabeça da mãe e da filha a golpes redobrados com esta arma terrivel, estendo-as uma e outra a seus pés, acaba-as de matar, cortande-lhes a garganta com uma faca e depois vai sentar-se a pouca distancia dos cadaveres e fica mergulhado em uma horrida meditação.

As precauções a tomar para sua segurança preocupão Eliçabide, levanta-se e mutila o rosto de Maria Anizat por fôrma a torná-la desfigurada, rasga e arranca os vestidos das duas victimas, toma nos braços o corpo ensanguentado de Maria Anizat, atravessa o bosque que bórda o caminho, e atira com elle ao regato; envolve o da jovem Mathilde no chale de sua mãe e o leva comsigo; carregado com este espantoso fardo, ganha a estrada e vai precipita-lo no mesmo regato perto de nove centos metros de distancia. Transporta a um outro ponto inda mais distante e esconde debaixo d'uma mouta os vestidos da menina e da mãe, e de volta ao theatro do crime, procura no saco de tapete, muda de roupa e espera pelo dia para tornar a entrar na cidade.

Pelas quatro horas e meia da manhã, Eliçabide tinha voltado aos *Quatro-Pavilhões*, quando a diligencia de Bergerac veio a passar. Entrou nesta corroagem e foi apear-se

a Bordeos em uma estalagem regida por um Sñr. Chaban, rua de la Douane. Eliçabide levou para lá, além do sacco de tapete, o cabaz de Maria Anizat, o de sua filha e alguns fragmentos de seus vestidos. Ao chegar a esse albergue, Eliçabide pediu de comer e almoçou com socego e appetite. Mandou que accendessem fogo e foi levado a uma salla aonde o havia acceso. No fim d'uma hora entrou alguém nesse aposento e o encontrou a dormir. Convidado a retirar-se a um quarto que se lhe tinha mandado preparar, para elle foi e deitou-se.

Com tudo, algumas horas depois da volta d'Eliçabide a Bordeos, o cadaver mutilado de Maria Anizat descoberto no regato em que jazia e ao anoitecer s'encontrou tambem o da jovem Mathilde. A nova do duplo attentado que derramava a consternação no districto d'Artigues s'espalhou em Bordeos, o Sñr. Chaban soube que, para ir á sua casa, Eliçabide tinha entrado n'um carro perto do lugar em que se tinha executado o crime, apressou-se em informar um commissario de policia, e no dia 11 o accusado foi preso no momento em que se preparava para deixar a casa d'este alberguista e voltar a Paris.

Bem que existissem nodoas de sangue nos dois cabazes, que elle tinha comsigo e n'uma das mangas da sua camisa, Eliçabide não fez ao principio confissão alguma; porem alguns restos dos vestidos de Maria Anizat ou de sua filha tinham ficado no theatro do crime, a nota delles tinha sido

de que se tinha armado, dá-lhe na cabeça e o derriba, surdo a todo o sentimento de piedade, continúa ainda com furor a dar-lhe, pucha d'uma faça, corta-lhe a garganta, arrasta o cadaver a alguns passos, empurra-o com o pé para a lama d'uma cloaca, e volta para casa.

Desde a manhã do dia seguinte, que se tornava manifesto o cadaver do jovem Anizat ; as feridas que nelle se notavão erão prova d'um attentado, que inspirou uma profunda indignação e produzio uma dolorosa impressão. Activas investigações forão começadas para reconhecimento da victima e do matador, e o cadaver foi embalsamado, para ficar por mais tempo patente ás vistas do publico. A verdade não devia com tudo apparecer, senão quando duas novas victimas, a mãe e a irmã do jovem Anizat tivessem por sua vez recebido a morte da mão d'Eliçabide em uma infame alcateia.

A môça Lenoir podia, na verdade, fornecer á autoridade informações uteis ; mas dois ou tres dias depois do crime, Eliçabide se tinha apresentado em casa d'ella, sob pretexto de lhe pagar nove francos e alguns centimos, que ella tinha despendido com o jovem Anizat, alem d'uma somma de quarenta francos, que tinha recebido da mãe d'elle, para as despesas da viagem. Elle lhe assegurou que o menino passava bem e que a teria vindo visitar, senão estivesse occupado com os seus estudos. Esta môça partiu portanto de Paris, sem ter concebido a menor suspeita.

Eliçabide continuou a escrever a Maria Anizat nos termos os mais ternos, e instou, para que ella abandonasse a existencia tranquilla que tinha encontrado em Pau. Eis ahi o que se lia na primeira carta que lh'escreveu depois do attentado da Villette :

« Vinde pois depressa, mentirosa encantadora, arranjai as vossas trouxas et não falleis senão a menos pessoas que for possivel, porque os meus nóbres parentes, se chegassem a ter noticia das cartas que vós serieis obrigada a mostrar-lhes, poderião formalisar-se de eu me occupar tanto d'uma pessoa estranha, deixando-os a elles soffrer. Quando tudo estiver feito nós fallaremos com desembaraço, e ninguem terá nada que dizer. Assim, vós toda a mim, e eu todo a vós, e que nos impórta o resto do mundo? Deixai-me lá todos os padres de Pau, de Moncayolle e de Bétharram, nós lhes daremos noticias da capital. »

Para atrahir a si esta mulher simples e sem suspeita, Eliçabide tinha o animo de lhe fallar do filho, empregando as mais odiosas imposturas, para adormecer os receios que ella poderia conceber sobre a sorte d'elle; uns doze dias se tinham apenas passado depois que o jovem Anizat cessara d'existir, que a mesma mão, que tinha derramado o sangue do filho, traçava para a mãe as linhas seguintes :

« José passa mui bem. Já está inteiramente affeito ás bellas cousas de Paris, e parece não dever enfadar-se aqui por

modo algum. A sua escripta é boa e poderemos começar por fazer delle um bonito caixeiro. Eu estou contente com a sua applicação e o seu proceder, ainda que a cabeça seja um pouco leviana. »

Eliçabide acabou por vencer a hesitação de Maria Anizat e pela determinar a partir, por meio da mentirosa segurança de que lhe tinha achado um lugar de confiança em uma casa do arrebalde Saint-Germain. Assim que soube, que ella se dispunha a fazer os seus preparativos de partida, apressou-se a lhe escrever que iria ter com ella até Bordeos, recommendando-lhe que se achasse aos 6 de Maio nessa cidade, onde elle contava chegar no mesmo dia, e prevenindo-a que a sua intenção era apeiar-se n'um hotel, regido por um Sñr. Meunier na rua Courbin.

Nesta ultima carta, que tem a data de 16 d'Abril, Eliçabide lhe fallava ainda de seu filho como se ainda estivesse cheio de vida e de futuro.

« José vos teria escripto uma linha, lhe dizia elle, mas bem depressa elle vos abraçará, o que valerá muito mais. Eu estou muito satisfeito delle, elle se applica e virá a ser um homem. Eu creio que elle cresce e engorda, e já conhece o bairro melhor que eu. »

Terminava por estas palavras, em que uma infernal ironia parecia misturar-se a tudo o que a linguagem da ternura tem de mais affectuoso e de mais doce :

« Adeos minha mui querida Maria ; nada mais de lagri-

mas, nem de tristeza. Se vós tendes emmagrecido, eu vos annuncio qu'engordareis rapidamente ; vós dormireis bem e muito tempo e respirareis um bom ar ; tereis cerveja barata, de verão, para refrescar o vosso sangue, mas eu vos aconselho que conteis ainda muito mais que tudo isto, com os affagos d'aquelle que é vosso unicamente por toda a vida. »

Conformando-se com as instrucções que tinha recebido, Maria Anizat chegou a Bordeos no dia indicado, acompanhada de Mathilde Anizat, sua filha ; e se dirigiu ao hotel que lhe tinha sido designado.

Eliçabide tinha partido de Paris no dia 3, sem dar a entender a causa e intuito da sua viagem ; manifestando a intenção de se não conservar ausente, senão mui pouco tempo, obrigado a viajar em pequenos vehiculos, por não ter com que pagar a diligencia, só chegou a Bordeos no dia 7.

Prevendo esta demora, e temendo que Maria Anizat não continuasse o seu caminho para Paris, elle tinha escripto de Poitiers ao Sñr. Meunier, para que a persuadisse a espera-lo, e elle tinha satisfeito a esse empenho.

Uma das irmãs d'Eliçabide estava como criada em uma casa do districto d'Ivrai. Falto inteiramente de dinheiro, elle lhe pediu por escripto, no momento d'entrar em Bordeos, que viesse trazer-lhe alguns fundos, e lhe designou para encontro uma tasca administrada por um tal Lesquerro na rua Margaux.

levada a Bordeos, e verificou-se que Eliçabide tinha em seu poder, objectos d'uma conformidade perfeita. Toda a dissimulação se tornava inutil, e elle traçou n'uma folha de papel algumas linhas, em que declarava que a mulher e a menina de quem se havia encontrado os restos tinham morrido a golpes seus, e fez conhecer os nomes dellas e os lugares em que residião antes da vinda a Bordeos.

Levado perante o juiz da culpa, Eliçabide confessou igualmente a morte do jovem Anizat e não tardou em reconhecer que os tres attentados de que era accusado tinham sido commettidos com as horriveis circumstancias que tem sido referidas.

Eliçabide tinha primeiro affirmado que não ferira o jovem Anizat senão com uma pedra, « que, dizia elle, parecia animar-se sob a sua mão, » e que não tinha empregado outro instrumento para matar a mãe e a irmã desse menino: porem mais tarde confessou que tinha disfarçado e que se tinha servido do mesmo martello para acabar com as tres victimas. Esse martello foi achado na latrina do albergue do Sñr. Chaban, onde tambem lançára a faca com que tinha degolado Maria Anizat e a jovem Mathilde.

Quanto á faca de que se tinha servido na Villette, elle a teria atirado ao Sena atravessando o Pont-Royal.

Interrogado sobre o motivo que o tinha podido levar a banhar-se no sangue d'uma familia inteira, respondeu que, apenas tinha feito resolver Maria Anizat a mandar-lhe seu

filho, reconhecêra tudo quanto tinha havido d'imprudente e d'inconsiderado em chamar essa criança para junto de si, pois que ella não devia encontrar senão miseria, mas que não tinha podido resignar-se a voltar atraz do que tinha escripto e a manifestar quanto a sua posição era desgraçada: que uma terrivel perturbação se havia apoderado de seus espiritos, quando viu chegar o jovem Anizat; que a impossibilidade em que se achava de prover á sua subsistencia o tinha resolvido a feri-lo, e que depois desta morte, as de Maria Anizat e de sua filha lhe tinhão parecido necessarias para encubrir a sua culpabilidade.

Eliçabide declarou que não as tinha chamado a Bordes, e não fora encontrar-se com ellas, senão para as matar a ambas; que tinha sido para esse fim que levára o martello de que fizêra um uso tão terrivel, e que tinha tido em vista, escolhendo os arredores d'uma cidade distante do domicilio dellas e do seu, para lhes arrancar a vida, o assegurar-se a impunidade. Revelou, alem disso, que na jornada do dia 9, empregára o tempo que não estivera em companhia de Maria Anizat em ir explorar os lugares em que na tarde a mãe e a filho devião ambas morrer.

O accusado tinha ao principio ensaiado sustentar que no momento em que o jovem Anizat chegára a Paris, elle não tinha ainda concebido o pensamento de lhe dar a morte, e que esse pensamento o tinha immediatamente assaltado, mas em um dos seus ultimos interrogatorios foi obrigado a

convir que tinha comprado muitos dias antes o martello com que o derribára, tendo por fim o desembaraçar-se delle. Eliçabide foi ainda mais longe, e disse que, na intenção em que estava de se unir em casamento a Maria Anizat e de se consagrar á educação de seus filhos, desde o instante em que perdéra a esperança d'obter uma posição vantajosa para lh'a fazer participar, tinha resolvido liberta-los a todos tres, pela morte, d'um futuro em que elles só devião encontrar desgraça e decepção.

Em presença dos resultados que a informação produziu, é fóra de duvida que o accusado não fez mais que ceder á evidencia das provas e ao ascendente da verdade, quando declara que os tres attentados forão precedidos d'uma longa premeditação, mas evidentemente, não é senão por uma derisão atroz ou por uma revoltante hypocrisia, que elle ousa avançar que não deu a morte ás suas victimas, senão por afeição que lhes tinha, e no unico interesse dellas, como se alguém tivesse direito de dispôr da existencia alheia. Acreditar-se-ia mais no seu depoimento, se elle dissesse que, profundamente tocado de não as poder cubrir com a sua protecção (de que ellas não precisavão), irritado por ter visto desvanecerem-se-lhe todas as suas illusões, e humilhado da sua fraqueza, se tinha tornado baixamente cruel, e as quiz tornar responsaveis dos desenganos da sua ambição.

Ha com tudo varias circumstancias que tenderião a provar que, atrahindo a si Maria Anizat e seus filhos e assassi-

nando-os, elle queria apropriar-se dos seus despojos e obter assim alguns recursos.

Muito tempo antes da chegada do jovem Anizat a Paris, o estado d'apuro em que Eliçabide tinha cahido era tal, que elle chegara a estender a mão, para obter algum soccorro. Ao partir para Bordeos a sua angustia estava no seu ápice : elle tinha sido obrigado, para se pôr a caminho, de tomar emprestada ao Sñr. Beslay uma somma de quarenta francos.

Ora Eliçabide recommendou sempre o segredo a Maria Anizat sobre as suas solicitações para a determinar a ir para a sua companhia. Nas suas ultimas cartas, e quando desprovido de tudo, acabava de tomar pé no aposento que alugára na rua de Richelieu, elle lhe pedia mandasse roupa de casa, e que o informasse das circumstancias necessarias para reclamar os objectos que expedisse antes da sua sahida de Pau.

Procedendo assim, o accusado pareceria ter deixado suspeitar o plano de se apoderar de tudo quanto possuia a familia, e se tal projecto existiu, certamente, que de todo se realisou.

Eliçabide, com effeito, dispoz no seu interesse pessoal de cem francos, que continha a mala do jovem Anizat; elle obteve da mãe desse menino, na primeira entrevista que teve com ella em Bordeos, uma comma de cento e quarenta francos, de que ella estava munida; no momento da

sua prisão, não só se lhe encontrou essa quantia, e uma parte dos vestidos de Maria Anizat, de sua filha e seus cabazes, mas ainda os seus anneis e brincos das orelhas, e varios outros objectos d'ouro e prata que levavão em si, quando forão atacadas. Emfim, verificou-se que, antes de deixar o hotel do Sñr. Meunier, dera ordens para que uma caixa e uma mala, que ellas ahi deixavão e em que os seus vestidos estavam fechados, fossem expedidas debaixo do nome delle a Paris, e que alguns dias depois, tres fardos, que Maria Anizat tinha levado ao estafete e que continhão os seus outros effeitos, devião tambem chegar com sobrescripto para elle á mesma cidade. Assim, depois da morte dessa mulher e de seus filhos, elle se acharia na posse de quanto elles possuíão.

Mas, alem disso, quaesquer que fossem, quanto ao mais, o sentimento que lhe dirigiu o braço e o intuito com que procedeu, nada poderia diminuir o horror que elle inspira, e a piedade que excita a sorte das victimas. Em vão Eliçabide s'apresenta como o instrumento d'uma inexoravel fatalidade e affecta ter cedido a funestas vertigens; ha nos tres assassinatos que elle commetteu uma serie de factos que se ligão entre si d'um modo demasiado logico e inculção excessiva reflexão, combinações, e providencia, para que elle possa escapar á vindiçta publica : Se os maleficios de que elle se fez reu ficassem impunes, ou se acontecesse que o castigo não correspondesse á horrorosa perfidia, com que

elle os preparou e á fria ferocidade que presidiu á sua execução, a justiça deveria quebrar a sua espada, e não existiria mais protecção sobre a terra contra a perversidade dos malvados.

Em consequencia, Pedro Vicente Eliçabide é accusado : 1º de ter na tarde do dia 14 de Março ultimo (1840) commettido um homicidio voluntario na pessoa de José Anizat ; 2º de ter na tarde de 9 de Maio seguinte commettido o mesmo crime na pessoa de Maria Anizat e na de Mathilde Anizat, com esta circumstancia que estes tres assassinatos tiverão lugar com premeditação.

Depois desta leitura que durou perto d'uma hora, o presidente fez levantar Eliçabide, e lhe disse : « Vós acabaes de ouvir as cargas que pesão sobre vós. Vós sois accusado de ter na noute de 14 de Março ultimo, dado a morte a José Anizat, e no dia 9 de Maio, de ter igualmente dado a morte a Maria Anizat e á sua filha : estes tres crimes commettidos com premeditação. Vós hides ouvir os artigos que o Sñr. advogado geral vai desenvolver contra vós. »

Eliçabide, sem nada responder, se tornou a assentar com a apparencia da mais completa tranquillidade.

O advogado geral, depois d'um brilhante exordio, descreve todas as circumstancias do triple assassinato e lhes faz sobresahir as combinações e o horror.

Durante esta exposição e quando o advogado geral descreve com dolorosos accents o morticínio do pobre menino

de la Villette, o rosto d'Eliçabide se colora, os seus dedos se contrahem e os seus olhos tomão um ar de ferocidade notavel.

Ao referirem-se as circumstancias do duplo assassinato de Maria Anizat e de sua desgraçada filha, elle se enxuga a testa com rapidez, se agita sobre o seu banco e muda muitas vezes de côr; um sorriso, que se poderia tomar por uma contracção nervosa, se faz notar sobre o seu rosto.

No interrogatorio, pelo que o presidente faz em seguida passar o accusado, se notão as frases seguintes.

Presidente. Vós tendes ouvido as cargas que vos são imputadas?

O accusado. Sim, Sñr. presidente.

P. Onde fizestes vós os vossos primeiros estudos?

A. No seminario de Bétharram.

P. Em que época renunciastes vós ao estado ecclesiastico?

A. Muito pouco tempo antes da minha partida de Pau.

P. Não fostes vós ao seminario do Passage, e porque motivo?

A. Não estava certo na vocação que me era destinada; tinha transportes na cabeça, estes transportes escandecião a minha imaginação, e os directores dessa casa devião auxiliar-me com os seus conselhos e a sua experiencia.

P. De lá para onde fostes?

A. Para casa do Sñr. Duroi, onde tinha sido encarrega-

do da educação de dous meninos. Estive depois em casa do Sñr. Telouse, em Puy-Barban, onde igualmente me tinham sido confiados dous meninos. Era uma tarefa bem difficil. Um dos meninos fazia mui poucos progressos; eu tinha ajustado que me não encarregaria, sem a condição de o poder tratar com muita aspereza (desdizendo-se), quero dizer, de maneira a obrigar a sua imaginação a despertar : resultou dahi uma contestação com o Sñr. de Telouse, e eu o deixei.

P. Em Bétharram Jozé Anizat não serviu para o conhecimento que fizestes com sua mãe ?

A. Sim, Maria se apresentou em casa do superior com seu filho; eu a encontrei e ella me pediu que lhe servisse de protector, e eu apresentei o menino ao despenseiro. Maria me agradeceu, e para reconhecer este serviço me convidou para que quando fosse a Pau quizesse hi-la visitar e dar lhe noticias de seu filho.

P. Vós tomaveis um terno interesse por Maria Anizat ?

A. Eu cuidei reconhecer n'ella qualidades que eu apreciava : nós nos deixámos ir a uma inclinação mutua; depois d'algum tempo ella não podia dissimular o amor que me tinha. Eu comprehendí essa linguagem do coração; mas queria ser amado ao meu modo. Ella sabia tambem que eu devia partir para Paris a fim de procurar promptamente meios de existencia.

P. Porque chamastes vós o menino a Paris, antes da mãe; tinheis já projectos de o fazer morrer ?

A. Para fazer serviço a Maria. Elle tinha todos os pequenos defeitos da sua idade, o que fez com que eu dezesasse livrar d'elle a mãe : o projecto da sua morte me veio por acaso : eu tenho dias de molestia negra ; as minhas boas ideias então não tardão a compôr-se : no menor acêrto eu vejo então felicidade e futuro, mas o menor revez me arremeça ao extremo ; a morte de Jozé não foi resolvida senão no momento da sua chegada ; não estando doente, eu sou como qualquer outro homem, mas se estou, não só assassina, mas faria estourar o globo, como uma castanha assada.

Um dia por exemplo eu fallava dos inconvenientes do casamento ; alguem me disse entre outras cousas : « Os inconvenientes do casamento, bagatela ! quando alguem se achar embaraçado com uma mulher, desembaraça-se matando-a, cortando-lhe a garganta, e tudo se acaba. » Esta ideia germinou no meu espirito ; foi como uma faisca que abrasou o meu estado doentio, depois eu me arrependia.

P. Assim vós pretendeis ser victima da fatalidade ?

A. A fatalidade ! eu não acredito nella, mas cem vezes eu me tenho dito : « Meu pobre moço, desde a tua infancia tu estás na mesma ! » Eu teria podido commetter esta morte aos quinze annos.

P. Vós concordais em ter atrahido Maria a Paris para a matar ?

A. Sim, mas eu a enganava com esperanças que não

podião realisar-se; eu queria torna-la perfeitamente feliz, antes de lhe tirar a vida.

P. Vós declarastes que o que vos tinha feito resolver tinha sido a vossa posição; de que vivieis vós em Paris?

A. De pouco. Quando eu charlatisava, todas as bolsas se abrião; mas quando eu vinha ao positivo, mais nada, a determinação de acabar com o menino me veio dez minutos antes da sua chegada. Como philantropo, e eu o sou, tive praso de fazer uma observação: jovem ainda, eu dei uma grande queda; cahi sobre a cabeça que se abriu, e fiquei muito tempo sem nada sentir, sem experimentar dor. Então julguei que José seria feliz de morrer do mesmo modo.

P. Assim, para vós, é um serviço que tendes julgado fazer, mas a accusação se nega a acreditar em uma hallucinação que vos impelle a matar; ella pretende que houve atraz desses crimes uma ideia de roubo.

Eliçabide se torna a sentar, dizendo: «E' a vossa intenção.»

O advogado geral reasume o seu requisitorio. E n'uma allegação calorosa, repelle esse systema de defeza, que consiste em pôr todos os grandes criminosos sob a protecção d'uma fatalidade doentia. Elle toma Eliçabide desde os seus primeiros annos até o dia do maleficio, e prova que um orgulho despeitado, na mesma proporção que um instincto sanguinario, o impellirão a commetter um dos mais horriveis maleficios dos tempos modernos. Elle pede no interesse da

sociedade, que se não desarme a justiça, e que um grande exemplo seja dado. O seu discurso, escripto, é ouvido com o maior interesse.

O Dr. Canihac é chamado.

P. Sñr. Dr. o jury desejaria saber se, na vossa opinião, os actos preliminares calculados antes de um assassinato e os meios empregados pelos assassinos para se subtrahir á justiça são compatíveis com a monomania?

Canihac : Eu não poderei responder de um modo bem rigoroso ; os actos são muitas vezes de tal maneira occultos que seria difficil conhece-los todos ; geralmente, todo o acto de monomania deve ser prompto, subito, espontaneo ; o monomaniaco é supposto não ter a faculdade de se lembrar do que praticou. Se se discorre antes, não-se é monomaniaco.

Insistindo sobre a pergunta, accrescenta o defensor : Confiando na vossa memoria e na vossa sciencia, eu vos peço que nos digais se não ha exemplos frequentes de que um monomaniaco d'ideia fixa tenha preparado com antecedencia um crime e tratado d'escapar ao castigo ?

Canihac : Eu o não creio ; nada se aproximaria mais d'um proceder consequente. Se fossemos a admittir uma tal monomania, vinha então a ser quasi impossivel o distinguir o monomaniaco do verdadeiro culpado. Os medicos, alem disso, não estão d'acordo sobre essas questões difficeis ; eu não tenho feito longos estudos phrenologicos, mas produzo

aqui o fructo da minha longa experiencia e das minhas meditações ; eu acredito difficilmente na bossa dos tempos modernos ; eu não creio nas predestinações criminosas irresistiveis, porque se tem a testa mais ou menos estreita ou larga. Resumindo-me, o monomaniaco nenhum discurso faz antes, nem depois do assassinato ; se discorresse, não seria monomaniaco.

Depois d'esta declaração feita do modo o mais claro e mais explicito, o advogado Gergerès, nomeado ex-officio defensor d'Eliçabide e aprovado por elle, começa assim o seu arrasado, de que nós retraçaremos os trechos principaes.

« Eu venho a vós, Sñrs. jurados, a vós depositarios fieis dos interesses da sociedade, a vós que eu vejo armados do seu gladio, e que ainda vos achais sob a impressão dos horriveis pormenores, que forão desenvolvidos aos vossos olhos.

Mas se a sociedade amedrontada por uma espantosa catástrofe, vos clama que a vingueis, do seu lado a lei, que não é mais que a expressão da sua vontade, vos adverte que sejais justos.

Ella vos péde sôbre tudo reflexão e madureza ; é á vossa honra que ella confia suas garantias ; ella exige de vós coragem, isto é, aquella judiciosa impassibilidade, que só se decide pelas proprias convicções, sem se deixar influir pelas paixões da multidão.

Ella quer que vós desçais ao fundo da vossa consciencia, que a interrogueis, e que concedais o que for devido a uma

vingança legal, se ella é necessaria, mas sem esquecer que por piedade vós deveis alguma cousa a essa natureza humana, tão bella nas suas creações, tão caprichosa nas suas obras, tão inconcebivel nos seus desvios.

No mez de Maio ultimo, um acontecimento tal, como os nossos registros criminaes, os mais sombrios, não offerecem semelhantes, veio horrorisar a nossa cidade.

O cadaver d'uma mulher que lhe era estranha foi descoberto, horrivelmente mutilado, no districto d'Artigues.

A alguns passos della se achava um outro cadaver : era o de sua filha.

Eliçabide foi suspeitado e preso. As primeiras perguntas que se lhe fizêrão, não só confessou que tinha sido elle quem déra a morte a Maria Anizat e á jovem Mathilde, mas fez ainda conhecer ao magistrado o que todo o empenho da policia de Paris não tinha podido descobrir : que tinha sido elle quem ferira José, menino de dez annos, cujo corpô estava exposto na Morgue.

Um grito d'indignação bem natural se elevou contra o autor desse horrivel attentado.

Cada um buscava conhecer qual podia ser o infernal motivo que tinha feito commetter o crime. Todos se perdião em conjecturas.

Quando a defeza d'Eliçabide me foi incumbida, eu tambem por minha parte procurei descobrir o movel que tinha armado a sua mão contra tres entes inoffensivos.

Eu resolvi então exigir d'Eliçabide a historia da sua vida; eu quiz saber d'elle mesmo o que elle tinha podido ser no momento dos factos que confessava e o que elle era ainda dentro das grades da prisão. Eu entreguei-o ás suas reflexões e ás suas reminiscencias.

Dois dias depois, eu recebi a memoria desejada.

Nada ahi se occulta, nada s'enfraquece, nada se dissimula : Permitti-me por tanto, Senhores, que eu submetta essa memoria aos vossos olhos.

### MEMORIA D'ELIÇABIDE

ESCRIPTA POR ELLE MESMO NA PRISÃO DE BORDEOS.

Eu nasci em Mauleon, (Basses-Pyrénées) em 1810, de Pedro Eliçabide e Joanna Borée.

Meu pai exerceu muito tempo o commercio com mais probidade que fortuna. Por incitamento meu a minha familia se tinha despojado, havia alguns annos, de tudo o que nós possuíamos, tanto do lado paterno, como do materno, e depois eu me tinha imposto o dever (que de resto preenchia desde muito tempo) de ser o arrimo de meu pai e de minha mãe.

Desde a minha mais tenra infancia, inclinações virtuosas, uma rasão temporãa, um character serio e uma grande aptidão para as sciencias, me fizerão destinar ao estado eccle-

siastico, vocação a mais bella de que nos nossos paizes ha ideia para um menino bem nascido !

Eliçabide continua a historia de seus primeiros annos até a sua admissão no seminario de Bayona, como alumno de theologia e pinta os sentimentos que o dominavão. « Enlevado pelo exemplo de piedade fervente que tinha debaixo dos olhos, eu dei nas theorias e praticas d'uma devoção estricta, que não tardou em me produzir embarços d'espírito : eu não via por toda a parte senão faltas e peccados.

Não via meio algum de conseguir a minha salvação ; parecia-me que uma reprovação eterna me esperavano fim da minha carreira ! Então eu me tornava sombrio. As ideias as mais extravagantes me atravessavão a cabeça, mas uma unica se estabelecia dominante e fixa, eu a ella voltava incessantemente e a meu pesar. Eu ficava muitas vezes curvado sob o seu imperio, suspenso e tonto.

Um dos directores do seminario, confidente das torturas moraes que eu soffria, chegou a ter os maiores receios sobre o transtorno da minha rasão. Elle solicitou e obteve principalmente a permissão de me mandar para a casa dos Jesuitas em Passagem, na Hespanha.

Collocado depois como mestre de meninos em casa do Sñr. Duroy, em Humbarès, eu ali passei dous annos, resentindo-me sempre do meu mal.

Em 1839 eu dirigia um estabelecimento d'ensino prima-

rio em Bétharram, quando tomei conhecimento com *Maria Anizat*.

Depois que eu ouvi a pobre mãe contar-me, chorando, toda a inquietação que lhe inspirava o futuro de seu filho, não tive descanso em quanto não resolvi o gerente da casa a receber o menino; e este acto de beneficencia produziu um resultado que não era dado a ninguem prever.

Maria e eu não tardámos em communicar os nossos sentimentos os mais intimos, nós jurámos de nos pertencer-mos um ao outro. Eu jurei alem disso que serviria de pai a seus filhos.

Foi convencionado que eu a precederia por alguns mezes em Paris, onde ella hiria ter comigo, e que até então as nossas mutuas relações se conservarião occultas para todo o mundo.

Partindo para Paris, eu sacrificava uma posição assaz vantajosa ás exigencias do meu espirito doente. Por desgraça, não tardei em lá vêr homens condemnados a agitar-se : ricos, para correr apôs os praseres; pobres, para soffrer e morrer em procura da felicidade.

Uma morte que sobreviesse, imprevista e subita, sem dores, entre os sonhos dos praseres, me pareceu o termo o mais feliz possivel, d'uma tal vida d'atordoamento e decepção.

Eu não tardei em conhecer que era o ultimo dos homens para chegar a cousa alguma em Paris.

Os meus fracos recursos se tinham rapidamente esgotado. O futuro se me não antolhava mais, senão com as cores as mais sombrias. A minha cabeça s'enfraquecia, o meu espirito não formava projecto algum. Mas eu sentia não sei que praser em visitar a Morgue, em tanto que a vista dos cadaveres me causava nojo.

No meio destas agitações e da melancolia que as acompanhava; a imagem de tudo quanto eu tinha de mais caro no mundo, minha familia, Maria e seus filhos, condemnados á dor, ás privações, á miseria, fatigavão a minha imaginação ferida. Eu me achava nessa cruel disposição d'espirito, quando um dia, no meio d'uma conversação muito innocente e que tinha por objecto as decepções da vida, uma das pessoas da companhia exclamou: « Bagatelas! com um pouco de raciocinio, deveriamos alegrar-nos de ver o fim d'aquelles que estimamos, se esses objectos das nossas affeições devessem ser votados á desgraça. »

Seria impossivel descrever o effeito produzido em mim por essas palavras, foi o clarão d'um facho infernal. Ver morrer o que eu amava foi uma ideia que se estabeleceu desde esse momento na minha cabeça com todo o poder, e que me perseguia sempre e por toda a parte. Os meus pensamentos erão pensamentos d'exterminio.

Com tudo, eu procurei ainda fazer um esforço e conjurar a desgraça que me opprimia.

Eu levei o grito da minha consternação desde o palacio

até á residencia da actriz. « Foi em vão. Poisque todos os meus esforços são inuteis, ensaiemos, disse comigo mesmo, o charlatanismo : o meu semblante está tranquillo, a minha attitude firme. » Concebi um projecto que devia infallivelmente produzir felizes resultades. Mas o meu talento não era d'intrigar e d'especular : a minha ultima illusão foi destruida. Com tudo, eu não soffria fome, a bolsa de todos os meus conhecidos se tinha para mim aberto.

Eu estava tristemente occupado a dar uma lição a um jovem e interessante menino, quando o porteiro m'entregou uma carta, annunciando-me a chegada de José pela diligencia ! Pobre menino, qual será a tua sorte ? Prometto servir-te de pai, ser o teu instituidor, teu guia, no tramite da vida... A vida... mas na tua idade predizião-m'a boa e feliz. Eu era avisado ; ternos e numerosos parentes abastados velavão sobre mim. Mais tarde uma boa educação me constituia em direito de pedir á sociedade, que não quebrasse cégamente a minha mesquinha existencia. E' verdade que a minha cabeça está doente, mas esta cabeça doente não é todo o teu apoio ? Pobre menino ! Pois bem ! tu morrerás, antes de te ter sujado no contacto d'uma sociedade ; que talvez te infamaria, depois de te ter forçado a deshonnar-te. Tu serás a primeira das victimas que a minha mão deve immolar. Eu... matar... mas onde achar a força de o fazer ? »

Uma horriavel tremura se apodéra de todos os meus mem-

bros, eu não posso mais reunir as minhas ideias, a minha cabeça cahe sobre o meu peito e eu m'estiro sobre o leito todo estonteado. Depois d'alguns minutos, eu tinha profundamente adormecido.

Restava-me apenas o tempo de correr ao escriptorio das diligencias, quando me restabeleci do abatimento em que me tinha feito cahir a agitação que acabo de descrever. Não me occupei mais da questão de vida ou de morte e corria buscar o menino que apertei ternamente nos meus braços.

Jozé que eu acabrunhava de perguntas, me respondeu, com uma apparencia algum tanto doentia, e me disse que, tendo comido fructa na corroagem, estava com uma dor d'estomago. Julgando que um pouco d'exercicio lhe faria bem, eu o fiz passeiar muito tempo com grande satisfação sua. A pobre creança era toda olhos. Eu m'esqueci com elle, quando de repente, dir-se-hia que uma nuvem vagueava sobre a minha cabeça... « José é feliz, é preciso que elle morra. » Não era mais um debate, era uma necessidade tranquillã, tanto, como imperiosa. Nada desde então podia evitar-lhe a morte. « Eu o teria môrto na rua publica, antes que deixa-lo escapar. »

Depois de ter marchado até á barreira da Petite-Villette, nós tinhamos parado no encruzamento d'um pequeno caminho nas ultimas casas da Petite-Villette, para esperar a carroagem de Pantin, quando o menino pediu para satis-

fazer uma precisão. Foi para mim uma commoção electrica... *Hade ser aqui mesmo! Deos o quer!*

Nos entrámos no atalho rentes das casas. Um trilho nos conduz a um espaço de terreno. O menino, satisfazendo a sua necessidade, cahe ferido d'uma martellada, que não viu dar, e não dá o mais pequeno signal de vida. Á vista do cadaver immovel de José, eu cuidei sonhar. Eu o levantei, eu lhe fallei... Morto... morto!... Ah! que elle não torne mais á vida o pobre menino! e eu lhe dei sôbre as fontes, e procurando outro instrumento de morte, para assegurar a cessação da vida, eu tirei a minha faca d'algibeira e cortei a garganta do cadaver.

Eu quiz fugir, vendo correr o sangue com violencia, as forças me abandonárão e cahi a alguns passos da victima. A Providencia não permittiu que ás portas de Paris, ás oito horas e meia da noute, a dez passos d'um caminho vicinal, n'um lugar exposto á vista por todos os lados e a um luar claro, s'encontrasse nem uma unica testemunha desta scena terrivel.

Quando eu me levantei, o cadaver estava frio. Uma tremura convulsiva agitava todos os meus membros. Eu rolei o corpo de José para um pequeno fosso que se achava ao lado do lugar da morte, e me dirigi rápidamente para o centro de Paris.

Todos os meus pensamentos se dirigião para Maria; as do-

lorosas imagens que m'importunavão pensando nella cada vez desfiguravão mais as minhas ideias e sensações.

Porem Maria!!! eu prometti torna-la feliz... José... eu tinha promettido servir-lhe de pai... Mathilde...eu a adoptei por minha filha.... E depois, sem mim, a minha mãe choraria inconsolavel... meu pobre pai em poucos dias carregaria talvez a sacóla da indigencia... Não... eu terei tempo para os matar a todos.

Estes erão os meus raciocinios ; e por isso os meus actos se chamão *os assassínatos da Villette e d'Artiques*.

« Cara e pobre Maria!!! a felicidade não é mais que pura imaginação... Sê feliz d'ignorancia e d'esperança ; figura-te todas as felicidades d'uma terra de promissão que t'espéra... » e cada carta de Maria m'inspirava uma resposta de socego, de felicidade e de verdade.

Maria me tinha escripto que o termo do aluguel do seu aposento acabava a 13 de Maio e que os seus preparativos de partida se fazião de maneira que pudesse estar em Paris por essa época ; eu escrevi a Maria que sahiria ao seu encontro até Bordeos ; e para que esta determinação lhe não causasse novidade, accrescentei, que devia tomar em Angoulême dous meninos de que me querião confiar a instrucção, e que o nosso encontro devia ser n'um hotel que eu lhe designava.

Retardado no meu caminho, eu escrevi de Poitiers para tranquillisar Maria ; ella chorava e parecia ter chorado

muito quando eu entrei no seu quarto. Eu fiquei estupefacto a essa vista. Grandes lagrimas corrêrão de meus olhos.

Sem pronunciar uma só palavra, eu tomei as mãos de Maria e fortemente as apertei sobre o meu peito ; a minha imaginação subjugada, pela sensação do momento, me fez esquecer todos os projectos formados ; não pensei em mais de que em a restituir á sua alegria e a mais viva satisfação não tardou em succeder ao sentimento.

Nós não tínhamos ainda esgotado todas as distracções que nos podia offerecer Bordeos, quando eu meu achava já de envolta com todos os meus sentimentos de morte, ao vê-la feliz, e pensando que a esse instante de felicidade succederião annos d'infortunio.

Eu me achava entregue a todo o horror das minhas reflexões, quando me veio ao pensamento confessar-lhe tudo. Esta resolução parecia aliviar-me d'um peso enorme que me opprimia, não obstante a exaltação das minhas ideias. Pensar !... eu não pensava mais... eu buscava distracções em hidas e vindas... os meus membros tinham acção, mas a minha cabeça rodopiava n'um cahos de pensamentos... eu era e não era. Depois de ter feito a escolha do lugar que julgava proprio ao desfecho esperado, aluguei um carro que devia vir tomar tres pessoas ás oito horas e meia da noute para as levar pela estrada a uma distancia dada e bastante perto do lugar precedentemente escolhido. Tudo s'executava, mas eu estava longe de ter a energia

tranquilla, que me animava na occasião da morte de José.

De volta ao hotel pelas seis horas de tarde, eu me puz em grande agitação para preparar a partida ; ás nove horas o carro estava de carreira, levando-nos, Maria, a menina e eu pelo caminho de Libourne. Eu passava do receio á esperança, da esperança ao receio, e não podia dominar a tremura, que de mim se apoderava por intervallos ; eu abafava. Queria lembrar-me das palavras preparadas para Maria... memoria e juizo, tudo me tinha abandonado. Maria, inquiéta dos meus soffrimentos e do silencio que os acompanhava, não recebia outra resposta, senão : « isto não é nada, é um incommodo d'estomago que não tarda a passar. »

Despedido o carro, nós marchámos alguns minutos, para chegar ao encruzamento do caminho, sobre que devíamos voltar. Os meus joelhos dobravão, o ar faltava-me ao meu peito : era m'impossivel combinar duas ideias, quando cheguei ao pequeno recinto que tinha escolhido para lugar da explicação, eu parei... um transporte indizivel agitou a minha cabeça ; os meus membros tremerão e eu me tornei espantoso!... avancei para Maria, armado do martello... Bati e eu a vi cahir... e no momento em que o ferro escapava das minhas mãos, um grito da menina me tornou ao meu transporte. Eu bati ainda e não sei em que ordem ; mas o silencio de morte que reinava em torno a mim foi

seguido dos mesmos procedimentos que devião impedir o restabelecimento de José.

Estupido, atordoado, eu fui-me agachar a alguns passos das minhas victimas. Não senti desejo algum de me affastar desse theatro d'horror. A chuva que cahia em abundancia, acompanhada d'um vento rijo, me tinha traspassado, sem que eu o sentisse, quando os latidos d'um cão me vierão despertar. Parecia-me que a natureza inteira fallava dos meus morticínios, que os cadaveres se levantavão para me accusar... Pela primeira vez então eu tive temor de Deos.

. . . . .

Não tenho mais que uma lembrança confusa de tudo o mais. Mostrei bastante franqueza nas minhas confissões, para que se não julgue que eu queira calar circumstancias que nada accrescentarião ao horror dos meus actos.

Depois d'esta leitura, o defensor prosegue nestes termes.

« Eu vo-lo declaro, Sñrs. jurados, essas ultimas linhas traçadas pela mão d'Eliçabide : « Eu não peço favor algum, a minha morte será merecida », restaurão a minha coragem. Parece-me ouvir uma voz interior que me brada : « Cava na consciencia desse homem, penétra nos seus pensamentos ; informa-te das desgraças da sua familia ; remonta até á origem do sangue que corre nas suas arterias ; interroga os que o conhecião e confia na justiça dos homens.

« Mas esse arrependimento, tão energicamente expres-

sado nessas palavras : « A minha morte será bem merecida », bastará para a justiça da terra? Não Sñrs. eu o reconheço; mas não vos apresseis, antes de me ter ouvido, em roubar á triste humanidade esta consoladora ideia : que póde existir um abismo entre Eliçabide e um assassino.

« Primeiro estudemos o homem; vejamos o que elle era antes dessas mortes de que vos conta elle mesmo os por menores.

« Aqui o defensor traça de novo aos jurados os depoimentos das testemunhas ouvidas na instrucção. São quasi todos instituidores e superiores de seminarios, sob os quaes Eliçabide estudou e que concordão unanimemente em o representar nessas épochas como um dos melhores alumnos, conduzindo-se muito bem para com os seus mestres e seus condiscipulos; cumprindo em uma palavra todos os seus deveres d'um modo edificante, e não fazendo por fórma alguma suspeitar então, que seria capaz de nunca em dia algum cometter os crimes de que se acha accusado.

« Taes são, Sñrs. jurados os depoimentos que se achão escriptos no processo.

« Não acrediteis comtudo que, submittendo-os aos vossos olhos, eu tenha por objecto lançar a moralidade do accusado em uma das bacias da balança que a justiça vos confiou.

« Se o triplice morticínio que foi commettido o foi com uma vontade livre, desenvolvida de toda a influencia fisica

ou moral, longe de mim a ideia de querer-lhe attenuar o horror por considerações que não servissem para lhe diminuir a gravidade !

Convem portanto indagar, e indagar de boa fé, se o facto, cuja existencia se confessa é o resultado d'uma vontade collocada em uma posição normal. E, primeiro, eu posso fazer ideia d'um assassinato commettido para satisfazer a uma paixão qualquer, tal como a sêde do ouro, o desejo ardente de se vingar d'um ultrage, um sentimento de ciume levado até o furor. Admittindo ainda que aquelle que se torna culpado tenha no seu character um grau de perversidade, que seria bem difficil d'encubrir a todos os olhos no decurso da vida inteira.

Mas o que eu não concebo, e que eu não poderei nunca conceber, são essas creanças de nove e dez annos, friamente degoladas e mutiladas da mesma fórma que sua mãe, pelo individuo que as protegeu e as amou, sem que se possa dar a esses actos uma explicação que admitta o menor grau de racionabilidade.

« Portanto o problema se conserva sempre insolúvel ; e com tudo é preciso achar-lhe a solução : porque as mortes existem, e o accusado se confessa dellas autor, sem que procure disfarçar-lhe as circumstancias as mais aggravantes.

« Aqui nós somos ainda obrigados a recorrer aos testemunhos colhidos pelo magistrado e aos documentos que o processo nos fornece.

« Eu leio neste processo uma multidão de depoimentos qu'importa fazer-vos conhecer ; e quanto ás consequencias que convirá delles deduzir, autoridades d'uma importancia bem differente do que a minha palavra, vo-las farão notar. »

Os outros depoimentos invocados pelo defensor, sem se acharem em opposição com o sentido dos testemunhos já citados, atestão que o character do accusado era sombrio e taciturno. Elle não tinha apparencia aos negocios em que tinha a segurança d'acertar. Irritava-se com a mais leve contrariedade e então patenteava a estranheza do seu character. Para conversar com os seus camaradas, era necessario sempre procura-lo ; d'outra fórma ficaria só e isolado, como era o seu costume. Sempre retirado e silencioso, não sahia da sua taciturnidade, senão para desenvolver ideias systematicas, que parecia defender com empenho. O fundo do seu character era o orgulho, e quando em discussão com seus mestres, era obrigado a ceder á sua autoridade, parecia antes fechar-se na propria superioridade do que deferir aos argumentos delles.

Eliçabide tinha religião. Apesar disso, uma vez na missa, que costumava ouvir todos os dias, em lugar do livro de reza, pegou em Virgilio, no qual leu durante todo o tempo, e quando ao sahir lh'o fizerão notar, elle respondeu com uma admiração bem manifesta, que estava pasmado de ter tido

semelhante distracção, mas que de tal se não tinha apercebido.

Queixava-se bastante de soffrer da cabeça, e por conseguinte acontecia-lhe faltar algumas vezes ás aulas debaixo desse pretexto. E' a unica arguição que os seus superiores lhe poderião fazer, porque no mais o seu proceder nada offerecia que a merecesse.

« Quando eu reuni todas as circumstancias que acabo de referir e que as sujeito a uma fria analyse, surgem no meu espirito duvidas em que eu não desespero de vos fazer concordar.

« Seguramente o mais espantoso dos acontecimentos veio lançar o terror em todos os espiritos, e se eu pudesse acreditar que semelhante acontecimento fosse o effeito d'uma vontade livre, ninguem me veria disputar á justiça a cabeça do assassino.

Porém não... Pela honra da humanidade, não precipitemos o nosso juizo! Não acreditemos ainda!

As molestias do espirito, como as do corpo, são o segredo da natureza. Nós lhes conhecemos os effeitos; mas lhes não podêmos penetrar as causas; e foi talvez esta ignorancia profunda dos mysterios da creação quem levou graves philosophos a desejar, que não tivessem os nossos codigos senão penas temporarias.

Eu indago os motivos que poderião ter conduzido a sua

mão, sem ser para sondar a profundidade das feridas, mas para descobrir o movel que pôde armar e impellir essa mão, e aqui nós somos forçadamente conduzidos a pensar que, quanto mais os actos reprehendidos a Eliçabide estiverem fóra da natureza, tanto mais nos será impossivel admittir que elles sejam o effeito d'uma vontade livre.

« Mas, alem disso, será preciso ainda descobrir um movel qualquer que tenha impellido á acção ; porque sup-pôr um triple assassinato sem paixão, sem interesse, é suppo-lo sem vontade, e então nada mais será que um acto de demencia.

« Nós somos portanto obrigados a indagar ainda, e esta investigação não parecerá indiscreta, quando se souber que o magistrado que instruiu este processo com tanto cuidado, conheceu a necessidade de a fazer.

« Foi averiguado que a avó d'Eliçabide morrêra n'um estado completo de loucura, em consequencia d'uma devoção demasiado exaltada.

Vós vos lembrais tambem, Sñrs., das expressões desses respeitaveis ecclesiasticos, desses directores de seminarios, desses superiores de collegios, que tiverão algumas relações com o accusado.

Se pois nós queremos ser justos, será preciso reconhecer que o accusado se não achava n'um estado inteiramente normal.

« E se ao lado dessa tendencia hereditaria, dessa taci-

turnidade, dessas singularidades de character, desse amor pelo isolamento, dessas leituras apaixonadas de livros mysticos, nós collocarmos um triplice assassinato, cujas causas permanecem impenetraveis, mais necessario ainda se tornará que façamos novos esforços para descobrir o mysterio que induziu e cubriu semelhantes actos.

« A palavra *monomania* é de criação moderna, mas os seus effeitos o não são.

« Em todos os tempos a natureza tem tido aberrações; em todos os tempos o que nós chamamos : nosso espirito, nossa imaginação, nossa alma, tem tido suas molestias, como a materia que o envolve.

« Escutemos o que dizem os mestres d'arte, aquelles que consagrarão toda a sua vida a estudar o homem no seu estado fisico e moral.

« Os melancholicos, dizem elles, são arrastados por um delirio parcial, por uma ideia fixa, pela exaltação da sua sensibilidade, pelo desvio das paixões, pelo erro do juizo. Todos tem um motivo conhecido e confessado. Elles obedecem a um impulso reflectido, e mesmo com premeditação. Alguns tem havido que tomassem precauções para cumprir o seu intento... Um numero mui pequeno tem buscado fugir e esconder-se, tendo a consciencia de haver commettido uma acção má. Outros se alegrão, ficão tranquillos e satisfeitos, depois do acto o mais atroz, principalmente aquelles que obedecerão a um sentimento religioso.

« Elles nunca se mostram desarrasoados, mesmo na esfera das ideias que caracterisam o seu delirio. Elles partem d'uma ideia falsa, d'um principio falso ; mas todos os seus raciocinios, todas as suas deducções, são conformes á mais severa logica.

« No que for estranho á sua ideia fixa elles são como todo o mundo, apreciação mui bem as cousas, julgam mui bem das pessoas e dos factos, discorrem com tanta exactidão, como antes de estar doentes. O character, os habitos, a maneira de viver do melancolico tem mudado, porque o delirio altera as relações entre o EU e o mundo exterior.

« Tão desordenadas como sejam as suas acções, elles tem sempre motivos mais ou menos plausiveis para se justificar, de maneira que se póde dizer delles, que são loucos raciocinantes.

« Dominados por uma paixão levada até o delirio, elles gosão, quanto ao mais da sua rasão. Alguns motivos mais ou menos plausiveis ao seu sentir os determinam, elles escolhem para suas victimas os objectos mais caros ao seu coração. Commettem o homicidio com socego e tranquillidade, ao mênos na apparencia. Depois de o ter commettido, não ficam, nem excitados, nem inquietos ; estão mais socegados depois de o haver commettido do que antes ; e algumas vezes parecem contentes.

Acontece muitas vezes que a alteração mental que leva ao homicidio não apresenta nenhuma outra alteração apre-

ciavel da intelligencia ou das affeições. Os doentes são arrastados por um instincto cégo, de alguma sorte indefinivel, que os leva a matar.

« Impellidos por um animo reflectido e motivado, elles se mostram ás vezes cuidadosos em tomar precauções para assegurar as suas empresas, e mesmo para lhes occultar as provas. »

« Mas, dir-se-me-ha, que um systema semelhante pôde offerecer perigos e assegurar a impunidade.

« Esses receios, Sñrs. jurados, são chimericos, e o mesmo medico se encarregou de os dissipar.

« Elle figura primeiro a objecção nestes termos :

« Esse estado do homem, tem-se dicto, é impossivel : o vosso monomaniaco é uma supposição ; isso não passa d'um alvitre moderno e commodo, já para salvar culpados e subtrahi-los á severidade das leis, já para privar arbitrariamente um cidadão da sua liberdade. Todo o homem que tem a consciencia do seu ser pode resistir ás suas inclinações, principalmente quando essas inclinações são horriveis e revoltão todos os sentimentos. Elle deve encontrar motivos para resistencia na religião, nos deveres sociaes, no receio do castigo ; e se não triunfa, é culpado. O homem não pode perder o seu livre arbitrio, senão pelo desvario da rasão ; ora, segundo vós, esses doentes discorrem.

« A isto responderia : Se a intelligencia pode ser pervertida ou abolida ; se acontece o mesmo com a sensibili-

dade moral, porque motivo a vontade esse complemento d'um ente intellectual e moral, não poderia tambem ser pervertida ou aniquilada? Dar-se-ha que a vontade, como o entendimento e as affeições, não soffra vicissitudes, seguindo mil circumstancias da vida? Dar-se-ha que o menino e o velho tenham a mesma força de vontade que o adulto? Dar-se-ha que qualquer molestia não enfraqueça a energia da vontade? Dar-se-ha que as paixões não enfraqueção ou exaltem a vontade? Dar-se-ha que a educação e mil outras influencias não modifiquem o exercicio da vontade? Se assim é, porque não será a vontade sujeita a tumultos, perturbações, debilidades insanas, tão incomprehensivel como esse estado nos possa parecer. Comprehendemos nós melhor as molestias que tem por principio a perversão da intelligencia ou da sensibilidade moral?

« Os melancolicos homicidas são isolados, sem complices, que possam excita-los pelos seus conselhos ou seus exemplos. Os criminosos, pelo contrario, tem companheiros d'immoralidade, de deboche, e ordinariamente complices.

» O criminoso tem sempre um motivo; a morte não é para elle mais que um meio de satisfazer uma paixão, mais ou menos criminosa, porque sempre o homicidio do criminoso é complicado d'um acto culpado, e o contrario tem lugar na monomania homicida.

» O criminoso escolhe as suas victimas entre as pessoas

que podem servir d'obstaculo a seus designios ou que poderão depor contra elle.

As mais das vezes o monomaniaco escolhe as suas victimas entre os objectos que lhe são os mais caros. Uma mãe mata seu filho e não o filho da estranha. Um marido quer matar sua mulher, com quem viveu por vinte annos na mais doce harmonia. Uma filha quer matar a mãe a quem adora. Esta horrivel preferencia se observa em todos esses doentes. Não seria isso uma prova evidente de que, nem a razão, nem o sentimento, nem a vontade dirigirão a escolha da victima, e que por conseguinte houve perturbação nas faculdades que presidirão á sua determinação ?

« Se a estes raciocinios fundados na experiencia se quizer ajuntar exemplos, elles s'encontrarão bem salientes nas obras destinadas a tratar desta materia.

» Eu me limitarei a um pequeno numero :

» O Sñr. C...., advogado no tribunal de...., estava no seu gabinete, quando um de seus cunhados, de doze annos de idade ahi se apresentou. M. C.... o segura, como por brinquedo, pelos cabellos, e o conduz a brincar para a sua mesa d'escripta, e ahi solta o menino, deixando escapar estas palavras : « Elle não vale a pena. »

» No terceiro dia, sob pretexto de examinar a sua adega, elle lá desce, acompanhado de sua mulher. Alguns instantes depois, a cunhada de sua mulher, de vinte annos d'idade, não vendo voltar o cunhado nem mulher, desce á adega.

» Ninguém sobe. Sobrevem inquietação e vai-se examinar; vê-se as duas mulheres degoladas e M. C.... entrincheirado num canto da adéga, com uma navalha a alguns passos de distancia. Prendem-o, forma-se um processo. Uma reclusão no hospital de alienados foi o seu resultado.

» Um chimico distincto, poeta amavel, d'um character naturalmente brando e sociavel, veio a uma casa de saúde do arrebalde Saint-Germain. Atormentado pelo desejo de matar, elle se prostrava ao pé dos altares e implorava a Divindade que o livrasse d'uma inclinação tão atroz e de cuja origem elle não podia formar ideia. Quando este doente sentia que a sua vontade hia curvar-se sob o imperio dessa inclinação, corria para o chefe do estabelecimento e se fazia ligar os polegares com uma fita, um com o outro, bastando essa fraca ligadura para acalmar esse desgraçado, que acabou em fim por exercer uma tentativa d'homicidio sobre um dos seus guardas.

» O Sñr. N... de vinte e um annos d'idade, alto magro, d'uma constituição nervosa, sempre teve um character sombrio e abstracto. Elle tinha perdido seu pai aos quatorze annos d'idade. Aos desouto a sua tristeza augmentou. Fugia dos jovens da sua idade, vivia isolado, trabalhava com assiduidade n'um armazem, e nada, nos seus discursos ou proceder, annunciava alienação mental.

» Mas elle declarava sentir um impulso forte que o levava a matar, e que havia instantes em que elle teria

prazer, em derramar o sangue de sua irmã, ou apunhalar sua mãe. Fazia-se-lhe ver todo o horror desses desejos e as penas que esperão aquelles que os satisfazem, elle respondia sómente :

« Nessas occasiões eu deixo de ser senhor da minha vontade.

» Mais d'uma vez, alguns minutos, depois de ter abraçado sua mãe, elle se fazia vermelho, os seus olhos brilhavão, e gritava : « Minha mãe, fugi ! eu vou degolar-vos ! » Logo depois acalmava-se, derramava lagrimas e retirava-se. Um dia encontra na rua um militar suiso, salta sobre elle e quer lhe arrancar a espada, para o degolar, sem ter com elle o menor conhecimento. Outro dia atira com a mãe á adêga e quer mata-la com uma garrafa.

» Desde seis mezes que esse jovem é dominado por esse horrivel impulso, dorme pouco, soffre da cabeça, é insensivel ao desgosto da sua familia, mas não offerece nos seus discursos mostra alguma de delirio.

» Conduzido ao Hospital, este moço (rasoavel em tudo o mais), contou com o maior sangue frio, que estivera cinco ou seis vezes a pontos de matar sua mãe e sua irmã, e que de resto, nenhum motivo tem para lhes querer mal.

» Sujeito a um tratamento, elle se torna pouco a pouco mais docil, mais communicativo, busca distracções, falla com sua mãe e sua irmã e reclama sahir, affirmando que já não tem ideias sinistras.

» Depois de desouto mezes d'isolamento, é restituído á sua familia ; testemunha por ella o mais vivo interesse e trabalha no commercio com actividade e intelligencia, sem que, desde onze annos, nada mais perturbasse a sua rasão e as suas affeições. »

Um vinhateiro mata seus filhos, porem mata-os, para que elles não sejam condemnados. E porque? porque a sua affecção mental estabeleceu um falso principio, porque sobre este falso principio baseou um juizo, segundo o qual elle discorre consequentemente, ainda que as consequencias sejam falsas.

« Deve affirmar-se o mesmo desse fanatico, que imaginou purificar a sua familia, a quem idolatrava, pelo baptismo de sangue; que começou por degolar seus filhos, e que faria o mesmo á sua mulher, se esta lhe não escapasse pela fuga. »

Todos estes exemplos sem duvida são afflictivos, mas será isso rasão para os repellir, para não tirar proveito das lições, que elles nos dão?

« Eu o pergunto á vossa consciencia, á vossa rasão, e direi a cada um de vós :

« Jurados! vós tendes diante de vós um accusado que vos entrega a sua cabeça, elle vos não dissimulou nenhum dos seus actos; elle escreveu para vós a historia inteira da sua vida. Elle vos disse :

« Eu não peço favor algum; mereci a morte; pronunciai. »

Depois da brilhante allocução do Sñr. Gergerés, o presidente pergunta ao accusado, se não tem mais alguma cousa que dizer em sua defeza.

Eliçabide faz com a cabeça um signal negativo.

O presidente, em uma brilhante exposição, resume os meios d'accusação e de defeza, e empenha o jury a lembrar-se, que elle representa os interesses da sociedade, justamente assustada.

O jury, depois d'uma longa deliberação, torna a entrar na sala dos debates, e o seu chefe, com a cabeça descuberta e a mão posta sobre o coração pronuncia estas graves e terribes palavras :

« Sim, por maioria absoluta, o accusado Eliçabide é culpado d'homicidio voluntario com premeditação. »

O tribunal, fazendo applicação da lei, *condemna Eliçabide á pena de morte.*

Este grande culpado ouviu sem emoção a sua sentença :  
« *Vamos, meu pobre pescoço,* disse elle, passando a mão por baixo da gravata, *és tu quem has de pagar tudo.* »

---

#### EXECUÇÃO DE ELIÇABIDE.

Medidas severas tinham sido tomadas pela autoridade, para que o dia da execução deixasse de ser antecipadamente

conhecido. Quiz-se pôr um freio á escandalosa curiosidade que atrahê sempre a multidão ás execuções dos grandes criminosos. O cadafalso foi portanto construido durante a noute, mas todas as precauções forão insufficientes. Apenas os primeiros paus tinham sido levantados, que a praça d'Aquitaine se achou guarneçada de curiosos.

Ás seis horas, uma hora antes do instante fatal, o secretario se dirigiu á prisão, para communicar ao condemnado a denegação da revista.

Eliçabide dormia e foi preciso abana-lo muitas vezes para o despertar do seu somno. Mal tinha elle aberto os olhos, que advinhou ao aspecto desusado do secretario junto do seu leito, que se tratava para elle d'uma questão de vida ou morte e ouviu com bastante socego a participação de lhe ter sido rejeitada a petição da revista; elle estava preocupado d'uma outra ideia.

O orgulho que tinha dirigido todos os actos da sua vida, e que de resto elle mesmo reconheceu, que formava a base do seu character, lhe impedia o dirigir uma pergunta directa. Com tudo, prevalecendo a apprehensão, perguntou com uma indifferença affectada : *É... é para hoje?*

Elle tinha lido antecipadamente a resposta no semblante do secretario, e fez violentos esforços para conservar a presença d'espírito quando lhe tiravão os ferros.... Durante essa operação elle repetiu varias vezes : *E' hoje que cahem todas as minhas cadeias.... Eu não me lamento, só teria*

*desejado sabê-lo com antecipação.* O abbade Promis foi introduzido nesse momento, e Eliçabide, a quem se acabava de participar que se tinham posto os sellos nas suas memorias, lhe recommendeu que as revisse. Eu vos autorizo, disse elle, a fazer nellas todas as mudanças que julgardes necessarias, para que possam apparecer.

Dahi elle se dirigiu á capella, onde ouviu compungidamente as exhortações do digno capellão, sahiu com um ar inteiramente tranquillo e, molhando as pontas dos dedos na pia, fez devotamente o signal da cruz, e se entregou aos executores.

Era, sem duvida, esse o momento que mais receiava o condemnado; mas achou na sua vaidade forças para o supportar : « Deixai-me, disse elle a quem lhe queria tirar o vestido, eu quero pela ultima vez despi-lo eu mesmo... » E ajudou os executores em todos os pormenores do preparativo. A sua coragem não se desmentiu... A unica queixa que escapasse da sua boca foi esta : « Tudo isto é bem demorado!... »

Comtudo os violentos esforços que elle fazia para sustentar o seu papel começavão a exauri-lo, e um leve arripio agitava por momentos todo o seu corpo com uma tremura convulsiva; tornou a pedir o abbade Promis e sahiu da prisão. Aqui a fanfarronice tornou a prevalecer, e apenas Eliçabide tinha lançado os olhos para os numerosos espectadores do seu supplicio, que toda a sua segurança lhe tornou, e excepto

uma pallidez livida e continua e um movimento de cabeça, que elle fez ao avistar o cadafalso, nenhum outro signal deu de fraqueza... Elle olhava de todos os lados, communicava as suas reflexões ao seu confessor, emfim tinha toda a apparencia d'um homem que deseja ostentar..... estava alli em presença de trinta mil pessoas e não queria mostrar-se fraco. Como o seu confessor lhe fallasse dos soffrimentos de Christo, respondeu... *Christo era bom e amaldiçoavão-o; eu sou mau e não me amaldiçoão!*

« Com tudo, accrescentou elle alguns instantes depois, eu sou feito como todos os outros homens.» O abbade Promis buscou chama-lo a sentimentos religiosos, Eliçabide lhe respondeu com uma voz resignada: « Em alguns momentos eu não pensarei mais nada! »

O trajecto durou um quarto d'hora, tanto era compacta a multidão! Chegado ao pé do patibulo, Eliçabide perguntou de repente, designando com os olhos os assistentes: « Pois todas essas pessoas não são peiores do que eu? » Grave pergunta, que nós offerecêmos á meditação de todos os curiosos d'execuções. Eliçabide subiu só e com pé firme os degraus do patibulo; uma vez sobre a prancha fatal, pediu que quebrassem uma das suas prisões que o opprimia e menos de meio minuto depois já tinha a cabeça separada do tronco. Notou-se que nenhuma palavra de commiseração foi ouvida d'entre o povo, e podemos referir uma conversa assaz singéla que passou no lugar e que uma testemunha nos referiu.

« Eu tive tambem um amante, mas elle não me matou assim.

— « Por Deos, replicou um homem vestido de camisola (blouse), se todos os amantes fizessem como aquelle, vós não estariéis aqui em tamanho numero a mirar ! »

O cadaver d'Eliçabide foi lançado na valla dos supplicia-dos, e só a cabeça foi reservada para os estudos phrenolo-gicos.

---

## PROCESSO BENOIT

PARRICIDIO. — ASSASSINATO.

### *Jury do Sena.*

Nenhum outro processo criminal apresentou talvez um semelhante concurso de circumstancias extraordinarias. E' um jovem de desanove annos, que vem defender-se de uma accusação de parricidio, e d'assassinato na pessoa de seu amigo. E' um pai de familia, que vem como parte civil sustentar a accusação, elle que, havia pouco, tinha sido perseguido por occasião do crime imputado a Benoit e que só fôra absolvido por empate de votos.

Durante uma curta ausencia do Sñr. Nicolau Benoit, juiz de paz em Vouziers, a Sñra. Benoit, sua esposa, tinha ficado só em casa, com Frederico Benoit seu filho, de dezanove annos d'idade, e Luiza Feucher, sua sobrinha de dezoito annos, que lhe servia de criada. A Sñra. Benoit que tinha dinheiro escondido e se receiava dos ladrões, tomára a precaução, antes de se deitar, em 8 de Novembro de 1829, de fechar com mais cuidado que de costume as janellas, e jelo-sias do seu quarto a rez do chão e do lado da rua. A Sñra. Benoit tinha-se deitado pelas nove horas, assim como sua sobrinha e seu filho. Luiza Feucher dormia a uns quinze palmos de distancia do leito de sua tia e Frederico ficava no primeiro andar; o maior socego tinha reinado até um quarto depois de meia noute, quando de repente os visinhos ouvirão Frederico gritar da porta : *soccorro, nós acabámos de ser roubados!* Um d'esses visinhos o Sñr. Dosseraux cirurgião é um dos primeiros a chegar; Frederico o manda entrar e lhe diz : *Chammai minha mãe, nós estamos roubados!* O Sñr. Dosseraux entra no gabinete que Frederico lhe indica, onde dormia a Sñra. Benoit e a encontra degolada e banhada em sangue. Fato, baixella e um sacco de dinheiro se achão espalhados pelo quarto; a janella e jelo-sia estão abertas; mas o quebramento dos vidros é feito de dentro para fora.

Os visinhos corrêrão em tumulto; magistrados, officiaes de policia e medicos se transportárão ao lugar e fizerão o corpo de delicto.

A Sñra. Benoit estava morta desde uma hora, pouco mais ou menos, segundo as conjecturas dos peritos, ella parecia ter sido morta durante o somno; porque não apparecia desarranjo algum no leito em que estava deitada. A sua posição era a d'uma pessoa adormecida, e á primeira vista, o seu corpo não apresentava signal algum de lesão; mas levantando-se-lhe a cabeça, levemente inclinada sobre o peito, via-se uma enorme ferida, affectando as partes anteriores e lateraes do pescoço em um comprimento de sete polegadas com duas e meia de profundo. Esta ferida muito direita, parecia ter sido executada d'um só golpe, com um instrumento cortante muito afiado e empregado com grande firmeza, e a morte devia ter sido immediata, sem deixar á victima dar o menor signal; tendo sido o larynx completamente cortado, sem ter ficado communicação com a boca.

Por cima dos travesseiros do leito estava um gibão ensochado em sangue, ainda que parecesse que o sangue não tinha podido escorrer para esse lado. Conjectura-se que o matador se tinha servido desse gibão para cubrir a cabeça da Sñra. Benoit, depois do golpe mortal, e para suffocar os gritos que ella pudesse levantar.

O armario isolado no quarto tinha sido aberto; tinha-se arrombado com um instrumento aguçado, introduzido na fechadura, um cofre adaptado á parte inferior desse armario, e tinha-se delle roubado uma somma de seis mil francos em moeda d'ouro, fechada em um sacco, que o Sñr.

Benoit tinha depositado nesse cofre antes da sua partida. Outro sacco, que continha dois mil francos em moeda de prata, algumas peças de prataria, roupa branca, tinham sido tirados do mesmo cofre e do mesmo almario e atirados ao chão, onde ainda se achavão, quando as primeiras testemunhas entrárão na casa. A porta d'entrada da casa estava fechada á chave, sem o menor signal d'arrombamento e a chave estava por dentro na fechadura. O leito na alcova do quarto em que o roubo tinha tido lugar, parecia um pouco calcado.

Notou-se com surpresa o não se ter encontrado neste quarto signal algum de lama, nem de sangue, como aconteceria, se malfeitores, entrando de fóra, o tivessem atravessado para chegar ao gabinete da Sñra. Benoit e para se retirar. Não apparecia, alem disso, vestigio algum no peitoril interior e exterior da janella aberta. Emfim, nada annunciava que elles se tivessem servido de luz para commetter o roubo e assassinato.

Uma instrucção tem principio, e começa por se formarem suspeitas a respeito d'Augusto Benoit, filho mais moço da familia e que o seu mau proceder tinha feito excluir da casa paterna; mas a instrucção não produziu resultado algum e a prevenção deixou de seguir.

Comtudo, um Sñr. Labauve, toucinheiro, pai de familia, proprietario e eleitor em Vouziers, mas inimigo assaz declarado do Sñr. Benoit, é subitamente accusado por este e

por Frederico, do assassinato da Sñra. Benoit e do roubo commettido. Prende-se Labauve, forma-se-lhe processo, e depois de muitos mezes de prisão e do segredo o mais rigoroso, é elle apresentado ao jury, onde só foi absolvido por *empate de seis votos contra seis*.

Semelhante modo d'absolvição era insufficiente para dissipar as duvidas. Labauve pretende que um magistrado a quem sua mulher se dirigira, não hesitára em lhe responder: Vosso marido está absolvido, mas elle é culpado.

Escapo ao perigo de perder a cabeça, Labauve nem por isso recobrou a sua liberdade, mas foi obrigado a comparecer em policia correccional, por ter em uma carta com nome supposto ameaçado Labauve pai, de o assassinar.

A letra da carta era disfarçada, mas foi com tudo reconhecida como pertencente a Labauve, e motivou contra elle uma condemnação em primeira instancia e em grau d'appellação no *maximo* da pena, por ameaças de morte feitas sob condição, a cinco annos de prisão, e dez annos de vigilancia da policia superior.

Em presença dos factos que acima referimos, a necessidade de suppôr nos autores do duplo crime que acabava de ser commettido um conhecimento perfeito dos habitantes e costumes da casa, a extrema difficuldade, para não dizer impossibilidade, d'admittir que os malfeitores tivessem conseguido abrir de fora uma jelsia fechada interiormente e cujo gancho tinha sido seguro com um cordão; depois

fazer mover a aldrava pela estreita abertura feita n'um dos cantos da vidraça e na sua parte inferior ; sem que a fractura de vidro a abertura da janella, a entrada no aposento, a abertura do almario e o arrombamento do cofre, fossem ouvidos de Frederico, nem sobre tudo da Sñra. Benoit e de sua sobrinha, deitada tão perto della ; a falta absoluta de vestigios e de instrumentos do crime dentro e fora da casa ; emfim para ladrões estranhos a falta apparente d'interesse em commetter o assassinato , tudo parecia proprio a despertar as suspeitas dos magistrados sobre as duas pessoas que, tendo ficado sós com a Sñra. Benoit nessa noite fatal, davão uma conta tão insufficiente das circumstancias extraordinarias do crime e do seu proprio proceder antes e depois do acontecimento.

Apesar disso, Frederico e sua prima escaparão ambos ás suspeitas da autoridade, illudida pela atrocidade mesmo do attentado, de que procurava descobrir os autores. Os magistrados de Vouziers não conhecião Frederico senão de um modo vantajoso, isto é, que o conhecião mal, e essa prevenção augmentava a sua repugnancia de suppor que esse jovem, apenas de dezanove annos, se tivesse tornado criminoso d'um roubo executado com auxilio de parricidio. Elles igualmente se enganavão a respeito de Luiza Feucher e não lhes vinha ao pensamento que ella tivesse podido tomar parte em uma obra de tão profunda malvadez, ella, jovem de dezasete annos, acolhida na casa de sua tia e acumu-

lada dos seus beneficios ; mas a justiça se deixava ir a illusões e ella se transviou.

Um gancho de pau achado a tres pés pouco mais ou menos da janella aberta, e com que se julgou que teria sido possivel abrir a jealousy, confirmou a ideia de que os malfeitores tinham vindo de fora. A autoridade não fez portanto em casa de Benoit pesquisa alguma para procurar os vestigios do crime e os instrumentos que tinham servido para o commetter. Os culpados devem talvez a essa falta de precaução a sua longa impunidade e ausencia das cargas as mais esmagadoras e as mais directas, que se lhe terião podido oppor.

O Sñr. Benoit pai afasta da sua casa e de Vouziers mesmo Frederico, seu filho e Luiza Feucher, sua sobrinha. Um e outro se dirigem a Paris. Luiza ahi morre alguns mezes depois da sua chegada, Frederico ahi contrahiu a mais intima ligação com hum jovem chamado José Formage, de dezoito annos d'idade que elle arrancou á sua profissão e a quem confiou, segundo parece, o horrivel segredo do assassinato de sua mãe. Desde esse momento Formage quer separar-se de Benoit, mas Benoit o retém, já com caricias, já com ameaças. Finalmente em 24 de Julho ultimo Benoit propõe a Formage fazerem juntos uma hida a Versalhes; ahi com effeito chegão e vão parar em um hotel, onde pedem o mesmo quarto para ambos. No dia seguinte Benoit sahe só, sob pretexto de ir passeiar ao Trianon.

Durante o dia, não se vendo apparecer Formage, sobe-se ao seu quarto aonde se depara com elle degolado e banhado em sangue. O descripção da pessoa de Benoit é dada e elle não tarda a ser preso. Conta-se-lhe o assassinato do seu amigo, e sem se perturbar, sem a menor emoção, elle se contenta de responder : « que ha quinze dias que o não viu e que sua mãe foi assassinada pelo mesmo modo.»

No dia immediato ao da sua prisão transferirão-o a Versailles e conduzirão-o ao quarto em que tivéra lugar o assassinato e foi ahi examinado por tres facultativos. Achou-se que tinha nos pollegares das duas mãos tres feridas leves feitas com o mesmo instrumento cortante e bem afiado e na pelle da tibia esquerda uma pequena esfoladura. Estas diversas lesões figuravão remontar a outo dias. O accusado a quem se tinha feito despir, foi depois levado junto do canapé, onde se conjecturava que o assassino tinha ferido a sua victima durante o somno, fez-se lhe pôr o joelho direito sobre o coxim desse movel, em quanto que com o pé esquerdo pousava sobre o chão e a perna esquerda ficava por diante da travessa horizontal que forma a dianteira do mesmo canapé. Verificou-se que a esquina dessa barra ou travessa, correspondia exactamente com o lugar da esfoladura da perna esquerda.

Rascunhos de cartas, achados entre os papeis de Formage em Paris, produzirão alguns esclarecimentos sobre as causas do assassinato desse moço. Em um desses papeis, datado de

Paris em 2 de Julho de 1831, e dirigido a Frederico Benoit, então em casa de seu pai em Vouziers, Formage lhe pedia imperiosamente 150 francos de que tinha precisão. Elle o intimava para que lhe mandasse esse dinheiro antes de outo dias, ameaçando-o no mesmo, se o não recebesse, de partir ao nono para Vouziers e denunciar aos parentes, e aos conhecidos de Frederico *um segredo, um crime*, que este tanto interesse tinha que se conservassem occultos.

Esta carta, ou projecto de carta, de que o accusado finge nada entender, e de que affirma ter noticia pela primeira vez móstra que Formage tinha recebido por confidencia ou descoberto por acaso, um segredo, cuja revelação podia ser fatal a Frederico. Se esta carta fosse tirada a limpo e remettida ao seu destino, como tudo leva a faze-lo pensar, ella explicaria, não só a volta do accusado a Paris alguns dias depois e a sua entrevista, tão prolongada com Formage no jardim do Palais-Royal, como a viagem de Versalhes e o attentado commettido sobre o infeliz, cuja morte convinha ao accusado para sua segurança.

Em quanto a justiça procedia por este crime, Labauve, do fundo da sua prisão em Clairvaux, declarou por procurador, que dava denuncia de parricidio contra Frederico Benoit e se constituia parte civil nessa accusação, e indicou os factos tendentes a provar que Frederico era o autor do assassinato commettido no mez de Novembro de 1829 sobre a pessoa de sua mãe.

A 16 de Dezembro de 1831 o tribunal da relação de Paris avocou os dous processos, e a instrucção a que ella procedeu completou os elementos de convicção contra Frederico Benoit.

Pareceu então impossivel duvidar que elle fosse o assassino de sua mãe, como o tinha sido de seu amigo. A carta de Formage em data de 2 de Julho parecia denunciar o primeiro desses crimes e revelar os motivos do segundo. Um e outro forão executados pelos mesmos meios, com as mesmas precauções, com muitas circumstancias semelhantes.

As testemunhas de Vouziers, interrogadas de novo, depuzérão sobre particulares, não aventados na primeira instrucção, porque ella tinha sido feita sob a prevenção de que os malfeitores tinhão vindo de fora. Estas particularidades induzirião a pensar que o assassinato da Sñra. Benoit tinha sido obra de seu filho Frederico e de sua sobrinha Luiza Feucher.

Outras testemunhas interrogadas em Nancy, fizerão conhecer que Frederico, mandado por seu pai para essa cidade, a fim de trabalhar no escriptorio d'um tabellião, ahi fizéra despesas excessivas fóra de toda a proporção com os seus recursos, e que se lhe tinha visto desde essa época sommas consideraveis em ouro.

Emfim, não se tardou a saber que, mandado de Nancy a Paris, o accusado, em lugar de trabalhar em casa d'um tabellião, como seu pai o queria, tinha perdido o seu tempo

na ociosidade, frequentando as casas de jogo e corrompendo pelo luxo de suas liberalidades e de suas promessas jovens, com quem se entregava aos actos do mais infame deboche ; que tinha por muito tempo vivido nessas vergonhosas relações com o jovem Formage, fazendo-o passar por um criado que o acompanhava ; que Formage algum tempo antes da sua morte, tinha declarado em uma occasião em que punhão em dúvida a sua probidade, que dependia d'elle, se não fosse honrado de dispôr de seis mil francos, em ouro, pertencentes ao seu amigo Benoit e fechados em uma malla, de que elle lhe tinha confiado a chave. Não se terá esquecido, que a somma roubada em casa da Sñra. Benoit na noite em que foi assassinada era exactamente de seis mil francos em moeda d'ouro.

As buscas dadas no alojamento de Benoit em Paris, no dia da sua prisão, produzirão a descoberta d'um estojo de duas navalhas, que não continha mais que uma e d'uma somma de 2,400 francos em peças d'ouro, formando quatro cartuchos embrulhados em pedaços do *Constitutionnel*, de que seu pai era assignante em Vouziers e nos quaes se lia a data de 26 de Janeiro de 1828.

Frederico sustentou que esse ouro provinha das remessas que seu pai lhe tinha feito e dos seus ganhos ao jogo, mas verificou-se, que se elle tinha jogado, tambem tinha constantemente perdido, e que não tinha podido receber da sua familia sommas tão consideraveis, principalmente naquella moeda.

Elle recorreu então a dizer, que alguns dias depois do assassinato de sua mãe, tinha encontrado em um almario da casa uma somma de 3,800 francos em ouro, que ali tinham sido escondidos pela Sñra. Benoit, e de que elle tinha tirado 1,500, ás escondidas de seu pai. Mas a confissão dessa pretendida subtracção, evidentemente não era mais que um meio sugerido ao accusado pela precisão de desviar suspeitas de uma gravidade bem differente, que a posse desse ouro reflectia contra elle.

Em quanto de todas as partes convergião elementos de convicção a cargo de Frederico, tinha Luiza Feucher morrido em Paris, poucos dias depois da prisão de seu primo. Esta rapariga se tinha entregado á prostituição, e depois, encerrada na prisão das Madelonnettes, ali morreu em 30 de Julho de 1831. Antes de lá entrar, tinha ella dado muitas vezes signaes d'uma profunda tristeza e de um pungente remorso de que se não tinha podido penetrar a causa. O seu pesar pareceu crescer durante a molestia a que ella succumbiu. Sentindo o seu fim proximo e deixando escapar o segredo d'uma consciencia atormentada, ella declarou a algumas das mulheres que a tratavão *que ella tinha, de concerto com seu primo, assassinado sua tia por seis mil francos.*

Apenas de desanove annos de idade, Benoit, depois de ter morto sua mãe, havia comparecido como testemunha perante um jury capital; por occasião do processo intentado

Labauve, e accusou de sangue frio um homem innocente, do crime que elle mesmo tinha commettido. Dous annos depois tinha assassinado o seu amigo, o companheiro de seus deboches, o confidente do seu primeiro crime.

Elle se mostrou perante o jury do Sena, tranquillo e impassivel durante os debates, como o tinha estado ante o cadaver de sua mãe e o de seu amigo, ouviu e discutiu friamente os depoimentos, e apesar das terriveis cargas accumuladas sobre a sua cabeça, a sua intrepida segurança fazia quasi duvidar da sua criminalidade. Com tudo, essa segurança acabou por entibiar-se.

Já, depois d'alguns instantes, Benoit parecia agitado, e quando o advogado das partes civeis chegou a descrever a scena do parricidio, quando a sua voz eloquente memorou a luta d'uma mãe estrebuchando ensanguentada sob a mão d'um filho e lançando-lhe a sua maldição.... então Benoit estirou-se convulsivamente ; pela primeira vez chorou, sons inarticulados sahirão da sua boca... *Minha mãe... eu, eu... fui eu !..* Era uma confissão que o remorso deixava escapar, e foi só, por uma violenta volta sobre si mesmo, e como repentinamente despertado pela voz daquelles que o rodeiavão, que depois d'uma pausa accrescentou : *Ah ! sou eu... quem accusão !*

Tal foi ao menos a impressão que esta scena produziu sobre o auditorio.

Bem depressa com tudo, elle reasumiou a sua attitude im-

passivel, e quando ouviu a sentença : *Minhamãe*, exclamou elle, *José, meu amigo, descei do céu, para me justificar!*

Assim Castaing, depois da sua sentença bradava : *Augusto, Hippolyto, do alto do céu defendei-me!*

Frederico Benoit depois da sua condemnação estava socegado e tranquillo ; parecia mesmo affectar uma alegria que admirava a todos os habitantes de Bicêtre. Elle não esperava vantagem do seu recurso de revista, dizia elle, mas era impossivel que a sua petição de graça não fosse admittida. Todos os dias elle esperava ser conduzido a Paris, para assistir á ratificação das suas cartas de commutação : elle fallava da sua esperança, da sua certeza, e no momento em que hia saber que só lhe faltavão algumas horas de vida elle ria e cantava.

A essa noticia tão terrivel e tão inesperada, Benoit cahiu subitamente em um violento desespero, e nada mais fez ouvir que suspiros e gemidos que augmentarão, quando elle foi extrahido da sua enxovia para uma das sallas da secretaria de Bicêtre, a fim de o prepararem para o supplicio, agonia horrivel, a que por uma amarga derisão, chamão o *enfeito* do condemnado.

Durante esses longos preparativos, Benoit não fez senão soluçar. No momento sómente em que um dos ajudantes lhe cortava o cabello, *desabotoai-me a camisa*, disse elle vivamente. São as unicas palavras que pronunciou. Bem depressa as forças lhe faltarão, e (cousa inconcebivel !) não

Labauve, e accusou de sangue frio um homem innocente, do crime que elle mesmo tinha commettido. Dous annos depois tinha assassinado o seu amigo, o companheiro de seus deboches, o confidente do seu primeiro crime.

Elle se mostrou perante o jury do Sena, tranquillo e impassivel durante os debates, como o tinha estado ante o cadaver de sua mãe e o de seu amigo, ouviu e discutiu friamente os depoimentos, e apesar das terriveis cargas accumuladas sobre a sua cabeça, a sua intrepida segurança fazia quasi duvidar da sua criminalidade. Com tudo, essa segurança acabou por entibiar-se.

Já, depois d'alguns instantes, Benoit parecia agitado, e quando o advogado das partes civeis chegou a descrever a scena do parricidio, quando a sua voz eloquente memorou a luta d'uma mãe estrebuchando ensanguentada sob a mão d'um filho e lançando-lhe a sua maldição.... então Benoit estirou-se convulsivamente; pela primeira vez chorou, sons inarticulados sahirão da sua boca... *Minha mãe...* eu, eu... fui eu !.. Era uma confissão que o remorso deixava escapar, e foi só, por uma violenta volta sobre si mesmo, e como repentinamente despertado pela voz daquelles que o rodeiavão, que depois d'uma pausa accrescentou : *Ah ! sou eu... quem accusão !*

Tal foi ao menos a impressão que esta scena produziu sobre o auditorio.

Bem depressa com tudo, elle reasumiou a sua attitudo im-

passivel, e quando ouviu a sentença : *Minhamãe*, exclamou elle, *José, meu amigo, descei do céu, para me justificar!*

Assim Castaing, depois da sua sentença bradava : *Augusto, Hippolyto, do alto do céu defendei-me!*

Frederico Benoit depois da sua condemnação estava socegado e tranquillo; parecia mesmo affectar uma alegria que admirava a todos os habitantes de Bicêtre. Elle não esperava vantagem do seu recurso de revista, dizia elle, mas era impossivel que a sua petição de graça não fosse admittida. Todos os dias elle esperava ser conduzido a Paris, para assistir á ratificação das suas cartas de commutação : elle fallava da sua esperança, da sua certeza, e no momento em que hia saber que só lhe faltavão algumas horas de vida elle ria e cantava.

A essa noticia tão terrivel e tão inesperada, Benoit cahiu subitamente em um violento desespero, e nada mais fez ouvir que suspiros e gemidos que augmentarão, quando elle foi extrahido da sua enxovia para uma das sallas da secretaria de Bicêtre, a fim de o prepararem para o supplicio, agonia horrivel, a que por uma amarga derisão, chamão *o enfeito* do condemnado.

Durante esses longos preparativos, Benoit não fez senão soluçar. No momento sómente em que um dos ajudantes lhe cortava o cabello, *desabotoai-me a camisa*, disse elle vivamente. São as unicas palavras que pronunciou. Bem depressa as forças lhe faltarão, e (cousa inconcebivel!) não

pareceu mais accessivel que a uma unica sensação : era a do frio que sentia nos pés. (Segundo os termos da sentença de condemnação, os pés lhe tinham sido descalçados e póstos nús.)

As sete horas, Benoit, sustido pelos executores, sahi do postigo e foi levado ao carro. Nesse momento os seus gritos redobráão, e obstinando-se contra os esforços dos ajudantes : *Ah! meu Deos! é o Senhor Persil quem foi a causa.*

O transito foi rápidamente feito. Chegado ao pé do cada-falso, que rodeiavão apenas uns duzentos curiosos : *Minha mãe*, disse elle, *Ah! eu estou innocente... Meu Deos tende piedade de mim!*

Em quanto se fazia a leitura da sentença de condemnação, Benoit estava sobre o patibulo, sustido pelos executores. Era cousa horrivel de ver-se esse espectaculo. Envolvido em um grande lençol branco, com a cara cuberta de fumo preto, o parricida escapava ás vistas da multidão silenciosa, e debaixo desses vestidos mysteriosos e lugubres, a vida não se manifestava mais que por uivos, que não tardárão a expirar debaixo do cutelo.

Assim terminou esse drama sanguinolento; assim morreu um jovem que entrava apenas nos seus vinte e dous annos, e a quem a sua condição e educação devião marcar um lugar honorifico e brilhante.

E por esse crime que Benoit expiou, um innocente, Labauve, foi perseguido e julgado... Um voto mais, elle era

condemnado; o cadafalso estava para elle levantado, e talvez esse erro da justiça humana tivesse assegurado a impunidade ao parricida !

---

## FURTO DAS MEDALHAS

*Preciosissimas*

DA BIBLIOTHECA REAL EM PARIS.

Na noite de 5 a 6 de Novembro de 1831, forão furtadas do gabinete das medalhas e antiguidades da bibliotheca do Rei, vasos e medalhas d'um valor intrinseco de 230,000 francos (80 contos de reis), mas d'um valor scientifico bem superior. A instrucção não pôde descobrir, se os ladrões se tinham introduzido por meio d'escalada, ou se tinham ficado escondidos na vespera do furto. Comtudo veio a conseguir-se a certeza de que tinha sido com arrombamento que o caso acontecera. Uma corda presa á janella do conservador, que dá para a rua de Richelieu parecia ter facilitado os ladrões os meios de descer e levar os productos do seu crime.

A 7 de Novembro, agentes da policia prenderão no caminho publico Fossard, condemnado a trabalhos por toda a vida e fugido das galés de Brest, e Drouillet galé agraciado.

Encontrou-se em Fossard uma somma de oito mil francos em bilhetes do banco, alguns centos de francos em ouro e um punhal. Chegou-se a saber a proveniencia desses objectos. Esses dous forçados não quizerão declarar nem o seu domicilio, nem o emprego que fazião do seu tempo; e a pesar das graves suspeitas que se elevavão contra elles, de serem os autores do roubo das medalhas, as provas parecião insufficientes e proferiu-se um despacho, declarando não serem elles obrigados a livramento. Drouillet, posto em liberdade, teve a permissão de ficar em Paris e foi morar em casa do chamado Drouhin, seu amigo que elle tinha conhecido na Force (prisão) onde se achava sob a prevenção de furto domestico. Fossard foi depositado em Bicêtre para esperar a corrente e ser reconduzido ás galés de Brest.

Fossard, Drouillet e os esposos Drouhin tomárão conhecimento com a viscondessa de Nays; esta accusada era conhecida nas prisões por serviços pagos em favor dos condemnados, para os quaes ella tem por occupação solicitar graças e commutações de pena. Ella foi posta em relação com Fossard por um chamado Gaucher, condemnado á pena ultima, e para quem ella tinha obtido commutação. Desde esse tempo, a viscondessa de Nays se entregou a todas as sortes d'intrigas para obter tambem a commutação da pena de Fossard e a restituição dos oito mil francos, que se lhe tinhão encontrado e se achavão em deposito n'um cofre publico; ella motivou o interesse que tomava por

Fossard, dizendo que era irmão do seu relojoeiro; mas o verdadeiro motivo parece tinha sido a promessa d'uma parte dos oito mil francos, se acertasse. Ao ouvi-la, os seus passos erão desinteressados, mas segundo o que declarou Drouillet, ella muitas vezes recebera delle dinheiro, e quando Fossard tomou a corrente para voltar a Brest, a viscondessa de Nays partiu para essa cidade com a mulher de Drouhin que lhe servia de criada, e recebeu de Drouillet para fazer essa viagem uma somma de mil e quinhentos francos. Ver-se-ha depois d'onde vinha a Drouillet este dinheiro.

Nada indicava que a viscondessa de Nays tivesse sido complice no roubo das medalhas. As suas relações com os accusados não começarão senão depois da consumação do crime e nada prova que ella tivesse sabido que Fossard o forçado e Drouillet fossem delle os autores. O aceite de varias sommas de dinheiro da sua parte, e principalmente dos mil e quinhentos francos que ella recebeu de Drouillet, se explica pelo seu ignobil officio de vendedora de protecção.

As manobras de todos estes individuos, tendo-se tornado suspeitas, começou-se a dar buscas a 26 de Julho e nos dias seguintes em casa de Drouillet e na da dama de Nays. Encontrou-se em casa de Drouhin alguns materiaes d'ouro e tres cartas com sobrescripto para Fossard, relojoeiro em Paris, nas costas das quaes estão contas que posteriormente forão explicadas. Encontrou-se em casa de Drouillet

dezasete barras d'ouro e utensis propios para a fundição dos metaes, e em casa da dama de Nays uma correspondencia que estabelece as suas relações com Fossard, Drouillet e Drouhin. Este Fossard, relojoeiro, é o irmão de Fossard o forçado, e tem um filho ourives. Buscas dadas em casas destes produzirão descobertas importantes e as declarações feitas por Fossard pai, fizerão conhecer que as suspeitas concebidas contra Fossard o forçado e Drouillet erão fundadas.

Elle declarou que a 6 de Novembro á tarde, elles tinham trazido á sua casa em dous caminhos os vasos e medalhas roubados na bibliotheca do Rei, e que se tinham gavado de serem os autores do roubo, e accrescentou que no dia immediato á prisão de seu irmão e de Drouillet, quizera livrar-se do deposito que delles tinha recebido e que nesse intuito tinha hido com seu filho deitar ao Sena sob a ponte de Tornelle uma parte dos vasos e medalhas; mas que tendo sido encontrados por patrulhas, não se atreverão a continuar e fundirão o que ficára em casa d'elle. Apresentou então sessenta barras que tinha escondido na adega e que provinhão dessa fundição. As buscas feitas nos lugares indicados por Fossard, tinham feito encontrar nos lugares designados a maior parte dos vasos e medalhas que ali tinham sido lançados. Fossard accrescentou ainda, ter sido elle quem deu a Drouillet as dezasete barras achadas em sua casa, e que constantemente, lhe fornecêra dinheiro, quer fosse para elle

ou para seu irmão o forçado, vendendo as barras em correspondencia com o importe dos supprimentos. Apanharão-se em casa de Fossard filho diferentes registros e papeis e resulta d'uma conta aberta em um desses registros, intitulado : conta D., que Drouillet recebeu assim uma somma de quatro mil setecentos e dez francos, mas igualmente resulta, tanto desse registro, como d'uma carteira, e d'outros papeis, escriptos, por Fossard filho, que, depois da fundição das medalhas e vasos tinha havido um projecto de repartição entre os tres Fossard e Drouillet, por quarto, da totalidade do ouro que tinha ficado em poder de Fossard relojoeiro; que as dezasete barras encontradas em poder de Drouillet erão o quarto que formára o seu quinhão e que os algarismos escriptos no dorso dos sobrescriptos achados no domicilio de Drohin e entregues por Fossard a Drouillet, indicavão a quantidade d'ouro que tinha sido repartida e aquella a que Drouillet tinha direito.

Fossard o forçado e Drouillet oppuzerão negativas constantes ás cargas esmagadoras que recahião sobre elles.

Fossard o relojoeiro e seu filho buscarão explicar o seu proceder pelo receio que tinhão, dando a conhecer os autores do roubo, de entregar á justiça o seu irmão e tio. Quanto a Drohin, protestou uma ignorancia completa e affirmou que os pedaços d'ouro encontrado em casa d'elle tinhão sido ali levados por Drouillet, que lhe tinha dito que erão cobre, assim como a barra de que era possuidor

mas as suas relações anteriores com Drouillet, o asilo que lhe offereceu á sua subida da prisão, a sua intimidade, a descoberta dos sobrescritos de Fossard e d'uma parte do ouro proveniente do roubo, tornão as suas explicações inverosímeis e dão sufficientemente a conhecer que elle não podia ignorar a procedencia desse ouro.

Em consequencia, João-Pedro-Etienne Fossard e José Drouillet, já condemnados ambos a uma pena afflictiva e infamante, accusados de ter subtraído fraudulentamente, em companhia, durante a noute, com emprego d'arrombamento, do gabinete do Rei, medalhas d'ouro e prata e outros objectos pertencentes ao Estado; Pedro-Antonio-Jacques Fossard, Claude-Hippolyte Fossard, e Carlos-Maria Drouin, de terem scientemente receptado o todo ou parte dos objectos adquiridos por meio da dicta subtracção fraudulenta, comparecêrão perante o jury capital do Sena a 14 de Janeiro de 1832. Fossard (Etienne), de 52 annos d'idade, declara ser marceneiro, e ter passado metade da sua vida nas galés. O seu olhar é vivo e penetrante; a sua physionomia inteiramente notavel: tem o nariz aquilino, os olhos pequenos vivos e moveis, os beiços delgados e pallidos: elle sorri com desdem durante os debates e parece possuido do mais profundo desprezo por tudo o que o rodeia. A configuração da sua cabeça teria sido escolhida pelo celebre D<sup>tor</sup> Gall, como typo do instincto d'appropriação; a sua testa é pontuda e desguarnecida de

cabello, as fontes deprimidas e os dous lados posteriores da cabeça muito largos, de maneira que a fôrma dessa cabeça faz lembrar a da raposa e dá ao seu aspecto uma expressão d'astucia e de manha verdadeiramente notavel, parece dotado d'uma grande intelligencia. Diz-se que elle gosa nas prisões da *consideração a mais distincta* entre os ladrões.

Fossard, seu irmão, joalheiro tem sessenta e dous annos; os seus cabellos são raros e brancos, e elle exprime-se com muita volubidade e diffusão. Quanto a Fossard, seu filho, de trinta annos, elle é relojoeiro, tem uma fisionomia branda e exprime-se com facilidade e conveniencia. Drouillet tem trinta e oito annos e é gravador. Drouhin tem trinta e oito annos e é serralheiro.

O presidente lê os interrogatorios precedentemente feitos ao accusado Fossard (pai.)

*O accusado*, vivamente : Uma multidão de cousas são horrores nestes interrogatorios... Eu sou um dos homens os mais respeitaveis da sociedade, eu tenho derramado o meu sangue pelo paiz, e não procedi neste negocio, senão no interesse d'elle.

Etienne Fossard é introduzido com Drouillet; o presidente os põe ao facto de tudo o que se passou na sua ausencia. Fossard escuta tranquillamente e depois diz : « Omitto todos os pormenores; isso nada quer dizer : levei as medalhas para casa de meu irmão com um amigo mais feliz

que eu, porque escapou. Ellas vinhão da Bibliotheca : não dependeu de meu irmão o recusa-las ; eu não o tinha visto havia alguns mezes, foi portanto independemente da sua vontade que elle recebeu estas medalhas.

*O presidente* : Como commettestes vós esse roubo ?

— R. Nada direi.

— P. Vós tinheis um complice ?

— R. Sim, elle está em Inglaterra. Quanto a meu irmão, elle é culpado ; as medalhas não lhe pertencião, elle não devia dispor dellas, foi uma falta, devia esperar pela minha volta. Se elle tivesse sabido as offertas que a policia me fez, elle teria negado tudo e nem elle, nem seu filho se acharião compromettidos (\*).

Quando meu irmão falla de quarto ou de repartição, elle se engana ; elle nada teve, nem podia ter, porque eu tinha posto em deposito essas medalhas em poder de meu irmão, ellas erão minhas ; se elle se tivesse apropriado de qualquer parte dellas, teria sido uma velhacaria. De resto, fizeram mal de me prender ; porque, se tivessem procedido bem comigo, tudo teria sido restituído ao governo e perfeitamente intacto.

Drouillet, igualmente interrogado, nega o roubo das medalhas ; elle convem em ter recebido de Fossard pai

---

(\*) Parece que por differentes vezes se offereceu a Etienne Fossard o seu perdão, 150,000 francos, e um passaparte para fora do paiz, e o perdão de seus complices, para dizer onde estavam as medalhas.

barras e dinheiro, mas ignorava d'onde tudo isso provinha e devia entregar tudo á Senhora, viscondessa de Nays, a fim d'obter a commutação de Fossard. » Eu fallei, disse elle, com M<sup>me</sup> de Nays, que me affirmou que uma commutação a doze annos estava obtida : a sua intenção era tambem de me fazer obter um lugar no ministerio da guerra.

*O presidente* : Fossard filho, dai-nos conta do que sabeis depois do roubo.

Fossard filho declara que ajudou seu pai a deitar as medalhas no rio; seu pai e seu tio estavam compromettidos : elle não tinha mais a hesitar ; era preciso a todo o custo desembaraçar seu pai dos objectos provenientes do roubo. Elle não estava em casa, quando levárão as medalhas e foi dous dias depois que, hindo visitar seu pai, deu vista d'ellas.

O Presidente manda mostrar a Fossard filho as notas por elle feitas ; uma dellas é a divisão em quatro partes do peso das medalhas, a outra a conta do que tinha sido pago a Drouillet. Fossard declara que tomou essas notas a pedido de seu pai, mas que não fez isso mais que por ajudar ao dicto seu pai, que não podia escrever, e que não tinha quinhão algum nesse negocio. Meu pai, disse o accusado, tinha offerecido a Drouillet tomar tudo, para de tudo se desembaraçar. Drouillet não aceitou ; ao principio queria uma parte indeterminada, que depois se fixou em um quarto.

Meu pai declarou-m'o, e deu-me um algarismo, o peso total de sessenta e algumas barras, e me disse que procurasse quanto era o quarto. Retirei-me e no dia immediato disse a meu pai, que o quarto era de.., mas nenhuma ideia tive de receber quinhão algum.

*O Presidente* a Etienne Fossard. — Donde vos provi-nhão os 8,200 francos que se vos acharão quando fostes preso ?

— R. Elles me pertencião.

— P. Qual era a sua origem ?

— R. Eu estive dezoito annos nas galés da ultima vez e eu trabalhava sempre; independente disso, uma dama que eu tinha conhecido me mandava dinheiro e muito dinheiro.

*O Presidente* : Drouhin, achou-se-vos pedaços d'ouro.

— R. Sim, isso provem de Drouillet ; na vespera elle me tinha entregue sete pedaços que me tinha pedido que amassasse, e eu os amassei no patio, cuidando que erão de cobre.

*Drouillet* : Era para fazer dois sinetes com as armas de Madame Nays e de seu marido. Eu queria occasionar uma agradavel surpresa á Sñra. viscondessa, quando voltasse de Brest; e tinha escolhido ouro, como sendo mais digno della.

Inquirem-se muitas testemunhas citadas a requerimento de Fossard filho e que depoem da maneira a mais satisfactoria sobre o proceder delle.

M<sup>me</sup> de Nays é interrogada : acha-se vestida com elegancia, falla com facilidade, a sua voz é suave e as suas feições bastante regulares.

M<sup>me</sup> de Nays : Quanto ao roubo, nenhuma especie de narrativa ouvi a esse respeito. No fim de Abril recebi de Bicêtre uma carta d'um homem, a quem tinha salvado a vida e que me pedia solicitasse a commutação da pena de Fossard, era, dizia-se, um homem, que, por uma falta commettida ha vinte e um annos, tinha soffrido uma pena de vinte e tres annos, eu pensei que essa falta estava sufficientemente expiada. Fui ao ministerio da Justiça e soube que uma commutação de pena lhe tinha sido concedida.

— P. Como conheceis vós o irmão de Fossard ?

— R. Por Gaucher, a quem eu salvei a vida.

— P. Tendes vós tido conhecimento de Drouillet ?

— R. Sim.

— P. Fizestes vós uma viagem a Brest ?

— R. Sim Sñr ; quando soube que Fossard não seria perdoado, isso me causou pena.

— P. Entregárão-vos dinheiro ?

— R. Sim, Sñr. 4,500 francos ; foi a mulher de Drouhin que m'os entregou. Elles erão tirados de outo mil que possuia Fossard.

O advogado geral sustenta energicamente a accusação contra todos os accusados. Mestre Boniface-Delcro, advogado d'Etienne Fossard, explica como a ideia de que um certo

numero d'individuos teria sido necessario para se verificar o roubo d'objectos com o peso ao menos de cento e setenta libras, teria sido destruida por um relatorio do inspector das bibliothecas, affirmando que um unico homem escondido nas sallas e ajudado por um complice, de sentinella na rua, seria bastante para a perpetração desse roubo.

Elle dahi conclue que as declarações d'Etienne Fossard devem ser verdadeiras.

Escapo das investigações minuciosas da justiça, foi pela fundição das medalhas, operada por seu irmão, e pelas confissões deste que elle ficou sem defeza.

O defensor explica esta declaração d'Etienne Fossard : « *Se eu não tivesse sido preso, as medalhas terião sido entregues intactas ao governo.* » Etienne Fossard, diz elle, foi condemnado duas vezes por crime de roubo ; a primeira vez, em 1808, a doze annos de calceta, injustamente a dar-se-lhe credito e pela denuncia d'um complice vendido á policia ; a segunda, em 1811, a trabalhos por toda a vida, *vista a reincidencia*. A 8 de Fevereiro de 1831, depois de ter perdido a esperanza d'uma commutação, que os chefes da prisão lhe tinhão dado esperanza de solicitar, e da recusa formal da sua familia de o auxiliar com os seus pedidos á autoridade, elle se evadiu de novo das galés de Brest e procurou sahir de França por meio d'um passaporte que tinha vindo buscar a Paris. Mas no momento de embarcar para Argel, reconheceu-o um antigo forçado ao serviço da

BIBLIOTECA MUNICIPAL.

«ORIGENES LESSA»

Tombo Nº \_\_\_\_\_

MUSEU LITERARIO

policia, e fugiu para Lyon, onde residiu por alguns mezes. Foi lá que elle concebeu o projecto do roubo das medalhas, a fim, diz elle, de obrigar o governo a conceder-lhe o seu perdão, restituindo-lhas mais tarde debaixo dessa condição. Mas foi preso dous dias depois do roubo e conservado no segredo por vinte e sete dias. Seu irmão a cuja casa elle tinha levado todos os objectos roubados, não teve com elle comunicação alguma ; de maneira que Etienne Fossard, que temia d'uma parte comprometter esse irmão, declarando que as medalhas estavam em casa delle, e, da outra, que ellas tivessem sido removidas para outra parte de que elle não tivesse conhecimento, viu-se impossibilitado de aceitar as offeras que lhe fez a policia, da sua liberdade e d'uma somma de dinheiro, se a puzesse na pista dos objectos roubados. »

Mestre Boniface-Delcro descreve ainda alguns factos da vida d'Etienne Fossard, que annunciação nesse accusado uma grande energia, junta a uma grande sensibilidade : Eis o homem, diz elle ao terminar. O vosso conhecimento do coração humano vos dirá mais alta e poderosamente de que eu o poderia fazer : *Este homem não é um scelerado*. Possa portanto a autoridade ter alguma compaixão do resto d'uma vida tão desgraçadamente esperdiçada. Possa ella poupar-lhe rigores inuteis e sobre tudo o terrivel supplicio da dupla corrente infligido pelo regulamento das galés ao forçado *culpado* de fuga e que no estado de saude a que o reduzirão

tantos e tão rudes abalos seria a pena de morte, só com outro nome. »

Durante a maior parte desta allegação, Etienne Fossard parece vivamente commovido e derrama por varias vezes copiosas lagrimas.

Ouvem-se os advogados de Fossard pai, Fossard filho, Drouillet e Drouhin :

Depois de uma hora de deliberação, entrão os jurados na sala das sessões. Fossard filho e Drouhin, declarados sem culpa, são absolvidos.

Etienne Fossard, Fossard pai e Drouillet, são julgados criminosos de roubo, com todas as circumstancias attenuantes para Fossard pai.

Etienne Fossard agita-se, os seus olhos estão fixos sobre o chefe dos jurados, a sua fisionomia está contrahida, ameaçadora, depois olha para seu irmão e algumas lagrimas lhe sahem dos olhos; em fim, dirigindo-se aos jurados com indignação: *mais vale a morte que as galés!* exclama-elle.

O tribunal retira-se para deliberar.

*Fossard*, aos jurados: Vós não sabeis o que são as galés eu o vejo bem... eu não faço caso da pena de morte, mas condemnar meu irmão... é uma infamia, sim, é uma infamia... um homem de sessenta e dous annos... se eu tivesse... se eu tivesse pôsto fogo á Bibliotheca... eu teria tudo sepultado, tudo estaria acabado... Buscárão acalmar a irritação de Fossard.

*Fossard*, com desprezo : Eu não temo nem a vós nem a lei.

Algumas pessoas do foro querem ainda impôr-lhe silencio.

*Fossard*, com autoridade : Ninguem pode fazer-me calar. Não se responde senão pelas más acções. O roubo foi commettido com todas as precauções imaginaveis, eu podia queimar tudo, tinha todas as chaves, os empregados podião ficar compromettidos, tive vontade de quebrar guarnições e não o fiz, apesar de ter o coração ulcerado. Os Francezes são barbaros !... tigres ! como Napoleão foi um homem de sangue. Vós sabeis do seu infame decreto de Berlim. Eu fui condemnado a trabalhos forçados por toda a vida, sem provas, sem convicção... eu não tinha feito mal a ninguem, sim os Francezes são tigres... meu irmão, meu pobre irmão !

*Fossard*, pegando com furor no seu barrete, o agita. O advogado geral quer interrompe-lo, mas é em vão. *Fossard* olha para os jurados e diz-lhes com um accento de colera : « Vós sois monstros ! julgais que eu commetti este roubo inteiramente só ? Não, ajudarão-me ; mas eu não quero denunciar a ninguem ; é um segredo que hade morrer comigo.

Uma viva agitação succede a estas palavras.

O tribunal volta e condemna Etienne *Fossard* a trabalhos forçados por toda a vida. *Drouillet* á mesma pena por vinte annos, e *Fossard* pai a dez annos de reclusão (prisão simples).

Etienne *Fossard* ouvindo pronunciar a sentença que con-

demna seu irmão, exclama jurando : *Eisahi o que é a justiça !*

*Fossard pai* : Não é condemnar-me... Eu vou morrer...  
Porque me não fusilão?

---

## HONORINA PELLOIS.

HORRIVEL MONOMANIA DE MATAR.

*Jury d'Alençon 1834.*

Honorina Pellois teve a atrocidade horrorosa de afogar em um poço duas meninas filhas de seus visinhos, uma de dous annos e seis dias, outra de dous annos e meio, e de tentar afogar n'uma fonte outra de onze annos. Foi no intervallo de quatro dias, que ella commetteu todos estes maleficios ; o motivo que deu para o fazer é inaudito, e, cousa incrível, este ente cruel e destruidor era elle mesmo uma criança de dez annos e meio ! Nunca semelhante accusação se viu enregistrar nos fastos judiciaes ; é uma anomalia na marcha do crime, esta malvadez que precede assim a idade das paixões, e ha nisso alguma cousa de monstruoso que deve transtornar todas as ideias do moralista. A phrenologia não deixava de tirar desta perversidade temporãa um novo

argumento em favor das suas doutrinas; e a fallar a verdade, quando se observa a attitude d'Honorina Pellois perante os seus juizes, quando foi vista com os olhos enxutos e todo o seu sorriso, no meio das mais dilacerantes emoções dos debates, quando sobretudo foi ouvida contar com uma horrivel singeleza e com toda a candidez os seus crimes, é difficil deixar de acreditar que desgraçadamente se encontra na especie humana seres indefiniveis, que parecem por instincto comprazer-se no mal e que são predestinados a tornar-se o terror dos outros homens.

Honorina Pellois nasceu em Saint-Cyr-la-Ruière, de pais pobres e de má fama, que a criaram sem cuidado. Argue-se o pai de a tratar com demasiado rigor e a mãe de tolerar-lhe os maus habitos. Desde a sua mais extrema infancia Honorina annunciara disposições para a crueldade, ella não cessara de espancar e atormentar as outras crianças... O seu prazer era lançar-lhes poeira nos olhos, esfrega-las com ortigas. A sua maldade virava-se tambem contra os animaes, e muitas vezes foi vista fazendo estrangular por um cão, já um carneiro, já aves que ella encontrava nos campos.

Depois, quando a apanhavam no facto, e lhe reprehendiam o seu mau proceder, ella escutava em silencio, mas *os seus olhos*, segundo a expressão d'uma testemunha *tornavam-se flamejantes*, e *ella se punha a ranger os dentes, como um macaco*. De resto, em lugar de ter o espirito acanhado, mostrava muita intelligencia.

Havia pouco mais ou menos seis mezes que o casal Pellois tinha deixado Saint-Cyr e que tinha vindo estabelecer-se na cidade de Bellème (Orne), onde se occupava no officio de tamanqueiro, quando a 46 de Julho de 1834, pelas onze horas, a pequena Amelia Alexandre, de dous annos e dez dias, filha d'um tamanqueiro de Bellème foi achada afogada em um poço que se achava na rua, e não longe da casa que habitava seu pai e sua mãe. Julgou-se que cahira nelle accidentalmente. Dous dias depois a 18 de Junho a jovem Virginie Hersant, de dous annos e meio foi da mesma sorte encontrada afogada no mesmo poço, que não distava mais que trinta metros da casa de seus pais. Buscava-se ainda persuadir que um simples accidente havia occasionado esta nova desgraça, mas um exame mais attento da altura das bordas do poço, a idade das duas meninas, e a fraca compleição d'uma dellas, derão immediatamente certeza de que não tinhão podido cair de si mesmas no poço e que era necessario que uma mão criminosa as tivesse precipitado.

Varias circumstancias vierão assignalar Honorina Pellois como o autor deste duplo attentado.

Lembrou-se alguém, com effeito, que a 18, dia da morte de Virginie Hersant, essa criança brincava em casa com seu irmão, que Honorina entrou, lhe pegou pela mão, dizendo que hia dar-lhe cerejas e que a conduziu para o lado do poço, soube-se alem disso, que poucos instantes depois, a dama Bothereau tinha visto ao passar Honorina junto ao poço, tendo

d'uma mão sua pequena irmã e pela outra Virginie Hersant, a quem assustada com a lembrança da morte d'Amelie Alexandre, essa mulher lhe tinha dicto que retirasse as crianças ; mas que Honorina lhe tinha respondido de muito mau humor: *Passai o vosso caminho, vós não tendes nada com isto...* e que foi meia hora depois que o cadaver de Virginie Hersant tinha sido descoberto no poço.

Todas estas combinações inspiravão aos visinhos violentas suspeitas contra Honorina. Para obter della uma confissão, duas meninas fingirão ter visto tudo e empenharão a dizer a verdade.

Honorina lhes declarou que tinha posto Virginie na bórda do poço para pegar nella ás costas, mas que ao voltar-se, a criança lhe tinha escapado, e assim cahira dentro d'elle, e depois perguntou-lhes, se não havia *perigo para ella*, accrescentando : *sobre tudo, não me vendais.*

Honorina Pellois foi presa. Depois de se ter por muito tempo e habilmente defendido nos seus interrogatorios, ella renovou essa declaração perante o juiz do processo ; emfim, chegou até a convir que Amelie Alexandre lhe tinha igualmente escapulido, quando a tinha no braço e que cahira para traz, dentro do poço.

Mas depois, na prisão de Mortagne não tardou em fazer confissões positivas, e declarou a varios presos : « Que enfastiada d'ouvir dizer que essas meninas erão mais bonitas

que ella, as tinha tomado por baixo dos braços e das pernas e as tinha atirado ao poço. »

A instrucção fez depois conhecer que no dia 20 de Junho, dous dias depois do seu segundo crime, Honorina Pellois se tinha esforçado por fazer cahir a pequena Gauchard, d'onze annos d'idade, em um tanque, pouco mais ou menos de tres pés de fundo, mas a criminalidade deste facto não pareceu bastante demonstrada, para motivar um terceiro artigo d'accusação.

Tratou-se immediatamente de proceder a um exame de demencia para verificar o estado mental d'Honorina. O resultado do exame foi que essa menina mostrava por suas respostas e conformação de craneo possuir intelligencia, mas que tinha segundo o systema de Gall, os órgãos da astucia e crueldade. Que, de mais, certas partes do seu corpo, offerecião alguma cousa d'imperfeito e d'extraordinario e indicavão habitos vergonhosos.

Honorina portanto foi levada perante o jury sob o peso de dous assassinatos. A multidão atopetava a salla das sessões para contemplar esse pequeno monstro, e cada um pensava ter de descobrir-lhe no rosto algum signal caracteristico da sua grande malvadez. Mas eis que tudo fica inteiramente sorprendido de ver entrar, sob a escolta dos gendarmes, uma menina pequena de fisionomia assaz doce, com o sorriso nos labios ! Honorina senta-se no banco dos accusados. Ella é

baixa, mas forte de compleição, as suas feições, sem serem bellas, nem por isso deixão de ser regulares; a sua pelle está cuberta de sardas e os seus olhos, pretos e muito movediços, brilhão com uma vivacidade extraordinaria. O apparatus da audiencia parece ao principio assusta-la, porque apenas se senta que grandes lagrimas lhe escorrem pelas faces, mas os seus choros não tardão em parar, vê-se reaparecer o seu sorriso e os seus olhares se dirigem com uma curiosidade extrema sobre tudo o que a rodeia: o sabre e o uniforme dos gendarmes, que estão sentados ao seu lado, atrahem mais que tudo a sua attenção.

Faz-se a leitura do auto d'accusação! Essa leitura faz arripiar e imprime n'alma a mais dolorosa sensação pelo contraste dos crimes que assignala, com o descuido da criança que os commetteu, e cujo espirito não parece preocupado perante os seus juizes, mais que do espectaculo desacostumado que se offerece á sua vista; porque, quanto á accusação, a criança lhe não presta attenção e sorri mesmo ao ouvi-la.

Honorina é interrogada, ella se levanta e olha fixamente para os gendarmes sem responder. O presidente repete as perguntas; ella rompe então o silencio e confessa com uma espantosa ingenuidade, sem dar o menor signal d'arrependimento, que por ciúme tinha afogado no poço as duas pequenas.

Procede-se á audição das testemunhas. Nada de mais

pungente que a declaração das duas mulheres, Hersant e Alexandre. Não ha coração que resista aos queixumes dessas duas mães inconsolaveis. Honorina só resiste á emoção geral e ninguem poderia descrever todo o effeito dramatico desse quadro, no momento em que se acaba de notar na expressão animada e alegre do seu olhar penetrante, que ella se compraz no meio desse drama terrivel de que é a causa.

Os debates não tardão em revelar uma circumstancia atroz que caracteriza toda a crueldade d'Honorina. Seria crível? Acabava de transportar-se o corpo inanimado da pequena Alexandre á casa de seus pais, esses desgraçados se debulhavam em lagrimas junto do cadaver da sua filha, de repente, a porta se abre, e que se vê?.. Honorina em pé na soleira, que range os dentes e ri ás gargalhadas como um demonio. Honorina o autor da desolação de toda essa familia, que vem assim insultar á desgraça della! Que malvadez inaudita n'uma criança! apenas se teve a força d'expellir essa infernal creatura; e cousa não menos incrível, na tarde do enterro, foi vista seguir o acompanhamento da sua victima, pedindo para levar um cirio.

Dois dias depois, quando se procurava pela pequena Hersant, que ella acabava d'afogar, Honorina se apressou em indicar um caminho pelo qual dizia tê-la visto passar; depois poz-se a procura-la e a chamar por ella como as outras pessoas; mas logo que o corpo dessa infeliz criança foi tirado do poço, Honorina foi colocar-se n'uma altura donde podia

muito a seu gosto contemplar o sentimento da multidão que rodeiava o cadaver.

Um ultimo traço acabará de pintar o character d'Honorina. O presidente pergunta-lhe o motivo porque varias vezes s'esforçou por precipitar a pequena Gauchard no tanque, no dia em que essa menina procurava beber nelle. Honorina responde sem hesitar; *que a queria afogar*. Todo o mundo estremeceu a essa resposta, que assignala um novo crime, de que a accusação mesmo procurára desviar-se. O defensor d'Honorina lhe disse que ella entendeu mal, mas Honorina responde friamente: *que ella entende bem, e que a sua intenção era fazer morrer a pequena Gauchard*.

Foi sob a impressão indizível d'este espantoso debate que a palavra foi concedida ao procurador do Rei (promotor da justiça). A emoção era profunda e este magistrado ainda mais a augmenta com o seu eloquente discurso.

Os factos erão constantes e confessados, não podia tratar-se mais que da questão do discernimento, e o discernimento d'Honorina se achava demonstrado pelas precauções cautelosas, que ella ao principio tomára para disfarçar seus crimes.

Durante todo o requisitorio, Honorina não tinha cessado de passear os olhares por toda a parte com uma extrema incuria, mas ao terminar, o procurador do Rei exclama que d'ali por diante ella deve tomar assento entre os monstros afamados Papavoine e Léger, e como elle lembrasse que

Léger tinha arrebatado uma jovem repariga ao seu antro, que depois de a violar, lhe tinha arrancado e chupado o coração, immediatamente Honorina escuta com attenção; os seus olhos se tornão brilhantes e é visível que ella se compraz com essa horrivel imagem.

Em vão o seu defensor sustenta que ella não comprehendeu toda a extensão do mal que fazia; os seus exforços são inuteis.

Depois d'alguns minutos de deliberação, o jury vem declarar que Honorina procedeu com discernimento. Em consequencia o tribunal a condemna a ser reclusa por vinte annos n'uma casa de correcção, e a ficar por mais dez sob a vigilancia da policia superior. Honorina cala-se, mas pela contracção dos beiços, movimento das sobrançellas e pestanejar, é facil de perceber que ella comprehende a sua pena.

---

## ASSASSINATO DA MULHER IDATTE

CRIADA DE SERVIR EM CASA DE M<sup>me</sup> DUPUYTREN.

### ROUBO.

Em 1833, a viuva Idatte criada de M<sup>me</sup> Dupuytren, possuía desde muito tempo a confiança da sua ama, que costu-

haver tido parte no crime e explicou bem ou mal o emprego do seu tempo, durante o dia 29 de Janeiro, em que teve lugar o acontecimento, desde as 6 até ás 11 horas.

Lemoine ainé (senior) estava desoccupado e quasi sem meios de subsistencia; elle trabalhava só tres dias por semana pelo seu officio de cosinheiro, em casa de um Noël, com negocio de vinho e estalagem na Chapelle-Saint-Denis. Sahira da casa deste a 28 de Janeiro pelas dez horas da noite. A 29 voltou á casa para pelas nove horas e meia da noite, tomou a chave e acendeu a vela no camarim do porteiro. Este estava a escrever e não lhe viu senão a mão, e notou que se achava ensanguentada, como a d'um carnicheiro depois de lidar com carne. No outro dia ás nove horas da manhã Lemoine foi ter com o porteiro para lhe mostrar um pequeno espelho, que acabava de se quebrar, e que tinha sido causa de haver ferido o nariz ao fazer a barba.

Quando Lemoine entrou a 30 de Janeiro, pelas oito horas da noite penetrou na cosinha, onde os agentes da policia o esperavão; elles o prenderão, ligarão-lhe os braços, e isto sem que elle pronunciasse uma só palavra, sem fazer um só signal de resistencia; o suór lhe cahia da testa em grossas bagas; elle estava como anniquillado.

Lemoine foi visto sahir ás oito horas da manhã do dia 30 de Janeiro, com um pacote debaixo do braço de fórmula achatada e do tamanho d'um chapéu embrulhado n'um lenço de côr; elle tornou a entrar algum tempo depois; pelo meio

dia tornou ainda a sahir, mas demorou-se um instante no patio do hotel para satisfazer uma precissão ; a dama Bonnet, que morava no primeiro andar e que tinha janella sobre o patio, viu-lhe nesse momento uma caixinha de mogno de fórma quadrada, cuberta de chapas d' aço fino. Essa mulher fez della a descripção a mais exacta ao juiz do processo antes que lhe fosse mostrada, e depois a reconheceu sem hesitar e declarou ser a mesma que tinha visto de baixo do braço de Lemoine ainé. Essa caixinha foi encontrada junto com outra quasi semelhante e uma toalha ensanguentada a tres minutos de marcha da morada de Lemoine. Ellas tinham sido escondidas em palha e n'um lugar afastado. M<sup>me</sup> Dupuytren reconheceu essas duas caixas, assim como a toalha ensanguentada, como fazendo parte dos objectos que lhe tinham sido roubados.

Lemoine ainé que já tinha passado por uma condemnação a cinco annos de prisão simples por falsificação d' escripto particular, persiste em sustentar que é estranho ao crime que se lhe imputa.

Os debates começarão perante o jury do Sena, a 12 de Julho de 1833.

O presidente procede ao interrogatorio de Lemoine, cosinheiro, de 38 annos d' idade. O seu talhe é alto, a sua testa desenvolvida, a tez amarellada e oleosa, mas assim que falla, a sua fisionomia movediça é cheia d' expressão, os seus olhos são vivos ; elle segue os debates com uma attenção ver-

dadeiramente extraordinaria, pésa as questões, as expressões mesmo de que se serve o presidente, e responde a tudo com uma conveniencia e exacção, que não são proprias ou habituaes dos homens da sua classe.

Quanto a Gillard, elle affecta mais abandono ; parece maravilhar-se de que ousem accusa-lo ; o sorriso se mostra nos seus labios e elle escreveu uma enorme caderneta, contendo a sua historia em prosa e verso ; e parece ser essa sua principal occupação.

Depois do encerramento dos debates, o advogado geral pronuncia o seu requisitorio e examina successivamente as cargas que pesão sobre Gillard e sobre Lemoine. Durante esse requisitorio, a attitude dos dous accusados apresenta um contraste extraordinario.

Gillard está pallido, o seu aspecto exprime alternativamente a colera e a ironia ; elle s'entrega frequentemente a interrupções que o seu advogado difficilmente consegue reprimir-lhe.

Lemoine, pelo contrario, escuta com uma extrema attenção ; com a cabeça apoiada sobre a mão elle contempla com olhos fitos o advogado geral, mas nenhuma palavra escapa de sua boca, nenhum gesto dá a entender o que nelle se passa.

Os defensores apresentam a defeza dos accusados.

Depois d'uma replica do advogado geral, Gillard pede a palavra, mas immediatamente o seu advogado o interrompe.

A sessão é suspensa durante cinco minutos. Ao recommear a

audiencia, Lemoine se levanta e diz : « Eu sinto a necessidade de testemunhar ao meu defensor todo o meu reconhecimento. Fallou-se-vos d'uma sentença que me tinha banido da sociedade : o que se não haniu do meu coração forão os meus sentimentos. No meio das duvidas que se elevão, se vós julgais dever condemnar-me á morte, fazei-o ! A morte não assusta senão aquelle que a merece : fazendo-me dar o ultimo passo sobre a terra, vós me fareis dar o primeiro para o ceu.

Depois do resumo imparcial do presidente, o jury entra a uma hora na camara das suas deliberações.

São duas horas e meia, os jurados voltão á sessão. O chefe do jury é mudado. Todas as questões relativas a Lemoine e a Gillard são resolvidas affirmativamente, menos a de homicidio, relativamente ao ultimo.

Os accusados são introduzidos. Escutão com o maior socêgo a leitura que lhes é feita da declaração do jury. Em consequencia dessa declaração, Lemoine é condemnado á pena de morte, e Gillard a dez annos de prisão com trabalho e á exposição, assim como á vigilancia perpetua.

*Lemoine* : Vós podeis fazer levantar o cadafalso, eu perdô a minha morte.

*Gillard* : Eu estou puro ; perdoos aos Sñrs. jurados ; não tardarei em morrer. Para mim a honra é tudo.

*Lemoine* : Na vossa morte, vós nos vereis ensanguentados !

mava deixa-la só em casa quando sahia. Esta senhora tinha tambem ao seu serviço o chamado Guiraud. M<sup>me</sup> Dupuytren, tendo sahido acompanhada do seu criado, não voltou senão pelas onze horas, sempre acompanhada do mesmo criado; este puchou varias vezes a campainha da porta sem que ninguem respondesse. Como o porteiro affirmasse que a criada não tinha sahido, mandou-se arrombar a porta. Um espectáculo terrivel se offereceu immediatamente á vista: a desgraçada Idatte jazia no chão, banhada em sangue, desviando-se lhe os vestidos que lhe encubrião o rosto, percebeu-se uma larga ferida que tinha no pescoço. Varios trastes da salla de jantar, e d'outras peças do aposento estavam abertos, e um grande numero d'objectos havia desapparecido. A natureza da ferida mostrava que a morte tinha seguido immediatamente o crime: dous golpes havião sido feitos com um instrumento cortante. A justiça avisada se dirigiu immediatamente ao lugar; notou-se, na antecamara que precede a salla de jantar, longas manchas de sangue sobre uma mesa em que trabalhava habitualmente a viuva Idatte e pannos ensanguentados, e varios vidros da janella estavam tambem salpicados de sangue. Tinha sido provavelmente nesta peça, que a victima recebera o primeiro golpe, e o segundo na salla de jantar, junto á estufa (poêle), porque o sangue tinha esguichado sobre o tubo d'um modo espantoso, o açafate da baixella estava manchado de sangue, e tinhão levado todos os talheres que ahi se achavão. O ca-

daver foi encontrado estendido sobre o dórso e via-se algumas marcas ensanguentadas sobre as coxas ; o cabello e vestidos estavam cheios de sangue ; ella tinha os seus dois sócos nos pés, o chale nas costas, e duas cadeiras estavam ao lado della, assim como o seu chapéu ; o que dava a entender que tinha sido ferida pouco depois da sahida de sua ama, no momento em que ella mesma se dispunha a sahir. Pelas nove horas, um desconhecido, de talhe assaz grande, vestido com um casaco pardo sujo, e chapéu redondo, tinha sido visto passar pela escada com um pacote bastante grande cuberto com um panno branco : este individuo tinha um ar embaraçado. Os assassinos levárão as suas investigações a todas as peças do aposento : na salla, abrirão elles dous pequenos trastes, mas sem levar cousa alguma delles, furtárão a pendula, mas não tocárão n'uma caixa fechada, que continha lapis e tintas, no quarto de dormir tirárão um par de brincos da gaveta do toucador e deixárão uma fivella de cinto de crisocal, tentárão abrir um pequeno traste em que M<sup>me</sup> Dupuytren costumava guardar dinheiro ; mas sem o poderem conseguir : enfim levárão sete chales, dos quaes quatro da India.

O juiz do processo fez verificar que todos os trastes que forão objecto das investigações dos assassinos se achão manchados com numerosas gotas de sangue, que apresentam os caracteres seguintes segundo os medicos : As fórmas arredondadas dessas manchas e os salpicos que se mostram na circumferencia d'algumas dellas não deixão duvida de que ellas

provenhão, não da apposição de uma mão ensanguentada, mas do escorrimento, gota a gota, d'uma ferida situada na parte anterior da cabeça. Foi demonstrado á justiça, que o crime tinha sido commettido por individuos que conhecião mui bem os cantos da casa ; de mais descobriu-se no quarto do toucador, de baixo de panos ensanguentados duas chaves do aposento, que tinhão sido confiadas ao chamado Agostinho Gillard, durante as cinco semanas em que tinha estado ao serviço de M<sup>me</sup> Dupuytren, e que tinha deixado, havia um mez, quando muito. Quando sahiu, disse que não podia dar essas chaves, porque as tinha perdido. Um mandado de prisão foi immediatamente passado contra elle e não tardou a ser preso. No dia do crime, Gillard tinha vindo pelas cinco horas e meia á casa de M<sup>me</sup> Dupuytren, sob pretexto de visitar a viuva Idatte, entrou contra o seu costume na loge dos porteiros, e ahi se demorou cinco a seis minutos, fallando e gesticulando muito, distrahindo-lhes desse modo a attenção. A porta da rua tinha ficado durante esse tempo aberta. Pelas oito horas e meia, no momento em que M<sup>me</sup> Dupuytren sahiu, elle se lhe aproximou de mui perto para se certificar que era ella. O porteiro e sua mulher affirmão que elles o virão subir e não descer. Gillard estava sem recursos e muito embaraçado para pagar as suas dividas, e estava crivado d'ellas na occasião do crime. Notou-se que Gillard tinha arranhaduras na mão, levarão a estante envidraçada, a sua mão foi aproximada ao vidro quebrado e os

peritos reconhecerão que essas leves feridas se adaptavão perfeitamente ás pontas ensanguentadas desse vidro quebrado e que ellas terião, quando muito quinze a dezoito horas de duração.

A'vista das chaves achadas em casa da dama Dupuytren; elle sustentou primeiro com segurança que essas chaves não tinhão sido perdidas por elle e que ignorava como os assassinos as tinhão podido achar; mas a viuva Idatte havia dito positivamente a um chamado Froissotte e a Guiraud que Gillard tinha allegado haver perdido as chaves e Froissotte, tendo replicado ao culpado que elle dissimulava, responderon:

Se ellas se perderão, alguém as achou e entregou á viuva Idatte. O pai de M<sup>me</sup> Dupuytren, presente a essa scena, exclamou então: « Fostes portanto vós, miseravel, quem assassinou a viuva Idatte? » Gillard abaixou os olhos e voltou a cabeça. Só Gillard podia dar aos assassinos informações sobre os moveis que se devia examinar e sobre a qualidade e valor das differentes joias de M<sup>me</sup> Dupuytren, assim como da sua baixella.

Encontrárão em casa de Gillard duas facas de cosinha, como instrumentos que poderião ter servido para commetter o crime, e encontrou-se tambem um lenço com varias manchas de sangue. Interrogado sobre a origem dessas manchas, não poude responder d'um modo satisfactorio e quanto ás facas, disse que as tinha pedido emprestadas a um dos seus camaradas, para uso da cosinha. Negou constantemente

Varias perguntas forão então dirigidas á testemunha, que, não as ouvindo, liga conversa com o secretario sentado perto della. Resultão contradicções bastante graves sobre o emprego do tempo no fatal serão de 25 de Fevereiro.

O procurador do Rei faz ouvir a voz da indignação publica, que accusa altamente Rondest o proprio filho da victima, a mulher deste, e o casal Maillard, *esses quatro genios maus*. Desenvolve as cargas que se elevão contra elles, discute os factos e a sua argumentação impressiona profundamente os jurados. A tarefa da defeza era difficil, o defensor de Rondest comtudo a desempenhou com esforços dignos d'um melhor exito, « Se uma nuvem densa, diz elle, cobre a morte da viuva Rondest, se a accusação vos não apresenta senão suspeitas, senão antecedentes, se ella vos não póde dar provas positivas, provas materiaes, se ella não mostra, por assim dizer, as suas mãos ainda ensanguentadas, guardai-vos bem de condemnar, guardai-vos d'abrir uma nova tumba, porque vós poderieis commetter um crime. »

O jury declara Rondest e os esposos Maillard culpados, mas com circumstancias attenuantes sobre todas as questões: os defensores não tinham mesmo fallado a esse respeito. A mulher de Rondest é absolvida. Manda-se que entrem os quatro accusados. O secretario dá leitura da declaração do jury, mas apenas pronunciou elle o *sim* fatal, que Maillard solta um terrivel grito, e levantando-se em pé, arremessa-se contra a balaustrada de ferro, que lhe serve

d'apoio; levanta-se com os dentes quebrados e a cara ensanguentada; e depois, lançando mão da espada de um policial ao seu lado, lha arrancaria, se este não oppozesse uma energica resistencia. Uma luta horrivel se trava; Rondest quer nella tomar parte; a desordem e o susto reinão no auditorio, o tribunal se retira e a sessão é suspensa. Contudo Maillard se agita sempre, o seu sangue corre, elle rugue como um animal feroz: julga estar condemnado á morte e quer-se arrancar a vida. Emfim consegue-se sopea-lo e fazze-lo amarrar aos balaustres. Mas então elle desvia os vestidos e fazendo horriveis esforços, crava as unhas no peito e as retira todas ensanguentadas.

O tribunal torna a entrar em sessão, e a impressão desta espantosa scena é tal que o presidente pode apenas pronunciar a sentença que condemna Rondest á prisão com trabalho por toda a vida e os esposos Maillard a quinze annos da mesma pena.

---

## NAGRAL, ASSASSINO

BARBARIA E CYNISMO DO ACCUSADO.

*Jury de Beauvais.*

Nagral, de pequeno talhe, mas d'uma constituição robusta, está curvado, menos pelo peso dos seus 62 annos que por um vicio de conformação : a fixidade do seu olhar, a contracção habitual dos seus beiços, a immobildade de seu rosto, bastante regular, lhe dão quanto ao mais uma expressão sinistra e feroz.

A 18 de Julho de 1834, alguns viajantes achando-se pelas 2 horas da manhã no caminho de Beauvais a Méru, virão estendido na estrada o corpo d'um homem banhado em sangue : pelas cinco horas descia um individuo a ladeira. Pelos signaes de sangue que elle tinha nas mãos e nos vestidos immediatamente se reconheceu o assassino, e um dos circumstantes lhe disse : *Vós tivestes um bom lance!* « Sim, respondeu elle, e se tivesse tido um florete ou sabre, tê-lo-hia morto do primeiro golpe. » Depois accrescentou : « a faca ainda lá está : » Conduzidos por esse homem, os circumstantes achárão com effeito uma faca de mesa a tresen-

tos metros de distancia, n'um lugar, que lhes pareceu ser o da scena. O morto trajava calça branca, que deixava sahir uma porção da sua camisa. Tinha a cabeça lavrada de feridas; um gendarme lhe contou vinte e uma, era o denominado Segart, alfaiate de vestidos em Sevres, de 59 annos d'idade. O individuo que o seu ar feroz e vestidos ensanguentados tinham assignalado como assassino, declarou não ter feito mais que usar da sua legitima defeza contra *uma propositão infame* e contra um ataque de viva força « que tinha seguido a sua recusa. Disse que tinha levado uma facada na barriga, e que só escapára ao perigo que ameaçava a sua honra e a sua vida, arrancando do agressor a faca, que então se tornou a sua arma offensiva, e mostrava um golpe, que lhe tinha cortado a camisa e lhe chegára ao ventre. »

O presidente interroga o accusado sobre os seus antecedentes e meios d'existencia, e lhe diz depois: Porque assassinastes a Segart? — O accusado responde: Estando nós deitados n'um leito de gavelas, Segart me disse pelas duas horas: Vós não ignoraes que eu tenho sentimentos por vós... é a minha ideia... e isso hade ser. » Dizendo isto, elle se lança sobre mim, faz cahir os botões das minhas calças: eu o repulso, elle me torna a segurar, e em quanto me agito, sinto ferir-me uma facada; grito contra o assassino; um segundo golpe me chega ao ventre; fico furioso, seguro na faca pela folha, arranco-lha e o firo a atravessar. Elle me

## RONDEST, PARRICIDA

QUATRO ACCUSADOS. — CONDEMNACÃO. — CIRCUMSTANCIAS  
ATTENUANTES. — SCENAS DE DESESPERO.

*Tribunal do jury de l'Oise (Beauvais).*

Ha maleficios que a linguagem humana é insufficiente para deplorar e que se deve restringir a contar.

A viuva Rondest com setenta annos de idade, habita só, depois que seus filhos casárão, uma casa situada en Domesliens e contigua á dos esposos Maillard, que frequenta habitualmente o seu filho Pedro Rondest.

A 25 de Fevereiro de 1834, pelas oito horas da manhã, tendo-se apresentado uma mulher em casa da *mãe Luiza* (é o nome que dão á viuva Rondest), vê-a estendida no chão deitada sobre o ventre, com a cabeça posta entre os dous ferros da chaminé onde se põe a lenha, e a face sobre as cinzas. O corpo estava frio e privado de movimento. O rosto foi o que primeiro se viu, parcialmente queimado, principalmente beiços e faces, ella tinha a cabeça nua e os cabellos desgrenhados, e levemente deteriorados pelo fogo a cima da testa. Estava só meio vestida. O seu gibão (ou

chambre), tinha grandes traços de lama, como se a tivessem pisado aos pés.

O clamor geral accusou immediatamente o proprio filho da victima, Pedro Rondest, sua mulher e os esposos Maillard, que todos em inimizade declarada com a mãe Luiza, estavam, segundo a expressão desta, desde muito tempo applicados a atormenta-la. Queixas do comportamento immoral de seu filho, vivas reprehensões, accusações de roubos e de rapinas que se exercião sobre tudo o que ella possuia, e de que os Maillard erão complices, queixas de vexações continuas de que ella era o objecto da parte de todos, taes erão os motivos d'altercação que incessantes se renovavão e vias de facto, cada dia mais graves.

Uma scena desse genero tinha tido lugar a 12 de Fevereiro, pouco tempo antes da morte da viuva Rondest: a mulher Maillard deu pontapés e murros na mãe Luiza, levada d'encontro a uma cerca; e Rondest, em lugar de soccorrer sua mãe, não tinha cuidado senão em desembaraçar a Maillard d'uma criança que tinha nos braços. A mulher de Rondest gritava a esta para a animar: Forte, forte, mata essa canalha. A mulher de Maillard dizia, redobrando as pancadas; *quero amadurece-la, raça do diabo, em outo dias tu não estarás mais na tua casa, nem eu na minha*. O Sñr. Bailly tirou a viuva Rondest das mãos dessa desesperada.

No mez de março de 1833, um pobre mendigo o

denominado Monroy, veio á casa de Rondest que, depois de o ter feito beber, lhe perguntou, se por dinheiro elle mataria uma mulher, e não lhe dissimulou que se tratava de sua mãe.

A defeza dos quatro accusados consistiu em sustentar que elles se tinham deitado ás oito horas nas suas proprias casas, e que se lhes não podia provar que na noute de 24 a 25 elles tivessem posto pé fóra; mas a intimidade que reinava entre elles, a solidariedade das suas façanhas anteriores, o odio de todos e principalmente das duas mulheres contra a victima, odio demonstrado por tantos actos de violencia, não permittião pensar que nenhum dos quatro fosse estranho a esse assassinato. Abertos os debates, fez-se a chamada das testemunhas; unia só faltou ao appello, era o mendigo Monroy, cujo depoimento era importante; as outras testemunhas, confirmando todos os pontos, todas as ameaças, todos os maus tratamentos acima referidos, depõem sob a influencia d'um sentimento de terror e attenuação muito a gravidade dos factos. Uma unica, que não pertence á localidade e que tinha presenciado os tratos atrozes exercidos pelas duas mulheres Rondest e Maillard, sobre a viuva Rondest, viu que todos os moradores, á vista dessa scena atroz entravão para suas casas, e como lhes testemunhasse a sua indignação : *Que quereis vós?* lhe responderão, *é todos os dias a mesma cousa.* Como esta acabasse o seu depoimento, um burborinho confuso se levanta

no auditorio : « E'Monroy, murmura a multidão, é o mendigo a quem quizerão peitar para assassino da viuva Rondest » e ao mesmo tempo viu-se sahir das fileiras serradas do auditorio um velho apoiado sobre um longo bordão, e tendo sobre as costas uma sacóla. Esta apparição produziu um effeito sensível sobre Rondest, uma perturbação involuntaria trahiu a sua emoção. O mendigo octagenario se adianta ao meio da sala, com o saco nas costas e o seu comprido bordão na mão, perguntando á direita e á esquerda : « Vejamos, vejamos, onde está o meu presidente? onde está elle? desejo fallar-lhe. » O meirinho conduz a testemunha perante o tribunal e a faz sentar, porque parece extenuada de fadiga.

*O presidente* : Sñr. Monroy, porque vindes vós tão tarde.

*A testemunha* : Oh ! fallai mais alto que isso, meu presidente, eu sou um pouco surdo, percebeis, na minha idade... gritai, gritai, não tenhaes medo.

O presidente renova a pergunta em voz mais alta. A testemunha, que foi obrigada por falta de dinheiro a dormir n'um bosque, e que tem más pernas, não pôde chegar senão muito tarde a Beauvais. Ella conta que tendo hido pedir esmóla em casa de Rondest, este a mandou entrar e lhe offereceu alguns copos de cidra que aceitou, e foi na conversa que então tiverão, que elle lhe fez a proposta d'uma somma de dinheiro para matar sua mãe.

deixa, vai buscar uma pedra e me dá com ella na cabeça. Nós nos travamos de novo corpo a corpo e andavamos ora por baixo ora por cima. Finalmente no fim d'uma meia hora de luta, o nosso sangue correndo em abundancia, elle me deixa, e eu não sei o que passou depois, porque cahi de esgotamento e de fadiga, e erão seis horas, quando recobrei os sentidos e pude levantar-me.

Um murmurio d'incrédulidade e de horror no auditorio succede a esse detestavel relatorio.

Ouvem-se depois varias testemunhas, entre outras a viuva do desafortunado Segart, que todas concordão em prestar homenagem á sua brandura de character e pureza de costumes. « Elle era fraco, dizem ellas, e incapaz de resistir, mesmo a uma criança. »

Nagral, pelo contrario, era vivo, arrebatado e mau.

« Na sua colera, ou com a hebidã, diz a sua concubina, elle vos teria morto um homem, como uma mosca ! » Resulta tambem d'uma carta escripta pelo procurador do Rei em Lille, que Nagral nutria desde muito tempo projectos de vingança contra a sua concubina que o tinha deixado. Elle a tinha mesmo perseguido um dia nas ruas de Lille com uma faca na mão. Elle dizia muitas vezes que estava cansado de viver, mas que não tendo coragem para se matar ; commetteria um crime, para se fazer condemnar. O procurador do Rei pronuncia o seu requisitorio onde termina por estas palavras : Sñrs. jurados : « Reparai o ultrage feito á

memoria d'um honesto cidadão, restitui-lhe a sua reputação, prestai honra á sua cinza ; é a unica cousa que elle exige de vós. »

A pesar dos esforços do defensor, o acerto não erá possível, e declarou-se o reu culpado, mas sem premeditação.

O tribunal em consequencia o condemnou á prisão com trabalho por toda a vida.

Nagral ouve esta sentença sem manifestar emoção alguma e retira-se em silencio.

---

## ASSASSINATO D'UM VELHO

DA SUA MULHER E DA CRIADA. — CINCO ACCUSADOS.

*Jury d'Albi.*

A 25 de Janeiro de 1834, pelas seis horas e meia da manhã um forneiro veio bater á porta da casa de Coutaud em Gaillac; ella estava aberta. O homem entra, chama por varias vezes. Espantado do silencio, sahe para avisar a Victor Coutaud, e entra com elle. Victor Coutaud sóbe a escada e tropeça n'um cadaver, era o de seu irmão... Elle não

tarda em saber que tambem se tinha encontrado o de sua cunhada e o da criada.

Coutaud tinha recebido nove feridas, sua mulher vinte e a criada vinte e quatro, feitas todas com armas, taes, como uma faca de cosinha usada, uma perna de tesoura e um meio espadão, ou punhal, uma baioneta ou uma espada. A boca da mulher de Coutaud tinha sido fortemente comprimida, para lhe suffocar os gritos, fosse com a mão, ou, o que é mais provavel, com uma porção de roupa. Concluia-se que tres pessoas tinhão directamente concorrido para o crime, que as mortes tinhão sido successivas e que um plano expressamente combinado tinha guiado o ferro dos assassinos para aquelle lugar pelas seis horas da manhã. Nesse momento uma rapariga que morava quasi defronte da casa de Coutaud, ouviu abrir com algum fracasso a porta delle na rua de Foiral; e o seu cão, tendo-se posto a ladrar, ella se levantou, abriu a janella e viu distinctamente, em pé, junto á janella da sua cosinha, um homem d'estatura regular; ella o não reconheceu. Viu depois esse mesmo homem sahir e entrar na rua do Foiral. Calculos feitos sobre informações positivas levão a pensar, que uma somma de quinze mil francos, quasi toda em ouro, tinha sido subtrahida, assim como varios outros objectos de valor. A opinião publica de Giallac designou Dalby, que usava dos differentes nomes de *Carat*, *Laboucat*, e *Latranche*, trapeiro; Ginestet, chamado *le Tondu*, carregador da marinha; e Salabert;

chamado Lalebre. Elles forão immediatamente presos. Duas mulheres, Anna Dalby chamada *Carrade*, costureira, irmãa de Dalby e Anna Julia, criada, amiga de Ginstet, forão depois comprehendidas no processo. Uma longa e paciente informação só com difficuldade obteve testemunhas, quasi todas comprimidas pelo terror originario d'um tão espantoso maleficio. Pouco a pouco com tudo, os espiritos se acalmárão. Um supplemento de prova foi ajuntado ás provas já existentes.

O primeiro dos accusados, João Batista Dalby, só de vinte e cinco annos, já tem passado por quatro condemnações, a primeira aos seus quinze annos por tentativa de roubo com escada e arrombamento ; a segunda em 1826, por evasão com arrombamento da cadeia, a terceira a cinco annos de prisão e dez de vigilancia por crime de roubo, emfim a quarta a dez annos de prisão simples em consequencia tambem de roubo ; em Alby, na noite de 17 a 18 de Janeiro, isto é, sete dias antes do assassinato commettido em Gaillac. A 23 de Janeiro elle dizia n'uma patuscada, que em poucos dias elle e mais outros tres ou quatro *havião fazer uma mascarada, sem rebecas nem flautas, de que se havia de fallar*. Poucas horas depois do tragico acontecimento notavão-se marcas de sangue no colarinho da camisa de Dalby, e na borda do seu chapéu, era o sangue das victimas.

Comparárão-se-lhe os sapatos a varias pégadas que s'en-

contrário no campo de Calvet, contiguo ao jardim de Cou-  
taud e ajustavão da maneira a mais exacta.

O accusado tentou em vão repellir taes indicios pela prova  
d'um álibi ; semelhante allegação foi desmentida.

Uma menina de seis a sete annos, muito intelligente,  
filha natural d'Anna Dalby, mulher Antonia, declarou, que  
tendo sahido para uma precisão, diante da porta da sua casa  
na noite de 24 a 25 de Janeiro, viu tres individuos que  
chamarão seu tio Jannet. Um dos tres, Ginestet, dizia :  
« Levanta-te, tu me verás trabalhar, e se tu não quizeres  
trabalhar como nós, nós te mataremos. » Seu tio sahio e  
tendo passado por diante da casa d'Antonia, contigua á  
sua, bradou « *Annou, Annou*, eu me vou. » Alem de  
Ginestet, ella nomeou Salabert, conhecendo muito bem a  
um e a outro, mas não pôde conhecer o terceiro, que s'es-  
condia por traz d'um pilar. Uma visinha da mulher Anto-  
nia, acordada desde as tres horas da manhã, esperava por  
um matador de porcos, ás quatro horas pouco mais ou  
menos, passou a um quarto por traz da casa, para adorme-  
cer un filho que chorava. Ouve fallar no aposento da  
mulher Antonia, escuta e percebe mui distinctamente estas  
palavras dirigidas por Anna Dalby a seu irmão : « Nada  
mais que isto ! uma casa reconhecida como atulhada de  
dinheiro ! — Tu devias hir lá, tu estás bem no caso d'a-  
panhar alguns centimos, » acrescentou elle. A testemunha

não pôde perceber mais cousa alguma e logo depois ouvín abrir a porta de traz da casa d'Antonia.

François-Guillaume Ginestet, chamado *le Tondu*. (o tosquiado), segundo reu. De quinze annos d'idade, commetteu um roubo em prejuizo de Victor Coutaud, e tal era a opinião que delle se tinha na familia, que seu irmão dizia : « Elle está bem em estado de o ter feito. » Salabert e elle tres mezes antes estavam reunidos na taberna d'Espaillac. « Quem é aquelle, pergunta Salabert ao seu amigo, que tu julgas mais rico em Foiral? — Quem sabe? ha muitos : o Sñr. Vialas, o Sñr. Lacombe. — Não é isso, replicou Salabert, não acertaste, é um homem, um obreiro, que não tem filhos, avaro elle e sua mulher, que não darião nem cinco reis a um pobre e tem os seus trinta mil francos em patações. Que boa presa se não faria lá! Quatro ou cinco bravos, bem determinados, lhes pillharião isso, e nem por tal os roubados comerião menos. « Cargas se levantavão contra Anna Julia, amasia de Ginestet, aqual fez todos os esforços para subtrahir os indicios, que terião compromettido o seu amante e os seus complices.

Escapárão-lhe em muitas occasiões dictos capazes de a comprometter.

A reputação de Salabert, dito *Lalebre*, terceiro accusado, está deste muito tempo manchada ; na sua adolescencia elle commetteu varios roubos, e n'uma época que remonta

a quatro annos pouco mais ou menos, uma tentativa de roubo o fez expellir d'um albergue d'Albi, onde residia. A ferocidade do seu character era conhecida.

Logo que Salabert appareceu em publico, o seu ar pensativo e abatido, e o seu rosto desfigurado se fizêrão notar; fallava-se-lhe e elle não respondia. Na presença do juiz do processo, tremia por todo o corpo, esforçava-se por disfarçar o seu terror, quando esse magistrado lhe fallava, e constrangia-se mesmo, quando o interrogatorio era suspenso, em quanto o secretario escrevia; elle cedia então a todos os movimentos do seu corpo, agitado como pelo calafrio da febre. A familia, apreciando a gravidade das cargas que pesavão sobre este accusado; Baysse, chamado *Bourre-gre*, dizia á sua filha, mulher de Salabert: « Convem não cahir no desespero, mas resignar-se; elle está perdido. »

Em consequencia, Dalby, Ginestet e Salabert, forão accusados: 1º de ter commettido o crime de morte com premeditação nas pessoas de Dominique Coutaud, de Marie Fionvielle e de Marie Gardés; 2º de ter em reunião de duas ou mais pessoas e com armas manifestas ou occultas, penetrado por escalada, em casa habitada, e de ter com violencia, commettido o roubo d'uma somma de dinheiro e d'outros objectos; elles forão remettidos para o jury (Cour d'Assises, tribunal de julgamentos capitaes, d'Alby) a 24 de Novembro de 1834.

Depois das formalidades usuaes, o secretario leu o acto

d'accusação ; a exposição da causa é feita pelo advogado geral. São depois ouvidas as testemunhas e entre os seus depoimentos se notão os seguintes : Joanna Balitran , esposa Blatgé : Depois da prisão de Carrat, Anna Dalby, sua irmã, me perguntou o que se pensava de seu irmão, e eu lhe respondi que a opinião o designava como um dos assassinos. « Essa é boa ! pois a gente d'aqui é que são os seus juizes? — Ah ! exclamou ella, malditos sapatos, se eu tivesse podido advinhar o que havia de succeder, tinha-os feito desaparecer, nem haveria vestigios delles. » Ella lhe confiou ainda que, durante que a justiça estava em sua casa e para não ficar compromettida, escondera objectos roubados por seu irmão, e queimara outros.

« Olha, disse ella, não conteis o que eu vos tenho dicto *sem reflexão* ; se abris a boca, tomai sentido em vós ! »

« A sua vez de ser presa chegou. Um dia, visitei-a, tu me trahiste, disse ella, quando eu sahir tu hasde ficar contente. »

Anna Dalby defende-se chamando a testemunha *má lingua*.

Os outros depoimentos não fazem mais que reproduzir factos já conhecidos pelo acto d'accusação.

O procurador do Rei passou a ser ouvido e sustentou a accusação contra as mulheres Anna Dalby e Anna Julia.

Carrat sente-se desfallecer. Os gendarmes o levão para fóra da salla.

Anna Julia deixa cahir lagrimas que se lhe não suppunhão.

O defensor de Dalby, chamado *Carrat*, tem a palavra.

Depois do seu discurso, Carrat se dispõe a fallar. O presidente lhe diz: Dalby levantai-vos, depois que os debates começarão, vós me fizéstes chamar junto de vós. Eu resisti muito tempo, e estive muito tempo em duvida sobre se deveria ou não prestar-me ás vossas solicitações. Com tudo, reiterando-se os vossos pedidos, eu me transportei esta manhã junto de vós. Vós me fallastes algum tempo. Eu vos fiz observar que tudo que vós me dizieis devia ser confidencial inteiramente; que se vós pensasseis que aquillo que me communicaveis podia ser util á vossa defeza, o deverieis revelar na presença dos Sñrs. jurados do tribunal, porque eu não tinha direito de vos fazer passar por interrogatorios particulares. Eu vos declarei que não podia nem queria absolutamente prometter-vos nada, e que por conseguinte era a vós que tocava pensar no interesse da vossa defeza o que deverieis fazer. Agora, eu vo-lo pergunto, tendes alguma cousa a dizer?

*Carrat*: Sim, eu peço antes de tudo, que me mandeis dar um cópo d'agua. (É trazido immediatamente.)

Carrat, depois de o ter bebido, exprime-se assim:

Sñr. presidente, tes dean começar o meu discurso, e eu o vou pronunciar com franqueza; mas não posso levantar a minha mão porque estou no numero dos condemnados, e

que a minha condemnação que eu tive, é de pena infamante, primeiro que comece o meu discurso, eu quero dizer aos Sñrs. meus camaradas, que estão acolá, e aos outros, se ainda os houver, eu lhes digo ainda, se é um effeito da sua bondade o fallarem, e depois, uma vez que tiverem fallado, eu fallarei. Salabert, e Ginestet, se quereis fallar antes que eu comece o meu relatorio, fallai !

*Ginestet* : Eu não tenho nada a dizer.

*Salabert* : Tambem eu não tenho.

*Carrat*, proseguindo : Eu começo agóra.

« Na corrente d'esta vida, lamentai a minha triste sorte. Quando se começa mal, acaba-se sempre mal. Salabert, havia alguns dias que elle me dizia palavras, dizia que na rua do Foiral havia pessoas ricas. Um outro dia Salabert me convidou a comer um pato em casa delle, e na sua companhia, de seu sogro, de sua sógra e de sua mãe. Quando me retirei, Salabert seguiu-me e me disse : « ouve, tu que és um homem decidido, se quizeses vir, ha tres ou quatro sujeitos ricos na rua do Foiral, nós poderíamos roubar e fazer um bom negocio. Eu lhe disse : Pois que tu m'ó dizes, se és tão franco como eu, nós o faremos. »

Voltemos ao 24 de Janeiro, achando-me no botequim em casa d'Espaillac, Ginestet se approximou de mim, junto da mesa e me disse : « Despacha-te em pagar, porque vamos tomar meia chicara de café. » Sahindo do botequim d'Espaillac para hir ao café Bernier, no caminho, ao partir, Gi-

nestet me disse : Olha , escuta , Salabert me tinha fallado uma vez, de que havia um rico camponez na rua do Foiral, e que se não tivesses estado no botequim d'Espaillac, eu teria vindo á casa, ou no serão para te dizer isto. Se tu queres vir, nós estamos decididos que haverá um bom negocio. »

« Eu disse : Mas com tudo, receio que isso não vá bem. » Ginestet respondeu-me : « Pois então cuidas que eu sou algum covarde?.. » « Nem eu tambem o sou, » respondi eu. Eis que então Ginestet me diz : « Pois bem, vai á rua do Foiral e eu me acharei, na praça de Foiral. Dirigi-me com effeito á praça de Foiral. Ginestet já lá estava. Então elle me disse : « *Vem* ao campo do Calvet. » Havia duas pessoas nesse campo ; Ginestet e eu faziamos quatro. Então Salabert me disse : « Que é isso então, como sahes da prisão estás a tremer ? » — « Não, eu não tremo, mas é o mesmo, sempre se tem medo. » Então Salabert me poz n'uma pequena rua perto do hospital, junto a uma esquina. « E'lá, me disse elle, que é preciso que tu fiques. Estive lá perto de meia hora, o medo se apoderou de mim e fui para casa. Tendo me lá demorado meia hora, eis que chegão Ginestet, Laliebre e uma outra pessoa, e Ginestet me gritou como isto : Joannet levanta-te, tu és um bom heróe... Um homem como tu, tu desamparaste o campo bem depressa, é preciso vir. » Eu respondi que hia e segui-os. Uma vez chegado, puzerão-me na rua do Foiral, no mesmo lugar em que me tinha pos-

tado Ginestet. Então fizeram-me entrar em uma porta da casa do Coutaud. »

Aqui Carrat senta-se um instante. Salabert não tinha cessado d'olhar para elle, mas com olhos que exprimião a cólera, o furor, o desejo irresistivel da vingança. Todos estão ávidos por ouvir o fim desta lúgubre narração. Carrat prosegue :

« Então Ginestet e Salabert estavam atraz de mim. Elle abriu uma e outra porta, o que hia adiante, elle sempre me precedia dous ou tres passos. Abre uma outra porta e então uma pessoa lhe pergunta : « Quem é isso ? e o outro lhe responde : « O diabo. » Depois de meio minuto ouço gritos « Oh meu Deos ! matão-me ! » No momento em que eu entrava, o que dava os gritos, veio lançar-se sôbre mim com força e me atirou perto d'um repartimento ; então o que estava atraz, que era Lalièbre, lhe deu tres ou quatro golpes e então elle foi cahir no vestibulo, e então gritou : « Acudão-me, estou perdido. » E foi o ultimo suspiro que deu. Ainda ouvi uma outra pessoa que gritava : « Ai, ai, ai, ai. Passou-se então a procurar em todos os almarios e eu tambem examinei um que estava perto d'uma janella porque havia dois almarios. Então eu disse a todos : « eis aqui dinheiro. Havia dous sacos, eu terei mais que vós outros. » Mas os dous sacos erão apenas de sementes. Então Ginestet lhe tomou um relógio de junto a um leito. Depois nós passamos ao outro quarto. Havia junto d'um

leito á mão direita ao entrar, havia dois cadaveres, um que levantava os olhos e que dizia ai... ai... ai... Então Lalièbre disse « Fóra... esta besta, depois de lhe ter dado varios golpes, ella não póde morrer. » Então Lalièbre toma um ferro, e lhe dá quatro golpes, e ella não fallou mais. Então Ginestet abriu um almario e Lalièbre disse : « Ha muito tempo que eu tenho esganhado, não ha mais nada a lam-ber. »

« Eis que nós sahimos e nos transportámos á rua do Foiral. Então eu lhes disse: Para empresas destas vós não precisaveis de mim; para furtar dinheiro sim, sempre o furtarei; mas para matar gente, nunca o farei, isso não está no meu character. »

Carrat conta em seguido que, depois de ter prestado juramento de nada contar, Salabert propoz que se voltasse á casa de Coutaud. « Agora, diz elle, se vós tendes alguma cousa a dizer-me, Sñr. presidente, eu responderei. »

O presidente lembra a Carrat esta circumstancia incrível que, segundo elle, os assassinos terião primeiro assassinado as duas mulheres, sem que Coutaud acordasse, e que elles tinham por muito tempo abandonado a casa do crime, para o hi-rem procurar, não o tendo encontrado no lugar que lhe tinha sido assignado. Carrat responde que elles tinham sem duvida cuidado, que elle tinha sahido para os denunciar. Elles forão á caça delle, levarão-o, e dessa vez o fizerão entrar em casa de Coutaud; foi só então que se abriu a porta do quarto

e que aquelle que estava adiante ( Estève, chamado *Quillou*), feria.

O presidente interroga Salabert e Ginestet.

Elles negão tudo que contou Carrat. Salabert sobretudo protesta com força e tres vezes pela sua innocencia, e diz que Carrat, vendo-se perdido, inventou aquella historia para adoçar a sua sorte.

Nesse momento o maior tumulto se levanta na salla. Estève acaba de ser preso. Carrat concorda em que o furto é a sua paixão, mas que sempre teve horror a matar. Elle conta que Esteve foi levado hontem diante d'elle em presença do advogado geral, e que ao vê-lo, exclamára « Eis o assassino de Coutaud, aquelle que seguiu toda a noute Salabert. « Estève lhe teria respondido sómente: « Mas pobre moço, tu t'enganas ; Sñrs. não lhe deis ouvidos. »

Depois das allegações dos defensores, e em consequencia da declaração do jury, Carrat, Ginestet e Salabert são condemnado á pena de morte.

Ouvindo a sua sentença, o rosto desses miseraveis não mudou um só instante, Ginestet sobre tudo faz pasmar o auditorio pela sua impassibilidade.

As duas mulheres, Anna Julia e Anna Dalby forão absolvidas.

---

## EXECUÇÃO DE GINESTET E DE SALABERT.

Viu-se mais acima, que depois do discurso do seu defensor, Carrat annunciou que tinha revelações a fazer e que immediatamente, contando todas as circumstancias, todos os pormenores do assassinato, elle lhe fez conhecer os autores : elle, os seus dois co-reus anteriormente nomeados, e allem delles Reilhes chamado *Reillon*, e Estève, chamado *Quillou*. Estève, ouvido como testemunha d'accusação, foi immediatamente preso, e condemnado á prisão com trabalho por toda a vida, *sómente*, porque o jury declarou em seu favor circumstancias attenuantes; Reilhes foi absolvido. Esta decisão foi acolhida com uma improbação geral. Estève, um dos instigadores do trama, aquelle que tinha feito o papel o mais activo, que tinha levado dez mil francos em oiro, não ser condemnado á morte, quando os outros accusados tinham sido feridos dessa pena, pareceu uma cousa inconcebível. Estève gosava d'uma certa fortuna; a probidade dos seus parentes e outras rasões, que a nossa penna se nega a traçar, lhe tinham acareado a protecção d'algumas familias poderosas de Gailhac, que tinham a impudencia de o dizer innocente. Os gritos da indignação do publico estigmatizá-rão essas intrigas, e nós devemos dizer em abono do jury, que sómente a repugnancia de applicar a pena de morte

foi o que sobre elle influiu para declarar circumstancias atenuantes. Estêve não interpoz recurso de revista.

Todos esperavão que houvesse suspensão e commutação de pena para Carrat. Era o voto geral do paiz, e tinha-se quasi a certeza dessa commutação que com effeito se verificou.

Eis ahi os pormenores da execução dos seus dous complices.

Na vespera o executor das sentenças criminaes de Rodez tinha transportado em uma carreta o instrumento do supplicio a Gailhac, onde devia ter lugar a execução. Uma multidão innumeravel esperava o momento em que os condemnados fossem extrahidos da prisão. A's sete horas chegam dous carascos e atraz delles dous carros da lama, em que devião ser conduzidos Ginestet e Salabert. Dous respeitaveis ecclesiasticos se apresentam e lhes annuncião que é preciso partir. Salabert responde que elle esperava por isso e accusa Carrat de ter sido com as revelações que fez a causa da sua morte; Ginestet está tranquillo e nada diz, rejeita beber um copo d'aguardente, com differença de Salabert que já tinha bebido um.

Ginestet, que deve ser posto no primeiro carro, marcha com um passo firme. A sua idade (22 annos) e o seu abatimento interessão os espectadores. Salabert é posto no segundo carro. Elle traz a cabeça levantada; mas o seu rosto está cadaverico e o seu olhar glacial. Elle está desesperado de

não ver Carrat com elle, lado a lado, nesta funebre viagem.

O transito a percorrer é de seis leguas de posta. As carretas são descubertas e o tempo é de chuva. Apenas o cortejo deixou a cidade que Ginestet cahe em deliquio ; administrão-se-lhe soccorros, torna a si e a marcha continúa. Todo o caminho se acha bordado pela multidão dos curiosos. Salabert, d'uma forte constituição fisica, resiste e falla com o seu confessor. Mas Ginestet desmaia umas poucas de vezes. Era perto do meio dia, quando se chegou á praça de Foiral, onde o cadafalso tinha sido levantado durante a noite. Esta praça é contigua ao campo Calvet, pelo qual os condemnados se tinham introduzido na casa de Coutaud. Em pé, sobre o instrumento do supplicio, elles avisão o theatro do seu crime. Que recordação para elles ! Que sensação, quando avistarão mais de *vinte mil* pessoas estranhas á cidade de Gailhac, e que tinham concorrido para ser testemunhas da sua morte !

Ginestet et Salabert sobem ao patibulo, sostidos pelos dous algozes e ambos juntos. Ginestet nada diz : estendem-o sobre a prancha e Salabert em pé, vê espadanar o sangue do seu complice. Elle estremece d'espanto quando vê a cabeça, e o corpo cahir a seus pés. O cutello é de novo içado e escorre em sangue ! Salabert é immediatamente posto no lugar d'aquelle que já não existe. Vão atira-lo de baixo do instrumento fatal ; mas elle pede para fallar ;

concedem-lho, e d'uma voz interrompida, elle exclama no idioma patoá (patois) : As falsas testemunhas de Gailhac, a justiça d'Albi e Carrat são a causa da minha morte. Bons dias a todos. Um instante depois elle tinha cessado de viver.

No dia immediato Estève, chamado Quilhieu, que tinha acquiescido á sentença que o condemnou á prisão com trabalho por toda a vida, foi exposto durante uma hora ás vistas do povo. Elle conservou a sua impassibilidade.

---

Em consequencia das suas novas revelações á justiça, Carrat, cuja condemnação á morte tinha sido commutada na de trabalhos forçados, compareceu como testemunha perante o jury d'Alby a 31 de Julho de 1835. A sua presença parece fazer uma profunda impressão sobre os novos réos por elle accusados.

O presidente o adverte que se conduza com socego nos seus depoimentos, e que falle com franqueza e verdade, sem sentimento de odio ou mau animo : elle lhe diz que, suppôsto não possa prestar juramento, nem por isso deve menos dizer a verdade, e que commetteria o maior de todos os crimes, se depondo falsamente, compromettesse d'este modo a sorte dos novos accusados.

Carrat escuta o presidente com impassibilidade, responde que tudo o que disser será verdadeiro e exacto, e começa a sua declaração, mas com uma voz fraca que chega difficilmente a ser ouvida no tribunal : pede aguardente e depois de ter bebido, prosegue n'um tom mais alto a sua narrativa já sabida, mas a que accrescenta novos particulares, com respeito á complicitade de tres novos accusados que comparecem perante o jury.

O jargão esquipatico de Carrat, os termos de giria que elle multiplica, o seu rotacismo, as palavras de patoá, que quer afrancezar, as suas inflexões de voz, os seus gestos, tudo contribue, para dar um aspecto particular á sua horrivel narração.

O presidente pergunta a Carrat quaes as rasões que o impedirão de dizer toda a verdade nas suas primeiras revelações. Carrat respondeu que, ligado com Ressão desde a infancia, e ligado tambem com Cazelles, não queria ao principio compromette-los e se o fez mais tarde é porque cuidava que Estève fallaria e não desejava que se lhe pudesse fazer a arguição de não ter tudo descoberto.

Em quanto o presidente dirige aos accusados perguntas sobre os factos contados por Carrat, este olha para elles a rir e d'um ar de zombaria : os defensores dos accusados pedem ao presidente que faça observar a Carrat a inconveniencia que ha da sua parte em rir assim á barba dos desgraçados, de quem elle compromette a existencia. Carrat,

sem mostrar a menor emoção, responde com um sangue frio imperturbavel que, vendo os accusados sustentar constantemente que elles não estiverão onde elle mesmo os tinha visto, e onde por conseguinte está certo que elles se achavão, não póde deixar de rir. Elle refere as suas relações com Ressão antes da sua condemnação a cinco annos de prisão simples. Ressão era seu complice no roubo pelo qual elle foi condemnado ; as informações que lhe deu Ginestet não lhe deixão a menor duvida sobre a complicitade de Solomiac. Estève, extrahido da prisão e levado aos debates, apparece depois revestido com o uniforme dos galés ; elle persiste sempre em negar a sua participação no assassinato, e é reconduzido á prisão.

O jury declara o accusado Cazelles culpado de complicitade d'assassinato e de roubo, e os accusados Bougnol e Solomiac culpados de complicitade do roubo com circumstancias attenuantes.

Cazelles é condemnado á pena de morte, Bougnol a quinze annos de prisão com trabalho e Solomiac a dez annos da mesma pena.

Ouvindo a leitura da declaração do jury, Cazelles deu urros espantosos. Elle invocava a justiça de Deos e gritava : « Arrancai-me d'aqui, não quero ser guilhotinado, estou innocente ! » Comtudo, as forças do condemnado s'exhaurirão e elle repetia as mesmas frases com uma voz fraca, que parecia o sarrido d'um agonisante e por fim desmaiou.

Os activos soccorros que se lh'administrarão não o podião tirar do seu lethargo. A sentença foi pronunciada sem que Cazelles a ouvisse, e julgavão-no môrto.

Bougnol e Solomiac tinhão igualmente desmaiado.

Tres processos criminaes tinhão tido lugar, dez accusados havião comparecido perante o jury, tres tinhão pago com o seu sangue o sangue das tres victimas, e comtudo, em consequencia de novas denuncias feitas á justiça, um quarto processo começa no 1º de Janeiro de 1836, sete novos accusados são levados perante o jury, entretanto que um novo processo se instrue ainda.

O desejo de conhecer todos os pormenores do horrivel drama, a esperança, de que o *Manson* deste novo processo, o já extremamente celebre Carrat, se decidirá em fim a rasgar inteiramente o veu que ainda não ergueu senão em parte, tudo concorria na causa para estimular a curiosidade publica, e assim a salla d'audiencia se achava atulhada d'espectadores.

O primeiro accusado, chamado *Mina*, mariola, é um jovem de 28 annos, fortemente constituido; o seu talhe elevado; o seu semblante tranquillo, mas sem expressão, previnem assaz em seu favor. O segundo accusado, Antonio Castel, chamado *o ruivo*, tanoeiro, com trinta e um annos d'idade, não desmente de fórma alguma o epitheto que lhe applicão. O seu rôsto illuminado combina muito bem com os seus cabellos e sobrancehas vermelhas. Antonio

Larroque, chamado *Rossignol*, de trinta e sete annos d'idade, terceiro accusado, faz-se notar pela vivacidade da sua fisionomia. Os seus olhos pretos e animados, se dirigem successivamente sobre o tribunal, sobre o jury, e sobre o auditorio. O quarto accusado, Baptiste Castel, pai, chamado *Rest*, é um velho militar condecorado, que fez todas as campanhas d'Italia, d'Allemanha e da Russia : na batalha de Dresde, elle se apoderou com sete dragões, de tres peças d'artilheria dos Austriacos, e essa brilhante acção lhe fez obter a cruz da Legião-da-Honra : elle largou essa condecoração para vir á audiencia. Nota-se ainda no semblante expressivo e severo de Castel pai, alguma cousa do soldado. Bernardo-Agostinho Astruc, cutileiro, de 52 annos d'idade, quinto accusado, não apresenta esse fisico que é de suppor nos adeptos duma quadrilha de malfeitores. De pequena estatura, doentio, muito côxo, só anda com difficuldade. A cabeça ordinariamente baixa, a barba enterrada na gravata, elle olha por baixo com olhos pequenos salientes e cheios de vivacidade. Pierre-Rose Espeillac e Elisabeth Gazagnes, sua mulher, sexto e setimo accusados, occupão os ultimos lugares nos bancos. A fisionomia d'esse Espailac, a sua testa cuberta de cabellos pretos em desordem, e o seu rosto sem expressão, lhe dão em mais de um ponto ares de semelhança com um dos accusados do segundo processo, Reilles, chamado *Reillon*. A mulher d'Espailac, com a cabeça levantada e olhar firme, nada menos é que jovem e bella.

Quando se olha para os dous esposos, accredita-se sem difficuldade o que disse uma das testemunhas, que na bodega não era o marido quem trazia calções. Da mesma sorte que Estève e Cazelles, Espaillac e sua mulher erão testemunhas do primeiro processo.

O secretario dá leitura do acto d'accusação que, depois de ter referido os factos relativos ao assassinato dos esposos Coutaud e da sua criada, factos já conhecidos, chega aos que dizem respeito aos accusados actuaes.

O primeiro, Antonio Fabre, chamado Mina, designado tambem por outros epithetos, era o chefe da quadrilha. Elle devia essa distincção á sua audacia e aos seus habitos : desprovido de recursos, elle vivia sem trabalhar. A informação assignalou roubos que elle commetteu com violencias e mesmo com assassinato. Dalbys-Carrat conta, referindo-se a Salabert e Ginestet, que Fabre, de concerto com elles, Castel filho e a mulher d'Espaillac, degolárão na bodega pertencente a essa mulher um mercador provençal, em Março de 1833.

Antes do crime commettido na casa de Coutaud, elle fallou varias vezes do projecto a Dalbys-Carrat, para ver se vencia as suas hesitações. Elle assistiu ás reuniões em que se tramarão os planos. Dalbys-Carrat, tendo chëgado ao campo de Calvet com Ginestet, pela meia noute, lá o encontrou já em companhia de Salabert, de Reilles e Cazelles. Armado d'um par de pistólas elle estava mais tarde no

corredor da casa de Coutaud, com Bougnol, Reilles e Cazelles e assistiu á morte de Coutaud. Tendo entrado depois no quarto das mulheres banhadas em sangue, elle dá tres ou quatro estocadas com um punhal que trazia Salabert em uma d'essas infelizes. Ao sahir de casa, interveio no juramento prestado sobre punhaes postos em terra na praça do Foiral, e foi elle mesmo objecto d'um juramento particular, como capitão e destinado a vingar aquelles dos camaradas que a justiça chegasse a alcançar.

O segundo accusado Antonio Castel filho, chamado *o ruivo*, homem perdido de costumes e de reputação, desde muito tempo é o protector d'uma casa d'alcouce, regida por Maria Bougnol, mãe d'um dos tres condemnados. Um dos assassinos do mercador morto em casa d'Espaillac em Março de 1833, elle teria tomado parte, esse mesmo anno em uma tentativa de roubo, commettida por sete ou seis individuos em casa da solteira Vialar Gaillac. Segundo Dalbys-Carrat, este accusado tinha assistido ás reuniões que prepararão o crime.

Antonio Larroque, chamado Rossignol, 3º accusado, era tambem iniciado no projecto da quadrilha.

O quarto accusado é Jean-Baptiste Castel pai, chamado *Rest*, cavalleiro da ordem da Legião-da-Honra, elle vilipendiou a sua condecoração por um indigno procedimento. Já condemnado a um anno de prisão por crime de roubo, cumpriu a sua sentença na casa central de Nimes.

Segundo Dalbys-Carrat, informado do projecto da quadrilha, Castel pai assistiu ás reuniões que precederão o crime, e na noite de 24 confiou-se-lhe um posto perigoso.

Bernard-Augustin Astruc, quinto accusado, que a penuria a mais completa punha inteiramente á disposição da quadrilha; elle era habitualmente sustentado por Ginestet, Salabert e por Fabre, chamado *Mina*. O casal Espaillac o hospedava gratuitamente. Elle preparava os instrumentos que devião ser empregados na empresa, aproveitando-se da ausencia d'um cutileiro que o occupava e da cegueira quasi completa do individuo que fazia girar a roda.

Pierre-Rose Espaillac e Elisabeth Gasagnes, sua mulher, sexto e setimo accusados, representarão um papel importante nos factos que se ligão ao duplo crime commettido na casa Coutaud. Era com rasão que um viajante qualificava o albergue delles de *caverna*. O processo confirma diversas provas da sua profunda immoralidade; era o roubo d'um tonnel, levado descaradamente em pleno dia, era um credor expulso com ameaças, depois de lhe terem destruido o titulo da divida, erão dois viajantes de quem se questiona sobre o dinheiro que levão, e de quem se diz, que havia com elles um bom lance a fazer, era um terceiro, fechado á chave, e obrigado a resgatar-se com o auxilio de Salabert e de mais alguns de seus camaradas, era um outro que durante uma bebedeira foi despojado de tudo quanto comsigo

tinha ; era finalmente o cadaver de um outro achado debaixo d'uma escada.

Uma testemunha conta que uma vez ouviu na cosinha do albergue a mulher d'Espaillac, Salabert, Ginestet e Dalbys-Carrat tratarem do projecto, cuja execução se verificou dous mezes depois, e que todas as medidas ahi forão tomadas.

Na época do julgamento d'Estève, Espaillac, que devia temer outras revelações de Dalbys-Carrat, testemunhava a sua impaciencia pela duração de todos esses processos. « Tardava-lhe que tudo isso fosse acabado, ter-se-hia feito melhor em acabar a casta a Carrat. » As suas inquietações erão fundadas. Alguns mezes depois, Dalbys-Carrat escrevia á mulher d'Espaillac, assim como a Fabre, chamado *Mina*, para pedir dinheiro em recompensa do segredo guardado. Mais tarde emfim, soube-se por elle que os Espaillac tinhão fornecido uma espada de que Astruc tinha feito punhaes e que pannos ensanguentados tinhão sido levados ao albergue pelos assassinos. Emfim que marido e mulher tinhão recebido quatro mil francos, dos quaes dous mil para elles e os outros para serem distribuidos por alguns da quadrilha. Por isso a culpabilidade dos Espaillac póde resumir-se neste dicto d'Estève : « Que se prenda os Espaillac, elles sabem tudo, foi lá que o crime se ajustou. »

Depois dos depoimentos d'algumas testemunhas e do interrogatorio dos accusados, que se limitão a simples nega-

ções, o presidente ordena aos gendarmes, que conduzão Carrat. O seu vestuario apurado fere todas as vistas, barrete e colete de veludo, jaqueta nova, gravata de seda amarella cor de canario, sapatos brilhantemente lustrosos, luxo de sinetes, luvas azul celeste, em uma palavra o seu póрте é quasi o d'um elegante. Depois que elle declinou os seus nomes, prenomes, alcunhas e qualidades, o presidente o convidou a fallar.

« Sñr. Presidente, diz Carrat, como eu não sabia que devia ser ouvido hoje, não estou preparado ; nada se me deu hoje a comer, e não posso fallar sem que me dem de comer. »

*O Advogado geral* : « E' justo, se Carrat está morto civilmente ; elle o não está naturalmente. » O presidente dá ordens para que levem Carrat e que lhe dem de comer ; mas recommenda a um meirinho que lhe não dem vinho á discrição.

Carrat, reconduzido ao assento das testemunhas, pede ainda um copo d'agua, e depois de se ter açoitado, tomado uma pitada de tabaco, e mettido uma pastilha na boca, começou o seu depoimento.

Nós o não seguiremos nas suas longas declarações, de que a maior parte é já conhecida, e só diremos o que directamente se refere aos novos accusados, e o que elle não tinha ainda revelado.

« Algum tempo antes do assassinato, diz elle, Salabert, Mina, e Rest outros me tinham communicado esse projecto. Estando eu á meza na cosinha d'Espaillac, todos os membros da quadrilha entrárão no albergue e subirão, eu como estivesse bebado, não pude lá ir. Alguns dias depois, perguntei a Mina que medidas se tinham tomado, e elle me respondeu que se tinha decidido que eu não fosse á casa de Coutaud, para não excitar suspeitas, pois que estava sob a vigilancia da policia.

A 24 de Janeiro, eu fui cear em casa d'Espaillac : este pediu dinheiro a Ginestet para ir buscar um litro d'aguardente. « Vós a tereis lá para á manhã quando tiverdes acabado de trabalhar. » Quando eu sahi, a mulher d'Espaillac me bateu no hombro, dizendo-me : « Tem coragem, Latranche! »

« Eu fui com Ginestet ao café Bernier ; e ao voltar pelas onze horas, vi de sentinella o Ruivo Rossignol ; chegado ao campo de Calvet, ahi vi Mina, Cazelles, Salabert, Estève e Reilles, designarão-me um posto : ao ir para elle, vi Rest de sentinella ; elle estava armado d'um punhal, e disse-me ao passar : Bebeste tu a gota ? — « Sim, » lhe disse eu e fui para o meu posto.

Carrat conta a sua fugida, a sua entrada em sua casa, donde foi sem demóra tornado a trazer por Estève, Ginestet e Salabert ; a sua entrada na casa Coutaud ; o assassinato

desse desgraçado velho por Estève, Salabert e elle, o acabamento da criada por Salabert e o roubo dos armarios por todos os assassinos.

« Durante que nós estavamos no quarto das mulheres, Mina entrou lá. » Ora pois! lhe disse eu, nem todo o mundo aqui foi morto! — Terás tu ciumes? » respondeu elle e tomando um punhal das mãos de Salabert, feriu com elle uma das mulheres. Nós sahimos então para o corredor, e vendo que Mina accendia um cigarro, lhe perguntei : ousas tu fumar aqui? Tomei-lho e o atirei na cosinha. Ao sahir da casa, os punhaes forão pôstos na terra e nós jurámos um segredo inviolavel. Cazelles me disse : « Os que não assassinarão esta tarde hão de assassinar em casa do abbade Salabert. » « Em favor do parentesco, diz Salabert, eu quero bem ahi trabalhar. » Nós nos separámos todos, eu me dirigi á praça do arrebalde, com Mina. Como elle estivesse de calsa branca, eu lhe disse : « Poder-se-hia cuidar que tu sahes d'um noivado, eu vou-te pôr a minha assignatura, e com a mão ensanguentada, lhe manchei as calsas.

« No dia seguinte fui á casa d'Espaillac pelas oito horas. » Ora pois! disse eu a Espaillac, vós recebestes dinheiro e eu tenho necessidade. — Come a sopa, me disse elle, e depois eu te pagarei : » Em quanto comia a sopa, fui preso.

« Estando preso em Albi, na casa da justiça, Salabert me contou que no 24 de Março de 1833, voltando de Cra-

maux com uma carreta e tendo chegado á alameda de Gail-lac, um homem se chegou a elle e lhe disse : » Eu sou mercador de carneiros, tenho dinheiro comigo, indicai-me uma boa hospedaria. — Hide á casa d'Espaillac, defronte d'administração municipal, lhe diz Salabert, esta tarde eu lá hirei, para vos recommendar. Á tarde Salabert foi á casa d'Espaillac, com o Ruivo, Mina e Ginestet : o mercador estava á mesa, convidou Salabert a beber com elle e depois da ceia, pediu um quarto ; « Rousselle, diz Salabert á mulher d'Espaillac, dai-lhe um quarto seguro, onde elle não tenha perigo algum, eu vo-lo recommendo. O mercador subiu para o quarto. Pelo meio da noute, Salabert, Ginestet, o Riuvo, Mina e os Espaillac, o assassinárão e forão deitar o cadaver no rio Tarn. Achou-se na sua malla 2,400 francos em ouro e 300 em moedas de prata.

Esse primeiro depoimento, Carrat o fez de um só follego, não parando de tempo a tempo, senão para tomar uma pitada de tabaco ou para chupar uma pastilha : por differentes vezes, elle tirou do bolso com ostentação um relógio de prata de que elle se comprazia em fazer tinir os sinetes. A sua facilidade d'elocução, o seu desembaraço diante do publico, a sua flegma contando pormenores os mais horriveis dessa noute de sangue, tudo indica em Carrat um digno émulo de Lacenaire.

*O presidente* : Mina : vós tendes ouvido a declaração de Carrat, que tendes a responder? — *Resposta*. Nada fiz

do que elle m'imputa e tudo o que disse a meu respeito é falso.

A mesma pergunta foi dirigida pelo presidente a todos os outros accusados : elles respondem todos que não tomarão parte no assassinato e que todas as declarações de Carrat são mentirosas.

Continua-se a audição das testemunhas.— *Pierre Dalbys*, irmão de Carrat : Durante que se formava o processo contra Cazelles, eu fui visitar meu irmão na cadeia de Gaillac : como corria voz que Mina tambem seria preso, perguntei a meu irmão se esse individuo tambem seria pertencente aos assassinos, e elle não me quiz responder. « Elle não era certamente do numero, disse eu, porque a mulher do estalajadeiro declarou ter elle ficado em casa della até á meia noite. Elle não estava lá, nem mesmo ás onze e meia, » respondeu Carrat. Continuando a fallar com elle, distingi varias figuras debuxadas na parede e entre outras um amolador aguçando alguma cousa : « Que significa isto ? » perguntei. — Quiz representar-me o coxo Astruc preparando os punhaes com uma espada fornecida pela mulher d'Espaillac. »

Esta audiencia e as de 24 e 25 de Dezembro forão destinadas á audição das outras testemunhas. Nós nos limitaremos a citar os tres depoimentos seguintes, que podem dar uma ideia do que era o albergue dos Espaillac. *Antonio Brandaw* : Ha annos que eu tinha vendido alguns porcos

na feira de Gaillac, á tarde fui alojar-me com um de meus amigos em casa d'Espaillac. Nós estávamos a ceiar ao lado de pessoas das mais mal encaradas, quando a mulher d'Espaillac me disse batendo-me no hombro : « Vós trouxestes hoje muito dinheiro com vosco ; poderia com isso fazer-se um bom lance. » Este dicto, em presença de taes individuos deu-me muito em que entender, e eu disse ao meu companheiro quando nos recolhemos juntos : A que caverna me trouxeste tu ! » e não dormimos toda a noute.

*Antonio Bosc* : Ha pouco mais ou menos cinco annos que, hindo a Gaillac, fui dormir em casa d'Espaillac : estava na cama acordado, quando ouvi abrir a porta do quarto. « Quem é la » gritei eu, — « Sou eu, me respondeu a mulher d'Espaillac, eu vinha ver, se vós querieis beber. — Hide, retirai-vos, lhe disse, eu não bêbo durante a noute. » No outro dia de manhã pedi-lhe a minha conta, e como achasse que era um pouco cara, quiz regatear. A mulher d'Espaillac então se armou d'uma faca dizendo-me que a pagasse. « Eu te aconselho que pagues e bem de pressa, » me diz Salabert, que se achava n'um canto da cosinha. Dei todo o dinheiro que tinha comigo e retirei-me o mais depressa que pude.

*Bernard Raymond* : Achando-me n'uma época em Gaillac, Astruc me convidou para hir beber em casa d'Espaillac ; lá fui e bebi sem duvida um pouco de mais, adormeci na cosinha, e achei-me no outro dia de manhã na estrebaria.

Ao acordar, conheci que me tinham tomado a bengala, o capote e o dinheiro que tinha comigo. Fui á cosinha, para me queixar ao dono da casa, não encontrei ninguém, mas á bulha que fiz ao entrar, uma mulher que se achava n'um leito me perguntou o que eu queria : « Onde está a minha bengala? perguntei eu. — Não sei della. — A minha faca? — Não sei d'ella. — E o meu dinheiro? — Quer V. despejar o beco e quanto antes? me responde a mulher encolerizada, ou alias eu levanto-me e com uma bengala lhe acabo a casta?

Cazelles, antes da sua execução, tinha feito ao procurador do Rei em Albi declarações, cuja substancia é a seguinte :

A 24 de Janeiro de manhã eu achei Anna Dalbys na praça do arrebalde, ella me disse que a fosse levar no dia seguinte a um saráo. Ás quatro horas da tarde, fui ao café Bonpar, onde me demorei até ás onze e meia a comer e a beber, fiquei meio bebado, mas fui ao saráo buscar Anna Dalbys, que já lá não encontrei. Retirei-me e fui-me deitar na Verrerie. Tinha adormecido, quando pela uma hora da manhã, senti uma mão pôr-se-me sobre o rosto : « Quem é lá » gritei eu, e reconheci Anna Dalbys e Anna Julia : esta tinha levantado as abas do gibão sobre a cabeça, a outra, Anna Dalbys, tinha a cabeça cuberta com um lenço. Estas duas mulheres me fizeram levantar e sahir com ellas. « Onde quereis vós levar-me? » pergunto eu. « Vinde ,

que vos importa? » me respondeu uma dellas. Nós passámos pela rua de la Madeleine e entrámos no campo de Calvet. Encontrei lá Carrat, Estève, Salabert e Ginestet.

» Perguntei a Estève o que hiamos fazer.

« Cala-te, me disse elle, nós havemos de nos rir, antes de nos separar-mos. » Ginestet, Salabert e Carrat subirão sobre o tecto; eu fiquei no campo de Calvet com Estève e as duas mulheres; no fim de meia hora pouco mais ou menos, vi voltar Carrat e Ginestet, trazendo pacotes de roupa debaixo do braço. Anna Julia e Anna Dalbys tomárão essa roupa e a levarão á casa da mulher de Pedro Dalbys, onde ella foi escondida no tubo da chaminé. « Vinde, me disse então Carrat, nós vamos rir. » Fomos então á rua Foiral e entrámos na casa de Coutaud. Eu vi n'um quarto os cadáveres de duas mulheres, das quaes uma dava ainda alguns gemidos. Salabert sacou d'um punhal que tinha debaixo da vestia e apresentando-mo : « N. de Deos, disse elle, eu comeei, é preciso acaba-la, ou eu te mato » e elle me ameaçava com o punhal.

« Espavorido, deitei a fugir, e ao descer a escada, ouvi que Estève assassinava Coutaud. Carrat, vendo que eu fugia, deitou a perseguir-me : felizmente para mim, apagou-se a luz e eu pude escapolir-me. Cheguei á minha casa e atirei-me vestido sobre a cama. Não sei se outros, alem dos que nomeei participárão do assassinato.

Depois desta leitura, o advogado geral toma a palavra e

sustenta a accusação em todas as suas partes. Examinando as principaes objecções que a defeza pode oppôr ás declarações de Carrat, esse magistrado as refuta e continúa assim :

« Vós tendes ouvido, este homem, Sñrs. Vós tendes visto os pormenores numerosos em que elle entrou. As suas declarações escriptas concordão, salvo insignificantes differenças, com as suas declarações oraes. Que impressão produzirão ellas sobre vossas almas ?

« Já duas vezes, sempre na mesma posição legal, sempre a titulo d'esclarecimentos, elle tem fornecido declarações. Elle as forneceu no seu segundo processo e um homem foi condemnado a trabalhos forçados por toda a vida, e esse homem, alegrando-se d'essa sentença, a considerou como uma graça, elle não interpoz revista e tres dias depois comia e bebia com Carrat que tinha feito as suas revelações contra elle. No terceiro processo, Carrat apresentava declarações contra tres novos accusados, Cazelles, Solomiac e Ressegou, que forão condemnados.

» Não será isto, Sñrs. já uma prõva bem forte do fundamento das suas declarações ? salvo a examinar o valor das suas affirmativas ! Poderá dizer-se que não foi Carrat quem fez condemnar esses individuos, que o forão por outras declarações ? Se isto fosse verdade, não seria menos certo, que, se Carrat não tivesse fallado, esses homens não terião sido condemnados ; que Carrat disse a verdade, e que sem as

suas declarações, a justiça não teria attingido aos criminosos.

O defensor de Fabre (o *Mina*) toma a palavra. Chegando áquella parte das declarações de Carrat, em que elle diz que, se não denunciou primeiro Mina, foi por piedade par elle, o defensor exclama :

« Piedade, Carrat !... tinha-a elle, o infame, quando mergulhava a casa de Coutaud em uma immensa matança ! tinha-a elle, quando no banco dos accusados, succumbindo, apesar de toda a sua astucia, sob o peso das cargas que o acabrunhavão, mudando repentinamente de systema, sabendo assassinar, mas não sabendo morrer, deixou cahir da sua boca impura cobardes declarações, que fizerão rolar sobre o cadafalso as cabeças de Salabert e do desafortunado Ginestet !... de Ginestet, seu amigo ! de Ginestet, até então virtuoso, e que só Carrat tinha impellido ao crime !... piedade Carrat !... ah ! tanto valeria dizer que os rochedos tem uma alma e os tigres um coração ! »

O advogado de Castel filho (o *Ruivo*) estigmatiza nestes termos as revelações de Carrat :

« Vós vereis Sñrs. jurados, no acto d'accusação, e elle se acha escripto em cada pagina, um nome, de que ninguém inveja a ignominiosa immortalidade. Esse nome, pedra angular d'accusação, qual é elle ? Di-lo-hei eu ? é o d'um desses entes depravados, que apenas escapos á infancia, exercitão no mal as suas faculdades nascentes ! esse nome é o

d'um desses homens impuros que, preludiando ao assassinato por muitos outros crimes, contão quasi os annos de vida pelos seus annos de detenção. Esse nome é o d'um desses malfeitores, cuja fronte sem pudor, busca levantar-se á medida que lhe recresce a infamia. Esse nome, porque é preciso emfim dize-lo, é o de... Carrat.

« Ah ! Carrat ! matador da familia Coutaud : é pois verdade que, por meio de revelações, tão matadoras, como forão tardias, tu economisaste a tua cabeça á custa de quatro outras? Sim, e é verdade que novas revelações trouxerão a este banco sete outros accusados. Continua Carrat, tem coragem ! Marcha sempre, o interesse é o teu guia. Ou antes não é tempo de parar, e a hora talvez soe, em que para ti, ao nome d'assassino vá ligar-se o d'infame mentiroso. »

Outro advogado toma a palavra pelo accusado Larroque, e n'uma calorosa peroração, acaba por estas palavras, dirigidas aos jurados : « Não esqueças as ultimas palavras de Cazelles sobre o patibulo : Desconfiai de Carrat ! »

O defensor de Castel, pai, depois de ter feito conhecer o bom procedimento do seu cliente, discute as innumeraveis contradicções dos depoimentos de Carrat, e termina assim :

« Não hade acontecer que este velho militar tenha escapado aos perigos de numerosos combates, e affrontado tantas vezes a morte nos campos de batalha, para ser reservado a morrer n'um cadafalso e pelo depoimento do mais

vil dos assassinos ! Não hade acontecer que, por uma semelhante prova, este bravo dêva ser entregue aos rigores inexoraveis da lei, porque nada poderia impôr á vossa convicção esse lugubre sacrificio ! »

O defensor d'Astruc representa esse accusado como um infeliz em luta desde o seu nascimento com uma triste fatalidade. Elle aborda a discussão das provas de culpabilidade, invocadas contra o seu cliente, provas que se reduzem ás declarações de Carrat, e com uma emoção partilhada por mais d'um auditor, elle exclama :

« Astruc está alli, e eu fallei por elle. Mas agora vós condemnais Astruc e ouvis Carrat, chacotear com um riso satanico, todo vaidoso de vos ter enganado, e gritar na sua alegria infernal : « E elles ! Elles tambem são assassinos !... »

« Condemnai Astruc e hide dizer nas vossas familias : Entre os accusados havia um homem... um homem a quem proteção cincoenta annos de probidade a mais bem estabelecida, a mais constantemente observada, contra quem se não elevava testemunho algum, um homem que todos os seus concidadãos terião absolvido, se estivessem no nosso lugar ; mas porque elle foi despojado por aquelle que deveria sustenta-lo, porque foi trahido, abandonado por aquella que lhe tinha jurado a sua fé e deveria ser o seu apoio, mas porque elle era enfermo e incapaz de prover a uma existencia brilhante, mas porque era pobre, mas porque era desgraçado, nós atirámos com elle ao carrasco.

Mas eu m'engano : Vós antes direis ao meu cliente : Hide, voltai para entre os homens, hide là viver, como tendes sempre vivido. Lembrai-vos de vossos soffrimentos para vos tornardes melhor, e se a desgraça vos perseguir ainda, lembrai-vos que a virtude é tanto e muito mais respeitavel debaixo dos farrapos, que dos tectos dourados, e que os olhos e a estima do homem honesto a sabem distinguir em toda a parte. Sñrs., tal será a vossa linguagem, que não hirá contra o vosso verdicto, eu o espero. »

O defensor da mulher d'Espaillac abórda de frente a accusação : elle combate todas as cargas d'accusação, discute depois a questão de complicitade, estabelece os principios em materia de complicitade legal, os caracteres que deve ter essa complicitade para ser punivel, e termina assim :

Eis, Sñrs., a defeza dos Espaillac ; não existem contra elles provas de complicitade legal e vós deveis absolve-los.

Mestre Dugabé, defensor d'Espaillac, toma por sua vez a palavra ; principalmente encarregado d'atacar as declarações de Carrat e d'Anna Julia, elle começa pelas de Carrat, e se pergunta quem é esse homem ?

Esse homem, diz elle, que quatro condemnações tem estigmatisado, sem que a vingança da lei fosse satisfeita, nem que a sociedade ficasse resguardada, esse homem se apresenta hoje, e, infame como éra, e é, elle se apresenta como testemunha digna de confiança, e o cadafalso de que tem

tantas vezes escapado, é para elle uma tripeça, donde produz os seus oráculos.

Vós o sabeis, Sñrs. um homem, e foi o ultimo, pagou com a cabeça a participação que teve no crime commettido contra a familia Coutaud. No dia em que os vossos predecessores pronunciarão do alto da sua consciencia a palavra fatal que lhe arrancava a vida, sobre esse banco teve lugar uma d'aquellas scenas horriveis que traspassão o coração do homem, e seja elle quem fôr, o transtornão na sua existencia. Cazelles, ao ouvir essas palavras exclama : « Deos do céu, a morte ! e eu estou innocente ! » No mesmo instante esse pensamento o fulmina, elle cahe aos pés dos seus juizes em que elle tinha esperado, e esses mesmos jurados, aquelles que acabavão de o condemnar, antes que deixassem o lugar, espantados, como ficção da sua protestação energica, redigem uma petição de graça, que não teve andamento, que não teve resultado, e Cazelles, subindo ao cadafalso, no momento solemne em que um minuto o separa da eternidade, se dirige ao povo e lhe diz : « Morro innocente do crime porque fui condemnado, e Carrat é um infame, acautelai-vos delle. E no mesmo momento, continuando essa piedosa resolução, á voz do padre, elle accrescenta : E com tudo eu perdôo a Carrat ? Se tudo isto é verdade, e ninguem o poderia contestar, que fareis vós, Sñrs., vós, a quem a sociedade confiou a formidavel missão de dar a estes homens a vida ou a morte ? »

« Eis-vos em presença de dous reveladores, um cuja vida foi um maleficio não interrompido, e que comprou a sua infame existencia com as suas revelações, outro que vós não podeis ver senão evocando a sua sombra. Se é do fundo da tumba que vos chega a sua voz, e que, collocando-se ao lado de Carrat o infame, Cazelles morto nos sentimentos de piedade que vós tendes sabido, venha dizer perante vosso tribunal : « Carrat é um infame diante da justiça e diante de vós, » eu o repito, que farieis Sñrs. jurados? Narrador de factos, eu vos digo os ultimos momentos da vida de Cazelles ; a vós toca o medita-los. Vêde diante de vós o cadafalso e a cabeça de Cazelles que rola ainda murmurando : « Eu estou innocente diante de Deos e diante dos homens ! E pronunciai. »

O advogado geral toma a palavra para replicar. Elle começa, repellindo todos os ataques, de que as declarações de Carrat e d'Anna Julia tinham sido objecto, e explica as contradicções que a defeza assignalara nessas declarações. Chegando ás cargas que pesão sobre cada um dos accusados, elle as reproduz com força, e com uma energica concisão.

« Aqui termina a minha taréfa, diz esse magistrado ao terminar. Eu estava condemnado a vir pela quarta vez arrastar-me no sangue, nos horrores d'um espantoso crime. Ainda que membro do ministerio publico, eu digo a exemplo d'um grande homem, que vale mais que um criminoso seja absolvido, que punido um innocente. Mas será

cousa indifferente, Sñrs. a salvação d'um culpado, e o jurado que lança no meio da sociedade um criminoso, não será responsavel diante das victimas de seus novos crimes ? Não será tambem responsavel perante Deos por um verdicto, que deu aos homens que uma nova condemnação deveria ter attingido, os meios de merecer outras condemnações ?

Olhai ! Sñrs., a lei não olha para a idade das victimas, nem para a sua qualidade, nem para o merito individual ; e quanto á justiça, em materia criminal, como em todos os outros ramos, a igualdade é o character essencial, o attributo fundamental dessa justiça. Ora a igualdade quer que aquelles que tiverão commuidade no crime tenham tambem uma commuidade de pena. »

O Presidente resume os artigos d'accusação e os meios de defeza. As questões sobre que os jurados tinham de pronunciar erão vinte e duas. Segundo as suas declarações, Fabre, chamado Mina ; Castel, chamado *o Ruivo* ; Larroque, chamado *Rossignol*, e Elisabeth Gazagnes, mulher d'Espailac, são declarados incursos no roubo commettido em casa de Coutaud com todas as circumstancias aggravantes ; Pierre-Rose Espailac é declarado reu do mesmo crime com circumstancias attenuantes. Castel, chamado Rest e Astruc são absolvidos. Em consequencia desta declaração, Mina, o Ruivo, Rossignol e a mulher d'Espailac são condemnados a prisão com trabalho por toda a vida, Espailac a quinze

annos da mesma pena, e todos os cinco á exposição publica. Rest e Astruc ficarão livres.

Ao ouvir a sentença, nenhum dos condemnados manifestou a menor emoção.

---

O quinto episodio deste espantoso negocio levou, em 1837, perante o jury, dezasete novos accusados de complicitade no assassinato da familia Coutaud. Antes de delinear estes novos debates, façamos um resumo dos quatro primeiros processos despejados por quatro successivas sentenças.

A 25 de Janeiro de 1834, encontrou-se na casa de Dominique Coutaud, em Gaillac, o cadaver desse velho, o de Maria Fonvieille sua mulher, e o de Maria Gardés, sua criada, crivados de feridas, ao todo 53, a maior parte mortaes, e feitas com tres sortes d'instrumentos de fórma differente. Os assassinos, depois de terem entrado no jardim, subirão ao tecto, que é mui baixo desse lado e se tinham introduzido na casa por uma trapeira das aguas-furtadas, que costumava ficar aberta; uma brecha feita n'um tabique, lhes deu entrada no quarto das mulheres, que ahi forão esfaqueadas. Dahi entrárão elles no quarto de Coutaud, que era separado deste por um corredor, e o desgraçado, pri-

meiramente ferido no quarto, foi acabado nesse corredor, onde jazia, perto da escada. Uma grande porção de numerario em ouro e prata, joias e diferentes outros effeitos de mobilia, tinhão sido roubados pelos assassinos. Encontrão-se no mesmo dia 25 de Janeiro, n'um monte de palha, em um telheiro do casal de Pouille, a cousa de meia legua de Gaillac, caixas de papelão ensanguentadas com objectos pertencentes á mulher de Coutaud.

Salabert, Ginestet, e Dalbys, chamado Carrat, forão condemnados á pena de morte, e as duas mulheres Anna Julia e Anna Dalbys, mulher d'Antonio, forão absolvidas do crime de complicitade, como receptadoras. Dos tres condemnados, Dalbys, chamado Carrat, foi o unico a quem se concedeu uma commutação de pena, que elle deveu a revelações feitas antes do encerramento dos debates.

Estas revelações, successivamente estendidas a diferentes individuos servirão de base ás pesquisas que se seguirão. Na segunda fornada houve condemnação d'Estève, a prisão com trabalho por toda a vida, e absolvição do seu correu Reilles. Na terceira Cazelles foi condemnado á pena de morte, a qual foi executada; Bougnol a quinze annos de prisão com trabalho, e Solomiac a dez.

Emfim, no quarto processo, de sete accusados, dous forão absolvidos : Castel pai e Astruc; a pena de prisão perpetua com trabalho foi infligida a Castel filho, a

Fabre, chamado *Mina*; a Larroque, chamado *Rossignol*; e a Elisabeth Espailac, cujo marido foi condemnado a quinze annos de prisão com trabalho.

Semelhante numero de condemnações mostrava a existencia, em Gaillac, d'uma quadrilha de malfeitores organizada, e explicava as empresas criminosas de que esta cidade tinha muitas vezes sido theatro; com tudo, não se conhecia ainda todos os membros d'associação, todos os autores ou complices do crime commettido na noute de 24 a 25 de Janeiro.

No principio de Março de 1836, Dalbys Carrat, cuja veracidade tinha sido tão bem demonstrada pelas sentenças intervindas, designou seis outras pessoas, e pouco a pouco, lhes accrescentou o numero; Solomiac e Elisabeth Espailac fizêrão tambem revelações, que concordavão com as delle; conheceu-se por um homem, que tinha sido o camarada de leito de Cazelles, as confidencias desse outro condemnado; emfim Anna Julia, criada dos Espailac, referiu uma multidão de factos, que ella mesmo tinha presenciado ou que ouvira a varios culpados. Todos estes elementos fortificados por outras provas que a instrucção forneceu, estabelecerão a culpabilidade dos dezasete novos accusados.

Quatrocentas testemunhas forão ouvidas na informação e nos debates, que exigirão varias audiencias. O presidente, na direcção desses penosos debates, deu prova da mais admiravel imparcialidade, lembrando os meios da defesa

mais extensamente talvez que os da accusação. As questões que o jury tinha a decidir erão no numero de 54. Durante a ultima audiencia os accusados não tinham nada perdido da sua tranquillidade : Todos, excepto dois, forão declarados culpados.

Á leitura da declaração do jury um tumulto horroroso rompeu no banco dos accusados ; gritos de furor e desespero se fizerão ouvir ; uns se levantão e protestão da sua innocencia ; os outros, não podendo resistir ás violentas emoções que os agitação, cahem desmaiados. Emfim o tribunal, depois de ter deliberado, profere uma sentença que condemna Darles a prisão com trabalho por toda a vida ; Gayvel, tambem conhecido pelos appellidos de *Souel* e *Bandit*, a quinze annos ; a mulher Bossu a dez annos ; Tahou a 12 annos ; Vialar, chamado *Requisto*, a quinze, todos da mesma pena. A mulher Dios foi condemnada a dez annos de reclusão ; Soubat a oito ; Chagnes a seis ; Portal, chamado *Mathalo*, a seis annos ; Roquan a oito, da mesma pena ; a mulher Amaré ; Fabre chamado *Fricou*, e Cathala a cinco annos de prisão.

Os condemnados feridos pela sentença dos jurados se entregárão na prisão a actos de desesperação e de demencia ; dois entre elles se despedaçárão mãos e braços com os dentes.

---

## PROCESSO CHAMADO

## DARNAVE

HORRIVEL ASSASSINATO. — TERCEIRA INFORMAÇÃO. —  
INTERROGATORIO.

*Jury de l'Arriège (Foix).*

Pela terceira vez em menos de dous annos, este processo que, pela posição social de alguns dos accusados, fazia lembrar o de Fualdés, veio occupar a attenção publica e o jury do Arriège.

Na tarde do dia 28 de Junho de 1835, Pierre Durand, chamado Fargayre, antigo ferreiro, em retiro no districto d'Arnavé foi achado enforcado na sua casa. Bem que a morte não remontasse a além de quatro dias, o cadaver se achava já na sua parte superior reduzido ao estado de esqueleto. Os gatos se tinham introduzido por uma janella e todas as massas carnudas da parte anterior da face desde a raiz do cabello até á parte anterior do peito tinham sido retiradas, de maneira que se podia ver o interior do peito a travez do espaço comprehendido entre as claviculas e a columna vertebral, e a travez do intervallo das costellas até á quinta, havendo a carne sido arrancada até os ossos.

As indagações a que se procedeu demonstrarão que o desgraçado Durand tinha morrido victima d'um assassinato.

O clamor publico principiou por accusar um certo Bernard Bernadac, chamado Margaridot, e sua mulher.

Este Margaridot devia uma somma de 300 francos a Durand; sabia-se tambem que elles não andavão muito correntes, e signaes de sangue, descubertos em um almario, entre os effeitos e papeis do defuncto, parecião indicar que o assassinato tinha tido em vista satisfazer outra cousa mais que um desejo de vingança. Uma visita domiciliaria tinha sido feita em casa de Bernadac, e elle não pôde apresentar os vestidos que habitualmente trazia. Interpellados por fim sobre se tinhão algum conhecimento do crime, se em consequencia da disposição dos lugares, que lhes permittia tudo ver e tudo ouvir, não tinhão algumas informações a fornecer, Bernadac e sua mulher havião constantemente declarado nada saber. Suspeito por estes indicios que corroboravão a opinião, Bernadac foi preso alguns dias depois. Começou-se uma instrucção contra elle e contra sua mulher, mas por uma excepção mui singular ficou esta solta e podendo quotidianamente communicar com o marido, seu complice.

Tinhão-se já perguntado varias testemunhas, quando certos boatos espalhados no paiz e chegados aos ouvidos do juiz do processo, o induzirão a dirigir para outro lado as

suas vistas. Tres individuos, arguidos de terem entrado no crime como autores ou como complices, forão immediatamente recolhidos á prisão. Erão os Sñrs. Michel e Paul Turière, pai e filho, e Arnaud Combes, chamado *Comtois*. O primeiro, rico proprietario d'Arnavé e adjuncto ao maire (magistrado municipal) d'aquelle districto, morava na aldeia de Léroú, com seu filho Paulo de trinta e dous annos d'idade, pouco mais ou menos. O segundo, canteiro, era domiciliado no districto de Celle. No dia presumido do crime, elle tinha posto lages em casa de Turière. Esta circumstancia e alguns dictos escapos á sua loquacidade, atrahirão sobre elle a attenção publica; pessoalmente, elle não tinha interesse em assassinar Durand a quem não conhecia, mas era homem, segundo constava, proprio a prestar-se ás vinganças de terceiro. D'outro lado o rumor do paiz prestava aos Turière propositos ameaçadores contra Durand. Este ultimo, segundo se disse, teria sido causa de se desmanchar um casamento muito vantajoso que Turière filho devia concluir no districto de Lavelanet, o que seria sufficiente para excitar a animosidade deste jovem e de seu pai. D'ahi as supeitas dirigidas contra os tres novos accusados, e que motivárão o mandado de prisão contra elles lançado.

No meio dás indicações contradictoriás que o processo lhe fornecia, a camara do conselho do tribunal de Foix julgou dever decretar a accusação contra os cinco individuos

de que acabamos de fallar; mas por determinação de 16 de Janeiro de 1836 a relação de Tolosa, despronunciou os Turière e o Comtois, remettendo para o jury do Arriège só Bernadac e sua mulher. Condemnado á prisão com trabalho por toda a vida, Bernadac, no dia immediato ao seu julgamento pediu para fazer revelações. Ellas incriminavão os prevenidos que precipitadamente o tribunal tinha feito soltar, e por isso uma nova informação foi determinada. Tendo as cargas parecido sufficientes, os Turière e o Comtois forão postos em accusação, mas só o ultimo compareceu perante o jury no mez de Setembro de 1836.

Comtudo elle protestou sempre da sua innocencia, amaldiçoando Margaridot e sua mulher, que o tinham deitado a perder, dizia elle, com as suas mentirosas revelações. Foi, de resto, sempre essa a sua linguagem e que elle empregou, quer nas galés ou nos differentes lugares que percorreu quando dellas foi extrahido. Antes dessa época os Turière se tinham occultado. O filho passou á Hespanha, onde serviu nos exercitos do pretendente; e quanto a Turière pai, sabia-se, que não tinha deixado o paiz. Fatigado, sem duvida, d'uma vida miseravel e vagabunda, elle quiz decididamente pôr-lhe um termo. Em consequencia, voluntariamente se apresentou para expurgar a contumacia.

A accusação representava esse homem como o instigador do assassinato de Durand Fargayre e tinha mandado vir das galés os dois precedentemente condemnados, Bernadac e

Arnaud Combes (*le Comtois*), para os acarear com Turrière.

O espectáculo dos dois forçados chamados para depôr no lugar mesmo em que tinham sido estigmatizados ; esse odioso vestuario, esses ferros de que se achão carregados, esses semblantes sombrios e emmagrecidos pelo trabalho e a dôr, tudo, até a lembrança do que erão esses desgraçados antes e do que são agora, commovem os corações, mesmo os mais indifferentes.

Abrem-se as portas do tribunal e notão-se como peças de convicção aos pés d'elle uma espingarda de caça, uma faca hespanhola e lençoes de cama ensanguentados. O plano em relevo da aldeia de Séron é exposto sobre uma mesa em face ao banco dos jurados.

No fim de alguns instantes apparece o accusado, conduzido entre dois gendarmes. Elle saúda respeitosaente as damas por entre as quaes é obrigado a passar, para hir ao seu banco. E' um velho sexagenario e d'assaz boa presença. Atacado de dores gotosas, marcha difficilmente, apegado a um pau. O seu vestido é limpo, mas sem affectação, e os seus cabellos brancos se escondem debaixo d'um barrete de seda preta, chamado no paiz *Clémentine*. Apenas tomou elle lugar, que todas as vistas se dirigem para elle. Esta curiosidade de que elle é objecto não parece commovê-lo. Algumas pitadas de tabaco que tóma em uma bella caixa d'oiro lhe servem de distracção, em quanto espera o tribunal.

O secretario dá leitura do acto d'accusação e da ordem de remessa ; o accusado presta um ouvido attento a esta leitura. Sem nada perder da sua tranquillidade apparente, vê-se comtudo que o seu rosto ás vezes se anima. Passa-se immediatamente á audição das testemunhas, depois ao interrogatorio do accusado, a quem por contemplação ás suas enfermidades se permite estar sentado. Bem depressa Turrière pai, reconhecido criminoso, é condemnado á prisão com trabalho por toda a vida, em rasão de se admittirem circumstancias attenuantes.

---

## PROCESSO

### DE ANTONIO BUCHILLOT

DOUTOR EM MEDICINA, ACCUSADO D'ENVENENAMENTO NA PESSOA DE SEU SOGRO E D'UMA TIA DE SUA MULHER : NUMEROSAS FALSIDADES EM UMA ESCRIPTURA AUTHENTICA, DE FABRICO DE UM FALSO DIPLOMA E FALSOS DOCUMENTOS PARA OBTER A CONDECORAÇÃO DA LEGIÃO-D'HONRA.

#### *Jury d'Epinal.*

Antonio Buchillot acaba de se estabelecer como medico em Épinal, no mez de Junho de 1830. Acolhido favoravel-

mente n'essa cidade, elleahi adquiriu com rapidez uma clientela, que não tardou em augmentar, por occasião de algumas curas acertadas obtidas na pratica do seu emprego : com tudo, á medida que a confiança publica se lhe ligava, pelo contrario a desconfiança se manifestava nas pessoas que o tinham primeiramente admittido na sua intimidade; no jogo desenvolvia elle uma habilidade que a delicadeza condemnava, e por outra parte, elle tinha vindo com uma rapariga, que apresentava em toda a parte como sua irmãa, e suspeitava-se, attenta a natureza das suas relações, que esse titulo supposto encubria uma relação reprovada pelos bons costumes. No fim de alguns mezes elle fez varios pedidos para casamento que falhárão, ou em rasão de pretensões exageradas, ou de seu proceder irregular. Elle dirigiu então as vistas sobre a filha mais nova do Sñr. Hyermette, antigo negociante, retirado do commercio com uma fortuna consideravel. Tres de suas filhas tinham casado com militares honrados, e independentemente d'um dote de vinte e quatro mil francos, cada uma esperava um consideravel quinhão da herança de seus pais e da d'uma tia, a Sñra. viuva Rattaire. Buchillot solicitou essa união que conseguiu concluir a 3 de Maio de 1831.

A 5 o Sñr. Hyermette havia deixado de viver! alguns dias depois, a 12, a viuva Rattaire o seguia ao sepulchro, e a 30 de Junho a Sñra. Hyermette succumbia tambem por sua vez, como seu marido e sua cunhada, e depois d'algum-

mas horas d'uma cruel agonia, a um mal tão terrivel como imprevisto. Um grito d'indignação se levantou contra Buchillot. Foi altamente accusado de ter apressado pelo veneno o instante que devia pôr á sua disposição toda a fortuna a que sua mulher tinha o direito de pretender. Comtudo, em consequencia de diversas circumstancias, só dous annos depois é que tiverão lugar os debates, cujo resultado vamos expôr. Mas antes d'entrar nesses pormenores, importa lançar uma rápida olhada sobre os antecedentes de Buchillot.

---

Nascido em Saint-Pantaléon (Saône-e-Loire) a 9 de Janeiro de 1793, de cultivadores abastados d'esse districto, elle fez os seus estudos no collegio d'Autun, e parece que desde essa *époch*a manifestou *intencões viciosas*.

A 2 de Janeiro de 1811, elle se alistou voluntariamente no regimento 13 de caçadores a cavallo, e retirou-se um anno depois por enfermidade, que consistia em ter perdido o uso da ultima phalange do pollegar da mão direita, ou antes, segundo boatos que correrão, elle se feriu a si mesmo, para obter a refôrma. Nessa *époch*a, sorprendido um dia, no momento em que furtava uma somma de dinheiro assaz consideravel no escriptorio do Sñr. Mathis, para o accomodar nas suas justas queixas, lhe aceitou uma letra de noventa francos.

Em 1815, elle foi mandado, como tenente das guardas nacionaes de Saône-e-Loire aos arrebalde de Belfort, e foi ainda então suspeito de diversos actos d'improbidade. Proseguiu no curso de seus estudos medicos de 1815 a 1820 e obteve o titulo d'official de saude.

Buchillot tinha, durante o tempo que habitava Autun, concebido uma viva paixão pela esposa d'um homem d'uma posição honrosa; a união a mais intima se tinha estabelecido entre elles, e quando elle foi a Paris, Joanna Jouffroy deixou seu marido e sua familia, para se tornar até 1830 a sua companheira inseparavel.

A chegada dessa mulher a Paris impoz ao accusado novas necessidades que os seus recursos não podião satisfazer, e para o conseguir, empregou os meios immoraes de que já tantas vezes se tinha servido.

Em 1820 Buchillot deixou Paris e foi fixar-se com essa mulher em Dijon, onde queria exercer a profissão de medico. Mas no momento em que procurava assim obter titulos á estima, novos factos chamavão ainda sobre elle a attenção da justiça: um processo foi contra elle dirigido e a 22 de Março de 1822 foi condemnado por contumacia em cinco annos de prisão, cinco de vigilancia da policia e cem francos de multa.

Buchillot, para escapar a uma condemnação, tinha fugido para Friburgo com Joanna Jouffroy, que elle ali fez passar, da mesma sorte que em Dijon, por sua mulher.

Durante a sua residencia em Friburgo, chegando noticias sobre a illegitimidade das suas relações com Joanna Jouffroy, foi isso que o determinou a partir para Giromagny (Alto-Rheno), onde então não havia medico algum, e onde obteve vantagens.

Em Giromagny, como em todas as outras partes onde elle tinha residido precedentemente, notou-se nas casas que elle frequentava, o desaparecimento de alguns objectos; e em consequencia d'uma ultima circumstancia, o estado da opinião publica tornou-se ameaçador.

Buchillot foi d'isso advertido, e alguns dias depois desapareceu. Segundo as imputações de que era objecto, Buchillot foi citado para Belfort, a 23 de Fevereiro de 1827, a fim de comparecer perante o tribunal correccional para ser condemnado a um anno e um dia de prisão, cincoenta francos de multa e a ficar por cinco annos sob a vigilancia da policia d'Estado; elle appellou d'esta sentença e obteve absolvição.

Depois de ter recuperado a sua liberdade em consequencia desta decisão, Buchillot foi reunir-se com Joanna Jouffroy em Chalons-sur-Saône; fez depois varias viagens e foi estabelecer-se no mez d'Abril de 1828 em Villefranche, departamento do Rhône, onde essa mulher foi ter com elle no mez de Maio seguinte. Um novo delicto o obrigou bem depressa a fugir de Villefranche, donde foi ter ao grão-ducado de Hesse-Darmstadt, fez-se conferir o grau de doutor

em medicina e voltou immediatamente á França por Strasburgo, dirigindo-se a Pont-à-Mousson, onde declarou a sua intenção d'exercer a medicina.

Informado da impressão desfavoravel que as relações que se lhe suppunha com uma rapariga chamada Boucaud tinham produzido no publico, Buchillot partiu pouco tempo depois de Pont-a-Mousson e veio enfim fixar-se em Epinal, acompanhado d'uma criança de sete annos, que tivera de Joanna Jouffroy em Friburgo no anno de 1823, e d'Elisabeth Boucaud. Elle os apresentava, um como seu sobrinho e a outra como sua irmãa, sob o titulo d'esposa d'um Sñr. Theuriel que, segundo elles, viajava então na Italia.

Elisabeth Boucaud, procedente d'uma familia que gozava em Villefranche d'alguma consideração, não tivera duvida em subtrahir-se ao poder de seus pais. Buchillot, fizera conhecimento com ella durante a sua residencia nessa cidade, e uma união intima se estabeleceu promptamente entre elles; Joanna Jouffroy procurou em vão oppor-se a isso; ella conheceu que lhe era preferida a sua rival, e teve de renunciar ás suas esperanças de a vencer.

Buchillot, no principio da sua residencia nos Vosges escapou de se tornar de novo objecto das pesquisas da justiça, em consequencia de varios actos d'improbidade, que devião attribuir-se, dizia elle, não a um animo corrompido, mas a uma *ciphologia*, cujo paroxismo o obriga a apo-

derar-se de todos os objectos de pouco valor que podia encontrar.

Taes erão os desgraçados antecedentes d'Antonio Buchillot, e os factos que servião de base aos numerosos artigos que pesavão sobre elle. Entregue desde a infancia ás suas funestas inclinações, tinha-se visto até então, tornar-se successivamente, e á medida que os seus vicios lhe impunhão novas necessidades, habil gatuno e audaz ladrão. Chegado a esse periodo da vida em que as paixões adquirem um character mais serio e mais reflectido, é á arte do falsario, e á do envenenador, que desde então elle vai recorrer para satisfação d'uma sêde ardente de distincções e d'um desejo atroz de fazer fortuna que a idade nelle desenvolveu.

São os factos d'envenenamento que nós vamos sobre tudo memorar.

Annunciando em Epinal a intenção de se casar, o accusado tinha dicto pretender que sua mulher lhe trouxesse fortuna e resolveu-se, como fica mencionado, a pedir a mão da donzella Carolina Hyermette, cuja fortuna era capaz de o tentar. Uma primeira tentativa da sua parte foi repellida; mas insistiu e acabou por inspirar uma confiança tão céga aos membros dessa desgraçada familia, que foi a elle mesmo que se dirigirão para saber a quem devião pedir informações a seu respeito e de seus parentes. Elle se absteve, como

seria facil de prever, de fallar na residencia que tinha feito em Dijon, Belfort, Villefranche, em Autun mesmo e em todos os outros lugares, onde successivamente tinha querido fixar-se, e indicou o magistrado e o cura do districto de Saint-Pantaléon; escreveu-se-lhes e recebêrão-se as suas respostas, que comtudo estavão longe de ser satisfactorias; dizião que Buchillot tinha desde muito deixado de habitar o districto e que elle era ahi pouco conhecido.

Foi debaixo destes auspicios que se concluiu o casamento cuja celebração foi fixada ao dia 3 de Maio. O accusado foi desde esse momento considerado como já pertencente á familia e pedirão-lhe que empregasse todo o seu ascendente para que o Sñr. Hyermette consentisse em se tratar, como o seu estado o reclamava; Buchillot objectou que era preciso começar por beberagens.

O Sñr. Hyermette consentiu em sugeitar-se a um tratamento, e algum tempo antes da época determinada para o casamento de sua filha, determinou-se a tomar poções preparadas por Buchillot mesmo.

Ellas não tardárão em produzir notaveis resultados; elle se queixava, com effeito, de sentir frequentemente durante a noute um frio glacial e subito em cada um dos seus membros e principalmente nas pernas; muitas vezes tinha elle certamente estado doente, dizia elle a um visinho alguns dias antes do 3 de Maio; mas nunca tinha tido nada igual ao que sentia desde algum tempo; confiava a outro que es-

tava atacado d'uma molestia extraordinaria, e a ambos dizia que não tinha muito a viver, e bem conhecia que estava perdido.

No dia do casamento o Sñr. Hyermette tinha participado da alegria que acompanha d'ordinario acontecimentos dessa ordem. No dia seguinte, elle dizia que desde muito tempo não tinha passado tão bem, e nesse mesmo dia pelas cinco horas, na occasião em que toda a familia se achava reunida á mesa, soffreu repentinamente uma vertigem das mais violentas. Buchillot, consultado a esse respeito, annunciou que era um ataque d'apoplexia, e correu á sua casa para buscar as lancetas, a fim de sangrar se fosse necessario, e foi tambem a uma botica para mandar preparar uma poção que elle mesmo trouxe. Ás onze horas, o doente teve um vomito e recahiui immediatamente no estado de somnolencia em que precedentemente se achava. Os seus dous outros genros se tinhão immediatamente dirigido ao leito do doente, e quando entrárão no aposento em que o tratavão, Buchillot disse que tinha muita experiencia desta sorte de molestias, que muitas vezes as tinha tratado nos hospitaes, e que considerava o Sñr. Hyermette como perdido. Repetiu muitas vezes esta mesma asserção, e acabou por dizer que, como tinha entrado, havia pouco tempo na familia, desejava que se chamasse o doutor Garnier. Foi immediatamente chamado. Este medico, ao chegar, pareceu julgar que o doente estava atacado d'apoplexia, porém as informações

que lhe forneceu o accusado, sobre a natureza e assento do mal, e sobre tudo a ausencia de toda a paralyisia, o fizeram depois mudar d'opinião. Quanto a Buchillot, sustentou que era uma congestão cerebral. Prescreverão-se sanguexugas que forão immediatamente postas. O doutor Garnier, ao retirar-se, disse ao Sñr. Hyermette que a sua indisposição não seria nada.

Com tudo os vomitos se renovavão com violencia ; Buchillot repetia que o doente estava perdido ; e quando lhe objectavão que se tinha visto pessoas resistir a um ataque, respondia que o mal era sem remedio, que não era um ataque mas uma congestão no cérebro.

No outro dia de manhã, continuou-se o emprego de diferentes remedios e Buchillot na manhã administrou ao enfermo uma ajuda que elle mesmo tinha preparado. Pelo meio dia o Sñr. Hyermette perdeu os sentidos, sobreveio-lhe estertor, e depois cahiu n'um estado completo d'atonia ; algumas pulsações do coração forão os unicos signaes de vida até às dez horas da noute, quando falleceu. O accusado tinha ficado só junto d'elle nos primeiros momentos da sua agonia, passeando no quarto e dando frequentes suspiros. No dia seguinte dirigiu todos os preparativos do enterro, e duas testemunhas que vierão dar os pesames, ficarão maravillhadas do seu socego, ou antes, da sua indiferença ; elle lhes disse : « Que a morte do Sñr. Hyermette lhe não causava grande pena, porque estando desde pouco tempo

na familia , não tinha demasiado interesse pelos membros della. » Depois , mudando repentinamente de conversação , accrescentou : « Que ás cousas tristes se misturavão sempre outras agradaveis ; que acabava de receber a noticia , de que estava proposto para a Legião-da-Honra. »

Esta morte tão rápida e tão imprevista mergulhou toda a familia do Sñr. Hyermette no desespero ; a sua viuva e a sua irmã forão impressionadas de maneira a inspirar graves receios : temeu-se principalmente que a irmã não fosse affectada de alienação mental. Buchillot po-la em tratamento , e a 9 de Maio a sangrou , e lhe administrou bebidas que , da mesma forma que as do Sñr. Hyermette produzirão um effeito immediato e bem marcado. A senhora Rattaire queixou-se logo de dores de cabeça violentas , de vertigens , d'um incommodo geral , e teve repetidos vomitos.

Era o accusado quem preparava e administrava elle mesmo , como o tinha feito com o Sñr. Hyermette , todas as poções destinadas á Sñra. Rattaire. Elle considerou emfim que cuidados tão minuciosos podião causar estranheza e tratou de os explicar : Tambem , dizia-elle , *« eu não posso entender o capricho de Madame Rattaire ; ella quer que seja eu quem lhe prepare as suas tisanas , quando qualquer outro da familia o faria igualmente bem. »* Nesse dia a doente achou-se mais indisposta do que até então o tinha estado : queixava-se *d'uma dor de cabeça singular e de se achar toda entorpecida*. Ella tinha sinistros pressenti-

mentos : *Se á manhã eu estiver morta*, repetiu ella a uma testemunha, *não fiquéis admirados*. Buchillot no decurso desse dia lhe fez tomar bebidas por diferentes vezes. Uma criada o viu uma vez, depois de ter deitado a tisana em uma chicara na cosinha, passar a um quarto visinho e misturar-lhe alguma cousa que tirou, segundo ella julga, d'um papel. As bebidas tinham um gosto desagradavel e era com uma repugnancia visivel que a Sñra. Rattaire se resolveu a toma-las. Ellas lhe produzião alem disso um effeito que não podia entender. Tendo-lhe o accusado trazido uma dessas bebidas em uma chicara escura e na occasião em que varias pessoas que a tinham hido visitar se achavão perto do seu leito, ella a tomou com uma expressão de desgosto bem visivel, e lhe disse ao entregar-lha : *Que feia chicara !* e elle lhe respondeu immediatamente : *Eu vos tornarei a trazer o remedio pelas seis horas da tarde, mas dessa vez ha-de ser em chicara de porcelana*. Dez minutos depois, a doente, que se tinha conservado até então sentada, deitou-se e disse, passando a mão pela testa : « Esta tisana me produz sempre um singular effeito, ella m'embrulha a cabeça. » Um dos caracteres distinctivos da sua molestia era com effeito um estado continuo de somnolencia.

No dia seguinte a Sñra. Rattaire, depois de ter passado uma noute muito agitada, achou-se melhor e mandou chamar uma enfermeira, Maria-Rosa Hue, para lhe administrar uma ajuda que Buchillot lhe tinha prescripto. A

Sñra. Rattaire, assim que a tomou, sentiu nauseas, as dores de cabeça renovarão-se com mais intensidade, e effectivamente adormeceu ; mas a enfermeira não tardou em conhecer que o sangue se lhe transportava á cabeça e ao pescoço com violencia, e espantada, correu ao quarto de Buchillot que achou entretido a ler um jornal, deu-lhe parte do que se passava e voltou para o pé da doente. Vendo, passado algum tempo que elle não vinha, foi chama-lo de novo, e elle então se resolveu a acompanhá-la, aproximou-se do leito de Madame Rattaire que tinha perdido os sentidos, sacudiu-a muitas vezes chamando-a, e depois vendo que não respondia, Vai-te fao d...., disse elle, e deu ordem que fossem chamados os doutores Maury e Lamarche, e tambem um padre.

O boato da agonia da Sñra. Rattaire se espalhou promptamente. Cada um altamente se admirava d'uma morte tão parecida com a do Sñr. Hyermette ; Buchillot respondeu, que o caso nada tinha que espantasse, pois que elle mesmo tinha perdido seu avô e sua avó no espaço de tres dias. Elle se resolveu, ao instante pedido de varias pessoas, a applicar algumas sanguexugas á doente ; os medicos que elle tinha mandado chamar vierão e julgárão que o caso não admitia mais remedio. Ao estertor succedeu em a Sñra. Rattaire, da mesma sôrte que em seu irmão, um estado completo d'atonía, em seguida do qual ella expirou, nesse mesmo dia, ao meio dia.

Antes que ella tivesse exhalado o ultimo suspiro, Buchillot propoz que a abrissem, para sua propria tranquillidade, dizia elle, e para a da sua familia. Essa operação teve effectivamente lugar no dia seguinte, não só elle assistiu, mas tomou parte nella, e dizia a uma criada que estava admirada do que ella chamava a coragem d'elle, ao vê-lo limpar as mãos e instrumentos cubertos de sangue : *Historias ! tenho visto muitos outros*. Só a cabeça do cadaver foi explorada, um derramamento de sangue consideravel nos ventriculos e na periphèria do cérebro denotavão uma apoplexia sanguinea. Essa causa pareceu sufficiente para ter produzido a morte e não se levou mais longe o exame.

Buchillot nessas tristes circumstancias mostrou-se sempre occupado d'ideias e de pensamentos que contrastavão d'um modo singular com a dor que affligia os outros membros da familia. Antes que a Sñra. Rattaire tivesse morrido, elle instava com o ourives que tinha fornecido a haixella de prata, com que ella tinha presenteado a mulher d'elle, por occasião do casamento, a fim de que apresentasse a conta e nella mettesse uma peça que ainda lhe faltava. *Não se sabia*, dizia elle, *o que tinha d'acontecer*. A Sñra. Rattaire tambem tinha querido dar á sua sobrinha um relógio d'ouro, porém não tinha concordado sobre o preço com o relojoeiro ; assim que ella morreu, foi á casa d'elle e o solicitou, pedindo-lhe segredo, que fosse ter com os membros da familia, e lhes dissesse que essa senhora se tinha ajustado com elle a respeito

d'um dos relógios que tinha visto. No dia da morte do Sñr. Hyermette, e depois ainda, elle não córou de fazer as mais vivas instancias á sua mulher para della obter uma doação simples de todos os seus bens; elle chegou mesmo a propor á Sñra. Hyermette sua sogra, depois da morte de seu marido e de sua cunhada, que repartisse com seus filhos tudo quanto possuísse, ficando só com uma renda vitalicia.

A Sñra. Hyermette, até á época da morte de seu marido e de sua cunhada tinha gosado sempre d'uma saude perfeita; essas duas perdas lhe causarão um violento desgosto, e Buchillot lhe prescreveu alguns remedios, que ainda elle mesmo preparou, como o tinha feito para o Sñr. Hyermette e a Sñra. Rattaire; o seu effeito não foi nem mais nem menos sensivel que o que tinham produzido nestes ultimos as bebidas que lhes tinham sido administradas. As suas forças se enfraquecêrão de dia em dia, a sua tez se alterou; ella tornou-se languida e se queixava principalmente do estomago, no fim do mez de maio os accidentes se multiplicárão, e lhe sobrevierão vomitos frequentes. Os seus filhos, assustados do seu estado, insistirão com Buchillot, para que redobrasse os seus cuidados; elle lhes disse que não havia outros remedios para a molestia, senão tempo e cuidados, que ella nada tinha de grave e que cederia ao emprego dos calmantes que elle tinha prescripto.

A morte da Sñra. Rattaire tinha suscitado no publico suspeitas, que o estado de sua cunhada muito augmentava.

Uma Senhora respeitavel, a viuva Brahaut, não poz mesmo duvida em as manifestar á Sñra. Hyermette que pareceu disso impressionar-se ; até então, ella tinha tomado sem difficuldade todas as bebidas que o accusado lhe apresentava, não obstante o desgosto que ellas lhe causavão, e apesar de ter notado que depois de as tomar, não podia mais, segundo as suas proprias expressões, nem fallar, nem mover-se. Nos ultimos dias da sua existencia, pelo contrario, ella não quiz tomar nada, senão das mãos de suas filhas ; uma dellas na tarde do dia 26, lhe trouxe uma amendoada, que não a pôde decidir a tomar, senão depois de lhe ter corrigido o amargo á força d'assucar, e no dia seguinte ella se achava peor. Notou-se que Buchillot, quando preparou esta bebida, se negou obstinadamente a dar della a uma criança ; e que lavou elle mesmo e com o maior cuidado a vasilha de que se tinha servido para a fazer.

Uma dama amiga da Sñra. Hyermette veio visita-la e a encontrou só ; um momento depois Buchillot entrou e insistiu com sua sogra para que tomasse um caldo que se achava ao pé della ; ella lhe respondeu com um ar serio que não queria ; elle ainda teimou, mas inutilmente. *O monstro*, exclamou ella, quando elle sahio, *eu o não passo mais soffrer ; antes delle entrar na minha casa eu tinha uma boa saude, e depois que elle aqui está, eu a perdi ;* depois, tomando a mão da Sñra. Cottard na sua : *Vós vereis, accres-*

centou ella chorando, *que me acontecerá o mesmo que aos dous outros.* » Esta dama quiz tranquillisa-la ; mas ella continuou : « *Vós vereis, vós vereis, minha querida Cottard, que eu estou inteiramente perdida.* »

A sua posição aggravou-se sensivelmente no dia seguinte, mas ella rejeitou tudo o que se lhe quiz dar, e só difficilmente é que no dia 29 a pudérão resolver a que tomasse alguns cópos de xarope de groselhas, em que Buchillot fez deitar quatro ou cinco gotas d'uma preparação de opio que elle tinha mandado buscar á casa d'um boticario com receita ; ella ficou todo o resto do mesmo dia n'um estado d'entorpecimento.

O accusado, no principio da molestia, tinha prescripto ajudas simples ; algum tempo depois, tinha dito que era preciso juntar-lhes magnesia, e se dirigiu á cosinha para preparar esse remedio ; a sua mulher o acompanhou, e elle a reprehendeu com mau humor, de que continuamente o seguisse, ella retirou-se, e quando, alguns momentos depois, elle entregou o cristel, affectou dizer que sua mulher tinha estado em sua companhia, quando o preparou. A Sñra. Hyermette o applicou a si mesma e adormeceu. Pelas onze horas, a criada que estava junto della foi despertada por um estertor, semelhante ao que tinham tido o Sñr. Hyermette e a Sñra. Rattaire ; ella correu a chamar o accusado e não se atreveu a tornar para ao pé de sua ama. Buchillot levantou-se, veio á cosinha, e sobre a negativa que esta ra-

pariga fez de o seguir ao quarto da Sñra. Hyermette, fez accordar uma outra criada, e só em companhia della quiz entrar no mesmo quarto ; d'ahi não tardou em sahir, para correr á casa do doutor Maury, que não consentiu em hir com elle, senão sendo conjunctamente chamado o doutor Pellicot ; Buchillot foi immediatamente avisar este ultimo. Ambos os doutores achárão a doente n'um estado desesperado.

As pessoas que chegarão successivamente ficarão pas-madas de encontrar a amortalhadora e de ver o quarto disposto, como se já a Sñra. Hyermette tivesse deixado de viver ; ella não morreu senão ás cinco horas da tarde, e sem ter dado outros signaes de vida senão algumas fracas batidas de coração.

Buchillot fez ainda durante a sua agonia a propôsta de a abrir ; era, dizia elle, por sua propria segurança e porque não queria expor-se. Elle convocou com effeito varios medicos, para essa operação, que teve lugar no dia seguinte, e até que ella fosse terminada, mostrou uma inquietação e impaciencia, que não escapárão aos membros da familia. Quiz assistir a ella, como fizéra por occasião da Sñra. Rattaire, apesar de se lhe mostrar a inconveniencia desse factó. Durante todo o tempo que ella durou, discutiu com os medicos e fez-lhes notar tudo o que tendia a provar, que a morte, como elle o pretendia, tinha sido determinada por um ataque d'apoplexia. Cinco a seis onças d'um liquido verde fulvo

forão encontrados no estomago e parecêrão atrahir a attenção dos homens d'arte. Elle disse que esse liquido nada tinha d'extraordinario e derramou o prato que o continha em uma tina posta debaixo da mesa para receber os productos da disseccção.

Resumindo-se, os medicos declararão, que os symptomas por elles observados podião igualmente provir d'um envenenamento como d'uma molestia ordinaria que a analyse dos liquidos achados no estomago podia só fornecer esclarecimentos certos, e que como Buchillot não a pedira, elles julgarão que não devião a ella proceder.

A' noticia da morte da Sñra. Hyermette a opinião publica se manifestou com violencia; Buchillot, que já no momento da agonia, tinha ouvido uma parenta exclamar: « *Meu Deos! já são tres de seguida, terá isto emfim acabado?* » teve occasião de ouvir no outro dia, quando o acompanhamento funebre se poz em marcha, accusações ainda mais positivas contra elle; e pelo cuidado com que todos delle se affastavão, pôde convencer-se de toda a gravidade das suspeitas de que era objecto.

Na familia de sua mulher a repugnancia era, se possivel é, inda maior, fugião delle e não querião comer em sua companhia.

A' vista da indignação geral que elle tinha sublevado contra si, Buchillot conheceu que lhe não era mais possivel habitar Epinal e annunciou a intenção de s'estabelecer em Dôle,

mas explicações, que a respeito da sua pretendida irmã tiverão lugar no momento da sua partida, vierão transtornar todos os seus planos ; elle teve de renunciar á companhia de sua mulher, que já tinha, annunciou elle, o germen da molestia de que morrerão os seus parentes e a quem só restarão alguns mezes de vida. A Boucaut (sua pretendida irmã) tinha voltado a Epinal immediatamente depois do casamento do accusado ; ella tinha ali residido algum tempo na casa Hyermette, e voltára depois a Plombières ; de lá foi para o departamento de Saone-e-Loire ; elle foi ter com ella e se fixou em sua companhia no districto de Saint-Désert, onde foi preso no mez de Setembro de 1833,

Tendo-se o processo de Buchillot devolvido ao jury de Vosges, uma sessão extraordinaria foi aberta para seu andamento a 30 de Junho de 1834. Um vivo movimento de curiosidade se manifesta ao chegar de Buchillot, acompanhado de quatro gendarmes : é um homem d'estatura mediana, cabellos louros, desigualmente separados sobre a testa, rosto pallido e sombrio, o seu olhar é obliquo e penetrante, o seu andar embaraçado, depois de lido o despacho de remessa e do acto d'accusação, durante a qual conserva constantemente um lenço sobre os olhos, Buchillot muitas vezes parece chorar e principalmente quando se trata dos factos de envenenamento que se lhe imputa.

Elle explica ou nega a maior parte dos factos numerosos de roubo, gatunice e falcatrúá, que lhe são attribuidos, como

anteriores, pelo acto da accusação, elle pretende alem disso, que atacado desde a sua infancia d'uma ciphologia, cujos paroxismos são assaz frequentes, elle se acha então invencivelmente levado a commetter pequenos furtos, de que se apressa, quando o accesso é passado, a restituir os objectos.

Buchillot reconhece que sollicitou o habito da Legião-da-Honra por petições fundadas em factos *exagerados*.

Quanto á falsificação da certidão de nascimento (ou de baptismo) de sua irmã, para a applicar a Elisabeth Boucaut, é uma fabula: mas as intenções erão boas, pois que não tinha outro fim mais que evitar as rixas de familia. Segundo elle, os fallecimentos do Sñr. Hyermette, da Sñra. Rattaire e da Sñra. Hyermette são uma triste fatalidade, mas que alias mui bem se explicão naturalmente: o Sñr. Hyermette já tinha tido um ataque d'apoplexia, e não é para admirar que as nupcias de sua filha determinassem uma recahida.

A Sñra. Rattaire era d'um character sanguineo e repleto; a morte de seu irmão a affectou de maneira que se receou que ficasse doida, a apoplexia de que foi atacada nestas circumstancias é um caso inteiramente natural.

Quanto á Sñra. Hyermette, ella estava atacada desde muitos annos d'uma gastro-enterites latente: tudo annuncia que a sua morte foi um resultado da passagem da sua molestia ao estado agudo, o que se vê muitas vezes. A autopsia

da Sñra. Rattaire provou com effeito ter ella succumbido a uma apoplexia.

Quanto á Sñra. Hyermette, a autopsia foi mais decisiva ainda.

E' verdade que Buchillot receitou alguns medicamentos sedativos ou adoçantes, e que se sujeitou a preparar elle mesmo cristeis e bebidas para os doentes, mas a sua posição na familia exigia delle esses cuidados ; e se elle não os tivesse prestado, se queixarião delle com razão.

Entre os depoimentos de numerosas testemunhas notão-se os seguintes : Vallet proprietario em Villefranche, depõe sobre o duplice uso d'um falso diploma de doutor em medicina imputado a Buchillot.

Joanna Jouffroy, mulher de Devoucaux, tanto tempo amazia do accusado, tão horriavelmente desfigurada pela Boucaut, sua rival, e cujo testemunho o accusado mais de uma vez foi visto temer e recusar, presta um depoimento no mesmo sentido. Ella affirma que, depois de ter sahido da casa de Dijon fôra elle a Paris e voltára sem diploma, que então fabricára um, e não obstante todas as suas representações, o reproduzira successivamente ao prefeito e á administração do hospicio de Villefranche.

Varios officiaes que se achavão em actividade durante os cem dias declarão contra as allegações do accusado, que elle nunca fez parte dos corpos que elles commandavão nessa época ; outros reconhecem que Buchillot foi incorporado

no batalhão de Saone-e-Loire, mas que foi falsamente que fallou dos seus ferimentos. Resulta d'outros depoimentos, que Buchillot fizera uso d'uma baixa supposta e de certificados mentirosos para obter a condecoração da Legião-da-Honra.

Interpellado pelo presidente sobre estes actos reprehensíveis, Buchillot responde que se não recebeu todos os ferimentos referidos nos falsos certificados, pôde ao menos comprovar alguns.

O procurador geral lhe respondeu : « Notarão-se com effeito no vosso corpo alguns signaes de feridas, mas só interessarão a pelle, não erão adherentes e parecião produzidas pela acção superficial de facas ou canivetes. De resto, pouco fazem ao caso essas feridas e o modo porque vós as tivestes, uma vez que consta dos debates que não foi diante do inimigo ; no regimento 43 de caçadores vós não fostes ferido ; na guarda nacional tambem não ; e nos corpos francos, não encontráis mesmo um unico individuo que ahí vos tenha visto.

Os membros da familia das tres victimas lembrão-se das circumstancias de que elles forão testemunhas, e vem todas confirmar a accusação d'envenenamento produzida contra Buchillot ; elles affirmão, que na sua convicção intima esse homem envenenou os seus parentes.

A requerimento do accusado, o presidente deu ordem que entrassem os medicos, em numero de sete, que tomarão

parte no debate. O accusado lhes dirige então por intermedio do presidente uma serie de perguntas assaz extensa, cujo intuito parecia ser, d'um lado fazer constar que os tres fallecimentos de que Buchillot é accusado tiverão causas naturaes, e d'outro que os symptomas d'envenenamento pelos narcoticos não existirão.

Buchillot, a quem o presidente declara que pode apresentar as suas observações, começa um discurso, cujo exordio tem por objecto agradecer ao seu advogado e manifestar a confiança que nelle produz a allegação pronunciada em seu favor ; elle accrescenta que ha sem duvida temeridade da sua parte em tomar a palavra depois do seu advogado, cuja defeza é por elle assemelhada á arca santa, em que é tão perigoso tocar, mas como prometteu dar alguns esclarecimentos sobre os symptomas observados e os effeitos que ordinariamente produzem os narcoticos, e como seu silencio poderia ser mal interpretado , elle se permittirá algumas reflexões.

Buchillot passa portanto ao facto e com um desplante imperturbavel, e uma presença d'espírito que nelle parece progressiva, entrega-se a uma discussão medico-legal, em que tem cuidado, apreciando, diz elle, a sua posição, d'invocar outras autoridades que não são a sua ; elle se esforça por apresentar sob o aspecto o mais favoravel á sua causa as inducções fornecidas pela sciencia e d'ellas fazer applicação aos factos do processo.

O accusado termina por uma sorte de peroração, em que elle mesmo tambem falla da prevenção e dos seus perigos e faz aos seus juizes um appello, que espéra, diz elle, ver tanto mais favoravelmente acolhido, quanto elle nunca foi um malvado, e que as suas desgraças e a estralada que tem feito esse funesto processo, e que ainda deve fazer, o tem decidido a expatriar-se, e hir alem dos mares acabar a sua existencia, se, como elle ousa conceber a esperança, lhe fôr restituída a sua liberdade.

Um leve murmurio seguiu esta allocução de Buchillot, que, aliás, se expressou, como em todo a curso dos debates, com uma facilidade e uma pureza de linguagem verdadeiramente notavel.

Depois de uma curta replica do orgão da ministerio publico e do defensor, e um resumo notavel do presidente os jurados retirão-se.

Durante a deliberação, a autoridade tinha determinado pesquisas, tanto na pessoa, como no domicilio do accusado ; no fim d'alguns instantes foi trazido um cartuxo, contendo resalgar ou sulfato d'arsenico, segundo exame de pessoas competentes. Annuncia-se a volta dos jurados : a sua declaração, negativa sobre duas das doze questões relativas ás falsidades e affirmativa sobre as outras dez, é tambem negativa sobre as tres questões principaes que se referem ás accusações d'envenenamento.

O procurador geral requer vinte annos de prisão com tra-

balho e exposição. O defensor interpellado pelo presidente, declara que nada tem a objectar, que o seu desejo teria sido poder evitar a exposição, antes por causa da familia que do accusado mesmo, mas que sendo a lei formal, elle não tem mais que referir-se ao tribunal. Buchillot, interpellado por seu turno, responde com rudeza : *Que elle fallaria mais tarde, que por então nada mais tem tambem a dizer.*

O tribunal pronuncia uma sentença conforme ás requisições do ministerio publico. O accusado teve a pena de vinte annos de prisão com trabalho e exposição em uma das praças d'Epinal. Conduzem-no e a multidão se retira commentando cada um a seu modo a decisão que acabava de ser emittida e cujos termos estavam longe de satisfazer á espectação, e d'algum modo, á exigencia publica.

Buchillot exprimiu a firme resolução de não interpôr revista, e passou pela exposição. O arsenico achado no seu quarto, era destinado, disse elle, a apressar-lhe a morte e livra-lo do cadafalso, no caso de ser condemnado á pena capital.

---

## PROCESSO DE MADAME LAFFARGE.

FURTO DE DIAMANTES.

*Tribunal correccional de Brives (Julho de 1840.)*

Maria Cappelle, viuva Laffarge, é neta d'uma discipula de M<sup>me</sup> de Genlis, conhecida nas obras da célebre romancista, como prenome d'Hermine, que foi achada na sua mais tenra infancia por M<sup>me</sup> de Genlis e cujos pais permanecerão sempre desconhecidos; a sua bemfeitora a recolheu na sua casa, e tratou d'ella com o mais desvelado interesse. — Educada com M<sup>lle</sup> de Genlis, depois M<sup>me</sup> de Valence, e dotada de qualidades brilhantes, ella acabou por desposar um Snr. C. que tinha um emprego lucrativo. — Esse casamento deu lugar a quatro filhos: M<sup>me</sup> Garat, cujo marido é director do banco de França; M<sup>me</sup> de Martens, mulher d'um ministro da Prussia em Portugal; M<sup>me</sup> C. colocada em uma boa posição, e M<sup>me</sup> Cappelle, mãe de M<sup>me</sup> Laffarge. O Snr. Cappelle era coronel d'engenheiros da velha guarda, distincto na sua arma, que morreu jovem e deixou a filha, hoje tão fatalmente conhecida com o nome Maria Cappelle, receber na casa paterna a educação mais completa; e tudo quanto se

tem dito de mais laudativo a respeito das suas faculdades intellectuaes é conforme á verdade. A desgraça quiz que ella ficasse orfã cêdo de mais. Herdeira d'uma fortuna modesta de 90 a 100 mil francos, ella depressa perdeu sua mãe, e pouco tempo depois seu avô lhe foi tirado.

Quanto á sua moralidade, ella foi atacada em mui diversas occasiões, convindo portanto designar os artigos d'accusação que se lhe tem feito.

Maria Cappelle orfã, tinha encontrado em casa de seus tios e tias todas as caricias, todo o amor, com que tinha sido tratada na casa paterna. Era ella particularmente recebida em casa do Snr. Garat com toda a familiaridade do parentesco, e da amizade a mais intima. Ella tinha, quanto ao mais, direito a muita consideração pelos agrados do seu espirito, doçura do seu character, e seus numerosos talentos de sociedade, que a fazião estimar por todos os que com ella lidavão. Sem possuir uma formosura regular, o seu rosto tinha um poder d'expressão, linhas d'uma pureza, que nada deixavão a desejar, uma fronte elevada, tez algum tanto biliosa, mas avivada pelos cabellos d'um negro d'azeviche, que contrastavão assaz com a pelle para lhe dar brancura, reunia um talhe elegante a formas graciosas e possuia o tom da melhor companhia com uma voz cheia de suavidade e de brandura. Os seus olhos pretos erão sobre tudo mui formosos e rodeiados d'espessas sobranceiras que imprimião á sua physionomia um certo ar de meditativo e d'interior, cuja

significação era diversamente interpretada. Em summa, Maria Cappelle não era um ente vulgar ; era com certeza uma organização fora do commum, a que um estranho destino estava reservado.

No curso do seu processo e sob o peso das inculpações as mais graves, pessoas da mais alta consideração attestavão ainda as suas virtudes e a sua moralidade ; erão entre outras o cura da sua aldeia que em uma linguagem singela , veio desenvolver a sua caridade para com os infelizes, todos os actos de beneficencia de que elle tinha sido confidente, de que muitas vezes mesmo tinha sido instrumento ; o marquez de Mornay, genro do marechal Soult, amigo de seu pai ; a condessa de Montesquiou, uma das pessoas mais respeitaveis do departamento de l'Aisne; a condessa de Valence, sógra do marechal Gérard, e o marechal Gérard mesmo.

Comtudo, conta-se que, durante a sua residencia em casa do Snr. Garat, tendo sido subtrahido ao chefe da familia um bilhete do banco de 500 francos, tiverão lugar informações e uma denuncia foi dirigida á policia. Fez-se passar os criados do Snr. Garat por todos os exames ordinarios, e elles se mostrarão isentos de toda a culpa. Forçoso foi dirigir as suspeitas d'outro lado. Novas investigações induzirão a convicção de que o furto devia ser imputado a um membro da familia, mas o Snr. Garat fez ponto nas pesquisas.

As relações de Maria Cappelle com a familia de Nicolai começárão em Janeiro de 1836. Ellas forão sobre tudo inspiradas pelo vivo interesse que lhe tinha a Sñra. de Montbretton, irmã mais velha da Sñra. Maria de Nicolai. Cheia de prendas, d'intelligencia e de graças seductoras, Maria Cappelle devia ser acolhida por toda a parte, onde a graça das maneiras e o encanto do espirito e da instrucção fossem titulos para ser admittido. Ella era recebida com empenho e bondade em casa da Sñra. de Valence, que morava na vizinhança do palacio do Sñr. Nicolai. Havia entre ella e a Sñra. Maria de Nicolai correspondencias d'idade e de posição social. Concede-se por conseguinte que era impossivel não se lhes seguir uma intimidade. A Sñra. de Nicolai acolheu com benevolencia e depois com viva amizade uma jovem companheira da sua idade, a quem a posição de orfãa tornava tão interessante; ella se deu pressa em associa-la a todos os seus recreios, a todos os seus prazeres de jovem menina, e a procurar-lhe todas as distracções que lhe podião ser offerecidas.

Ellas sahião muitas vezes juntas, e algumas vezes acompanhadas da Sñra. Delvaux, aia da Sñra. de Nicolai. Esta casou em Fevereiro de 1838, com o visconde de Léautaud. No mez de Junho de 1839, a familia de Léautaud se achava no seu castello de Busagny, junto a Pontoise, e Maria Cappelle tambem ahi se achava.

Um dia em que estava reunido um grande numero de

peessoas na salla da Sñra. de Léautaud, mostrou esta á companhia o coffrinho, que encerrava os diamantes que tinham sido o seu presente de nupcias. O adresse passou de mão em mão, foi admirado, sendo mettido depois na caixa e levado pela Sñra. de Léautaud a um movel no seu quarto de dormir. Alguns dias depois, suscitando-se uma questão entre algumas damas sobre a belleza do diamante e da sua imitação e sobre a difficuldade de os distinguir, a Sñra. Maria Cappelle, que estava presente, propoz que se fizesse a comparação, e apresentando um botão de stras (composição ou massa), pediu á Sñra. de Léautaud os seus diamantes. A caixa encontrou-se vazia. A Sñra. de Léautaud cuidou ao principio que aquelle desaparecimento era o resultado d'alguma brincadeira, e nenhma pesquisa por então se fez.

No dia seguinte comtudo, não tendo apparecido os diamantes, ficou-se sabendo que tinham sido furtados, e uma queixa foi offerecida aos juizes de Pontoise. A instrucção começou, mas não teve resultado algum. Os criados, attentamente vigiados, escapárão a todas as suspeitas, e a coincidencia deste furto com o que tinha sido anteriormente commettido em casa do tio da Sñra. Cappelle deu ao principio lugar a suspeitas, que não tardárão em ser repellidas.

No mez d'Agosto seguinte Maria Cappelle casou com o Sñr. Laffarge, e quando a catastrophe (\*) que se seguiu a

---

(\*) A morte de Laffarge. V. adiante o processo.

esse casamento, foi denunciada á autoridade judiciaria, essas suspeitas revivêrão, e a instrucção começada em Pontoise foi proseguida em Brives e Paris.

Entre as circumstancias que se reunirão contra a ré, observou-se que Maria Cappelle, pouco tempo depois do desaparecimento das joias, tinha chamado junto de si um criado, sobre quem pesavão graves suspeitas, e lhe havia dito que, se por esse motivo fosse expulso de casa, recorresse a ella e que nada lhe havia de faltar.

Outro facto, tambem esquipatico, foi igualmente assignalado. A Sñra. de Montbreton, que mora n'um palacio visinho, occupava-se muito de magnetismo e tinha julgado conhecer que a Sñra. Cappelle tinha uma disposição assaz determinada para o estado de somnambulismo. Algumas experiencias parecerão confirmar essas previsões, e um dia que a Sñra. Cappelle estava adormecida, perguntou-se-lhe se podia dizer que fim tinham levado os diamantes da Sñra. de Léautaud e quem era o ladrão? A Sñra. Cappelle, que estava ou parecia estar n'um estado completo de somno magnetico, respondeu, que com effeito os diamantes tinham sido furtados, mas que estavam muito longe e ella os não podia ver... E accrescentou que a caixa não estava mais com os diamantes, e que tinha sido deitada no cano da latrina do castello.

Ou porque se desse importancia a esse resultado magnetico, ou que não se tivesse querido omittir cousa alguma

para chegar á descoberta da verdade, mandou-se examinar o cano, mas nada ahi se achou.

A instrucção considerou que essa farça de somnambulismo tinha sido imaginada por Maria Cappelle para desencaminhar as suspeitas. Ella obteve tambem curiosas informações sobre os costumes e o character de Maria Cappelle. Ella era doce, amavel, benevola e bemfazeja, a sua imaginação viva e exaltada, dava ao seu espirito cultivado, um colorido romanesco, de que o encanto era extremo. No numero das suas leituras favoritas se achavão os romances novos, e principalmente os de George Sand.

Mas bem de pressa uma busca dada no Glandier, onde morava a Sñra. Laffarge depois do seu casamento, e o interrogatorio, que se lhe fez, vierão fortificar da maneira a mais grave a prevenção do furto.

Um grande numero de diamantes desencastoados forão achados no Glandier, fechados n'uma caixa que tinha o nome de Lecointe, joalheiro, em cuja casa tinha sido comprado o presente de joias da Sñra. de Léautaud. Estes diamantes, mandados a Paris, forão reconhecidos por Lecointe como pertencentes aos que tinha vendido a Sñra. de Léautaud, que igualmente os reconheceu. Esses diamantes, em numero de mais de cento e cincoenta, tinhão sido desencastoados um a um, e segundo dizia Lecointe, a operação tinha sido de mais de duas horas para cada pedra.

A Sñra. Laffarge, interrogada sobre a origem desses brilhantes, de que ella não fazia uso algum, respondeu, que lhe havião sido dados por um de seus tios velhos, morador em Tolosa. — Depois do seu casamento? — Sim. — Qual é o nome desse tio? — Não se lembra. — Quem lhe entregou essas joias, um correio, ou um conductor de diligencia? — Ella se não lembra. — Em que lugar? — Em Uzerches.

N'um segundo interrogatorio, a Sñra. Laffarge mudou de tactica; interpellada novamente sobre a origem e posse dos diamantes, deu ás perguntas do juiz as seguintes respostas :

Pergunta. — Estando no castello de Busagny, a Sñra. de Léautaud mostrou na vossa presença um aderesse de diamantes, que foi furtado no dia seguinte; não fostes Vós que apanhastes esse aderesse?

R. — Elle me foi dado em deposito e eis porque occasião. Em 1836, estando em casa da Sñra. de Valence, eu me liguei intimamente com a Sñra. de Nicolai, um dia ella me contou que era seguida em toda a parte por um jovem, que encontrára pela primeira vez em omnibus, e disse que desejava muito saber o seu nome... Vim a saber que se chamava Clavet, que se occupava de litteratura, que não tinha bens e pertencia a uma honesta familia burgueza. Dei parte de tudo á Sñra. Nicolai, e mesmo lhe aconselhei, se o jovem lhe convinha e ella o amava, que casasse com elle,

pondo de parte todos os prejuizos de nobreza. Desde esse momento formou-se entre elles uma relação, que se limitou á correspondencia, tendo passado diferentes cartas por minhas mãos. No mez de Agosto de 1836 ella me escreveu que lhe mandasse todas as cartas que ella me tinha escripto e em que se fallava do Sñr. Clavet. Oito dias depois, eu com effeito lhe mandei todas, menos algumas que conservei, porque em parte me dizião respeito. No mez de Fevereiro de 1838 a senhora de Nicolai casou com o visconde de Léautaud. No mez de Maio seguinte fui a Paris; contei á Sñra. de Léautaud que tinha recebido uma carta de Clavet datada de Argel. Ella me disse que não era possivel que Clavet estivesse em Argel, pois que ella o tinha avistado alguns dias antes entre os coristas na representação de Guilherme Tell, na opera; que era uma traição e que me pedia que não respondesse. Eu lhe respondi que assim o faria, mas que não accreditava que estivesse na opera, ainda vendo-o lá eu mesma, com os meus proprios olhos.

No mez de Dezembro seguinte fui visitar a Sñra. de Léautaud, que me disse achar-se desesperada e que lhe era absolutamente preciso dinheiro para comprar o silencio do Sñr. Clavet, não podendo viver mais tempo nesse estado de incerteza e de receio. No mez de Maio de 1839 eu fui a Busagny. Lá a Sñra. de Léautaud me repetiu de novo que lhe era absolutamente necessario achar dinheiro; que os tormentos continuos que lhe fazia soffrer o receio da indiscri-

ção do Sñr. Clavet a tinham de tal maneira fatigado, que fora obrigada a desmamar seu filho, e accrescentou que conhecia um meio, pois tinha diamantes e desejava furtar-se-lhos e vendê-los.

A Sñra. de Beauvoir, irmã de sua cunhada, casava-se a dous ou tres kilometros distante de Busagny, e como havia muita gente reunida por occasião desse casamento, a Sñra. de Léautaud quiz absolutamente fazer datar desse momento a desappareição dos diamantes. Para que se não pudessem accusar os criados da casa, foi convencionado entre nós, que no domingo, debaixo de um pretexto qualquer ella desceria o seu coffresito á salla. Todo o mundo, depois de mostrados os diamantes, foi passeiar. A maior parte dos criados tinha sahido, uns para vespervas, outros para Pontoise. Nós puzemos os diamantes em cima d'uma meza redonda na salla no andar terreo, cujas janellas davão, d'um lado, sobre o pateo, que é um lugar de passagem, e da outra, sobre o jardim, cujas portas estavam abertas. Elles forão ahi postos e ficárão abandonados, desde o meio dia até ás tres horas, e então a Sñra. de Léautaud tornou a levar o coffre para a gaveta d'uma mesa que está no seu quarto, e em cuja gaveta ella deixou a chave durante o tempo todo do noivado, a fim de facultar uma explicação mais á fabula do furto. Tres ou quatro dias depois, ella me entregou os diamantes e para que se soubesse indirectamente que tinham sido furtados, formámos o projecto de os

comparar a tres botões de massa (stras), que eu tinha no estojo do meu livro de resa. Foi então que o Sñr. de Léautaud veio a saber que elles tinhão desapparecido. Com essa descoberta ficarão todos desesperados. O Sñr. de Léautaud julgou que elles tinhão sido furtados por alguém de casa, e disse que hiria no dia seguinte fazer a sua declaração á justiça. Eu disse á Sñra. de Léautaud, que o medo podia mais que a dedicação e que ella devia tornar a tomar os seus diamantes. Ella pediu-me com empenho que os guardasse, e eu só consenti nisso com a condição, que m'os ajudaria a desencastoar, para puderem melhor occultar-se. Ella consentiu nisso, e nós fomos a um quarto em que nos fechámos por dentro e os desencastoámos com um canivete e tesoura. Não tínhamos ainda acabado, quando tocou a sineta para o jantar. Fomos obrigadas a vestir-nos. Como os pedaços erão pequenos e se tornava facil escondê-los, nós os mettêmos n'um saquinho de setim vermelho estufado. No dia seguinte os gendarmes de Pontoise que tinhão sido avisados d'essa subtracção pelo Sñr. de Nicolai, entrárão, para fazer busca dos diamantes, nos quartos de todos os criados, e eu fiquei tão assustada com essa visita, que pedia á Sñra. de Léautaud, que não sahisse do meu quarto, em quanto ella se não terminasse, porque se os gendarmes entrassem, achando-se ella ausente, eu não teria resolução para occultar cousa alguma.

Nesse mesmo dia, sendo um dos criados mais suspeitado,

e ouvindo eu que elle chorava no quarto de Maria Serva, minha criada de quarto, fui-o consolar e lhe disse que se por acaso fosse despedido, não havia mais que dirigir-se a mim, e que eu faria quanto pudesse para lhe prestar serviço.

Alguns dias depois, quiz dar os diamantes á Sñra. de Léautaud, que instou comigo que os guardasse até que as cousas se accomodassem. Consenti e levei as joias para Paris.

Casei por esse tempo e a minha nova posição proporcionando-me melhor o servir á Sñra. de Léautaud, levei com o seu consentimento esses diamantes para o Glandier, tendo convencionado com ella que quando quizesse que eu os vendesse, fallaria a um Sñr. Lecointe, joalheiro em Paris, que lhes sabia o valor, e que no em tanto, eu fallaria delles a meu marido, como d'um deposito, que me tinha sido confiado, sem declarar o nome da pessoa, nem o uso que delles se queria fazer.

P. — Porque motivo, na occasião do primeiro interrogatorio, dissestes haver recebido esses 'brilhantes d'um tio, que tinheis em Tolosa ?

R. — Estava ligada por um juramento para com a Sñra. de Léautaud, e temendo offender a sua reputação, não quiz dizer a verdade.

P. — Não dispuzestes Vós d'uma parte desses diamantes e perolas ?

R. — A Sñra. de Léautaud me devia 180 francos desde

1838. Essa senhora me deu duas perolas (fôrma de pera), que estimava nesse valor da somma que lh'eu tinha emprestado.

P. — A Sñra. de Léautaud vos teria dito que o Sñr. Clavet queria que se comprasse o seu silencio com dinheiro ?

R. — Ella m'o deu a entender, quando lhe eu disse, que faria melhor em appellar para a sua delicadeza e sentimentos de honra : ella me disse que não tinha outros meios senão o do dinheiro.

P. — O que acabais de contar sobre os diamantes é a verdade, ou será antes uma fabula que Vós inventaes para vos livrar da responsabilidade que vos resulta da posse d'esses diamantes ?

R. — E' a verdade, e eu sinto que escrupulos mal entendidos me impedissem de a dizer mais cedo.

P. — E'possivel que, antes do seu casamento a Sñra. de Nicolai tenha recebido indirectamente obzequios, que não justificava a pessoa que era delles objecto ; mas seria odioso da vossa parte o querer tirar partido dessa circumstancia, para vos justificar d'um delicto grave que tivesséis commetido, suppondo em a Sñra. de Léautaud um procedimento que repellem conjunctamente a delicadeza e a honra.

R. — Eu cuido que toda a minha vida é uma garantia do que digo. Nunca commetti uma baixeza, e espero com impaciencia o dia da justiça, como uma reparação.

P. — Não fizestes Vós dar passos para com o Sñr. e a

Sñra. de Léautaud, para os empenhar em não reconhecer os diamantes de que se trata ?

R. — Nenhum passo foi dado por minha ordem, e mandei dizer aos Sñrs. Bache, Lachaux, meus advogados, a toda a familia Léautaud e Nicolai reunidos, que eu não podia continuar por mais tempo a sacrificar-me ao silencio da Sñra. de Léautaud e que os prevenia de que passava a dizer sem disfarce a verdade á minha familia e á justiça.

Para a intelligencia da parte do depoimento da Sñra. Laffarge no artigo em que se trata do Sñr. Clavet, é indispensavel dizer que a Sñra. Laffarge tinha sabido pela Sñra. de Léautaud, que esta tinha julgado reconhecer o jovem Clavet entre os coristas da Opera. Informações tomadas em Paris fizeram effectivamente saber que existia no corpo dos coristas da Academia real de Musica um honesto musico com esse nome, mas que nunca, nem de perto, nem de longe tinha conhecido a Sñra. de Nicolai, nem a Sñra. Maria Cappelle. Depois a instrucção fez saber que o Clavet, que se tinha tomado d'uma viva paixão pela Sñra. de Nicolai, depois de se ter muito tempo demorado na Algeria, tinha partido para o Mexico. Dois documentos obtidos pela instrucção fazem conhecer a natureza da affeição, toda respeitosa e contemplativa, que elle tinha concebido pela Sñra. de Nicolai, e o seu character honrado, de quem o systema da defeza tinha começado a atacar a honra, pela declaração de que teria posto o seu segredo a preço.

O primeiro destes documentos é uma carta d'elle, adquirida pela instrucção, e que remonta á época em que a Sñra. de Nicolai e Maria Cappelle parecião entender-se, para de companhia se divertir á custa da paixão do jovem poeta.

Esta era dirigida por Clavet a Maria Cappelle e termina assim.

« Ella me prohibiu que a visse; dize-me, *Mariquita*, se eu devo sujeitar-me a esta prohibição. Eu queria sómente, no domingo, hir ouvir missa debaixo das mesmas abobadas que ella, e ahi beber um pouco de consolação para outo dias de trabalhos, que empregarei para a sua gloria. »

O segundo documento consistia no depoimento d'uma testemunha citada para a audiencia, amigo intimo do Sñr. Clavet, o Sñr. Delaperrière, estudante de direito, em que elle conta as confidencias que lhe fez Clavet, seu amigo, relativamente á paixão ardente que elle tinha, segundo dizia, concebido pela Sñra. de Nicolai.

« A sua maneira de se expressar, diz elle, sempre generosa e nobre, deve desviar-lhe toda a accusação, toda a supposição, toda a suspeita d'uma acção qualquer que da sua parte não tivesse sido honrosa. Em Abril de 1837 eu fui á Africa e passei seis mezes com Clavet. Elle me não fallou mais dos seus antigos amores; ou se o fez, foi d'um modo o mais indifferente possivel.

« Eu posso attestar que Clavet é homem de honra por excellencia, incapaz de recorrer a meios vergonhosos para

adquirir dinheiro, principalmente d'uma mulher, e eu sube com a mais profunda estranheza, que lhe tinham podido emprestar semelhantes ideias. »

E' deste Sñr. Clavet que a Sñra. Laffarge requer o interrogatorio. O seu depoimento não teria deixado de produzir um novo interesse de mais nos debates, mas a justiça, visto a impossibilidade de obter esse depoimento, julga dever proseguir e contentar-se com a declaração do Sñr. Delaperrière, que tem de ser ouvido nos debates.

Depois de seu novo systema de defeza a Sñra. Laffarge tinha procurado, á força de rogativas, por induzir a Sñra. de Léautaud a que não desmentisse a explicação por ella dada sobre a posse dos diamantes, e sobre o emprego que ella inculca ter sido encarregada de fazer delles. A Sñra. viscondessa de Léautaud, interrogada a este respeito pelo juiz do processo, respondeu nestes termos :

« Eu recebi uma carta do Sñr. Bach, que me pediu uma entrevista particular. O Sñr. de Léautaud mandou responder ao Sñr. Bach que podia apresentar-se no outro dia de manhã. Elle foi recebido pelo Sñr. de Léautaud que o levou á casa de meu pai, onde eu me achava. O Sñr. Bach achou-se em grande embaraço, quando eu lhe pedi que se explicasse em presença de meu pai e de meu marido. Elle insistiu para que o ouvisse só; fallou de posição delicada, d'algumas cartas que a Sñra. Laffarge tinha em seu poder, e que explicavam o como lhe tinha vindo a posse dos diamantes. Emfim,

como parecesse exigir que o Sñr. de Léautaud se retirasse, este se poz a rir e lhe disse : « Vamos, Senhor, trata-se d'um amante, não é assim ? Vós vêdes que eu vos advinho e podeis fallar. » O Sñr. Bach, não querendo por si mesmo explicar o systema da Sñra. Laffarge, tirou d'algibeira uma carta d'ella, que me era dirigida, e que continha todo o seu romance.

A carta da Sñra. Laffarge á Sñra. de Léautaud, de que o Sñr. Bach era portador, e de que aqui se trata, offerecia um resumo dos principaes meios d'explicação e de defeza. Ella era assim concebida :

« Maria,

« Que Deos vos não pague todo o mal que Vós me tendes feito ! Oh ! eu vos conheço boa, mas Vós sois fraca. Tereis talvez assentado que, condemnada por um crime atroz, eu podia tambem sujeitar-me a uma accusação infame. Eu me calei, confiando á vossa honra o cuidado da minha honra ! E Vós comtudo não fallais.

« O dia da justiça é chegado Maria ! em nome da vossa consciencia, do vosso possado, salvai-me ! Sem duvida, é mau estender a mão ao reconhecimento, mas ha posições que ordenão no coração o esquecimento, e eu não sei para qual das fronteiras é o rubor.

« Eis os factos que Vós não poderieis negar. Desde que fiz conhecimento com vosco, fiquei vossa amiga, e

desde logo me tornei confidente d'uma intriga, começada em Saint-Philippe, continuada em uma correspondencia que passava por minhas mãos e acabada em Busagny, na minha ausencia. Vós descobristes logo, que esse bello Hespanhol não tinha nem familia, nem fortuna, e lhe prohibistes que vos amasse, depois de ter procurado o seu amor. (Veja-se abaixo uma carta de Clavet á Sñra. Capelle). E para concluir, começastes um outro amor, outras cartas, que vos fizeram desposar o Sñr. de Léautaud.» Eu recebi varias queixas do abandonado, que vos accusava e pedia vingança. Vós não tivestes demora em lhe fallar, e sob pretexto de fazer o vosso retrato, achastes meio de o socegar. Comtudo, essa posição se tornava intoleravel, era preciso affastalo, e para isso era preciso dinheiro. Então, quando eu fui a Busagny, Vós me confiastes tudo, e achando-me um marido na pessoa do Sñr. Delvaux, Vós fizestes tudo para que eu o desposasse. Foi convencionado que Vós me confiariéis os vossos brilhantes, para que eu vos emprestasse sobre elles dinheiro, ou que tratasse de os vender, para pagar os termos de pensão convencionada.

O casamento não se arranjou e receiando que os diamantes fossem descubertos na busca que se deu, nós os desencastámos juntas e os mettemos n'um saquinho que cozemos. Quando foi o meu casamento, eu conservei esses desgraçados diamantes, e ao chegar o pagamento do mez de Janeiro, eu vos escrevi que tinha confiado a meu marido os

objectos por vós depositados em minha mão ; que não tinha dinheiro para vos emprestar, mas que Vós fallaríeis a Le-cointe , que venderíamos as joias , e que tomaríamos o dinheiro para augmento da nossa forja, a dez por cento d'interesse para vós.

« Todos os meus desgostos me impedirão depois de me admirar do vosso silencio ; depois, Maria, eu acreditava em vós : Oh ! fazei com que eu ache outra vez a minha amiga !

« Conduzi-vos nobremente : pela minha familia, pelos meus amigos, eu não posso calar-me. Salvar-me a mim é salvar-vos igualmente a vós. Eu sou obrigada a confiar o que vos digo ao meu advogado. Todos estes factos serão conhecidos. Vós sabeis que eu tenho as provas na minha mão : — Ei-las ahi, essas provas :

« As cartas escriptas por vós e por elle. As vossas cartas a mim. O segredo que Vós me pedis, que uma vez eu vos guardei, com o risco de me malquistar com minha tia Garat. A carta em que Vós me dizíeis que elle cantava nos córos da Opera, que fará comprehender que se pode comprar um silencio, e que ha occasiões em que se especula sobre a honra d'uma mulher.

Em seguida, as cartas que elle me escreveu depois do vosso casamento, Vós sabeis..... a tristeza tão bem commentada que seguiu o vosso casamento. A precipitação e o segredo que Vós para elle empregastes com receio d'opposi-

ção. O vosso triste estado de saúde causado pelo tormento, e que cessou logo, pela compra do segredo e depois da minha partida de Busagny. Quereis Vós outras provas a meu favor? O segredo desse deposito confiado a meu marido e de que lhe eu fallei em uma das minhas cartas, dizendo-lhe que os vendesse. O cuidado que eu tive de lh'os fazer vender em casa de Lecointe que eu sei ser o vosso joalheiro e incumbido por vosso marido de descobrir os diamantes furtados, mas no qual Vós me dizeis tambem ter toda a confiança e que querieis precaver antes da venda. Tenho a carta escripta a meu marido e o sello do correio tira as duvidas.

« Mas a que fim continuar, porque motivo não fallar sómente ao vosso coração e á vossa consciencia? Quererieis Vós ter que vos accusar da minha morte! Oh! eu não poderei sobreviver a uma duvida; saberei morrer, mas perante o padre que me absolver dos meus peccados, perante os meus amigos, perante Christo, eu direi que morro vossa victima, que estou innocente, que quero a reabilitação para o meu sepulchro, para a minha memoria, que eu legarei ao coração de todos os meus amigos. Quando eu estiver morta, Maria, hão de me lamentar e vingar-me, a vossa fraqueza será um crime e uma deshonra.

« Não ha mais que uma cousa a fazer agora: é preciso reconhecer por um bilhete assignado da vossa mão, datado do mez de Junho, que Vós declarais ter-me confiado os vossos brilhantes em deposito, com autorisação para os vender,

se o julgar conveniente. Isto porá termo ao negocio. Vós explicareis da maneira que vos parecer mais conveniente o vosso proceder ao vosso marido, e todas as vossas cartas vos serão entregues, e o mais profundo silencio assegurará a vossa honra e socego.

« Adeos! Acreditai-o bem, Maria, para vos salvar, eu fui martir dous mezes. Vós me esquecestes. Eu poderia dar-vos a minha vida, mas a minha reputação, o coração dos meus amigos, a honra de minhas irmãs.... Isso nunca! »

Taes erão os principaes factos que motivarão a remessa da Sñra. Laffarge para o tribunal correccional de Brives, como suspeita da subtracção dos diamantes pertencentes á Sñra. de Léautaud. A Sñra. Laffarge, perseguida ao mesmo tempo por um delicto de furto e por um crime d'envenenamento na pessoa de seu marido, conhecia bem que a influencia do debate que hia abrir-se podia ter um grave effeito sobre o caso crime; que a sua defeza não teria toda a sua liberdade, nem a franqueza das suas evoluções, senão em um negocio em que os papeis, por assim dizer, fossem trocados, em que ella, da posição de accusada passasse á de accusadora. Era preciso que ella se pudesse apresentar livre de toda a preocupação, fôrra de qualquer desassocêgo; e isto não podia ser, senão quando o caso de maior gravidade se achasse terminado perante o jury.

Em consequencia, ella fez requerer pelos seus advogados que se sustasse o processo de furto até á decisão do jury

sobre o crime capital. Mas esta pretensão, tendo sido indeferida, segundo o disposto em artigos do código de processo criminal, a Sñra. Laffarge deixou hir a causa á revelia, etc. Foi nessas circumstancias, que o tribunal pronunciou em 15 de Julho contra ella o julgamento que se vai ler, e que completa todos os diversos pormenores do primeiro processo.

Eis ahi as principaes disposições :

### JULGAMENTO.

« Visto como estas joias, tendo sido mostradas á dama Laffarge, ella declarou que lhe pertencião, que lhe tinhão sido dadas por um tio de Tolosa, etc. , que, quando estes diamantes se achavão no Glandier, tendo o Sñr. Laffarge pedido um diamante para cortar vidro, Maria Cappelle foi buscar um saquinho de setim estofado, e delle tirou uma grande porção de diamantes, que disse provirem de seu pai, que lh'os tinha deixado, com insciencia e exclusão de sua irmãa.

Visto como Maria Cappelle, viuva Laffarge, tendo sido novamente interrogada sobre os diamantes, acaba por confessar que pertencião á Sñra. de Léautaud e erão parte do adresse que fazia o objecto das investigações judiciaes ; mas que ella accrescentou não os ter furtado, mas que lhe tinhão sido entregues a titulo de deposito, etc.

Visto a respeito desta coarctada, que uma multidão de

circunstancias se reúnem para mostrar o inverosímil e absurdo desse systema de defeza; entre outras:

Essa estranha carta escrita pela Sñra. Laffarge á Sñra. de Léautaud e que lhe foi entregue em presença de seu pai:

« Nessa carta a Sñra. Laffarge começa da maneira seguinte: « *Eis aqui os factos, Vós não poderieis negal-os.* » Se o furto tinha sido ajustado entre ella e a Sñra. de Léautaud, porque motivo memorar-lhe factos que não são muito antigos, que ella sabia igualmente bem e que não podia, nem devia ter esquecido? A Sñra. Laffarge diz mais abaixo: « O vosso triste estado de saude, causado pelo tormento, e que cessou immediatamente pelo silencio comprado, depois da minha partida de Busagny. » Como tinha o silencio sido comprado, se o adereço nunca tinha sido vendido? Com que meios tinha comprado esse silencio? Emfim, a Sñra. Laffarge se expressa nessa carta de um modo affectuoso para a Sñra. de Léautaud, ella lhe diz que venha ama-la ainda e salva-la. E comtudo, se ella tivesse sido innocente, seria uma linguagem inteiramente diversa que ella teria devido empregar, era uma virtuosa indignação que ella devia ter mostrado nas suas phrases, não era mais uma amiga que ella tinha a deprecar, mas uma mulher culpada, que devia accusar, porque, segundo a expressão energica de que tão felizmente se serviu, ella teria commettido sobre a sua pessoa um homicidio moral.

Visto que de todos os factos, de todas as circumstan-

cias resulta clara e evidentemente que Maria Cappelle, viuva Laffarge se tornou culpada do furto de diamantes que lhe é imputado ; que o pretendido deposito de que fallou não repousa senão sobre a sua allegação, e não baseado em especie alguma, nem adminiculo de prova ; que é de facto, ao contrario repellido por uma multidão de circumstancias e considerações, e notavelmente pelas da posição social que occupa a Sñra. de Léautaud, da educação que ella recebeu, do nome de que usa e das nobres tradições que tem colhido na sua familia.

« Visto que, se um furto commettido por una pessoa tão bem nascida, tão bem educada, tanto acima das exigencias da pobreza, como Maria Cappelle, é d'uma grande gravidade, elle se torna ainda mais culpado pelo systema de defeza que ella emprega, systema, que teria podido, para um grande numero d'espíritos credulos e superficiaes, macular a reputação da Sñra. de Léautaud e comprometter para sempre o seu descanso e a sua tranquillidade, se a verdade se não tivesse manifestado e se a justiça não tivesse vindo cubri-la com o seu escudo.

« Por esses motivos, procedendo á revelia contra Maria Cappelle, viuva Laffarge, a declara ré e convicta de ter subtrahido fraudulentamente, um adereço de diamantes pertencente á Sñra. de Léautaud, etc. (\*)

---

(\*) A Sñra. de Léautaud se tinha assignado parte civil.

« A condemna a dous annos de prisão. (E sem duvida á restituição dos objectos furtados ou seu valor e nas custas de processo.)

## SEGUNDO PROCESSO.

### *Envenenamento.*

Na época em que Maria Cappelle tinha subtrahido os diamantes da Sñra. de Léautaud, com bastante finura para não ser immediatamente reconhecida como autora do furto; Carlos Laffarge, proprietario de forjas no Glandier (Corrèze), viuvo de um primeiro matrimonio, veio a Paris em Agosto de 1833, para procurar em um novo enlace recursos de que tinha uma extrema precisão. Certo deputado do seu departamento foi por elle rogado para lhe facilitar relações com uma pessoa sobre quem o Sñr. Laffarge tinha vistas. Este deputado empregou a intervenção do Sñr. Garat, seu amigo. Mas este ultimo, em lugar de pensar na pessoa indicada, fallou da sua propria sobrinha ao deputado, que, sabendo a fortuna da Sñra. Cappelle, acolheu com zelo uma proposta, na apparencia tão vantajosa ao jovem provinciano. Terminou-se tudo em quinze dias; e cousa notavel, a familia da futura foi a mais apressada na conclusão do negocio! Ella exigiu mesmo uma prompta partida dos jovens esposos para o Glandier.

O Sñr. Laffarge tinha feito contos d'imaginação sobre a sua fortuna pessoal, sobre os encantos do seu retiro do Glandier, sobre a união da sua familia e a nobreza da sua parentéla. Elle era d'um humor jovial e d'um coração ardente; mas as divagações da vida contemplativa lhe erão inteiramente estranhas. Elle era puramente industrial e não vaporoso, nem poéta, e a exaltação de sentimentos não era da sua repartição. A sua nova companheira parecia pertencer a uma outra esphera. Nada havia de commum entre dous entes, destinados a passar juntos, em um deserto, uma existencia, que segundo a sua constituição, tinha apparencias de durar... Desde os primeiros passos dados fora da capital, Maria Cappelle cahe n'uma profunda melancolia. Depois de ter provado essa vida brilhante e voluptuosa, que vos embala nos mil e mil encantos do ouro, das honras e da adulação no meio desse turbilhão, que se agita no topo da sociedade, nessa harmonia inexprimivel, que se compõe de fortuna, de formosura, de graças, d'espírito, e de saude; ter sido rodeiada de todas as seducções, que embriagão um coração ardente, um espirito delicado, um amor proprio de mulher que cultiva as letras e arde por ser continuamente admirada e subjugar pela fascinação da superioridade intellectual, junta a tantas outras vantagens, e vir ao Glandier enterrar todos os seus thesouros... no Glandier! solidão profunda, situada na parte a mais selvagem do baixo Limousin, onde cenobitas tinhão colocado suas ermidas, como para procura-

rem as privações do seu estado, com um marido, que não era dotado desse sexto sentido, que se chama poesia ! Que transição ! Que abismo ! Que manancial inexgotavel de desespero !... A jovem esposa deixou germinar na sua cabeça de fogo as suas ideias fataes, e a desgraça a quebrou.

Quanto a Carlos Laffarge, elle estava na alegria e contava com o futuro o mais feliz, mas as suas illusões durarão mui pouco. Apenas Maria Cappelle tinha penetrado na residencia da sua nova familia, que immediatamente uma scena afflictiva teve lugar, e essa mulher, fechando-se no aposento que lhe era destinado, escreveu a seu marido uma carta estranha, onde a pouca vergonha do pensamento não cede senão ao cynismo das expressões, com as quaes, estigmatizando-se a si mesma, revelou ao seu esposo todas as suas paixões de que era agitada. (\*)

Assim se desvanecião todos os sonhos de felicidade d'uma desgraçada familia ! Que partido tomar. Chamão-se alguns amigos, confião-se-lhes os desgostos de que se é devorado e recebe-se delles o conselho de ver, se com agrados, obzequios e testemunhos d'affecto, se póde chegar a vencer essa má natureza, e reconduzir essa mulher a sentimentos

---

(\*) E'presumivel que essa carta comprehendesse muitas cousas, entre outras *le Charles de son cœur* (o Carlos de seu coração), que é um ente imaginario, inventado para determinar seu marido a uma separação voluntaria ; pretendeu-se mesmo que depois de muitos mezes de casamento a Sira. Laffarge se achava ainda no estado em que os costumes os mais austéros terião podido mante-la.

melhores. Esses conselhos forão seguidos, e bem depressa pareceu que Maria Cappelle não tinha mesmo repugnancia alguma por seu marido, e até pareceu que elle lhe inspirava uma viva amizade. Esta mudança tão repentina excitou alguma surpresa, e houve pouca disposição para acreditar na sinceridade desses novos sentimentos.

Comtudo Laffarge se tinha apressado em confiar a sua mulher os seus segredos, e inicia-la no conhecimento dos seus negocios ; elle tinha tido prazer em a pôr ao facto dos seus projectos e das suas esperanças para o futuro ; elle lhe tinha revelado haver feito uma descoberta importante para o fabrico do ferro, descoberta, que na sua opinião devia procurar lucros enormes. Maria Cappelle foi disso vivamente preocupada ; duvidou ao principio, mas logo depois, como o disse na mesma carta, ficou convencida das vantagens immensas d'applicação desse novo invento. Foi então e no meio dessas brilhantes esperanças que se verificou um facto importante a assignalar. Um dia a accusada pareceu soffrer uma indisposição bastante grave, seu marido se esmerou em lhe prodigalisar os cuidados os mais affectuosos. Ella pareceu disso tocada e reconhecida a tal ponto, que manifestou a intenção de fazer um testamento em favor d'elle. Por sua vez Laffarge se apressou em lhe dar a mesma prova de amizade e lhe entregou um testamento em que dispunha em favor della, de tudo quanto deixasse por sua morte. Immediatamente a Sñra. Laffarge transmettiu essa disposição

ao Sñr. Legros, notario em Soissons. Este facto cumpriu-se em 28 de Outubro de 1837. Desde então a accusada não pensa outra cousa que em dar a morte áquelle que a rodeiava assim de todas os testemunhos da sua afeição.

A descoberta de que Laffarge lhe tinha fallado não podia ser utilizada, senão com duas condições : era-lhe necessario tirar um privilegio d'inventor e obter os capitaes necessarios ao desenvolvimento da sua industria. Movidado por esse pensamento, Laffarge partiu para Paris no meio do mez de Novembro, e não voltou senão a 3 de Janeiro, para expirar a 14, victima d'um horrivel evenenamento.

Durante a sua demora em Paris, a correspondencia a mais terna se estabeleceu entre os esposos. Cada dia enviava a Maria Cappelle uma carta, e ella mesma dirigia a seu marido cartas cheias das expressões do amor o mais apaixonado. Ella lhe pintava todo o desgosto que sentia por se achar separada d'elle, e chamava com os seus votos o momento em que devia cessar essa dolorosa separação. Ao mesmo tempo ella o entretinha com cuidado sobre o objecto da sua viagem, e lhe indicava os passos a dar, para conseguir os fins que desejava, em quanto lhe dava pressa e se mostrava impaciente para que elle conseguisse o privilegio que tinha hido solicitar.

Esta correspondencia foi continuada nos mesmos termos até o meio do mez de Dezembro. Nessa época tornou-se certo que Laffarge hia obter o privilegio tão desejado e a que

se ligavão tão magnificas esperanças. Foi então que Maria Cappelle julgou que era chegado o momento de pôr por obra o seu horrivel projecto.

A 15 de Dezembro, sob pretexto de destruir os ratos que a incommodavão, mandou comprar arsenico em casa do Sñr. Eyssartier, boticario em Userches. Na mesma occasião ella manifestou o desejo de mandar o seu retrato ao marido, e quiz tambem mandar-lhe bolos feitos no Glandier. Elles devião ser preparadós por sua sogra, que não hesitou em se prestar a este singular capricho. Estes bolos forão feitos, tirados do forno e levados ao quarto de Maria Cappelle. Esta metteu n'uma caixa diversos objectos e notavelmente o seu retrato; um relógio, sapatos, musica, castanhas e outras cousas ainda. Emfim ella collocou tambem lá, em uma caixinha separada, alguns dos bolos que sua sogra tinha feito. Ella affirmou que tinha ahi mettido, ao menos quatro desses bolos chamados *choux*, que são mui pequenos. Arranjada a caixa, foi levada por um criado, nessa mesma tarde a Uzerches, donde devia ser transportada a Paris pela diligencia do dia seguinte. É de notar que Maria Cappelle patenteou á sua sogra o desejo, de que fosse mettido na caixa um bilhete da mão dessa senhora, annunciando ao filho ter sido ella quem fizera os bolos; o que se fez. Comtudo Maria Cappelle tinha annunciado a seu marido a remessa de seu retrato e dos bolos. A carta que ella escreveu não foi achada, mas a justiça apoderou-se de duas de Laffarge em que falla della.

Encontra-se ahi a prova das estranhas recommendações que ella fazia a seu marido com respeito a esses bolos.

Assim, resulta das mesmas, que ella lhe recommendava comesse esse *delicioso bolo* a 18 à noute, quando fosse meia noute, annunciando que ella mesma, no mesmo dia, e á mesma hora faria no Glandier uma comida semelhante, e se uniria assim a elle por um pensamento commum no desempenho d'um facto identico. Accrescentava, que elle não devia dar parte d'isso a pessoa alguma, senão á sua irmãa, que então estava d'esperanças e ausente de Paris, pois que nenhuma das cartas de Laffarge constata que ella ahi se achasse. Tal fôra esse facto estranho, e as circumstancias de que foi rodeiado.

Comtudo a 18 de Dezembro, Laffarge, impaciente, dirige-se ao escritorio da recovagem (des messageries), e depois d'algumas difficuldades, ás nove horas da noute, a caixa lhe é entregue e elle a leva para o seu hotel. Quiz o acaso que Laffarge não abraisse elle mesmo essa caixa; elle commetteu isso ao criado do hotel, que tirou com cautêla e um a um todos os objectos que ella continha.

Esse homem, que foi varias vezes interrogado, constantemente declarou, e com os pormenores os mais minuciosos quaes erão os objectos achados n'essa caixa e sempre affirmou que a pequena caixa ahi posta só continha um bolo de fórma redonda, tendo seis ou sete pollegadas de circumferencia, duas ou tres de grossura, do tamanho, diz

elle, d'um prato pequeno e d'uma côr dourada. Elle notou que a codea das bordas era dura quando a de cima era molle, o que lhe fez presumir que o interior era da mesma natureza. Elle accrescentou que não só tinha tocado e examinado esse bolo, quando o tirou da caixa e desembrolhou do papel em que estava envolvido, mas ainda, que ficou em cima d'uma commoda, que elle depois o metterá n'um almario, onde ficára até á partida de Laffarge, occasião em que o deitára no cisco. Accrescenta ainda que se tivessem havido mais bolos, elle infallivelmente os teria visto, e emfim, que nunca tivera a menor tentação de o provar, nem antes, nem depois da partida de Laffarge.

Tal foi o depoimento preciso, circumstanciado, muitas vezes repetido e sempre perseverante, d'essa testemunha. Ella está em contradicção manifesta com as declarações da accusada, que sempre sustentou que não tinha mandado a Paris, senão alguns dos pequenissimos bolos que sua sogra tinha preparado. A testemunha accrescentou que Laffarge, no momento em que o bolo foi tirado da caixa, quebrou um pedaço mui pequeno da codea e o comeu dizendo: « *E' minha mulher que me manda isto.* » Estes factos se comprirão na noute de 18 de Dezembro. As folhas da recovagem attestão que foi bem n'esse dia que a caixa chegou e foi entregue a Laffarge.

Comtudo Laffarge, tendo ficado só, soffreu toda a noite do 18 ao 19 de Dezembro colicas e vomitos frequentes. Sen-

tiu-se muito incommodado e ficou na cama quasi todo o dia seguinte. A data certa d'esta indisposição acha-se bem definida nos livros do hotel, que provão ter sido bem n'esse dia, que lhe forão fornecidas algumas bebidas, taes como chá e limonada fervida. E'certo tambem, que ella não teve lugar, senão depois da recepção da caixa, porque o criado observou que em quanto esteve na cama, Laffarge tinha sempre na mão o retrato de sua mulher.

No seu leito de morte e nos ultimos instantes da sua agonia, o desgraçado contou ao medico Lespinas a remessa do bolo e a sua indisposição, de maneira que esse medico comprehendeu que o primeiro d'esses factos tinha devido preceder o outro.

Em quanto estes factos extraordinarios acontecião em Paris, Maria Cappelle dava a conhecer no Glandier singulares receios e bem estranhas preoccupações. Uma carta de seu marido lhe participava soffrer elle uma violenta enchaqueca e essa noticia parecia causar-lhe as mais vivas inquietações. Ella dizia que não queria fallar n'isso á sogra, mas que se seu marido ficasse peor, ella se apressaria debaixo d'um pretexto qualquer por ir a Paris a fim de o tratar.

Ella mandava a Uzerches, para se saber se havia cartas para ella, e manifestava o receio de receber alguma com obreia preta. Um dia, contra o seu costume, levantou-se da meza, impaciente de verificar, se haveria alguma que

viesses confirmar os sinistros pensamentos de que se dizia atormentada.

Comtudo, Laffarge, dotado d'uma constituição robusta, não experimentou consequências graves d'essa indisposição, e depois de ter obtido o seu privilegio d'inventor, partiu de Paris e chegou ao Glandier a 5 de Janeiro de 1840. Maria Cappelle mostrou-se cheia de zelo por festejar a volta de seu marido. Foi vista sahir da cama em que estava deitada para o ir receber e prodigalisar-lhe os testemunhos da mais terna amizade.

Laffarge estava comtudo incommodado, levantou-se durante alguns instantes e tornou-se logo a deitar. A'tarde trouxerão a Maria Cappelle, no seu quarto, os restos d'uma ave com algumas tubaras. Seu marido foi convidado por ella a comer algumas, o que elle aceitou, mas quasi immediatamente depois lhe sobrevierão colicas e vomitos, e desde então se manifestarão, para não cessar mais os symptomas d'envenenamento.

Chamou-se o medico Bardou, mas elle não suspeitou a causa do mal e receitou cousas que não podião ter efficacia alguma. Maria Cappelle se mostrava impaciente, quando qualquer outra pessoa que não fôsse ella procurava tratar do marido; ella buscava affastar do aposento d'este desgraçado todos os membros da familia, mesmo sua mãe; esta pobre mulher teve com ella a esse respeito uma discussão bastante forte, em presença do medico Bardou. Comtudo

Laffarge soffria crueis angustias, elle sentia na garganta um ardor doloroso, colicas violentas lhe dilaceravão as entranhas, e bem depressa a frialdade do seu corpo, a interrupção quasi completa da circulação, a diminuição e enfraquecimento das bateduras do coração annunciavão um fim proximo.

Durante este tempo e em presença d'um espectaculo tão doloroso, Maria Cappelle se entregava a estranhos cuidados e a pasmosas preocupações. Já em 12 de Dezembro, poucos dias antes da remessa do bolo a Paris, ella tinha comprado arsenico sob pretexto de destruir os ratos; mais tarde, e depois da volta de Laffarge, ella tinha obtido mais, por meio d'uma nota escripta por baixo da receita do medico : este factio teve lugar a 5 de Janeiro. Na mesma época ella o fazia pedir em casa d'um boticario de Lubersac, que o não quiz dar. Mais tarde ainda tinha encarregado a um Sñr. Diniz, empregado na fabrica, que lh'o comprasse, e Diniz, instado por ella, depois de o ter guardado alguns dias, tinha acabado por lh'o dar no dia mesmo 10 de Janeiro. É notavel que, dando lhe esta commissão, Maria Cappelle lhe recomendasse segredo. Era sempre com o pretexto de matar os ratos que ella buscava estas massas enormes d'arsenico. Um dia, contava ella alegremente a seu marido, que tinha bastante para matar um exercito de ratos. A 11 de Janeiro, vespera do dia em que Diniz lhe entregou emfim o arsenico, que tinha comprado, se verificarão alguns factos,

que vierão emfim excitar graves suspeitas no seio da familia Laffarge. De manhã e achando-se inda na cama, pedia Maria Cappelle, que lhe preparassem uma gemmada. Foi ella feita pela dama Buffière, sua cunhada, que lh'a levou e que ella tomou. Laffarge, a quem sua irmãa perguntou, se tambem queria, respondeu que sim, mas Maria Cappelle a tinha tomado e disse que se fizesse outra. Ella mesma a queria preparar, ainda que na cama. Comtudo, foi a dama Buffière quem teve esse incommodo e a levou ao quarto de seu irmão. Como elle nesse instante estivesse repousando, deitou-se a gemmada n'uma chicara, que foi mettida n'uma tigela d'agua quente. Apenas estas disposições tinhão sido feitas, que a criada da accusada veio buscar a chicara e a levou para o quarto da sua ama, onde lh'a poz sobre a mesa da cabeceira, junto ao leito. No mesmo quarto se achava a menina Brun : ella estava ainda na cama e hia levantar-se, quando viu Maria Cappelle deitar na chicara que continha a gemmada um pó branco, e mexê-la com o dedo. Nesse instante a porta que communicava do quarto da accusada com o de seu marido abriu-se, e a sua sógra appareceu, Maria Cappelle se apressou em pôr a chicara sobre a mesa. Tendo-se a sogra retirado, ella de novo dissolveu com o dedo o pó que tinha deitado na chicara. A menina Brun, testemunha d'esses factos, lhe perguntou o que tinha deitado, e ella respondeu que era flôr de laranja. Pouco satisfeita com essa resposta, insistiu : Maria Cappelle

fez que não ouvia e não respondeu. Levárão então a gemmada para o quarto de Laffarge, mas como este não a quiz tomar, puzerão-na em cima da chaminé.

Foi então que a menina Brun, julgou notar na superficie uma substancia branca não dissolvida, o que ella fez observar ás outras pessoas que estavam presentes. Examinou-se, o medico mesmo que estava presente foi perguntado; mas respondeu que era talvez clara d'ovo ou cal, e não se deu a isso no primeiro instante grande importancia, sómente a dama Buffière, tendo lançado a maior parte no fogão, viu no fundo da chicara uma materia branca e da mesma natureza que a que se tinha visto na superficie.

Comtudo, ninguem se occupava disso então ulteriormente, e foi só quando a menina Brun contou o que se tinha passado de manhã, que se conceberão alguns receios. Deu-se parte a Laffarge, que mandou o resto da gemmada ao boticario Eyssartier para o examinar. Este fez algumas experiencias e reconheceu a presença do arsenico, mas contentou-se com dizer que era preciso que Laffarge não aceitasse bebida, senão de pessoa em quem depositasse toda a sua confiança.

Mais tarde o residuo dessa gemmada foi submittido á analyse, e os medicos e chimicos a que essa operação foi confiada, verificárão que elle continha acido arsenioso. Estes factos tinhão-se passado no dia 11 de Janeiro. No mesmo dia tratou-se de preparar uma outra bebida para Laffarge,

ella se compunha d'uma pequena quantidade de vinho, assucar e pão.

Maria Cappelle estava só no quarto do doente com a menina Brun que trabalhava junto a chaminé; esta jovem a viu pegar no copo que continha a bebida de que acabamos de fallar, dirigir-se para uma commoda de que abriu a gaveta de cima, e então ouviu a bulha da colher contra um vaso que lhe parecia estar dentro da commoda. Pareceu-lhe tambem que a accusada misturava uma substancia qualquer com a bebida destinada a Laffarge. Feita esta operação, ella se aproximou do leito do doente e lhe apresentou uma colherada. Laffarge, tendo-a tomado, exclamou: « *Ah! Maria, que me dás tu? isso me queima.* — « *Não é para admirar* », diz Maria Cappelle, dirigindo-se á menina Brun, *dão-lhe vinho, e elle tem uma inflamação.* »

Comtudo a menina Brun, tendo-se aproximado á commoda, notou n'ella um rastilho de pó branco, e divisou na gaveta um potesinho com cousa semelhante. O pó de cima da commoda, assim como o do pote, forão apanhados e competentemente reconhecidos não serem outra cousa mais do que arsenico.

A bebida destinada a Laffarge foi igualmente conservada e sujeita á analyse, reconhecendo-se n'ella a presença do acido arsenioso. Foi no mesmo dia que a menina Brun notou no quarto de Laffarge um copo que continha uma

mui pequena porção d'agua, em que se achava um pó branco. Maria Cappelle, a quem ella perguntou o que aquillo era, respondeu que era gomma, e como essa testemunha lhe fizesse observar que a gomma se dissolve, ella accrescentou que hia beber n'esse copo, o que pareceu effectivamente fazer, tendo-lhe deitado muita agua. Na noute que se seguiu, Maria Cappelle soffreu colicas e alguns vomitos.

E' para notar, que Maria Cappelle affectava fazer habitualmente uso de gomma, e mistura-la em todas as bebidas. Em outra occasião e durante que a mãe de Laffarge se occupava em tratar do filho, Maria Cappelle misturou um pó branco a uma poção que lhe era destinada, e, aproveitando-se d'um instante, em que pensava não ser percebida de sua sogra, se approximou á cama do doente e lhe fez tomar uma colher. A mãe de Laffarge, tendo-lhe perguntado o que tinha misturado n'essa bebida, ella respondeu, como muitas vezes, que era gomma, e ao mesmo tempo se apressou em enxugar a colher com cuidado e a poz em cima da chaminé, antes porêm que a colher tivesse sido enxugada, a mãe de Laffarge tinha nella notado uma substancia branca e semelhante á que tinha sido visto na gemmada. Não era só nas bebidas do infeliz Laffarge que o arsenico era misturado com uma audacia incrível. Tinha-se julgado conveniente fazer-lhe fricções com flannela; um pedaço d'essa fazenda foi entregue para esse

effeito por Maria Cappelle e foi empregado, não só para as fricções, mas tambem para applicação sobre o peito do doente, depois de se lhe ter applicado laudano e azeite d'oliveira. A dama Laffarge mãe notou que o tecido d'essa flannella estava cuberto d'uma substancia que ella designou com o nome *d'um corpo aspero*. Ella sacudiu-a e cahiu um pó branco. Essa flannella, entregue ao exame dos chemicos, foi submettida a experiencias, cujo resultado constatou d'um modo certo que ella continha acido arsenioso. Era assim que o desgraçado Laffarge, entregue a dores atrozes, morria victima d'um horrivel envenenamento, em presença de sua mãe, de sua irmã e dos medicos que, todos espantados dos estragos d'essa molestia cruel, estupefactos desses horriveis phenomenos, lutando contra a suspeita que lhes invadia a alma, deixavão comtudo consummar o crime, porque a sua rasão, o seu coração, uma sorte de pudor mesmo, recuavão espavoridos diante da verosimelhança e á vista dos laços sagrados, que união a envenenadora e a victima. Suspeitando o crime que se commettia, elles não tinham coragem para affastar a mão da criminosa.

Comtudo a 13 de Janeiro o D<sup>tor</sup> Lespinats foi chamado ; mas já não havia então esperança alguma de conservar a vida de Laffarge. Lespinats não hesitou em declarar que Laffarge succumbia victima do veneno ; elle advertiu d'isso ao infeliz, que respondeu : « Que ! Vós julgais ? fazei indagações, tratai de descobrir ; eu perseguirei. »

Foi então no seio dessa familia uma dôr dilacerante, quando Laffarge, depois d'uma syncope que, ao parecer, devia terminar-lhe a vida, se reanimou um pouco e disse á sua mãe, de quem ouvia os soluços : « Isso me causa pena, sahi. » Levárão-a para fóra do quarto, onde só ficárão Lespinats e Maria Cappelle.

Logo depois Laffarge pronunciou estas palavras : « *Amena*, dá-me a beber. » Elle designava assim sua irmãa. Maria Cappelle se apressou a lhe dar agua, e Laffarge abre os olhos, bebe, mas immediatamente um sorriso sardonico lhe percorre os labios, e por um movimento da cabeça e do corpo, elle expressa a Lespinats o sentimento horrivel, de que a sua alma está cheia.

Maria Cappelle retirou-se e desde esse momento não tornou a apparecer no quarto de seu marido.

No dia seguinte ás seis horas Carlos Laffarge tinha exhalado o ultimo suspiro. A autopsia foi feita, o estomago e os liquidos que elle continha forão conservados com cuidado, sujeitos á analyse, e constatou-se de um modo certo a presença da acido arsenioso. Taes são os factos principaes sobre que se fundou a accusação. Ainda houve mais um que tendia a provar inda mais a culpa da accusada. A 12 de Dezembro de 1839, 5 e 10 de Janeiro de 1840 ella tinha recebido uma remessa d'arsenico que encomendára, e o não negou, continuando sómente a repetir, que tinha sido empregado ou devia sê-lo em preparar uma composição para os

ratos. Comtudo uma parte d'essa composição foi achada : indagou-se a substancia de que se compunha e verificou-se que não continha acido arsenioso. A instrução verificou, alem disso, que o arsenico que foi trazido em 10 de Janeiro a Maria Cappelle pareceu ter sido entregue por ella a Clementina Servat, sua criada do quarto, a fim de que preparasse a composição para os ratos ; ella lhe tinha recommendado que tomasse as maiores precauções, assignalando-lhe essa substancia como extremamente perigosa, de tal maneira que essa rapariga ficou assustada e não se atreveu a fazer d'ella o uso que lhe tinha sido prescripto. Comtudo o papelinho entregue a Clementina Servat foi depois da morte de Laffarge enterrado no jardim, onde posteriormente foi encontrado ; e o exame da substancia que elle continha demonstrou que esta não era mais que bicarbonato de soda. Que era portanto feito do arsenico comprado a 5 e 10 de Janeiro ?

A morte de Laffarge, os padecimentos crueis que a precederão, a sua longa e dolorosa agonia, e a presença do veneno nas entranhas desse desgraçado, não serião uma prova manifesta do destino que elle teve ?

Interrogada sobre estes factos, Maria Cappelle respondeu que ella não tinha mandado a seu marido, senão alguns dos pequenos bolos que sua sogra tinha preparado. Ella concorda que no mez de Dezembro e no de Janeiro, tinha varias vezes mandado comprar arsenico, declarando que delle

não queria servir-se mais que para destruir os ratos, e accrescentou que a substancia que se lhe tinha visto misturar nas bebidas de seu marido, não era senão gomma, e que lhe era impossivel explicar a presença do arsenico em taes bebidas.

Por conseguinte, Maria-Fortunata Cappelle, viuva Laffarge, foi accusada, de ter, nos mezes de Dezembro de 1839 a Janeiro de 1840, attentado contra a vida de Carlos-José-Pouch Laffarge, seu maridô, por meio de substancias susceptiveis de produzir a morte e que effectivamente a occasionárão, crime previsto e punido pelos artigos 301 e 302 do codigo penal.

A Sñra. Laffarge patronisada pelo Sñr. Paillet, decano da ordem dos advogados da Relação de Paris, compareceu a 3 de Setembro perante o jury de Tulle, presidido pelo Sñr. Barny, um dos mais distinctos membros do tribunal de Limoges. O Sñr. de Coux, primeiro advogado geral, preenchia as funcções do ministerio publico; o Sñr. Coraly tinha sido encarregado pela mãe de Laffarge de intervir em seu nome, sendo conveniente, como parte accusadora. Desde as cinco horas da manhã os curiosos se achavão já estacionados em grande numero nas immediações do Palacio de Justiça (casa dos tribunaes). A's sete horas, a multidão era compacta, e toda a salla se encheu como por encanto.

Por convite do presidente M<sup>me</sup> Laffarge se levanta. Ella se acha muito fraca e tem difficuldade em ter-se em pé. As

suas primeiras palavras são difficilmente articuladas, mas immediatamente a sua primeira emoção se acalma, a sua voz, sempre fraca, se torna mais clara e ella responde com firmeza a todos as perguntas que lhe são dirigidas pelo presidente sobre as diversas circumstancias do processo que nós temos referido.

A's seis horas a Sñra. Laffarge, cujas feições annuncião a maior fadiga, pede ao presidente pelo orgão do Sñr. Paillet, que queira dar a audiencia por acabada.

O interrogatorio sobre o factó do envenenamento estava acabado, a audiencia fica adiada para o dia seguinte, de manhã ás oito horas.

Essa audiencia foi destinada á audição dos differentes medicos, que tratárão de Laffarge, e que tinham sido nomeados para procederem á analyse dos objectos trazidos do Glandier. Estes depoimentos não discordão; a existencia do arsenico, tanto no corpo da victima, como na gemmada e flanella é constatada.

Trava-se um debate entre o advogado geral, a testemunha Massenat, medico, e a defeza, a respeito das granulações pardas e brilhantes obtidas no tubo, e consideradas pelas testemunhas, como materias arsenicaes. O advogado geral requer um segundo exame, feito pelos Sñrs. Dubois, pai, e filho, e o Sñr. Dupuytren, pharmaceuticos em Limoges.

A Sñra. Laffarge, mãe, faz o seu depoimento, que versa sobre os ultimos momentos de seu desgraçado filho, e as sus-

peitas d'envenenamento, que tomavão de dia em dia mais consistencia.

Terminado o depoimento, os peritos chimicos, chamados pelo tribunal, são introduzidos na audiencia, e fazem o seu relatorio, cujas conclusões são as seguintes : « Que nem no estomago, nem nas materias vomitadas se encontrava um só atomo d'arsenico. »

Esta declaração dos peritos produziu sobre o auditorio a mais viva impressão. A Sñra. Laffarge se acha entregue ao maior arrebatamento, lagrimas correm de seus olhos, um sorriso indefinivel lhe percorre os labios. O seu defensor é obrigado a pedir que ella se retire um instante ; o tribunal suspende a audiencia. Quando ella prosegue, o advogado geral faz observar ao tribunal que as duas vistorias dos chimicos de Limoges, achando-se em contradicção, convem procurar novos elementos em um novo exame que se tornará decisivo, e chamar para esse effeito outros chimicos.

Ouve-se o Sñr. Lafosse pai, boticario em Brives, o Sñr. Eyssartier, boticario em Uzerches, e Denis Barbier, cujos depoimentos não assignalão mais que factos já sabidos.

Clementina Servat, criada da Sñra. Laffarge, e Alfredo Moutadier, criado de Laffarge são ouvidos. Segundo elles, o arsenico foi empregado na preparação contra os ratos e o resto enterrado no jardim depois da morte de Laffarge.

Nesse momento o vasto recinto do tribunal de jurados foi invadido por um fedor infecto e penetrante. Os expertos,

de volta do cemiterio de Bellac, executão a sua obra sem nome á roda de fogareiros ardentes. Uns revolvem não sei que materia com a ponta das suas colheres de pau ; outros amassão com os dedos uma mistura d'ossos e de carne que deitão a mãos cheias nas caldeiras ardentes. A Sñra. Buffière, irmãa da victima, faz um depoimento semelhante ao da Sñra. Laffarge mãe.

A Sñra. Emma Ponthier declara , que , quando chegou ao Glandier , Laffarge estava mui doente ; Maria Cappelle , que estava mui pallida e triste, lhe disse que seu marido tinha uma esquinencia. Duas vezes vi, acrescenta a testemunha, a Sñra. Maria deitar em uma colher agua e um pó branco. A primeira vez Laffarge lhe perguntou : « Que é isso? Gomma », respondeu ella e o Sñr. Laffarge bebeu. E'certo que Maria Cappelle tomava muitas vezes, ella mesmo, gomma só ou com agua.

• No dia immediato ao da morte de Laffarge, levou cabellos delle á mãe e á irmãa, e dizendo-lhes que tambem tinha para a Sñra. Maria Cappelle, que de seu lado lhe tinha tambem dado uma trança dos seus para pôr na mão do seu pobre Carlos ; essas damas lh'o prohibirão, dizendo : « *Deixa-te d'isso , foi ella quem o envenenou.* » Estas palavras derão que pensar á jovem Emma, e ainda que a sua rasão se negasse a crer que Maria Cappelle fosse culpada, tomou comtudo um pouco do tal pó branco que se

achava em uma boceta e o deu ao Sñr. Fleigniat seu tio para a examinar.

Os expertos que tinham terminado as suas operações entrarão n'esse momento.

O Sñr. Dupuytren leu o relatorio seguinte : « As nossas conclusões, adoptadas unanimamente, são que não existe arsenico em nenhuma das substancias animaes submettidas ao nosso exame. »

Applausos prolongados se fazem immediatamente ouvir.

Lespinats, interrogado sobre a differença que se nota entre o seu primeiro relatorio e o dos ultimos expertos, responde que, como medico, tem uma opinião differente do que viu como chimico.

Depois d'uma longa deliberação ordena o tribunal, que chimicos de Paris sejam chamados a Tulle no menor prazo possivel.

Varias testemunhas são perguntadas de novo, e reproduzem o seu primeiro depoimento.

Em uma audiencia seguinte o Sñr. Orfila, deão da faculdade na escola de medicina de Paris; o Sñr. Bussy, professor de chimica na escola de pharmacia de Paris, e o Sñr. Olivier (d'Angers), doutor em medecina, que se entregarão ao exame determinado pelo tribunal, apresentam pela voz do Sñr. Orfila o relatorio seguinte :

« Nós começámos por tratar o quarto do estomago que

ficava, a materia dos vomitos e os liquidos achados no estomago. Estes tres objectos reunidos tendo sido submettidos á carbonisação pelo acido nitrico, com os procedimentos que indiquei, ha desouto mezes pela primeira vez, e o carvão obtido, tendo sido tratado pela agua, bastou introduzir o liquido d'ahi resultante no aparelho de Marsh, para obter uma quantidade d'arsenico que não é consideravel, arsenico que se acha actualmente depositado em um prato no nosso laboratorio. »

« Uma segunda experiencia foi feita com a massa descripta nos processos verbaes com o nome de massa proveniente dos orgãos do thorax, do abdomen, do canal intestinal e d'uma porção do cerebro.

« Pareceu-nos que deviamos dividir esta operação em duas partes. Misturando primeiro o total, nós o fizemos ferver durante quatro horas com agua distillada; o liquido que d'ahi resultou ficou reduzido pelo calor ao estado d'uma materia quasi sêcca. Ficou a parte que se não dissolveu n'agua, como acontece quando se cose carne, que uma parte se dissolve e outra não.

« A decocção, evaporada até á seccura, foi carbonisada pelo acido nitrico, como o tinham sido as primeiras materias. Operámos, como tinhamos feito para as precedentes, e ainda obtivêmos arsenico d'esse liquido.

« A quantidade d'arsenico obtida nesta segunda operação

era com pouca differença igual á que nos tinha dado a primeira experiencia.

« Julgámos dever igualmente examinar as partes remanescentes da decocção, o que não tinha sido dissolvido, a porção sólida.

« E então, como nos veríamos embaraçados com a grande producção d'espuma, tratando pelo acido nitrico, nós fizêmos, como já o indiquei ha desouto mezes, queimar essa massa pelo nitrato de potassa. Ella ardeu durante sete horas, e depois de ter tratado esse producto incinerado como precedentemente, obtivemos uma quantidade mui notavel d'arsenico, que deve ser avaliada ao menos em doze vezes aquella que tinhamos obtido em cada uma das nossas primeiras experiencias. Nem julgámos mesmo dever operar sobre a totalidade do nosso producto, nós o julgámos inutil. Nós examinámos a tira de carne tirada da coxa esquerda do cadaver. Estas Carnes devião fazer o objecto d'uma preparação á parte. Nada obtivemos dessas duas libras de carnes musculares, tratadas, como acima fica dito. Essas duas libras de carnes musculares, comparadas com o corpo, offerecem uma bem pequena porção com respeito á massa total.

« O resultado neste ponto foi portanto negativo.

« Examinámos uma porção do sudario em que o corpo de Laffarge se achava envolvido. Nós o examinámos

com muito cuidado. Começámos pelo fazer cozer em agua com potassa, e depois introduzimos o liquido no aparelho de Marsh, mas nada obtivemos. Foi esse portanto ainda um resultado negativo.

« Emfim julgámos dever examinar duas das tres porções de terra apanhada. A nossa analyse dirigiu-se sobre as terras apanhadas immediatamente por cima e por baixo do caixão. Estas duas terras sendo fervidas separadamente em agua distillada por quatro horas, fornecêrão liquidos que, tendo sido submettidos ao aparelho de Marsh, não derão arsenico. Portanto houve ainda ahi um outro resultado negativo.

« Assim, resulta desta primeira parte do meu depoimento e das experiencias que se fizerão, que ha arsenico no quarto do estomago que restava, nos liquidos dessa viscera e nas materias vomitadas; mas que não havia muito.

« Resulta, em segundo lugar, que o ha na decocção feita com os productos organicos; e que o ha muito mais no residuo solido dessa decocção. Resulta emfim, que em nenhuma outra parte o encontrámos.

« Esses reactivos tinham sido já empregados pelos experts de Tulle, e a prova que elles não contêm arsenico é, que esses experts chegarão a essa consequencia, que elles o não tinham achado. Se tivesse havido arsenico nos reactivos, ter-se-hia constatado a presença, ao menos, d'aquelle que ahi se achasse.

Nós devemos fazer observar, que nunca puzemos em movimento o aparelho de Marsh, sem que primeiro nos tivéssemos certificado, que elle podia funcionar durante um quarto d'hora a vinte minutos, sem dar resultados accidentaes. O acido nitrico tinha sido destillado sobre nitrato de prata, e é impossivel n'essa posição que ella contenha arsenico. Sobre este ponto não póde elevar-se a menor duvida. O arsenico achado não provêm das terras, sendo certo que elle não póde ter essa origem, porque o caixão se achava inteiro, pois apenas tinha uma fenda ãa parte inferior. Essas terras, alem disso, nada derão á analyse.

« E'reconhecido hoje pelas minhas experiencias, que remontão a desoito mezes, que existe nos ossos do homem e de muitas outras especies de anirzaes uma infinitamente pequena quantidade d'arsenico; mas é igualmente reconhecido que, pelos meios de que podêmos actualmente dispôr, nunca se obtem a menor marca d'arsenico, nem do estomago, nem do figado, nem do baço, nem dos rins, nem do coração, nem dos pulmões do homem. Ora, nós operámos, não sobre os ossos, mas sobre os orgãos interiores. O que portanto extrahimos não é o arsenico normal.

« Chego á parte mais difficil do meu depoimento, á quarta.

« Para o provar eu quero seguir a serie das operações que forão feitas.

« Quando foi do primeiro relatorio, os Sñrs. Bardou,

Lespinats, Tournadour, Massénats e Lafosse, tinham operado. Elles fizeram ferver o estomago, tratárão a decocção pelo acido sulfurico, e obtiverão um precipitado amarello canario, enovelado (floconneux), solúvel no ammoniaco, caracteres que pertencem todos ao acido arsenioso; depois, elles procurárão reduzir esse sulfureto d'arsenico, de maneira a obter o metal. O seu tubo soffreu explosão; as materias que elles tinham obtido não estabelecerão sufficientemente a presença do arsenico, como eu o disse n'uma carta que tive a honra de dirigir ao Sñr. Paillet. A medecina legal não se contenta com supposições; ella quer provas positivas. E' necessario achar o metal.

« Com o conhecimento que adquiri, experimentando sobre o corpo de Laffarge, tenho a convicção que, se esses senhores não tivessem quebrado o tubo, terião obtido o arsenico metallico. Eis portanto uma primeira experiencia que se não póde oppôr ás nossas, pois que no primeiro caso, a experiencia não foi determinada.

« No segundo relatorio, os Sñrs. Dubois, pai e filho, e Dupuytren procederão separadamente, primeiro sobre o quarto do estomago, depois sobre uma porção dos liquidos n'elle contidos, e finalmente, sobre uma porção das materias vomitadas. Eis tres operações. Nós reunimos essas tres materias e não fizemos mais que uma só operação. Assim, em lugar de proceder separadamente sobre cada um dos terços, nós actuámos sobre a totalidade. Ainda que

nós tivéssemos procedido sobre a totalidade, eu digo que a quantidade d'arsenico era minima. Pois bem ! que haveria d'extraordinario, quando se não dispõe mais que do terço d'um inteiro, em não descobrir o mesmo que aquelles que procedem sobre esse inteiro todo ? Ha mais : o apparelho de Marsh é um apparelho de fresca data ; elle ainda se não acha perfeitamente estudado por todos, e mesmo aquelles que o tem estudado, experimentão todos os dias novas difficuldades no seu uso. Assim, hoje mesmo, no momento em que acabavamos de extrahir arsenico d'um liquido que o continha, cessámos de o obter, e elle devia comtudo fornecê-lo. Isto procede de que a chamma é demasiado forte ; de que o prato de porcelana se acha perto ou longe de mais, de que uma porta aberta desvia a chamma e a devolve para outro lado, etc. Não é portanto extraordinario que, quando se opéra sobre quantidades tão minimas, se deixe de chegar a um resultado. Eu fólgo de fazer justiça ao talento e habilidade dos experimentadores que trabalharão, mas é evidente, que elles actuarão sobre porção mui diminuta, e em segundo lugar, que o apparelho de Marsh foi empregado com uma chamma demasiado forte e que a pequena quantidade d'arsenico existente foi volatilizada.

« Nada vejo lá que não possa concordar com o resultado que acabamos de obter.

« Emfim, na ultima experiencia feita, depois da exhumação, os Sñrs. membros da primeira commissão e da

segunda reunidos, operárão sobre uma pequena porção do fígado. Elles o tratárão pela agua distillada, empregárão o acido nitrico, e sobre esse producto nada encontrarão. Nós operámos sobre a totalidade das visceras e só encontrámos mui pequena porção d'arsenico. Esses senhores, quanto ás outras visceras, só operárão sobre o quarto e nós sobre o todo.

« Juntai a isto as difficuldades do apparelho, de que acabo de fallar, e se conceberá facilmente que esses Sñrs. nada achassem. Emfim, elles não incinerárão pelo nitrato de potassa o residuo das materias solidas, resultante da cosedura das visceras, e foi n'esse residuo carbonisado que nós encontrámos a maior porção d'arsenico. Mas eu o confesso, o procedimento seguido por esses Sñrs. é indicado por certos autores. Se não é o melhor, d'isso não tem culpa aquelles que o empregárão. Nesta materia tem havido progresso desde algum tempo; e assim, não se preocupavão desta ideia, que as materias animaes misturadas com o arsenico, retém fortemente o veneno e d'elle se desembaração difficilmente pela ebulição (ou fervura), e é o que faz, que em muitos casos as materias venenosas tenham escapado aos expertos.

« De resto, depois de ter assim percorrido as differentes partes de que tinha a dar conhecimento ao tribunal, devo acrescentar que nenhuma duvida pode haver sobre a natureza das materias que nós temos obtido. O arsenico metallico foi

recebido em pratos, e a commissão composta de tres pessoas a que tinham sido adjuntos todos os outros expertos, será, eu o não duvido, unanime sobre este facto, que o metal obtido sobre as capsulas é arsenico. Mas isto não basta, é preciso dizer porque meio nós nos assegurámos de que era arsenico. Estas manchas são pardas, brilhantes; ellas não atrahem a humidade do ar, não se volatilisaõ a frio, e immediatamente que sobre ellas se applica o calor desaparecem. Ellas se dissolvem e destacão instantaneamente no acido nitrico puro, e operada a dissolução, se ella se evapora até seccura, dá um residuo d'um branco mui levemente amarelado, que o nitrato de prata faz passar ao vermelho atijolado. Nenhuma outra substancia conhecida reúne o todo d'esses caracteres, e portanto deve concluir-se que é o arsenico. »

Tendo todas as operações sido feitas em commum, as conclusões tambem igualmente forão tomadas em commum :

A audiencia foi levantada ao concluir-se o relatorio. A accusada ao retirar-se, aperta a mão aos seus defensores.

A 17 o advogado geral reproduz os factos da causa e termina assim.

Sñrs. jurados, eu o disse de principio, e vou terminar por este pensamento que enche o meu coração, não é para mim uma questão de criminalidade, mas d'igualdade perante a lei. Quererieis Vós que a justiça não fosse um nivel

que passasse igualmente sobre todas as cabeças ? Quereis Vós que se julgue que o jury é fraco e cobarde, quando se trata d'uma mulher collocada em uma elevada posição, e que levante a fronte, quando se tratar d'uma cabeça obscura ? Oh ! não. Vós não o querereis. Eu não o quero para vós, nem o quero para mim. Existe entre nós solidariedade. Eu a aceito Sñrs. jurados, e Vós a aceitareis tambem. »

A palavra foi então dada ao Sñr. Paillet, que termina a sua defeza nas seguintes palavras :

« N'este momento supremo, eu não accrescentarei mais que uma palavra, Sñrs. ; e é que a condemnação d'um innocente é de todos os factos sociaes o mais deploravel, porque é de todos o mais irreparavel.

« Tudo é duvida neste lúgubre negocio, e a duvida n'um negocio criminal basta para ser o reu absolvido. Como acreditar, com effeito, que esta mulher, de quem nós vos fizemos sondar o coração, que esta mulher que, no fim do mez de Dezembro entrevia as alegrias da maternidade, tenha podido a tres de Janeiro envenenar seu marido ! o pai de seu filho ! Não, Sñrs., isso é impossivel ! Ah ! no desempenho da fatal missão que vos é confiada, receai, Sñrs., accrescentar as lúgubres legendas do Glandier !

Em seguimento a estas palavras, a Sñra. Laffarge exclama com uma voz dilacerante. « Oh ! eu estou innocente, eu vo-lo juro, Sñrs ! »

O jury retira-se para a salla das deliberações, depois do

resumo do presidente. No fim d'uma hora volta. A sua declaração é : « Sim, por maioria, a accusada é culpada. Ha circumstancias attenuantes em favor da accusada.

O tribunal condemna Maria Cappelle á prisão com trabalho por toda a vida, e á exposição na praça publica de Tulle. (\*)

---

#### PARTICULARIDADES SUBSEQUENTES A' CONDEMNÇÃO.

Nos primeiros dias de Novembro Maria Cappelle foi transferida para a casa central de Montpellier. Ao entrar na casa central, a condemnada teve de separar-se de Clementina Servat, sua criada do quarto que até então ainda não a tinha deixado. Essa separação affectou vivamente Maria Cappelle. Ella foi recebida na prisão pelo director, o Sñr. Chappus, e desde logo se tornou objecto dos cuidados das irmãs da ordem de São José, a quem é confiada a fiscalisação interna da casa. Maria Cappelle, tratada desde logo como doente, e que com effeito parecia soffrer frequentes accessos d'uma tosse sêca, foi instalada provisoriamente n'uma cellula particular. Essa cellula, de tres a quatro

---

(\*) A condemnada obteve remissão desta ultima pena.

metros quadrados d'extensão continha uma pequena cama de ferro, uma pequena meza e duas cadeiras. Maria Cappelle não sahiu da cama durante os primeiros dias de sua chegada. Ella trazia sobre a cabeça uma touca ou barrete de velludo. Os seus cabellos negros estavam engraçadamente alisados sobre a testa. O seu capote lhe recobria o leito. Uma das irmãs de São José se conservou constantemente ao pé della. As visitas do exterior são inteiramente prohibidas, segundo as ordens severas do ministro. Uma unica pessoa, parenta da condemnada, obteve licença para a visitar.

Maria Cappelle, vestida com o uniforme da prisão, será empregada nos trabalhos ordinarios da casa. Esse uniforme compõe-se d'um vestido azul grosseiro e d'um bonné do feitio da cabeça. Os trabalhos que tem lugar em commum e em silencio, consistem no fabrico de lenços, de meias, de luvas de malha, e na fiagem do algodão e da seda. Maria Cappelle pediu que se lhe permittisse pendurar na parede uma cruz *d'honra* (da Legião-de-Honra), de que nunca se tinha separado e que seu pai trouxera. O director, não vendo n'isso causa alguma que contrariasse as regras da disciplina, concedeu á prisioneira esse allivio dos seus males, que lhes podia trazer a lembrança. Maria Cappelle pediu depois para fallar com a superiora e lhe disse que os seus olhos se fatigavão com a simples luz d'uma vela, e a boa irmã lhe fez obter uma lampada Carcel.

Outras presas, pela maior parte mulheres de má vida, procurarão injuriar a Sñra. Laffarge ; os gritos : « *Eis ahi a bella dama, eis ahi a duqueza*, forão proferidas debaixo das janellas da condemnada, mas as culpadas forão immediatamente punidas e o socego se restabeleceu.

Em quanto ella viu sómente o vestido ignominioso que lhe era destinado, Maria Cappelle conservou esse sangue frio que a fez apparecer notavel nos debates. O vice-governador da prisão lh'o tinha trazido e lhe disse : Eis ahi o vosso vestido, á manhã á hora d'accordar, deveis tê-lo posto. — Nunca, respondeu a condemnada. — A vossa resistencia não fará senão tornar mais dura a vossa posição, observou o vice-governador ; acreditai-me, mostrai-vos docil, é o unico meio de poderdes obter algum allivio. — Senhor, replicou Maria Cappelle, escusai de vos cançar, eu não ponho semelhante vestido, e hei-de sahir d'aqui apesar de vós. — Como ? — Os pés primeiro, para hir á terra !... O sub-director sahiu sem responder. No dia seguinte viu-se com pena que a Laffarge não tinha querido ceder... Foi preciso mandar a duas enfermeiras que fizessem revestir immediatamente o uniforme á preza... Ella poz-se a dar gritos horriveis... comtudo o vestido foi enfiado e abrochado, mas a infeliz tinha desmaiado depois d'um horrivel ataque de nervos.

Maria Cappelle escreveu, segundo se diz, muitas cartas á Rainha, a M<sup>me</sup> Adelaide e ao Sñr. Paillet, para obter que a

dispensassem do uniforme. Chegárão as suas cartas ao seu destino ? E' o que só a administração póde saber. Nos lugares de detenção, escrevem-se por anno mais de sete ou oito mil cartas ao Rei, e é provavel que muitas vezes ellas não saião dos lugares onde forão redigidas.

Na mesma prisão que habitava a Laffarge, se-achava uma dama compromettida em um processo politico, a Sñra. Grouvelle. Ella soube sujeitar-se ao regimen cellular e adquiriu uma grande influencia sobre as outras prezas que a estimão como se fosse sua mãe. Esta dama pareceu tomar muito interesse por ella, e muitas vezes a recommendou aos chefes superiores.

Maria Cappelle deitou-se de novo, e os medicos declarárão que ella se achava excessivamente doente, e que seria talvez aggravar o seu critico estado, o querer n'esse momento irritar a sua dôr.

Tinhão-se lhe mandado livros, gravuras e um bastidor para bordar ; mas o director tudo fez retirar, deixando á preza só a *Santa Biblia*, e *umas horas* para rezar.

---

---

## PROCESSO DE VANDÉGRE.

OPPOSIÇÃO D'UM PAI, DE FAMILIA NOBRE, AO CASAMENTO DE SEU FILHO COM A FILHA D'UM CULTIVADOR. — ASSASSINATO DO FILHO PELO PAI, POUCOS DIAS ANTES DO TEMPO MARCADO PARA O CASAMENTO.

### *Jury de Riom.*

Havia tres annos que André Mallet de Vandégre, homem de mais de trinta annos, e o mais velho dos quatro filhos de Gilberto Augusto de Vandégre tinha tomado conhecimento com Maria Bourdu, rapariga d'aldeia da Petite-Marche, então criada de servir em casa de Gilberto Joannet, arrendatario d'umas terras visinhas da residencia da familia ; esta ligação tornou-se em paixão viva e profunda, ainda que contrariada pelos pais de Vandégre, que chegãrão mesmo a maltrata-lo. D'um character brando e pacifico, este jovem soffreu tudo com resignação, mas continuou fiel ás suas affeições. Dentro em pouco fallou de casamento. A rapariga Bourdu resistiu durante algum tempo a esse projecto, mas acabou por ceder aos rogos e á vontade fortemente manifestada de André de Vandégre. A dificuldade era obter o consentimento do pai e da mãe deste ultimo. Á pri-

meira noticia que tiverão dos projectos de seu filho, a sua cólera não conheceu mais limites ; elles declararão energicamente que não consentirão nunca em semelhante união deshonrosa para elles, para o seu nome e para sua familia. Não contentes d'essa repulsa tão claramente expressa, elles se desfizerão em palavras ultrajantes contra Maria Bourdu e em ameaças contra o filho.

Na esperança comtudo de que a separação pudesse produzir algum effeito sobre a paixão que este experimentava por ella, fizeram alguns esforços para que Joannet seu amo a despedisse, mas este não annuiu. Tomarão então o partido d'interessar em seu favor o cura do Ferjat que fazendo prevalecer alguns escrupulos de consciencia, obteve de Joannet o affastamento de Maria Bourdu, que o servia com honra desde alguns annos ; ella se refugiou em casa de sua mãe, no lugar da Petite-Marche, distante do Monte, pouco mais ou menos uma legua. André de Vandégre nem por isso desistiu de seus projectos, e Maria Bourdu, perseguida por causa d'elle, cada vez se lhe tornou mais cara. Elle se considerou desde esse momento empenhado d'honra para com ella e autorizado a proceder pelas vias legaes para o consentimento que seus pais insistião com tanta força em negar-lhe. Um tabellião foi para semelhante effeito encarregado de proceder aos actos de venia prescriptos pela lei, mas antes de recorrer a esse meio extremo, este funcionario julgou conveniente fazer uma tentativa inteiramente conci-

liatoria para com os esposos Vandégre, mas foi sem resultado algum. « Esse casamento, dizia o pai, é inconveniente sob todos as considerações : de familia, de nascimento e de fortuna. » Tornou-se então indispensavel recorrer aos actos de venia. O tabellião dirigiu-se para esse fim acompanhado de duas testemunhas á casa dos esposos Vandégre, e foi ahi acolhido com injurias da Sñra. Vandégre, injurias misturadas com ameaças contra seu filho : « que seu marido mataria tarde ou cedo, dizia ella, antes que consentir nos seus projectos de casamento. » A notificação não pode ter lugar.

Esta tentativa feita pelo tabellião teve por effeito augmentar ainda o furor dos Vandégre contra seu filho. A dar-se credito aos rumores que correrão n'essa occasião no interior da familia, André teria sido violentamente maltratado por seus pai, e mãe. Fosse o que fosse, elle julgou prudente fugir do domicilio paterno e foi pedir agasalho na casa d'aquella que amava, na aldeia da Petite-Marche. Não foi sem difficuldade que elle conseguiu ser ahi recebido. A viuva Bourdu não consentia ; mas elle chorou, expoz os perigos que o ameaçavão na sua familia, e ella cedeu. Essa reunião debaixo do mesmo tecto de André Vandégre e da sua futura, impoz ao primeiro um dever mais rigoroso de apressar a execução dos seus projectos de casamento. Elle pediu de novo ao tabellião que fizesse a notificação dos actos de venia. Este funcionario negou-se e elle dirigiu-se a

outro que, no dia determinado, não pôde hir ao lugar do Monte.

André Vandégre voltou então á casa do primeiro tabellião que se resolveu então a prestar-lhe o seu ministerio. Acompanhado de dois gendarmes, que tomou por testemunhas, com o fim de influir na familia Vandégre, de quem se receiava, transportou-se com André de Vandégre ao lugar do Monte. O acto cumpriu-se, mas não sem perigo para o tabellião, e principalmente para Vandégre filho, que não poude escapar ás violencias de sua mãe, armada d'uma forquilha de ferro, senão fugindo a toda a pressa : « Ah ! o malvado gritava ella, devia levar um tiro d'espingarda. Vai chamar teu pai, dizia a uma filha, que traga sua espingarda e mate este salteador. » Esta scena não teve mais resultado, e o tabellião deixou a intimação da venia na casa, ou a entregou a um unico creado que ahi se achou, para recebê-la. O pai formou immediatamente opposição ao casamento, ainda que facil fosse prever-lhe o resultado, mas o que queria era ganhar tempo. Elle esperava desgostar o filho pelos obstaculos que no intervallo puzesse ao comprimento dos seus desejos, ou antes, procurar uma occasião favoravel para os sinistros projectos que desde muito tempo havia formado contra elle.

A decisão do tribunal de Montluçon, que julgou sem effeito a prohibição, tardou pouco em ser pronunciada, e foi notificada ás partes interessadas e aos officiaes da repartição

civil. Os Vandégre pais apressarão-se em interpôr appellação, aindaque os resultados não pudessem ser duvidosos, mas era preciso a todo o custo ganhar tempo. Todos estes obstaculos oppostos á realisação dos projectos de André não fazião senão tornar a sua vontade mais firme. Elle porfiava em proporção dos obstaculos oppostos. « *Eu não sei o que quer meu pai, dizia elle á sua futura, mas não desistamos, Maria, ainda que fosse daqui a dez annos nós nos casariamos.* » Um motivo de mais, motivo d'honra e de consciencia, que devia poderosamente influir no espirito d'esse jovem, que a instrucção representa como um homem de bem, veio accrescentar-se a todos os outros que já bastavão, para o determinar á conclusão do casamento que tinha projectado. Era o estado de Maria Bourdu que, depois de poucos dias, tinha conhecido que dentro em poucos mezes seria mãe.

Tal era a situação respectiva do casal Vandégre e de seu filho, quando no dia seguinte á appellação interposta por Vandégre pai, da decisão de Montluçon, André Vandégre, na noite de 29 a 30 d'Outubro ultimo, entre dez e onze horas, cahiu morto, ferido d'um tiro, no patio da casa em que morava com a familia Bourdu. Antonio Bourdu, irmão de Maria, acabava de fechar a janella que dá sobre o patio, quando ouviu a explosão d'uma arma de fogo, seguida quasi immediatamente de duas exclamações suffocadas, e destas palavras proferidas por sua irmãa : « *Elles o matarão ! O*

seu primeiro movimento foi de abrir logo a janella em que tinha a mão ainda, e viu um homem de bastante alta estatura fugindo pelo campo que faz seguida ao patio da casa. Desgraçadamente Bourdu não teve tempo para o examinar com attenção. Elle se apressou de descer e achou André Vandégre jazendo no patio, onde sua mãe e irmã s'esforçavão em vão de o fazer tornar a si : elle estava completamente morto !

Desde o primeiro momento, a opinião unanime do paiz designou Vandégre pai, sem hesitação alguma ; foi a elle que ella pediu conta do sangue de seu filho, cahido ás mãos d'um assassino. Mais tarde tratou-se de lhe dar uma outra direcção, ou murmurando que essa morte tinha sido o resultado d'um suicidio, ou lançando suspeitas sobre membros da familia Bourdu, e principalmente sobre Antonio, um delles, mas nenhuma destas supposições tinha o menor cabimento.

Augusto Mallet de Vandégre é nobre ; ainda que pouco rico e dado á cultura dos campos, elle é desvanecido da antiguidade da sua raça, suas relações são raras com os seus visinhos, cultivadores como elle e a quem parece desdenhar. Seus filhos mesmo, elle os conserva a distancia e não lhes permite sentar-se á mesma meza que elle, nas suas ideias de despotismo paternal, elle diz que é *seu senhor*, e é tudo o que Vandégre pai tem conservado das opiniões, habitos e preocupações da casta a que elle pertence. Sua mulher, ainda que nascida n'uma condição obscura, comple-

tamente adoptou esses sentimentos ; e os exagerou mesmo, ao que parece. Nem um, nem outro podião supportar a ideia de ver seu filho alliar-se na familia pobre e assaz obscura dos Bourdu, a uma mulher que elles tinham visto na sua infancia pedir-lhe esmolos, e que depois conhecerão servindo de criada. « *Em quanto ella trouxer uma touca o casamento não se fará*, dizia a dama Vandégre, não ha cavallo tão fogoso a que se *não possa pôr um freio.* » Tinha-se-lhe tambem ouvido dizer, que antes queria ver seu filho morto do que fazer semelhante casamento.

As disposições de Vandégre pai para com seu filho não erão differentes das de sua mulher, ou antes esta não fazia mais do que exprimir os sentimentos que elle mesmo possuia ; mas mais senhor de si, menos claramente os expressava. Elle sentia tão claramente como ella mesma, a injuria feita ao seu nome e á sua raça pelo casamento de seu filho. « Elle era nobre dizia elle, d'uma familia honrada, seu pai era cavalleiro de S. Luiz e esse casamento o deshonorava. Elle nunca em tal consentiria e desejava antes ver seu filho morto que marido d'uma Bourdu. Eu não quero mais que o chamem Vandégre, é um nome que elle deshonra. Mas que se chame Bourdu, do nome da mulher com quem deve casar. » Um dia, pouco tempo antes da morte de André, elle convidou uma testemunha a que fizesse algumas tentativas com esse jovem, para ver se o resolvia a que abandonasse os seus projectos de casamento.

A testemunha prestou-se a isso e respondeu que lh'o traria á casa. « Não, replicou o pai, se elle torna a pôr aqui o pé, eu tenho na minha espingarda de dous canos seis balas ás suas ordens. » A esta resposta a testemunha negou-se á commissão de que ao principio quizera encarregar-se.

Quinze dias ou tres semanas antes do acontecimento, elle vai á casa do cura de Marcillat e lhe pede que empregue sua influencia, para que o serventuario não publique os banhos do casamento de seu filho. Respondendo-lhe esse ecclesiastico que não póde prestar-lhe esse serviço, Vandégre pai exclama « *Que pois se vê abandonado de todos e não tem outro remedio, senão matar o seu filho, aconteça o que acontecer, que não podia morrer mais que uma vez e que não tinha medo da morte.* » Acrescenta : « Eu comerei antes os meus punhos e sacrificarei toda a minha fortuna, do que consinta em tal casamento. »

Vandégre pai tinha armas, muitas espingardas se lh'contrárão em casa. Não se póde verificar se alguma dellas tinha servido á consummação do crime, mas uma estava carregada de maneira (e elle concordou que o tinha sido por elle), que um dos medicos, que fizeram a autopsia do cadaver de Vandégre filho, julgou, que a arma empregada para commetter esse crime tinha sido carregada com projectis da mesma qualidade e do mesmo calibre.

No tempo em que Vandégre pai confiava ao cura de Marcillat e a algumas outras pessoas os seus culpados pro-

jectos, Antoine Bourdu notou durante duas noutes um homem de alta estatura, armado d'uma espingarda, vagando em roda da casa de sua mãe ; reconheceu a Vandégre pai, e julgou que devia advertir desse facto a autoridade local.

Outros factos vierão ainda, depois do acontecimento augmentar os indícios que acabão de ser expostos. Quando a autoridade se transportou á casa de Bourdu, Vandégre pai ahi chegou, e aproximando-se do cadaver de seu filho, levantou o panno que lhe cobria o rosto, e deixou sahir estas palavras : Ah ! desgraçado, eis-te ahi ! eu t'o tinha bem predicto ! Se tu tivesses seguido os meus conselhos, aqui não estarias, mas Deos assim o quiz !!!

Mais tarde, quinze dias ou tres semanas depois desse acontecimento, Vandégre pai apresenta-se de novo em casa do cura de Marcillat ; vem solicitar orações e pedir uma missa a fim d'interessar o ceu na descuberta do matador de seu filho. O ministro de Deos nega-se a isso, dizendo-lhe que seria bom que se conhecesse, porque era elle mesmo, Vandégre, que tinha sido o seu assassino. A esta imputação, Vandégre reclama ; o cura lhe faz lembrar as ameaças que elle tinha proferido contra seu filho, alguns dias antes da morte deste. O pai pretende não as ter proferido. O cura persiste e tendo-lhe repetido as palavras mesmo, o pai parece atordoado, assenta-se e mudando de tom, diz ao cura : *« que o estimava muito, que elle era um honrado homem »* tornou a tomar a mão do cura, que beijou de novo e lhe

disse : « Sñr. cura, eu puz toda a minha confiança em vós. » Esta mudança de tom e de maneiras de Vandégre a respeito do cura nessa accusação tão directa que este ultimo deixa cahir sobre aquelle que accusa d'um atroz maleficio, não é uma sorte de confissão da verdade dessa accusação ? Não será um appello feito á piedade para obter o silencio ?

Em consequencia de todos esses factos, Vandégre pai, accusado de ter dado voluntariamente a morte, com premeditação e com espéra, por meio d'uma arma de fogo a André-Mallet de Vandégre, seu filho, ou ao menos de ser complice, por ter todo conhecimento, ajudado ou assistido ao autor do crime, compareceu perante o jury de Riom.

O accusado é homem d'uma bastante alta estatura ; tem sessenta annos pouco mais ou menos, olhos pequenos, cavos e sem expressão alguma. Elle os espraia quasi machinalmente sobre o banco dos jurados, sobre os magistrados e sobre as numerosas testemunhas citadas, tanto a requerimento seu, como do ministerio publico. Está vestido com um casaco de panno grosseiro.

Procede-se immediatamente á audição das testemunhas, cujos depoimentos reproduzem os pormenores que temos dado.

Interpellado pelo presidente para se explicar sobre o sentido destas palavras : *Desgraçado, eü bem t'o tinha predicto*, que Vandégre teria dirigido ao cadaver de seu filho,

no momento em que o juiz de paz lhe perguntava, se o reconhecia, o accusado responde : « Eu tinha muitas vezes annuciado a meu filho que lhe viria mal da parte da casa Bourdu, se continuasse a frequenta-la ; eu sabia que ella tinha muito má fama e queria dizer nesse momento que as minhas previsões não se tinham senão mui desgraçadamente verificado. »

Junto ao defensor do accusado, se achão tambem sentados sua mulher, sua filha, e seus dous filhos. Todos trajão vestido aldeão, e nem no rosto, nem na attitude apresentão apparencia de distincção.

O procurador geral, depois de ter exposto os factos, com muita exactidão e clareza, desenvolve as cargas d'accusação com uma força de logica, que produz a mais viva impressão no auditorio ; prevenindo depois os meios da defesa, elle os discute e os combate com uma energica convicção.

Depois das replicas do defensor e do ministerio publico, o resumo do Presidente e duas horas de deliberação, o jury declarou o accusado isento de culpa em todos os artigos.

Este verdicto e a sentença d'absolvição forão pronuncia-dos no meio do mais profundo silencio : o accusado não manifestou emoção alguma.

---

## PROCESSO MILLION

APRESAMENTO E SEQUESTRAÇÃO.

*Tribunal do jury du Rhodano (Lyon).*

A 18 de Dezembro de 1840, pelos oito horas da noite, Vincent Million, negociante, morador na Guillotière, dirigia-se para o lugar do seu domicilio, seguindo o caes do Rhodano, e levando pela mão o mais novo de seus filhos, quando de repente muitos individuos se precipitarão sobre elle, o levárão violentamente para a borda do rio e o lançárão, apezar da sua resistencia, em um barco amarrado expressamente para o receber. Apenas foi elle entrado, que o barco largou, mas o pateamento, a bulha da luta e gritos suffocados tinhão ferido a attenção d'um guarda da barreira (octroi) na visinhança; este disparou um tiro de pistola para o ar, afim de dar rebate em toda a linha. A guarda correu e o patrão do barco, intimado para que parasse, gritou que era um ladrão, um salteador que acabavão de prender que hia ser entregue na Guillotière. O barco aproximou-se rapidamente da riba esquerda do Rhodano. Empregados da navegação, que ouvirão descer o

rio, tiverão a tentação de persegui-lo, mas, os cantos retumbantes dos bateleiros, que procuravão cubrir a voz do Sñr. Vincent Million, affastarão do seu espirito toda a suspeita de fraude, e duplamente illudidos por esse artificio, elles deixárão consummar sem obstaculo esse audacioso apresamento !

O boato que se espalhou no dia seguinte em todos os bairros de Lyon, ahi mergulhou os espiritos n'uma especie d'estupor. Não se podia comprehender que no meio d'uma cidade tão vasta como populosa, um pai de familias, um negociante estimavel, pudesse ser assim, e pela mais atrevida surpresa, arrancado aos seus interesses. O paiz todo inteiro se comoveu, e o zelo dos magistrados se desenvolveu com uma activa energia. As duas margens do Rhodano forão exploradas por numerosos agentes, e desde despontar o dia foi o barco descoberto no porto de Ternai a algumas leguas de Lyon, foi lá que os malfeitores tinhão desembarcado a victima ; seguirão-se as pisadas impressas na neve até uma cabana isolada sobre a ladeira ingreme no meio das vinhas de Ternai. A porta desse reducto estava fracturada, e achou-se restos d'um fogo que ahi se tinha acendido, mas a isso se limitárão os indicios, e cada momento vinha augmentar a inquietação qu'inspirava a sorte do Sñr. Vincent Million, quando sua mulher recebeu d'elle uma carta que, sem destruir todos os receios, chegou ao menos a diminui-los. « Não estejais com afflicção a meu respeito,

porque nada me tem acontecido d'offensivo, e não promovais buscas, porque destas em vista da policia e dos gendarmes, poderia acontecer-me mal. Pede-se-me dinheiro para obter a minha liberdade, mas como a somma é muito forte, eu não tenho querido condescender.» Assim, era para chegar a expoliações que se tinha praticado um acto contra a liberdade. A autoridade publica o não ignorava, porque algumas horas depois do desaparecimento do Sñr. Vincent Million, sabia-se o nome do principal culpado, e os seus tramas e projectos. Mas desde 29 de Dezembro, menos de vinte e quatro horas depois do apresamento, o clamor publico lh'indicava já os complices e assignalava dois individuos de Ternai, ausentes desde alguns dias do seu domicilio, quando no dia 20 de Dezembro pelas 6 horas da manhã o chamado Francisco Gervais se apresentou em casa do guarda campestre de Ternai e lhe declarou que o Sñr. Vincent Million estava detido no seu domicilio.

A gendarmeria de Givors dirigiu-se para o retiro indicado; as portas e janellas exteriores estavam fechadas. Francisco Gervais fez com que abrissem, e o Sñr. Million, que estava deitado em um leito, levantou-se de repente, estendendo os braços para os seus libertadores. Erão então oito horas da manhã, um dos complices, tinha hido a Lyon, levar uma segunda carta do preso que indicava o preço definitivo do seu resgate. Elle tinha sido orçado em 20,000 francos. Essa somma estava prompta e devia naquella mes-

ma tarde ser levada ao seu destino, quando a noticia do livramento do Sñr. Vincent Million chegou á sua familia e fez nella succeder a alegria ás mais terriveis angustias.

No principio de 1836, Claudio Poncet tinha proposto ao Sñr. Roberto, empreiteiro na Guillotière, uma associação que este ultimo aceitou, e cujas condições forão outorgadas em uma convenção a 4 de Janeiro de 1837.

No fim de quinze mezes essa associação estava dissolvida, e uma escriptura publica feita na Suissa estabeleceu entre Roberto e Poncet novas relações; Poncet obrigou-se a servir Roberto, mediante salario fixo e vantagens particulares. A 15 de Setembro de 1838 Roberto, descontente da gestão de Poncet, viu-se no obrigação d'escolher outro administrador e a annullar o contracto. Claudio Poncet o fez citar perante o tribunal de commercio de Lyon, para lhe fazer pagar o que lhe devesse, e ver-se condemnar em vinte mil francos de perdas e damnos. Claudio Poncet perdeu a demanda e desde esse tempo votou a Roberto um odio implacavel. Nessa época Vincent Million fazia parte do tribunal de commercio; Poncet repetia muitas vezes que Vincent Million tinha pelo seu silencio provocado contra elle um julgamento iniquo. Claudio Poncet não soube resignar-se á sua sorte, e quiz infligir a outros a responsabilidade, confundindo em uma execração commum Roberto e Million.

Em conformidade com isto Claudio Poncet procurou complices, mas os seus primeiros passos forão desacertados.

Desgraçadamente para elle, lançou as vistas para o chamado Pedro Collet, carpinteiro de carros em Ternai, posto sob a vigilancia da policia superior, tendo já passado por uma condemnação de cinco annos de prisão simples, e a associação de Poncet e Collet foi formada.

Elles resolverão atrahir Roberto a um lugar solitario, e logo que o seu plano foi traçado, elles lhe accelerarão a execução, mas a ausencia de Roberto desconcertou o trama, e um attentado contra a pessoa do Sñr. Vincent Million foi immediatamente resolvido.

Quando tudo esteve prompto, Poncet e Roberto tiveram receio de não serem bastante fortes para a empresa, e o braço d'um novo complice lhes pareceu necessario. Collet attrahiu a Lyon, sob pretexto de contrabando, o chamado João Gervais, primo de Francisco, que em pouco iniciado por Poncet em todos os segredos da criminosa empresa, s'empenhou com promessa a ajuda-los. Assim, ligados e resolutos, espiarão os tres juntos, todas as tardes, á hora em que o Sñr. Vincent Million voltava aos seus lares, para se dedicar aos cuidados e affeições domesticas. Os pormenores e circumstancias que acompanharão ou seguirão essa brutal acção accrescentão ainda a sua gravidade : agarrado, derribado, espancado ao rosto, o Sñr. Vincent Million foi estendido no barco debaixo dos pés dos seus roubadores, que lhe abafavão a voz e comprimião todos os seus movimentos. Quando elle procurava chamar por socorro, e

que chegava a escapar-lhe um grito, Poncet dizia vivamente :  
« Se elle gritar deitem-no ao rio ! »

Quando chegarão á casa de Francisco Gervais, Poncet, levantando a mascara, disse-lhe : « Eu sou Poncet, tu és um salteador, foste tu que me arruinaste. E' preciso que me dés cincoenta mil francos, ou tu não sahirás das minhas mãos. » Para vencer a resistencia do Sñr. Vincent Million e subtrahi-lo ás vistas de todos, conduzirão-no ao soterraneo da casa de Francisco Gervais, ligarão-lhe as mãos e o atarão a uma cadeira pregada na parede. Quando na cabana das vinhas de Ternai, Poncet se ausentou para se certificar da casa de Francisco Gervais, foi á guarda de Collet que elle confiou o Sñr. Vincent Million, a quem tinha ligado as mãos. Collet prestou o seu auxilio a Poncet, para o levarem ao soterraneo, onde o condemnarão a uma cruel immobilidade. A primeira carta do prisioneiro foi levada a Lyon por João e Francisco Gervais.

As communicções de Francisco Gervais tiverão por resultado apressar a determinação do preço de seu resgate; contudo, depois de muitas horas de reflexão no meio dos seus complices, quando Collet partiu para a Guillotièrre, e durante que o Sñr. Million, estendido sobre o leito de Francisco Gervais, arrancava aos tormentos da inquietação alguns instantes de somno, Francisco Gervais vencido pelo medo, esquivou-se do seu domicilio pelas seis horas da manhã, para hir avisar o guarda campestre.

Em consequencia, Claudio Poncet foi preso e accusado de ter aprisionado de todo, e sequestrado o Sñr. Vincent Million com ameaças de morte, e Pedro Gallet, e João Gervais, Pedro Collet e Francisco Gervais, de se terem tornado complices desse crime.

Depois das formalidades do estilo, o presidente procede ao interrogatorio de Poncet.

— P. Que motivo pôde impellir-vos a commetter o crime que vos argüem ?

— R. O meu processo com Roberto perante o tribunal do commercio causou toda essa desgraça. Eu me vi espoliado por influencia do Sñr. Vincent Million e de seu irmão, o commandante Million. Tratei d'entrar em accomodação com Roberto, e esses senhores impedirão toda a transacção.

— P. Dai alguns pormenores do apresamento do Sñr. Vincent Million.

— R. O Sñr. Million hia diante de mim, levando pela mão um menino pequeno seu filho ; eu o prendia bruscamente nos meus braços e apesar de eu cahir, descendo a escada que conduz ao Rhodano, não o larguei e levei-o ao meu barco. Nós desembarcámos em Ternai ; levamos o Sñr. Vincent Million através de vinhas a uma cabana, de que não pude abrir a porta, senão forçando-a com o meu machado. Nós não deviamos demorar-nos ali, senão para dar a Francisco Gervais o tempo de affastar sua mãe. Deixados sós, eu lhe disse : eu sou Poncet, Vós sois Vincent Million.

Pois Vós que me haveis arruinado, e a perda do meu processo foi causa que meu pobre irmão se enforcasse de desgosto, porque me tinha feito adiantamentos que me era impossível desde então pagar-lhe. O Sñr. Million offereceu-me seis centos francos. — « *Mas desgraçado que Vós sois, que quereis que eu faça com os vossos seiscentos francos, eu perco cem mil francos nesse negocio?!* » Fallei então d'uns cincoenta mil francos e disse tambem ao Sñr. Million, que elle, que tinha tantas casas podia tambem dar-me uma. Não foi senão no dia seguinte que elle consentiu em dar dez mil francos em ouro. Francisco Gervais, receiando que alguém entrasse no seu albergue e visse o Sñr. Vincent Million, nós o levámos para o soterranco. Obrigamo-lo a sentar-se, com as mãos presas uma á outra e os braços ás costas da cadeira, depois houve cuidado de se lhe deitar uma cuberta sobre as pernas e outra sobre os hombros, e assim ficou por desoito horas.

Depois d'algumas outras perguntas, o presidente passa ao interrogatorio dos dous outros accusados. Esses interrogatorios não apresentarão facto algum notavel a assignalar. Procede-se á audição das testemunhas, sendo em seguido admittido o Sñr. Vincent Million que, depois da especificação dos factos já sabidos, accrescenta :

« Eu fiquei preso no soterraneo desde as duas horas da manhã até o outro dia ás oito horas da noute, pouco mais desaseis a desoito horas, tremendo de frio e pedindo em

vão que me levassem para cima.» « Não, me diz Poncet, em quanto não chegarmos a um arranjo, Vós ficareis no soterraneo. » — « Fazei, lhes disse eu, propostas rasoaveis, porque, quanto a cincoenta mil francos, eu os não darei. » Foi então que elle reduziu a sua proposta a dez mil francos que eu consenti em dar, e que escrevi, sempre dictando elle, a segunda carta.

« Emfim, fiquei lá até o momento em que fui libertado pelas oito horas e meia.

« Poncet, mostrando-me um buraco que havia no soterraneo, disse-me que seria talvez ahi a minha sepultura. Esse odio tão violento, que Poncet nutria contra mim não póde ser attribuido, senão á perda do seu processo, perda a que eu fui completamente estranho. »

A's onze horas retirárão-se os jurados á salla de deliberação e não sahirão senão á meia noute.

Ao seu apparecimento uma viva anxiedade se manifesta no auditorio, e foi em um profundo silencio que se ouviu a declaração do jury, que reconhece Poncet culpado de sequestração illegal, sem a circumstancia aggravante de ameaças de morte; Collet, complice de Poncet, pelo ter ajudado na execução, e Francisco Gervais, igualmente complice, por ter prestado sua mão aos autores do crime.

O tribunal condemna por uma sentença longamente deliberada Poncet a vinte annos de prisão com trabalho, Collet á mesma pena, e Francisco Gervais a dez annos; e todos

tres, alem disso, a uma hora d'exposição. Poncet ouve a sua sentença sem apparencias d'emoção ; Collet parece aniquilado e Francisco Gervais soluça convulsivamente.

---

## GUÉRIN DE LA COMBE

HORRIVEL DEPRAVAÇÃO.

*Jury de Maine-et-Loire (Angers).*

E' pela terceira vez que Guerin de Lacombe comparece perante a justiça, para dar ahi conta da sua immoralidade. Em 1824 o jury d'Indre-e-Loire o condemnou a oito annos de trabalhos por crime de bigamia. Agraciado em 1830, elle veio fixar-se em Laval. Em 1833, elle ahi se fez condemnar a dous annos de prisão por excitação habitual ao deboche. A sua sahida de Fontevrault, Saumur lhe tinha sido assignado como residencia. Elle ahi habitava na praça do Hôtel-de-Ville (palacio da municipalidade) no angulo d'uma rua, cuja solidão favorecia os seus habitos culpados. Não ha termos decentes, para designar os pormenores das desordens vergonhosas a que elle não cessou de s'entregar, nessa morada, até o instante da sua prisão. As suas victi-

mas são em numero de sete, e comparecem como testemunhas : a mais velha tem apenas quatorze annos, a mais nova apenas dez. Ellas todas gritão, quanto as fazem entrar no camarim das testemunhas. Mas quando voltão uma depois da outra para depor, ellas reassumem logo uma segurança, para não dizer um descaramento acima da sua idade. Uma só exceptuada, todas apresentam já no rosto, nos vestidos e em toda a sua pessoa o sello da mais hedionda degradação : gentileza e frescura infantis, o vicio e a prostituição prematura tudo tem já deturpado. Que costumes ! O deboche antecipa sobre a infancia, que promessa para o futuro !

Guerin defende-se dizendo : « E' verdade, eu tenho vivido n'uma depravação infame, mas não fui eu quem corrompeu ; nem violentei nenhuma dessas pequenas desgraçadas, ellas estavam ja perdidas antes de me conhecer. »

O presidente forçado a reconhecer a verdade dessa incrível desmoralisação, não póde deixar de dirigir aos pais, actualmente presentes no recinto, estas palavras severas : « Poisque ! Vós deixais hir dessa maneira a vossas filhas ; o vosso proceder é tão infame como o do proprio accusado. »

Como o disse o substituto do procurador geral, no seu requisitorio, o ministerio publico teria podido dispensar-se de tomar a palavra. A tarefa do defensor pelo contrario era delicada e penosa, mas elle apresentou-se com tanta conveniencia, como talento. A vida ennodada do Guerin de

Lacombe teve bellos principios ; o habil defensor memorou que seu cliente neto d'um director geral das moedas em Picardia, filho d'um antigo juiz de paz do 11º grande districto (arrondissement) de Paris, alliado por sua irmã a uma poderosa e nobre familia, servira na sua mocidade honrosamente o paiz. Fez como official as campanhas d'Ulm, da Prussia, da Polonia e d'Hespanha ; assignalou-se por muitas acções brilhantes ; e o posto de capitão e a cruz da Legião-da-Honra forão a sua recompensa (nesse tempo em que as cruzes-d'Honra não se davão inda ás mãos cheias !)

Depois de ter deixado o serviço, Guerin occupou por muito tempo um lugar no ministerio da guerra, um emprego honroso, até que deu a sua demissão, por amor da pintura, que cultivava com acerto e começou uma aventureira carreira d'artista. O advogado explica as duas condemnações precedentemente soffridas pelo seu cliente e esforça-se por lhes attenuar o effeito sobre o espirito dos jurados. Elle discute depois o character dos actos de odiosa lubricidade de que o seu cliente se tinha tornado criminoso.

Elle ahi reconhece o delicto da excitação habitual ao deboche. Os factos são da mais revoltante immoralidade, mas elles não constituem crime algum : « Guerin não produziu a libertinagem, mas se chafurdou na libertinagem que existia antes d'elle em Saumur. » « Guerin é culpado, diz o advogado, mas elle parou antes do ultimo grau do crime, apreciai a sua culpabilidade, não a exagereis, não deis,

Sñrs., á indignação o que Vós não deveis senão á imparcialidade e á justiça. »

Guerin de Lacombe accrescenta elle mesmo algumas palavras á sua defesa : « O meu defensor, diz elle, leu no fundo da minha alma ; todas as suas palavras são as que eu teria querido empregar para me defender a mim mesmo. Está longe do meu pensamento o querer fazer a apologia do meu proceder ; eu reconheço a immensidade das minhas sem razões. Eu tenho sido profundamente immoral, mas nos meus maiores desvios, eu nunca empreguei violencia, eu o protesto, eu o juro pela honra, pelos manes de meu pai, pela condemnação eterna da minha alma ! é uma infamia a que eu nunca me abaixei. Oh ! eu tenho feito ásperas reflexões ! Eu conheço agora quanto o freio dos principios moraes é necessario. Os meus remorsos são bem profundos, bem amargos. Eu vo-lo supplico, Sñrs., accreditai na sinceridade do meu arrependimento, e dignai-vos tratar-me com indulgencia. »

Estas palavras são dictas pelo accusado com uma viva emoção. Elle se exprime facilmente e em bons termos. Toda a sua physionomia se acha imprimida com os caracteres os menos equivocos das paixões fortes. A abobada da testa é elevada bem arredondada, sulcada d'algumas rugas horizontaes. Os seus cabellos são castanhos e encrespados, o alto da cabeça começa a desguarnecer-se. Tem o nariz muito aquilino e os olhos azues. Tem largas suissas d'um

castanho menos carregado que o cabello. O seu traje compõe-se d'uma gravata preta com um lacinho postiço, um casaco de castorina, á proprietaria, abotoado até ao peito, e a gravata. O acto d'accusação dá-lhe quarenta e nove annos. No principio dos debates poz oculos com armação de tartaruga, mas não se demorou em tira-los.

Os jurados tinham dezoito questões a resolver, algumas forão resolvidas por elles negativamente, mas o maior numero teve decisão affirmativa, e sem admittir circumstancias attenuantes.

O presidente pronuncia no meio d'um profundo silencio a condemnação a vinte annos de prisão com trabalho, exposição e á vigilancia.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

# INDICE

## DO TOMO PRIMEIRO.

	Paginas
DVERTENCIA .....	v
parricida Jacquart. — Circumstancias atrozes. — O cadaver da victima arrastado por um cavallo e lançado pelo assassino em um precipicio.....	1
Eliçabide, antigo seminarista, convencido de ter assassinado na Villette e em Bordeos Maria Anizat e seus dois filhos. — Memorias curiosas do assassino.....	17
Processo Benoit. — Parricidio. — Assassinato .....	74
Furto das medalhas preciosissimas da Bibliotheca real em Paris .....	89
Honorina Pellois. — Horrivel monomania de matar.....	104
Assassinato da mulher Idatte, criada de servir em casa da Sñra. Dupuytren. — Roubo.....	112
Rondest, parricida. — Quatro accusados. — Condemnação. — Circumstancias attenuantes. — Scenas de desespero.	121
Negral, assassino. — Barbaria e cynismo do accusado.....	127

	Paginas
Assassinato d'um velho, da sua mulher e da criada. —	
Cinco accusados.....	130
Processo chamado Darnave. — Horrivel assassinato. — Terceira informação. — Interrogatorio.....	173
Processo de Antonio Buchillot, doutor em medecina, accusado d'envenenamento na pessoa de seu sogro e d'uma tia de sua mulher; numerosas falsidades em uma escriptura authentica, fabrico de um falso diploma e falsos documentos para obter a condecoração da Legião-da-Honra.....	180
Processo de Madame Laffarge. — Furto de diamantes .....	206
Processo de Vandégre. — Opposição d'um pai, de familia nobre', ao casamento de seu filho com a filha d'um cultivador. — Assassinato do filho pelo pai, poucos dias antes do tempo marcado para o casamento.....	266
Processo Million. — Apresamento e sequestração.....	277
Guérin de la Combe, horrivel depravação.....	286

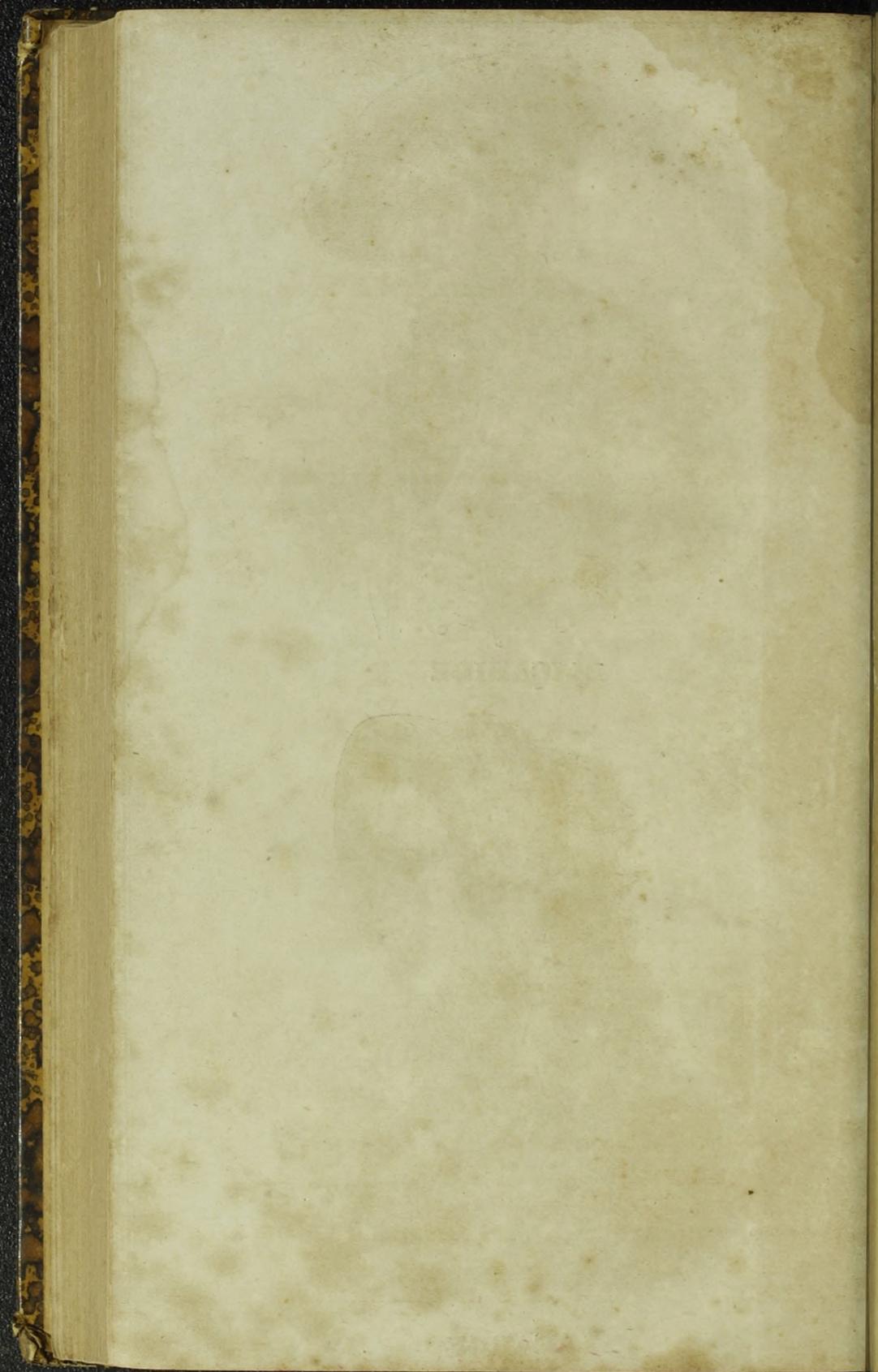
---

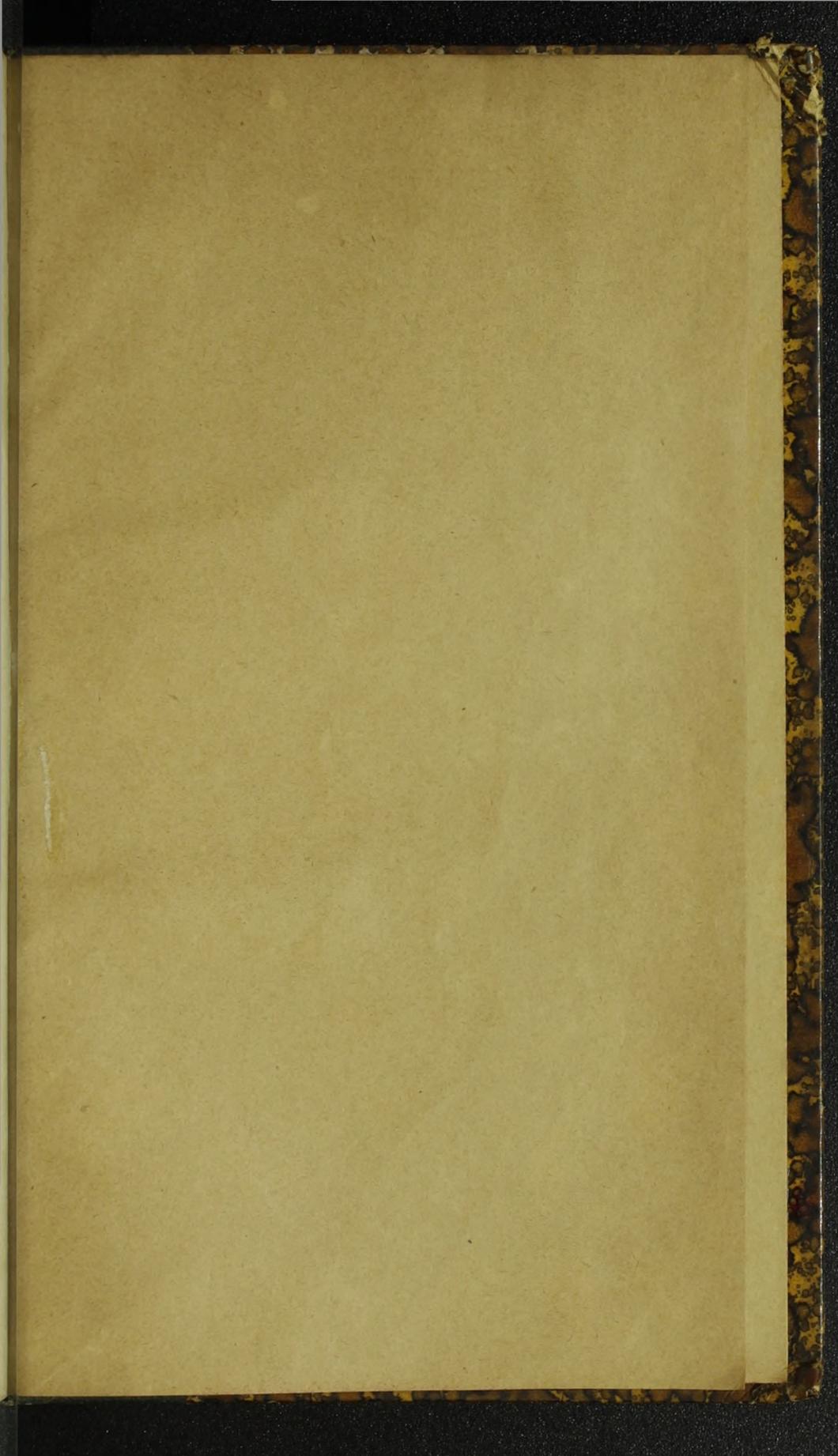


**ELIÇABIDE**



**LAFARGE**





24

for 43  
no

no

D. Ben

